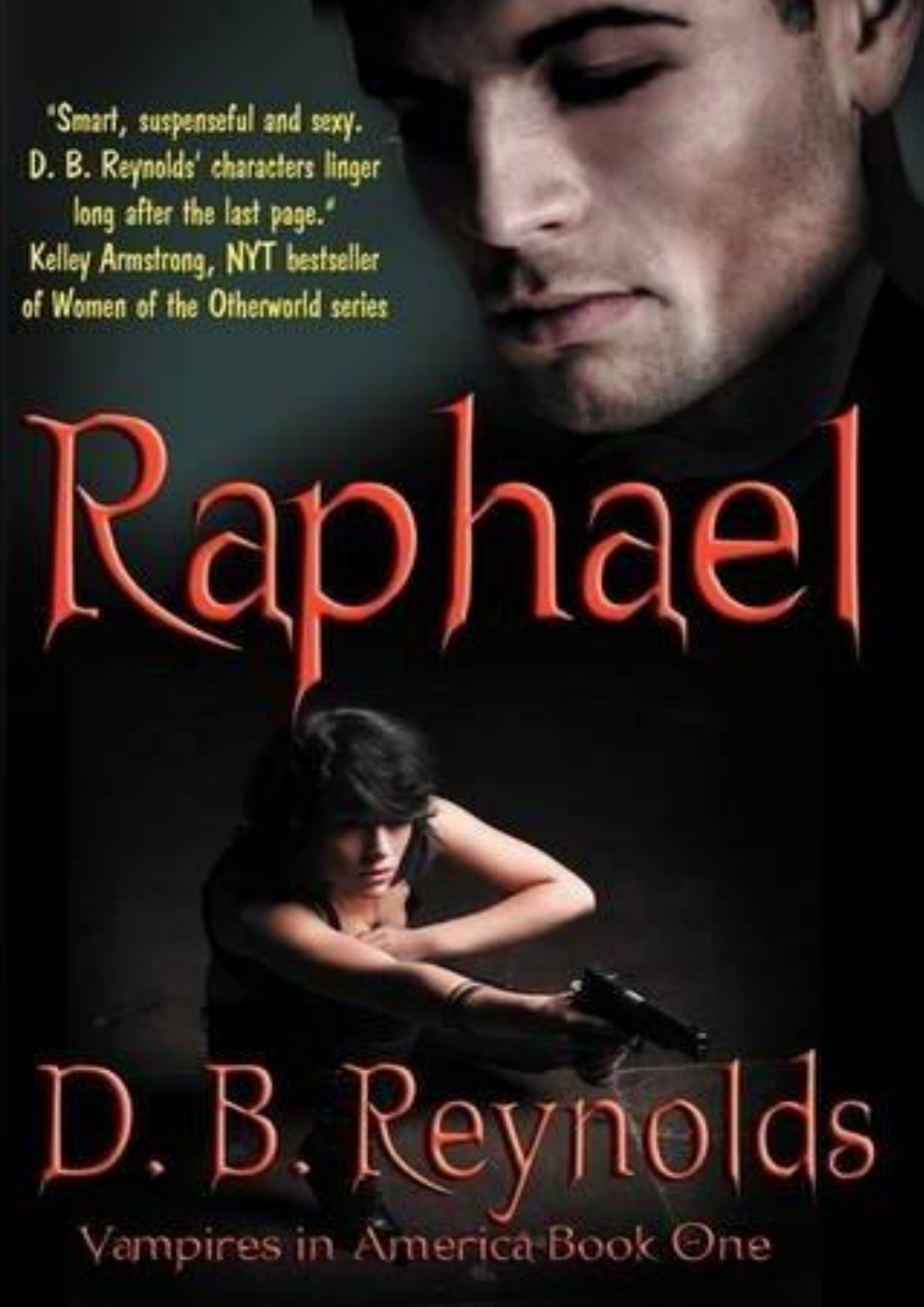

"Smart, suspenseful and sexy.
D. B. Reynolds' characters linger
long after the last page."
Kelley Armstrong, NYT bestseller
of Women of the Otherworld series
Raphael
D. B. Reynolds
Vampires in America Book One

Malibu, California - Casa para os deuses do rock-and-roll e estrelas de cinema, os belos, os ricos. . . e vampiros.

Poderoso e carismático, Rafael é um Vampire Lord, um dos poucos que detêm o poder de vida e morte sobre todos os vampiros que existem. Milhares o chamam de Mestre e juraram lealdade absoluta com suas próprias vidas. Mas quando, em um descarado e mortal ataque a luz dia, uma gangue de assassinos humanos seqüestra uma vampira, que ele daria sua vida, Rafael recorre a um investigador humano para encontrar seus inimigos antes que seja tarde demais.

Cynthia Leighton é inteligente, forte e sexy, uma detetive particular e ex-policial que está cansada de espionar cônjuges e investigar velhas contas bancárias. Quando Rafael pede sua ajuda para rastrear os seqüestradores, Cyn fica feliz em aceitar. Mas ela logo percebe que seu maior perigo não vem dos humanos, mas do próprio Rafael. Lutando contra mafiosos russos e vampiros traiçoeiro, e traídos por aqueles em que confiaram, Cyn e Rafael se vêem lutando por suas vidas enquanto são apanhados em uma paixão de sangue e violência que está destinada a destruir os dois.

Para Roman, com amor.

Prólogo

Malibu, Califórnia

Os dedos da mulher voaram sobre as teclas do piano, enchendo o ar da sala iluminada com a luz das velas, com música de um compositor há muito falecido. Por trás, um homem escuro e esguio, deslizou no banco, suas mãos ágeis rapidamente pegando a melodia e, com a mesma rapidez, a transformando em algo diferente, algo moderno. Ela levantou os dedos do teclado com um sorriso indulgente, observando suas mãos dançarem sobre as teclas do venerável piano em um tom otimiSrta. Inclinando-se levemente contra ele, deixou a cabeça cair contra seu ombro, seus olhos se fechando, seus corpos se tocando com a familiaridade de velhos amantes. Do corredor veio o som de passos e a porta se abriu.

— Está quase na hora, Alexandra.

A mulher suspirou. — Obrigado Albin. — Levantando-se, pressionou as palmas das mãos na frente da sua cheia saia de cetim, alisando rugas inexistentes. Seu amante lhe ofereceu uma mão para ajudá-la a sair do banco e aceitou com um sorriso, rindo quando ele a girou em um abraço gracioso. — Matias — o repreendeu suave e carinhosamente. Ele tinha sido um dançarino quando se conheceram, o melhor da sociedade européia. Mas isso foi há muito tempo. Não que ele parecesse velho. Nenhum deles parecia; eram Vampiros, sua aparência eternamente congelada no aspecto da juventude.

Alexandra olhou para as grandes janelas e para a noite negra além. Não havia nem mesmo o mais fraco brilho da aurora que viria, mas o nascer do sol estava próximo; ela podia sentir. O rígido Albin se aproximou, agigantando-se sobre sua pequena estatura, sua pele branca leitosa brilhando na luz das velas.

Ela o olhou com surpresa, depois inclinou a cabeça para ouvir um som estranho ecoar nas proximidades, se repetindo várias vezes. Matias murmurou uma maldição, movendo-se rapidamente para passar por ela, mas Albin o parou, seu braço movendo -se para frente em um poderoso movimento. Matias ofegou, e depois se virou e estendeu a mão para ela, um olhar de descrença absoluta em seu semblante de menino. Ela o pegou instintivamente quando ele caiu, o peso dele a

levando para baixo mesmo quando se desintegrou em seus braços. Uma onda de pura tristeza a varreu enquanto olhava para Albin. — Porquê? — perguntou ela.

O vampiro ruivo não disse nada, concedendo apenas um olhar de desdém antes de se afastar. As portas duplas da sala se abriram com um estrondo e dois humanos mascarados entraram na sala, armas pretas em suas mãos. Albin trocou algumas palavras afiadas com os invasores, e em seguida virou-se para olhá-la com olhos castanhos indiferentes.

— Venha, Alexandra.

Alexandra se levantou novamente, suas mãos agora escovando o pó de seu amante morto do cetim. — Isto é um erro, Albin. — ela disse calmamente, recuando até que tocou a madeira lisa do piano.

Ele andou a passos largos e segurou um de seus braços delgados com a mão enorme.

— Ele vai te matar por isso! — ela disse.

— Talvez. — Albin concordou, e então mostrou suas presas. — Ou talvez eu vou matá-lo, em vez disso. Agora venha. — Puxou-a rudemente, mas Alexandra se livrou e saiu da sala de cabeça erguida. Curvou-se zombeteiro e a seguiu, voltando no último segundo para dar ao quarto vazio um sorriso de desdém.

As chamas das velas tremeluziram à passagem do vampiro, antes de voltarem a queimar de forma constante através da escuridão e durante o resto da manhã, muito tempo depois da luz do sol ter superado seu pequeno brilho.

Capítulo Um

Cynthia Leighton fez uma curva acentuada para a direita, estacionando na delegacia de Malibu ela fez os pneus chiarem ligeiramente sobre a calçada. Já tinha a porta aberta quase antes do grande Land Rover parar por completo, arrancando as chaves da ignição e as colocando no bolso de sua jaqueta de couro. Com um pé fora da porta, ela virou e se inclinou para a caixa quadrada e rosa que estava no banco do passageiro. Ela tinha sido amarrada com cordas simples, um laço bem arrumado colocado quase exatamente no topo da fina caixa de papelão. Ela deslizou os dedos delicadamente sob o laço. Em seguida, deslizou para fora da caminhonete, usando o pé para fechar a porta.

A delegacia era uma construção utilitária em um beco perto do tribunal, com algumas escadas de concreto e um par de portas de vidro duplas em armações de metal pesado.

Cynthia subiu as escadas rapidamente, deslizando através da porta aberta com um sorriso de gratidão ao senhor mais velho que a segurou para ela antes de continuar a descer as escadas.

O sargento que estava na secretaria lhe deu um grande sorriso.

— Ei, é Nancy Drew[1]!

Cynthia colocou a caixa para baixo suavemente sobre o balcão. — Isto é para você — ela disse com alguma urgência. — Por favor, pegue isso.

O sorriso do sargento Adam Linville ficou ainda maior. — Nancy, você é a mulher dos meus sonhos. — Ele cortou a corda e abriu a caixa, deixando o aroma glorioso de açúcar e gordura flutuar ao redor da sala.

Cynthia sibilou dramaticamente e estendeu a mão num gesto de piedade, os dedos bifurcados contra o mal. — Leve-os embora!

[1] Nancy Drew - Get a Clue (br: Nancy Drew e o Mistério de Hollywood) é um filme estadunidense, baseado na famosa série de mistério de mesmo nome. (Acho que ele chamou ela de Nancy por ela ser uma investigadora, e o filme ser de mistério)

Linville riu. — Vamos Leighton, coma alguma coisa. — Ele balançou as sobrancelhas. — Eu estou pensando em me casar novamente, você sabe alguém para me manter quente na minha velhice. Você é uma verdadeira gata, e é jovem o suficiente, mas eu gosto de uma mulher com um pouco de carne sob os ossos.

— Tenha certeza de que se eu perder minha mente e decidir me casar, me lembrarei de engordar um pouco.

— Todas as mulheres querem casar. Está no seu DNA ou algo assim.

— Não no meu, Sargento. Todo mundo que conheço está divorciado.

— Quanto cinismo — lamentou Linville. — Isso machuca meu coração.

— Tem um folheado de nata. Isso vai ajudar. — Cynthia disse isso com um sorriso. Ela gostava de Linville. Ele era um grande blefe, cara muito branca, com bochechas rosadas, que estaria se aposentando em menos de um ano. Ela fez questão de passar pelo posto de Malibu, quando ele estava de plantão, com os bolinhos na mão. Como uma investigadora particular, fazia muito sentido ser amigável com a polícia local, especialmente em uma cidade pequena como Malibu. Além disso, tinha estado na Polícia antes de sair para se tornar um PI[2], e meio que perdeu o sentido de pertencer à algo maior que ela. — Então me diga, Sargento — ela disse. — Aconteceu alguma coisa que eu deveria saber?

— Agora, Nancy, se você deveria saber sobre isso, você sabe, não é?

— Vamos lá, — ela persuadiu, tirou um bolinho da caixa e deslizou sob seu nariz.

— Não é fofoca, é apenas compartilhar informações com um PI!

Linville levou a caixa para longe dela, as mãos ásperas raspando nos dedos delicados. Ele a colocou em sua mesa e a cobriu cuidadosamente, antes de voltar a se inclinar sobre o balcão.

— Não tem acontecido realmente nada. Os turistas têm ido todos para casa, mas que tolos. Esta é a melhor época do ano por aqui. — Ele balançou a cabeça. — A melhor para o resto de nós, eu acho.

[2] Investigador particular

Cynthia esperou pacientemente. Esta era uma dança que eles dançavam o tempo todo, mas Linville sempre vinha através dela, assim ela não se importava.

— Teve uma chamada esta manhã a leste de Paradise Cove. Logo antes do amanhecer, a mulher alegou que ela ouviu disparos de armas automáticas... metralhadoras, ela nos chamou. Disse que parecia um tiro indo para fora. Um tiro de fora. — Linville riu e balançou a cabeça. — Uma unidade foi lá, mas não encontrou nada. O cara ao lado ficou acordado a noite inteira, assistindo muitos de seus filmes, falando muito alto. Você sabe como o som dá eco na praia.

— Ninguém informou nada?

— Nem um pio. Ah, e o seu espancador de esposa, saiu em liberdade condicional e qual é a primeira coisa que ele faz? Uma visita a ex. Estúpido. Ele nem sequer chegou à porta da frente antes dela nos chamar.

— Você o pegou? — Cynthia tinha trabalhado para a esposa, no caso do divórcio, documentando muitas infidelidades do marido. Descobrindo que ele batia em sua namorada também.

— Oh, sim. Direto de volta pra prisão, violação da liberdade condicional. Um idiota.

— Se está tudo certo, eu tenho que correr Linville. Compartilhe os doces agora. Não quero você caindo morto com um ataque do coração antes de encontrar a garota dos seus sonhos.

Linville riu e Cynthia o viu dar a sua primeira mordida pegajosa, e voltou pelas portas de vidro para o estacionamento.

Ela foi para o estacionamento privado atrás de seu escritório em Santa Mônica, eram quase seis horas e o sol estava uma névoa ofuscante cor ouro no horizonte ocidental. Os dias já estavam ficando mais curtos. Mais seis semanas assim e estaria completamente escuro essa hora. Ela desligou o motor e deu uma olhada cautelosa em torno do quarteirão antes de abrir a porta. Nunca fez mal ser cuidadosa em seus negócios. Sofreu algumas ameaças no passado, principalmente

por cônjuges insatisfeitos, como o espancador de mulheres, ou aquele que ela havia capturado no vídeo, um delito em flagrante. Será que as pessoas ainda dizem 'apanhado em filme'?[3] As câmeras digitais são muito mais convenientes; zipa e manda um e-mail para o cliente, com as fotos. Anexadas em bytes talvez, era tudo a mesma coisa. Se Linville queria saber por que ela era tão cínica a respeito de casamento, ele só tinha que dar uma olhada nos arquivos, e em seus casos. Um casamento fracassado após o outro, tudo narrado em cores vivas. Colocando a alça de sua mochila no ombro, ela saiu e bateu a porta da caminhonete.

Seu sistema de segurança buzinou alegre quando ela digitou o código e entrou no pequeno escritório que mantinha para si mesma. Todo o edifício era dela, um bangalô, muito baixo com quatro escritórios na movimentada Montana Avenue, no coração de Santa Mônica, em um respeitável distrito consumiSrta. Não na parte turística, mas na parte onde os moradores saíam das lojas com sete dólares enquanto esperam pelo seu próximo grande negócio, ou pelo menos fingem. Ela utilizou apenas um dos andares, alugando os outros três para um casal de advogados e um terapeuta. A maioria de seus clientes nunca voltava ao seu escritório após a sua primeira visita, e quando eles faziam, era geralmente depois do anoitecer. Atrasar era bom, talvez, um pouco incomum, mas funcionava suficientemente bem para seus clientes humanos e abriu possibilidades para outra clientela. Vampiros.

Cynthia nunca tinha pensado em escolher ser investigadora na costa oeste, a comunidade dos vampiros. Quando ela saiu do LAPD[4], ela tinha algo mais parecido com "Investigadora das estrelas" em mente. Investigação de família lhe deu acesso a um mundo de privilégio e direito, onde os gastos de alguns milhares para ter alguém seguindo o seu marido, e saber se ele está te traindo... Ou mulher... Não era só fichinha, mas quase uma mania social, como a última moda. Em vez disso, por puro acaso, Cyn tinha se encontrado no lugar certo para salvar a vida de um vampiro e mudar a sua própria vida. Vampiros a chamavam de longe, de lugares afastados como Colorado e Montana. Ela não se importava em encontrar seus parentes perdidos, desenterrar contas bancárias esquecidas ou herança familiar. Metade de sua agenda era de negócios para um vampiro ou outro, e era muito bem paga. Mas ela nunca aceitou o convite pessoal, que por vezes acontecia. Ela não tinha vontade de mergulhar mais longe em uma sociedade onde o sangue era a bebida favorita e o dela poderia estar na mira.

---

[3] No sentido literal: *caught on film*… é uma expressão que significa que alguém foi filmado a fazer alguma coisa… no contexto das investigações dela, provavelmente algo que não devia, como apanhado em flagrante

[4] LOS ANGELES POLICE DEPARTMENT – Departamento Policial de Los Angeles

No seu escritório o telefone estava tocando quando ela entrou, largou tudo em sua mesa e o agarrou antes da secretária eletrônica atender.

— Leighton — disse.

Era o advogado ao lado. — Eu ouvi você encostar no estacionamento, — explicou. — E gostaria de saber se talvez você tenha tempo para se encontrar com um cliente meu. Ela está aqui agora. Um marido infiel como sempre.

Cyn esperava que a esposa não estivesse ouvindo a narração alegre do advogado, com seu coração partido.

Ficou tentada a recusar o trabalho. Ela pode brincar com Linville, mas pensava em casamento às vezes. Ela suspirou. Por outro lado, não tinha outros casos no horizonte, e enquanto não queria exatamente passar fome por estar sem dinheiro, teria que aceitar o caso. Ela disse ao advogado para enviar o seu cliente.

Quase uma hora e uma caixa cheia de lenços de papel depois, Cyn estava lamentando o impulso e pensando que era muito ruim que o terapeuta não estivesse hoje, porque esta mulher estava realmente precisando de alguém para conversar, muito mais do que ela precisava de um PI. Mas Cynthia não ia ser esse alguém. Ela aprendeu da maneira mais difícil a não se envolver pessoalmente nos problemas conjugais de seus clientes. Algumas esposas vão embora chorando, algumas olhavam distraidamente em uma espécie sombria de aceitação, e outras ainda eram loucas como o inferno e determinadas a fazer o cônjuge traidor sofrer tanto quanto possível. Mas todos tinham uma coisa em comum. Eles foram procurar alguém para culpar por sua situação atual. E, muitas vezes a culpa caiu sobre Cynthia por apresentar a prova da infidelidade, apesar de ter sido contratada para descobrir em primeiro lugar.

Depois de levar a mulher perturbada pela porta dos fundos com a garantia de simpatia e uma acusação rápida do marido errante, Cyn afundou em sua cadeira com o respirar aliviado e pensou em pegar o resto da noite de folga. Por um lado, com a informação que a esposa tinha dado, poderia provavelmente começar a juntar as provas necessárias e encerrar o caso pela manhã, por outro lado... O telefone tocou e ela respondeu esperando por um cliente.

— Não quebre meu coração e me diga que você não tem planos para esta noite. — Era uma voz de homem, ela riu sob o pronunciar suave de um sotaque suliSrta.

— Quebrar corações é a sua especialidade, não a minha Nicky. Está na cidade?

— Eu não quebro corações, querida, eu os curo com um doce amor. Me encontre.

Cynthia riu. Ela não podia ajudá-lo. Nick era um trapaceiro convencido, charmoso, bonito... E um animal na cama. Ela pensou no marido infiel mais recente e encolheu os ombros. "Quando e onde?"

Capítulo Dois

Buffalo, Nova Iorque

Raphael deixou o olhar vagar pela sala de conferências pouco povoada, com os olhos escondidos atrás de óculos escuros contra a luz brilhante. Ele e seus companheiros eram os lordes vampiros, sentados em torno de uma enorme pedra oval de mármore que servia de mesa. A mesa era grande o suficiente, e os vampiros bastante ariscos, que se sentaram distantes, tornando privada a conversa entre eles. Vários assessores ou guarda-costas tiveram que ficar em pé atrás deles. Alguns até tinham trazido os seus agentes humanos para a sala, os deixando se espremer contra as paredes, esperando não serem notados. De todos eles, apenas Raphael se sentou sozinho. Apenas Raphael, aparentemente, não tinha necessidade de garantir a sua segurança.

Assistiu dando um olhar cuidadoso, se perguntando quanto tempo mais a cortesia exigia que ele ficasse sentado a ouvir os devaneios do anfitrião desta reunião. O senhor dos vampiros era antigo... E trêmulo como um homem velho. Apesar da aparência física da juventude, a voz embargada e sua mente vagavam, se agarrando às glórias do seu passado, enclausurado em sua torre fluorescente acesa. O olhar de Raphael viajou para os poderosos, os vampiros mais jovens ficando em volta do senhor idoso. Dando o espaço de uns poucos segundos para cada olhada requintadamente, por trás de suas lentes escurecidas. Isso não poderia esperar muito mais tempo, Raphael pensou consigo mesmo. As noites do velho senhor estavam contadas.

Ele abafou um suspiro e olhou para fora da janela. O verdadeiro negócio da presente reunião foi celebrado nas noites anteriores, o encontro de hoje era pouco mais do que uma formalidade, servindo apenas para atrasar a sua partida. Mas cortesia era a marca da sociedade vampiresca. Quando os vampiros vivem e se misturam com os outros por centenas de anos, essas sutilezas importam.

A porta no fundo da sala se abriu suavemente e Raphael ouviu o sussurro de passos no carpete ao fundo. Suas narinas, capturando o perfumado ar, souberam que era um dos seus, seu tenente, Duncan. Duncan tinha estado com

Raphael por mais de duzentos anos, tinha sido seu vassalo por mais de metade desse tempo. Qualquer que fosse a notícia que ele estava trazendo, não era boa, se ele não podia esperar até que estivessem sozinhos. Duncan chegou, no espaço atrás de Raphael e se inclinou para frente, sua respiração contra a pele de Raphael, enquanto falava palavras nos ouvidos do seu senhor.

— Majestade, Alexandra foi seqüestrada.

Um piscar de olhos preguiçosos por trás dos óculos escuros foi a reação de Raphael.

Ele acenou com a cabeça ligeiramente, apontando com o dedo para Duncan permanecer. Houve uma ligeira circulação de ar quando seu tenente se endireitou e deu dois passos necessários para trás.

Mil perguntas correram pela cabeça de Raphael, enquanto o orador falava sobre títulos de honra que todos eles tinham e estavam ligados, e assim por diante. Era em essência o mesmo discurso de cada anfitrião em todas as reuniões anuais dos últimos 300 anos neste continente, e provavelmente muito antes que todo o mundo.

Raphael se forçou a ouvir educadamente, para concordar e apresentar um rosto confiante. Ele sabia, mas não deu sinal de perigo, não mostrando nenhuma vulnerabilidade.

A fraqueza era inaceitável nesta empresa, entre eles, Raphael e seus companheiros, os lordes vampiros controlavam não só um continente. Estados Unidos, Canadá, México, todos os vampiros que existissem dentro desses limites, deviam ter fidelidade a um dos oito senhores.

E ainda tão poderoso quanto cada um deles era, nenhum era tão poderoso como o próprio Raphael.

Alguns eram mais velhos, mas a idade não era tudo. Alguns reivindicaram maior habilidade, mas habilidade não era substituída pela força. Essas coisas nunca foram faladas, elas simplesmente foram compreendidas.

Os limites foram observados, o respeito foi pago. Qualquer outra coisa levaria à guerra. E nenhum dos homens nesta sala queria outra guerra. Mas alguém o fez. Alguém pensou em usar Alexandra contra ele. E alguém iria pagar caro.

* * *

Raphael saiu da sala de conferências, indo diretamente para os elevadores, o seu povo formando um cordão de segurança à sua volta. Eles estavam inquietos, tensos. Ele podia sentir as suas mãos tremendo com os nervos da pele, podia ouvir seu coração batendo rápido, o sangue pulsando com excitação. Provavelmente eles já sabiam mais do que ele. Mas não por muito tempo.

A pesada porta da limusine à prova de balas se fechou atrás dele com um baque surdo.

Ele esperou o veículo e seus acompanhantes entrarem no tráfego, em seguida, olhou para Duncan.

— Momentos antes do amanhecer, esta manhã, meu senhor. Eles devem ter atingido o tempo para a mudança, para limitar o nosso número. Os guardas humanos já estavam na estação de dia, os vampiros tinham ido ao quartel sob a propriedade. Eles não sabiam de nada até que acordaram esta noite.

— E os nossos guardas humanos?

— Mortos, Majestade.

— A câmera de vigilância?

— Sim, meu senhor. Esperando por você em Los Angeles. Gregoire tem de me informar.

— Eu quero que a propriedade seja bloqueada. Ninguém entra ou sai até eu chegar.

— Já está feito, meu senhor.

— Seu guarda-costas?

— Um foi destruído... Matias. Nós não podemos estar certos de...

— Albin, então?

Duncan suspirou. — Parece que sim, senhor.

A mandíbula de Raphael se apertou. — Você me alertou contra ele, Duncan.

— Senhor.

— Não. Você estava certo. Eu queria confiar nele.

— Você não podia.

— Eu deveria Duncan. Deixei antigos laços de amizade me cegar para a verdade. Estou tão enganado quanto aquele homem velho balbuciando lá esta noite. — Ele ficou em silêncio por um tempo, olhando para o vazio da cidade ultrapassando os vidros escuros. — Ele é meu.

— Meu senhor?

— Ninguém toca Albin, Duncan. Ele é meu.

— Claro que sim. Meu senhor, nós vamos buscá-la de volta.

Um sorriso perigoso cruzou o rosto de Raphael, enquanto ele olhava para Duncan, suas presas se estendendo em um processo lento, em um deslize predatório. — Vamos, Duncan. Nunca duvide disso. Eles vão pagar. Ninguém tira o que é meu e vive.

Capítulo Três

Malibu, Califórnia

Eles chegaram à sua propriedade com vista para o Oceano Pacífico nas profundezas escuras da manhã, ele já podia sentir o sol espreitando logo abaixo do horizonte. Raphael sabia que havia confiado em servos humanos o suficiente para se trancarem em um compartimento fechado, e voar através do sol, à mercê de qualquer um que quisesse lhes fazer mal.

Raphael não tinha vivido tanto tempo confiando. Cada membro do seu círculo mais próximo, cada um de seus guarda-costas, seu motorista, seu piloto, mesmo a sua governanta, era um vampiro de sua própria autoria. Cada um deles devia a sua vida eterna para Raphael e eram incapazes de traí-lo, enquanto os seus poderes ficavam potentes. Ele era indiscutivelmente mestre de seus territórios e seus filhos eram absolutamente e completamente leais a ele. Ou eles eram mortos. Não poderia haver outra escolha.

Quando sua limusine passou pelos portões de sua propriedade, os vampiros de guarda ficaram com uma forte tensão. Raphael se permitiu um pequeno sorriso. Era bom que eles o temessem, mas ele não iria destruir um soldado leal para se vingar, não os seus próprios. Não, quem iria pagar era Albin, por uma traição. Eles tinham uma história, uma história que fazia a cabeça de Raphael quase girar.

Eles tinham sido filhos de uma mesma linhagem, à deriva, quando o mestre fora vítima de uma amante ciumenta, seu coração fora transpassado enquanto ele dormia durante o dia. Tinha sido uma morte tola e ainda não totalmente imprevisível. Ele havia sido descuidado, devasso e desperdiçado, não apenas seus próprios poderes, mas daqueles de sua prole. Muitos de seus filhos vampiros haviam morrido junto com ele, sugados pela agonia de sua morte, incapazes de suportar o choque. Os mais fortes sobreviveram, alguns apenas para cair no descuido, muito aprendeu vendo os outros a seus pés.

Raphael era jovem quando tudo isso aconteceu, pouco mais de cem anos de

idade quando ele morreu. Muito menos Albin, mas já era mais poderoso, não só na força de sua magia vampírica, mas na força de vontade, na disciplina necessária para construir, para prosperar e crescer ao longo dos séculos. Os dois haviam passado décadas juntos, só quando Albin já não podia suportar ser o mais fraco deixou de ser dependente da maior força de Raphael. Por sua vez, Raphael tinha finalmente decidido sair completamente da Europa da realeza do antigo vampiro. Ele reuniu seus poucos asseclas[5] e realizou a viagem para a América, para a chance de construir uma dinastia de sua autoria.

Albin acabou ficando na Europa, vagando de mestre para mestre, sem nunca encontrar o poder que ele ansiava.

Quando Albin finalmente se juntou a ele na América, Raphael estava disposto a dar a seu antigo camarada uma chance, mas o grande vampiro queria mais poder do que Raphael iria conceder a ele depois de tantos anos separados. A confiança não era dada facilmente no domínio de Raphael.

No entanto, ele atribuiu seu velho amigo a Alexandra, um posto de segurança, uma cobiçada atribuição. Alexandra era linda, fraca para um vampiro e inútil no grande esquema do poder, mas importante para Raphael, ligada a ele por laços inquebráveis, que se estendiam por centenas de anos. Ele lhe concedeu todos os caprichos, protegendo-a contra um mundo que não era mais o desejado para ela viver, usando seu dinheiro e poder para criar uma bolha no tempo, um lugar para Alexandra, um mundo que permaneceu inalterado. Até hoje.

A limusine passou na frente da casa principal, com linhas limpas e brancas, a sua gama de painéis de vidro olhando para fora sobre o oceano. Luzes iluminavam uma estrada por entre as árvores, se curvando em torno do local que os agentes imobiliários eufemisticamente chamavam de "casa de hóspedes." Era a casa dos sonhos de Alexandra, uma casa senhorial do século XVIII francesa, arrancada das páginas da história.

Raphael como de costume construiu para ela, e não poupou gastos. Ela adorava esta casa.

Seus guarda-costas estavam em forma do lado de fora, abrindo a porta da limusine antes do veículo parar totalmente seu movimento para frente. Os guardas ficaram nervosos, conscientes do seqüestro de Alexandra, sabendo que este era provavelmente o primeiro movimento de um jogo mais ousado, e que seu criador

[5] Asseclas é comitiva, ele quis dizer a sua pouca comitiva.

era o verdadeiro alvo. Raphael saiu com cuidado, sensível às preocupações dos seus guardas, dispostos a ir junto com ele, na sua necessidade de levá-lo para dentro da segurança de quatro paredes, o mais rapidamente possível.

Ele sentiu o cheiro de sangue logo que entrou na casa. Suas narinas se dilataram de raiva, subiu sozinho pela primeira vez desde que Duncan tinha dito a ele do seqüestro. Seu poder se derramado para fora, se expandindo para preencher o corredor e ecoando além, espalhando terror na frente dele, em uma onda invisível. Vampiros caíram de joelhos a seus pés, rastejando no despertar de sua fúria. Guardas humanos, escondidos atrás das portas, gritaram com medo, seus lamentos encharcando o ar com terror.

— Duncan — Sua voz pulsava com fúria, o lustre elaborado acima dele tremeu violentamente com sua força.

— Senhor — Duncan chegou a seu lado, o único que não tinha se encolhido em completo terror.

Raphael se virou dando um gélido olhar ao seu tenente, e o assistiu engolir seu medo como uma maçã pequena, dura, antes de virar os olhos frios para o vampiro ajoelhado diretamente ante a ele.

— Gregoire.

O chefe da segurança olhou para cima, a coragem perdendo a batalha contra o medo, ele enfrentou seu Mestre. — Senhor — ele sussurrou, mas como todos, a sua garganta estava seca demais para ir além.

— Mostre-me.

— Senhor. — Gregoire saltou a seus pés, alívio temporário escrito claramente no seu rosto. — Eu configurei o centro de comando, meu senhor. Se você…

Raphael passou por ele, além da escada elaborada, os quartos cheios de valores inestimáveis, móveis antigos e paredes de cetim, uma escadaria estreita conduzia para baixo. O porão fazia um forte contraste com a casa do século XVIII acima dele.

Computadores mostravam os vídeos no meio, que revelava praticamente todos os cantos das áreas comuns da casa grande. Para a esquerda de Raphael,

quando ele entrou, tinha um arsenal contendo uma variedade de armas pessoais conhecidas não só para os homens modernos, mas tinham antigas. Espadas e machados pesados, de todos os jeitos e formas de lâminas, dividiam o espaço com metralhadoras Uzi e fuzis AK-47. Pistolas de todas as formas, a partir de um curto e grosso Magnum Smith & Wesson 0, 357 Dirty Harry 0,44 favoritos, elegantes e letais, semiautomáticas, guardadas com as caixas de munições e suprimentos. Um vampiro que estava de guarda se ajoelhou quando ele entrou.

À direita de Raphael, uma porta em forma de abóbada[6] estava aberta, revelando um corredor com pequenas portas comuns. Atrás de cada uma destas portas tinha uma câmara privada onde ficava Alexandra e seus guarda-costas pessoais, e que também era o local de descanso diurno de todos os vampiros a quem tinham sido atribuídos detalhes de segurança. Uma vez que a porta do cofre estava assegurada, ela podia ser aberta somente a partir do interior, exceto por Duncan ou o próprio Raphael. Era atrás desta porta que os soldados vampiros estavam dormindo com segurança, enquanto Alexandra estava sendo sequestrada somente a alguns pés acima de suas cabeças. Ele sentiu uma nova onda de raiva.

—Gregoire?

—Aqui, meu senhor. — Gregoire indicou uma cadeira na frente do maior console[7]. Raphael olhou para baixo e olhou para a imagem na tela diante dele.

Ela mostrou Alexandra vestindo um de seus vestidos ridiculamente elegantes e sentada no Steinway[8] que ele tinha comprado para ela quando esta casa foi construída.

Ele ainda podia ver a alegria no rosto dela quando ela pisou em sua nova sala e encontrou o grande piano preto e grande, o seu banco de veludo almofadado puxado a convidando. Raphael piscou tirando isso de sua memória e focou na imagem. Matias se sentou ao lado dela, Albin os abordou por trás.

Raphael não esperou por Gregoire, pegou o mouse com a mão e clicou para iniciar a reprodução das imagens de segurança. Matias tinha conhecido o sistema de segurança da mansão, havia conhecido todos os seus movimentos e sabia que tudo era gravado. Albin não tinha sido informado sobre a existência da vigilância, mas ele certamente teria observado as câmeras, tinha passado por essa sala de controle todas as manhãs e noites durante as últimas várias semanas desde que ele tinha sido designado para proteger Alexandra. Ele teria visto os monitores de vídeo de segurança. Mas ele entendia o quanto as câmeras filmavam?

[6] Como ele fala de um cofre. http://preview.canstockphoto.com/canstock1461368.png
[7] Uma mesa.
[8] Marca de Piano.

Se ele soubesse que toda a sua ação seria capturada em vídeo ele teria desativado as câmeras, ou simplesmente não se importaria?

Raphael viu Matias morrer, viu o homem na porta.

— Os seres humanos? — Ele não se deu ao trabalho de disfarçar a sua descrença.

— Os seres humanos, Majestade — Gregoire confirmou. — O vídeo começava do portão da frente mostrando a sua chegada. Quando os meus vampiros saíram esta manhã, encontraram o portão fechado, os corpos dos guardas do dia empilhados dentro e fora da casa. Eu posso lhe mostrar a reprodução da portaria— Ele apontou para o monitor que estava na frente, mas Raphael balançou a cabeça.

—Apenas diga-me — ele disse.

—Meu senhor. Albin esperou até que eu e os outros estivéssemos lá embaixo, nas nossas câmaras. Ele fechou a porta do cofre, abateu os guardas humanos aqui na casa e abriu a porta de saída para os seres humanos que subjugaram os nossos guardas no portão, esconderam os corpos e se dirigiram diretamente à casa da senhora.

— Eu vejo — disse Raphael com uma calma enganadora.

— Então, Alexandra foi deixada no andar de cima, mas Albin e Matias estavam no subterrâneo? — Gregoire engoliu em seco. Seu medo era um fedor no nariz de Raphael, adoçado pelo aroma do suor de sangue umedecendo sua teSrta.

—Já era tarde, meu senhor, era hábito da Senhora Alexandra descer no último momento. — Albin me assegurou... —Ele fez... —Respirou fundo, como se o medo fosse o matar.

—Eu ouvi a porta do cofre fechar, meu senhor. Eu assumi... —

—Você assumiu — Raphael repetiu em voz baixa. —Certamente. — Ele se sentou e olhou para a imagem final de Alexandra, como ela passou pelos seres humanos na porta. Ele se recostou na cadeira pensativo.

—Duncan.

— Sim, senhor.

—Eu quero ver Lonnie. — Fechou os olhos, percebendo que já devia estar amanhecendo. —Até amanhã, então. Primeira coisa.

—Certamente, meu senhor. —Duncan se afastou, e desde que telefones celulares não funcionavam dentro da sala de segurança, pegou uma linha fixa. Ele falou brevemente e desligou.

Raphael se levantou e virou os ombros poderosos, então deu um pequeno aceno de cabeça. Seus guardas reagiram imediatamente, correndo das escadas para o corredor, e se deslocam junto com Raphael. Ele fez uma pausa antes de chegar à porta exterior, virando e olhando Gregoire com um olhar fresco. O capitão da guarda caiu de joelhos, a cabeça baixa de vergonha e culpa.

—Você me serviu bem por mais de dois séculos, Gregoire. — Ele colocou a mão suavemente na cabeça abaixada do vampiro. Sem olhar, ele estendeu a outra mão para que Duncan colocasse uma estaca lisa e afiada na palma de sua mão.

—Eu agradeço a seus anos de serviço e lamento que você deva me deixar agora.

Gregoire olhou em choque e Raphael mergulhou a estaca em seu coração com uma trajetória perfeita. Os demais guardas ficaram como pedra, não sabendo quem poderia ser o próximo a pagar por esta falha inaceitável.

Raphael largou a estaca no chão de mármore, olhando à toa, olhando tudo outra vez e parou no monte de pó que havia sido Gregoire. Ele levantou as mãos.

—Duncan irá aconselhá-los antes do próximo amanhecer como ao seu novo capitão. Nesse meio tempo, eu tenho a confiança que todos irão fazer o máximo para serem dignos de sua existência. — Varreu os guardas congelados com um olhar frio. —Limpem isso— ele disse, em seguida, se virou e caminhou uma curta distância até a limusine que o esperava.

Capítulo Quatro

Há maneiras piores do que acordar com um homem bonito entre as pernas. Cynthia sorriu preguiçosamente enquanto batia na bunda de Nick, indicando que ele devia mover sua grande bunda de cima dela. Ele se virou e seu relógio digital entrou na sua visão, seus sangrentos números vermelhos deixaram ela saber que era quase uma da tarde.

— Preciso tomar um banho. — ela disse se levantando e lhe dando um olhar sobre o ombro. — Você vem?

Nick saltou para fora da cama com tanta energia como se tivesse dormido a noite inteira em vez de mantê-la acordada com uma maratona de sexo. Ela balançou a cabeça em espanto quando se inclinou para ligar a água quente e depois pisou no Box, tentando decidir se deveria lavar os cabelos antes ou depois...?

Os braços fortes Nick circularam sua cintura, a puxando contra ele. Adivinha, ela ia pensar no cabelo depois.

Estava se sentindo bem, quando ela entrou na cozinha. Cada músculo de seu corpo sentia como tivesse estado malhando na academia, em vez de ter ficado deitada na cama. Bem, talvez "deitada" não fosse exatamente o verbo correto. Sua risada suave foi cortada quando ela viu sua irmã Holly sentada no balcão da cozinha, lendo uma revista e comendo um lanche de iogurte com frutas. Cyn tinha quase esquecido, e Deus ela sabia que Holly estava passando uns dias aqui, enquanto sua casa estava sendo pintada... Ou dedetizada... Ou algo assim. Era uma daquelas coisas de casa, era por isso que Cyn vivia em um condomínio.

— Boa tarde Cynthia. — disse Holly com um olhar apontando para o relógio. Holly não aprovava a hora de Cynthia. Cyn era uma coruja da noite, e Holly era o pássaro proverbial da manhã. E essa era apenas a primeira de muitas diferenças entre elas. No mundo perfeito de Holly, todos se levantavam às seis

horas e pulavam pela vida como felizes coelhinhos no canteiro de couve antes de voltar todas as noites para a casa perfeita e família perfeita. O fato de que Holly ainda tinha que garantir o marido perfeito, com o qual a raça e a família fosse perfeita era uma fonte de grande sofrimento para ela, não porque ela estivesse ansiosa para ter filhos, por que se tivesse, a babá estaria cuidando deles e Holly estaria gastando seus dias fazendo o que as esposas ricas fazem.. Ela era muito específica com os requisitos financeiros para seu futuro marido, que era provavelmente o motivo que ela não o tinha adquirido ainda.

— Alguma novidade sobre sua casa? — Cyn perguntou, tentando lembrar como Holly tinha conseguido, mais uma vez ficar aqui. Parecia que toda vez que a irmã precisava de um tempo, o condomínio de Cyn na praia se tornava o motel local. Ela não se importava em ajudar, mas ela realmente não queria que sua irmã ficasse ali pra sempre. E a última vez que Holly tinha vindo para uma visita...

— Realmente Cyndi — Holly a chamou de volta para o presente com o apelido que Cynthia odiava e que provavelmente foi por isso que Holly usou. — Você poderia fazer eu me sentir menos bem-vinda? Não é como se você... Oh não! — As bochechas de Holly ficaram vermelhas quando Nick desceu as escadas até a cozinha, exalando uma energia escura, masculina, que parecia encher a sala. Seus cabelos castanhos ondulados estavam ainda molhados do chuveiro, sua camisa desabotoada em baixo dos jeans que mostrava seus quadris esguios com grande vantagem. Ele tinha mais de um metro e noventa de músculos bem tonificados com ombros largos, pernas longas e magras, e apenas suficientes e sedosos cabelos escuros em seu peito para provar que ele era um homem completamente adulto. Apesar de não ser o suficiente para se preocupar que tinha cruzado algumas espécies de fronteira invisíveis. Cynthia apreciou a vista, então se aproximou e colocou a mão em sua cintura nua, levantando o rosto para um beijo.

Ela olhou por cima do ombro. — Você se lembra de Nick, não é, Holly?

— Sim. — disse Holly rapidamente, lhes dando um olhar enojado.

Nick sorriu e começou a abotoar a camisa. — Tenho de apanhar um avião, baby. — disse a Cynthia quando ele terminou de abotoar. Ele caminhou até o sofá e pegou sua jaqueta de couro, tirou chaves do bolso. — Me liga?

Cynthia seguiu descendo as escadas para a garagem no térreo de seu condomínio de três andares, de frente para a praia. Nick jogou sua jaqueta sobre o assento de um conversível da Ferrari, em seguida, encostou a porta, a puxando

entre suas pernas. — Você sabe, é difícil acreditar que vocês duas são irmãs. É como se vocês fossem criadas em planetas distintos.

— Meia irmã, na verdade. Mesma mãe, pai diferente. E nós nunca vivemos juntas. Meus pais se divorciaram quando eu tinha três anos e eu morava com meu pai. Minha mãe não se incomodou de entrar em contato, eu mal conhecia Holly antes do ensino médio.

— Eu acho que o seu pai se importava. — disse Nick com embaraço evidente. Nunca discutimos coisas pessoais. Entre eles era estritamente uma relação de desejo mútuo.

—Sim, bem, não fique sentimental. Eu era muito nova para entender o que acontecia. — Ela estava de volta, passando a mão no cabelo escuro, um esfarrapado fluff nervoso e enfiando as mãos nos bolsos de sua calça. — Tenha um bom vôo, Nicky.

—Vou ter. Te ligo quando estiver na cidade.

—Eu estarei por perto. — ela concordou.

Ele se levantou, deu um duro e rápido beijo, então, deslizou para dentro do carro com um sorriso e foi embora, levando toda a energia dela com ele, deixando uma sensação de vazio para trás.

Cynthia viu o carro atrevido, e como ele acelerou até a pequena colina atrás de seu apartamento e voltou para a estrada, então ela subiu de volta com um suspiro.

— Eu vi o carro quando eu fui à loja esta manhã — Holly comentou quando Cyn voltou para a cozinha. — Eu não sabia que Nick tinha esse tipo de dinheiro.

— Embora ele tenha muito bom aspecto. Eu não me importaria de ficar com ele, mesmo se você não estiver interessada. — Ela torceu uma mecha dos cabelos loiros entre os dedos e Cynthia lhe deu um olhar avaliador.

Cynthia tentou imaginar Nick e sua irmã juntos. Talvez não. — Nick é apenas... Nick. — disse ela em seu lugar. — Ele me liga quando ele está na cidade e temos um bom tempo juntos. — Ela deu de ombros. — Funciona para ambos. Não tem complicações.

— Complicações — a irmã repetiu azeda, deixando ambas as mãos tão bem cuidadas caírem no azulejo do balcão. — Como, na verdade, você consegue levar alguém em conta além de si mesma de vez em quando?

Cynthia engoliu a réplica afiada que saltou à mente, abriu a porta da geladeira e olhou cegamente o iogurte de Holly. Contou primeiro até dez, depois até vinte, antes de virar para sua irmã. — Nick é um amigo, Holly. Nós gostamos da companhia um do outro e é isso. Nem todo mundo está procurando um marido, você sabe.

— Fácil para você dizer. Nem todo mundo foi presenteado com um apartamento em seu vigésimo primeiro aniversário. Alguns de nós temos de nos preocupar com nosso futuro.

Cyn suspirou. Dinheiro. Ela sempre debatia sobre dinheiro com Holly. E o fato de que o pai de Cyn tinha, e o de Holly não. Como se a culpa fosse de Cynthia, como se ela tivesse roubado o que deveria ter sido de Holly. Naturalmente, Holly nunca quis ouvir o outro lado dela. Sobre o que era ser criada por babás, que melhor o dinheiro pode comprar, e sobre ser a única criança na escola, cujos pais nunca vieram visitar. Sobre feriados com uma pilha de presentes e ninguém para vê-la abri-los, sobre a formatura que ninguém estava lá para ver, o primeiro dia de trabalho, o primeiro dólar que ela ganhou sozinha, todos aqueles momentos que ela celebrou sozinha, porque ninguém mais se importava o suficiente para estar lá.

Não, Holly não queria saber sobre essa parte. — Na verdade, eu me preocupo com meu futuro — Cyn disse finalmente. — É por isso que eu não tenho nenhuma intenção de casar.

— Oh, supera a si mesma, Cyndi. Consulte um terapeuta, pelo amor de Deus.

Cyn deu uma profunda respiração. Não serviria para ninguém e nem para ela e Holly discutirem mais uma vez. Nick não estava longe de estar certo, elas poderiam muito bem ser de planetas diferentes. Ela e Holly eram irmãs, mas a genética era a única coisa que tinham em comum, e não havia sequer muitos indícios disso.

— Eu gosto da minha vida do jeito que está, — ela disse calmamente. — Falando nisso, eu tenho que correr. Certifique-se de fechar a porta se você sair.

Capítulo Cinco

Raphael ficou atrás de sua mesa, olhando para fora através de uma parede de janelas em arco para o vasto oceano. Uma lua cheia iluminava o céu, as ondas pratas ondulantes brilhavam sob sua luz. Era um primo pálido para a glória do sol, mas a única luz celestial que ele veria novamente. O vampiro parou perplexo com suas reflexões próprias. Ele raramente pensava em tais coisas, e se perguntou por que isso veio à sua mente agora. A porta se abriu atrás dele, era Duncan.

— Lonnie chegou, meu senhor.

Raphael ficou em silêncio por mais um momento, então se virou para tomar o lugar atrás de sua mesa.

— Mande-o entrar.

— Meu senhor. — Duncan inclinou a cabeça momentaneamente, escorregando para fora da sala para voltar momentos depois, Lonnie Mater entrou.

Normalmente Lonnie trazia uma imagem de bom ânimo que hoje à noite estava estranhamente silenciosa, subjugado, como um pequeno animal permanecendo quieto sob o olhar de um predador, na esperança de passar despercebido. Uma pequena comparação. Ele era um homem banal de estatura mediana, aparência agradável, mas nada muito dramático. Ele tinha sido um produtor de cinema, quando Raphael o encontrou, ele era um homem com pouco sucesso, mas muitos contatos, o veículo perfeito para a inserção vampírica na sociedade de Hollywood.

O ex-produtor se curvou a partir da cintura, um gesto surpreendentemente elegante para um Norte-americano que nunca teve que aprender essa habilidade. — Mestre. — disse ele calmamente. — Estou ao seu comando.

A respeito das circunstâncias desagradáveis, Raphael o encarou com alguma diversão. Para todos os caminhos do homem extravagante, ele não era tolo. Lonnie pode não saber exatamente o que estava acontecendo, mas ele era inteligente o suficiente para reconhecer que uma coisa muito séria estava no ar e

para maximizar suas chances de sobreviver ele faria qualquer coisa.

— Sente-se, Lonnie.

Lonnie olhou para cima, um vislumbre de sua verdadeira personalidade apareceu, a mesma iluminação de sua expressão durante os primeiros tempos.

— Obrigado, meu senhor.

Raphael o estudou sombriamente. Hollywood era um lugar ideal para os vampiros. Havia encontros de espécies diferentes quase todas as noites; era maior que a cidade de Los Angeles, era enorme e continuava a crescer, com milhões de pessoas espalhadas sobre o que teria sido uma distância inimaginável há poucas décadas atrás. Lonnie conseguiu uma casa para Raphael na praia em Malibu, noite após noite, pessoas proporcionavam uma constante fonte de sangue para a equipe de Raphael, incluindo Lonnie. O próprio Raphael raramente participava, e só se sua presença fosse necessária para outros fins, como negócios envolvendo seus investimentos em Hollywood. Caso contrário, uma cuidadosa seleção de doadores era trazida aqui para a fazenda, e retornavam antes do amanhecer para acordar de onde haviam sidos selecionados. Eles acordavam todos os participantes perfeitamente dispostos, e nenhum deles se lembravam de nada, exceto uma grande festa, muito sexo, e uma ressaca particularmente ruim. Um dos empregados de Lonnie viu que nenhum dos outros vampiros era... mimado.

Apesar de terem mantido um perfil baixo, a existência de vampiros foi discretamente reconhecida pelos governantes e empresas, mesmo cortejados por alguns como um machado para moer ou levar um projeto a fundo. E Hollywood adicionou nada mais do que uma pequena pista de perigo, os vestígios dos vampiros representavam a ousadia na sociedade humana. Eles eram no final, os bad boys e girls em uma cidade que fingia ser rebelde enquanto dirigia para sua casa, num SUV, sólido com as suas vizinhanças seguras atrás de portões resistentes.

Lonnie cruzou as pernas nervosamente e Raphael fez um gesto para Duncan lhe dar um pouco de vinho.

— Você teve relações com um investigador particular há algum tempo, Lonnie. Uma mulher.

Lonnie descruzou as pernas e se sentou surpreso com o assunto

inesperado. — Eu tive meu senhor. — Cynthia Leighton. A ex-policial de Los Angeles. Seu pai era Harold Leighton. Ele tem muitos dólares, principalmente em investimentos financeiros. Ela, uh... Ela salvou minha vida.

Raphael se inclinou para frente. — E como foi isso?

— Havia uma boate no centro da cidade. O proprietário estava traficando drogas no quarto dos fundos. Policiais vieram e levaram todo mundo. Cynthia foi com a força-tarefa. Eles arrastaram os nossos até a delegacia... Principalmente pelas aparências, eu acho. Uma espécie de "olhe para nós, estamos prendendo pessoas ricas ". Ano de eleições e tudo mais. Os policiais nem sequer sabiam sobre nós. Eles soltaram quase todos, exceto os proprietários e um casal de clientes azarados o suficiente para estarem lá no quarto quando os policiais chegaram, eu não tinha nada a ver com isso. Não usei drogas, nunca. Um bom uísque, um copo de vinho, qualquer outra coisa, mas drogas não. Não para mim. Uh, enfim ...

Limpou a garganta com ansiedade, e pressa quando Raphael lhe deu um olhar aborrecido.

— Um dos policiais era um filho da puta. Deu um olhar para mim e decidiu que ia ganhar a próxima estrela. Me jogando direto na cela debaixo de uma clarabóia, percebi que ia me deixar lá . — Lonnie balançou a cabeça em desgosto. — Cynthia viu o que ele estava fazendo e me arrastou dali. Quase entrei em um verdadeiro inferno com o imbecil. Não muito tempo depois, ela saiu e montou um negócio para si. Mandei alguns poucos clientes para ela. Muitos devem a ela, mais ela cobra um bom valor.

Raphael assentiu em silêncio. Ele olhou para Duncan, em seguida, girou em torno de sua cadeira e assistiu a dança das ondas prateadas na escuridão. Ele ouviu Lonnie tomar um gole de seu vinho e descer a taça de volta para baixo. Duncan não se mexeu, mas Raphael pela sua imagem poderia ver o tenente olhando para ele, imaginando o que ele tinha planejado.

Ele deu um movimento brusco decisivo, que seguiu uma fração de segundo depois de Lonnie, que saltou de sua cadeira quase reflexivamente.

— Eu quero que você ligue para a Srta. Leighton, Lonnie. Você estará lhe fazendo uma visita esta noite. — Ele acenou com a mão o dispensando.

Duncan conduziu Lonnie do quarto, fechando a porta atrás dele e voltando-

se para Raphael.

— Eu não duvidaria do o seu julgamento, Majestade, mas... uma humana?

Raphael sorriu levemente. — Albin não agiu sozinho nessa, Duncan. Eu o conheço muito bem. Ele só pensa em si mesmo. Sim, ele estava inquieto com a tarefa que eu o atribuí, mas ele não aspiraria tão alto a ponto de tentar tomar o poder de mim. Seus sonhos são muito fracos. E Alexandra, ninguém iria levá-la, exceto para me atormentar... Ou para me atrair para uma armadilha. Temos uma cobra em nosso ninho, Duncan, mas não é Albin, ou não Albin sozinho. Ele é apenas uma ferramenta, e, provavelmente, uma ferramenta para ser descartado depois de servir o seu propósito. Alguém está fazendo um jogo para me derrubar, e eles são astutos o suficiente para terem feito este primeiro passo, eles foram inteligentes, pegando uma coisa importante pra mim. Albin não é tão inteligente.

— Mas a mulher, Majestade.

— O primeiro erro, Duncan, com seres humanos. Os seres humanos são frágeis e se ligam facilmente um ao outro, desde que devidamente convencidos. É preciso apenas dar esperança, dar esperança que suas próprias vida serão poupadas, para fazê-los contarem seus segredos. Eles se agarram à vida, talvez porque eles têm tão poucos anos. Depois de todo esse tempo, eu perdi a capacidade de compreendê-los. E, Duncan, é por isso que eu vou trazer essa mulher humana. Ela entende sua própria espécie e irá rastrear os peões humanos para mim. Caso Alexandra seja minha fraqueza, e eu não tenho nenhuma dúvida que eles pensam que ela é, então estes seres humanos são as deles. Me dê apenas um humano e eu vou aprender tudo que eu preciso saber sobre quem está por trás disto e onde encontrá-los. Há envolvimento humano no ocorrido e é a astúcia humana que irá desembaraçá-la.

Capítulo Seis

Os faróis de algum carro que passava através das persianas foram quase que diretamente nos olhos de Cynthia. Ela estremeceu, e em seguida, encaminhou-se para fechar as persianas. Estava quase pronta para começar a noite. Ela esteve aqui desde o início da tarde, fazendo o tipo de trabalho que normalmente teria feito em sua casa, em vez do escritório. Muitas de suas investigações de pesquisa envolviam registros antigos e tal, o tipo de coisa que era achada facilmente na internet para aqueles que sabiam onde e como olhar. Mas Holly parecia estar se estabelecendo em sua casa e tinha começado a perguntar demais, muitas perguntas sobre o trabalho de Cyn. Ela era especialmente curiosa sobre os vampiros desde que tão pouco se sabe sobre eles. Muitas pessoas consideram a sua existência pouco mais de um rumor.

Cyn tinha começado a se perguntar se não havia nada de errado com a casa de sua irmã, ou se talvez Holly tivesse um motivo particular para querer saber exatamente no que Cynthia estava trabalhando.

Em qualquer caso, Cyn tinha escapado para seu escritório para trabalhar. Era tranqüilo aqui, apenas a campainha tocava ocasionalmente, e o constante zumbido do tráfego na avenida. O telefone de seu escritório tocou quando ela se sentou.

— Leighton.

— Ei, Cyn! Você está aí. — Fala do diabo, e ele vai te telefonar. Não que Lonnie fosse um cara mau. Ele não era... Para um vampiro.

— Um pouco cedo para você, não é, Lonnie?

— Uh, sim. — Ele riu nervosamente. — Escute, Cyn. Eu preciso falar com você. Posso passar por aí?

Cynthia fez uma careta. — Claro, Lonnie, você sabe que pode. Qual é o problema?

— Hum, é complicado e eu prefiro não discuti-lo por um telefone celular. Estou chegando em quinze minutos em seu escritório.

Ela não gostou do tom da voz de Lonnie. Ele estava nervoso, e um pouco insistente, diferente do normalmente descontraído vampiro. Mas provavelmente ela não iria se prejudicar em se encontrar com ele. Tudo o que ele queria, ela poderia sempre dizer não. — Ok, vamos lá. Mas só porque eu confio em você. Se você estiver trazendo problema com você, eu vou ficar puta.

— Vamos, Cyn. Pense em todos os negócios que envio para você. Eu estarei ai em quinze... Quer dizer 13 minutos.

Cyn desligou o telefone sem se despedir, em seguida, viu quão escuro estava seu escritório e foi ligar as lâmpadas. Ela tinha estado trabalhando muito sob a luz do seu monitor, com apenas uma lâmpada na mesa pequena. Enquanto virava o interruptor, ela pensava sobre o fato de Lonnie não ter negado que estava com problema. Quando ela voltou para sua mesa e começou a trabalhar novamente, a campainha de segurança estava soando e então havia Lonnie, olhando para a câmera em sua tela de segurança e disse as palavras: — Oi Cyn.

Ela estava sorrindo quando ele bateu na porta.

— Venha, Lonnie.

Ela se virou, abrindo uma gaveta de arquivo, e pegando as pastas, pensando em como Lonnie freqüentemente a fazia sorrir. Ele tinha uma personalidade tranqüila e um talento especial para fazer as pessoas se sentirem confortáveis, e bem-vindas, Cyn percebeu que era por isso, que ele tinha sido posto responsável pela gestão dos vampiros, fazendo tudo o que tinha que ser feito na sociedade humana.

— Então, qual é? — Ela perguntou sem olhar, quando ela tirou um bloco de notas da gaveta de sua mesa.

— Cyn. — disse Lonnie inquieto.

Ela olhou para cima, em seguida, pegou em seus pés sua Glock 17, fora de seu coldre de ombro mais rápido do que ela pensaria, realizando um movimento padrão. Empurrando a cadeira para longe sem olhar, ela se virou indo para trás o máximo possível, tentando colocar alguma distância entre ela e o estranho

vampiro agora de pé em seu escritório. Seu dedo foi para o gatilho, apenas o suficiente para tirar fora a segurança.

— Lonnie, seu bostinha, você está morto. — ela rosnou.

O primeiro vampiro na porta havia se mudado um pouco para bloquear a sua visão do cara atrás dele, mas Cyn estava mais do que feliz em focar o da frente, ela só poderia olhar um deles no momento de qualquer maneira. Ela ficou na ponta dos pés, mas compensando por bons setenta quilos, a maior parte de músculo.

Seu peito largo e ombros estavam envoltos em um escuro e elegante terno, o cabelo comprido loiro estava penteado da frente para trás, e olhos marrons muito humanos, muito bonitos, mas um homem normal. Quando ele falou, não houve nem mesmo uma pitada de presa. — Estou certo de que Lonnie já está morto, Srta. Leighton. — ele afirmou.

— Engraçado. Eu não estou rindo. Quem diabos é você?

O loiro não gostou disso. Deu-lhe um olhar hostil, depois olhou para Lonnie. — Lonnie. —retrucou ele.

— Cyn, pelo amor de Deus, coloque a arma no chão. — Lonnie disse asperamente. — Este é o Senhor Raphael. — Ele disse o nome em um sussurro ofegante que mostrava tanto medo quanto reverência.

Cynthia olhou assustada para Lonnie, então rapidamente de volta para o vampiro louro. Ela tinha ouvido falar de Raphael. Inferno, todo mundo tinha ouvido sobre Raphael. Mas ela não sabia se alguém já tinha visto ele em pessoa. Não admitiu que, de qualquer maneira Raphael era supostamente o grande homem que comandava o território do lado Oeste, a cabeça de todos os vampiros neste lado do país. E se isso fosse verdade, então ele também era muito velho e poderoso.

— Por quê? — Ela resmungou, sua garganta, de repente seca. Ela manteve os olhos no vampiro em sua porta, mas abaixou a arma. Ela não queria que ele visse o medo fazendo as suas mãos tremerem, e, além disso, se isso fosse Raphael, sua pequena 9 milímetros não iria fazer merda nenhuma para ele mesmo.

O vampiro levantou as mãos em um gesto pacífico. — Não culpe Lonnie, Srta. Leighton. Ele não teve escolha nesse caso, e nós queremos dizer que você não sofrerá nenhum dano em qualquer evento.

Por favor — ela gesticulou para a sua cadeira. — Sente-se.

Cynthia o estudou cuidadosamente, em seguida, com movimentos lentos recolocou a trava de segurança e deslizou sua arma de volta para o ombro. Ela empurrou a cadeira de volta para a mesa e se sentou, mantendo as mãos livres e desimpedidas.

— Você não respondeu à minha pergunta. — disse ela.

Ele saiu da porta de seu pequeno escritório, para fazer o vampiro atrás dele entrar. Cynthia deu uma respiração acentuada. Esse cara era ainda maior, bem mais de um metro e noventa, talvez cerca dois metros. Ele tinha cabelo preto curto e escuro, olhos escuros, com uma boca suave e sensual, as maçãs do rosto salientes de um modelo. Seu tamanho a fez pensar em um guarda-costas, mas sua força era mais dura, de alguém que trabalhou para sobreviver. Ele estudou-a atentamente e se viu relutante em voltar sua atenção para longe, algum instinto de advertência contra a sua vontade o fez olhar para o outro lado.

Foi um esforço para ela ignorá-lo e se concentrar no vampiro loiro agora se sentando na frente de sua mesa. — Senhora Leighton, obrigado por nos ver. —ele disse.

Havia algo em sua voz, ou foi a sua maneira, que deixou Cynthia estranha. Ela não podia saber exatamente o que era, mas seus instintos delicadamente gritaram, trazendo de volta seu lado policial.

— Não é como se eu tivesse uma escolha. — ela lembrou. — Lonnie foi muito insistente.

Ele acenou com uma confirmação. — Eu ouvi coisas boas sobre você — ele comentou. — De Lonnie e dos outros.

Cynthia inclinou a cabeça, perplexa. A sensação de antes agora era como o toque de um sino. Ela estudou o vampiro loiro por alguns segundos mais, então se virou para o vampiro de preto. — Se estamos para fazer negócios, Senhor Raphael, talvez você deva falar diretamente comigo.

Em um borrão de movimento, o loiro estava fora da cadeira, em frente do vampiro de roupas escuras. Cynthia saltou mais uma vez e estava de costas para a

parede, a arma em suas mãos, se sentindo um pouco tola. Raphael - pois não havia mais dúvidas quanto à sua identidade simplesmente assentiu com ela, deixando sair um pequeno sorriso sobre os lábios sensuais.

Cynthia olhou para ele, amaldiçoando o dia que ela salvou a vida de um vampiro, amaldiçoando os vampiros e os seus jogos, amaldiçoando a sua mãe por te-la parido e ao pai por não levá-la para a Bélgica... Ou para Suécia, ou para qualquer lugar que a teria levado para longe deste lugar nessa noite.

O sorriso de Raphael se alargou. Ele tocou o ombro do loiro. O outro vampiro olhou procurando um único risco e foi para o lado. — Meu tenente, Duncan. — Raphael disse a Cynthia como uma introdução.

— Por quê? — Cynthia perguntou.

Ele deu de ombros, pouco elegante. — Um teste, se você quiser. — Sentou-se na cadeira recém vaga em frente a sua mesa, enquanto Duncan tomou posição atrás do seu ombro esquerdo. Raphael olhou para ela e, na luz mais clara, ela podia ver que seus olhos simplesmente não eram escuros, mas verdadeiramente negros.

— Por favor. — ele apontou. — Sente-se, Senhora Leighton.

Cynthia os considerou desconfiada, em seguida, deu a Lonnie um olhar venenoso, antes de puxar sua cadeira e se sentar.

— Como você soube? — Raphael perguntou. Ele tinha uma voz quente e rica, que corria como mel, uma voz que ela não podia ouvir apenas com seus ouvidos, mas sentia o gosto com a língua, sentia seu calor contra seus lábios. Ela lambeu os lábios, autoconsciente e se perguntou se ele estava usando algum tipo de influencia mágica sobre ela. Foco, Cynthia.

— Duas coisas. — ela disse, finalmente, limpou a garganta para falar mais claramente. — Quando você entrou pela primeira vez através da porta e puxei a minha arma... ele se mudou para ficar na sua frente. E você deixou. Se você fosse o seu guarda-costas, e se você fosse bom, ele nunca teria ficado na minha mira. Por todo o bem que teria feito[9]. — ela murmurou para si mesma.

Raphael balançou a cabeça, seus olhos brilharam com humor.

[9] Ela quer dizer que mesmo que ele tivesse ficado na mira dela, se ela disparasse com a arma dela não teria lhe feito grande coisa, por ele ser um vampiro...

— E a outra razão?

— Ele tem um sotaque suliSrta. Parece ser Sul-americano. É quase nulo, mas se você prestar a atenção, você pode ouvi-lo. Isso faz ele não ter mais de 300 anos de idade, e provavelmente um pouco menos. De tudo que eu já ouvi sobre você, sua idade e poder, ele não tem idade suficiente para executar um império do tamanho do que você controla.

Todo o humor se foi, seus olhos eram frios, poços de ônix em um rosto sem emoção. — E o que você já ouviu falar sobre o meu chamado império?

Cynthia se obrigou a relaxar, para não fugir novamente da cadeira, e cruzou as pernas casualmente. — Nada, realmente. Dicas aqui e ali. Eu as coloco juntas. É o que eu faço.

— Certamente. — Ele estudou em silêncio, em seguida, ergueu a cabeça levemente para a esquerda. — Duncan?

— Sim, meu senhor. — Ele disse em resposta a uma pergunta muda.

— Senhora Leighton, eu tenho um trabalho para você.

Cynthia deu um aceno curto. Ela tinha assumido isso com os comentários críticos de Lonnie. Qual outro motivo ele teria vindo aqui, afinal?

Ela só esperou o sugador de sangue falar, para que com isso ela pudesse tirá-lo do seu escritório e esperar nunca vê-lo novamente. Inferno, ela poderia até vender o maldito prédio e ir para algum lugar distante.

Os lábios de Raphael tremeram brevemente mostrando um sinal de diversão, e Cynthia perguntou novamente sobre os poderes extraordinários do vampiro. Será que ele podia ler sua mente? Ou talvez ele fosse apenas bom em leitura de rostos e expressões?

Sua expressão endureceu. — Alguém. — ele afirmou. — Alguém importante para mim, foi seqüestrada. Eu quero você para me ajudar a encontrá-la.

Cynthia se sentou, de repente, muito interessada no que este sanguessuga especial, estava dizendo. — Seqüestrada? Você tem certeza? Eu quero dizer ela não...

— Fugiu? — Raphael riu alto. Sua risada tinha uma qualidade dura, artificial. E era especialmente chocante, em contraste com a sua voz suave. — Não, Srta. Leighton. Você pode ter certeza que Alexandra não fugiu. Ela jamais me deixaria — ele terminou suavemente.

Cynthia acreditou na palavra dele, embora ela tivesse ouvido a mesma coisa da família de praticamente todos os fugitivos que ela já tinha investigado no trabalho. — Como você sabe que foi um seqüestro, então? Eles entraram em contato com você? E quando isso aconteceu? — Ela perguntou abruptamente, lembrando do sargento Linville e do relatório sobre "metralhadora", o incêndio.

— Antes do amanhecer, no domingo, faz mais de dois dias agora.

— Você não chamou a polícia?

— Não, nem vou fazer isso. Diga-me, Srta. Leighton, por que você salvou a vida de Lonnie?

Cynthia ficou um pouco surpresa com a mudança repentina na conversa, mas ela respondeu sem hesitação. — Eu não compreendi a questão. Ele não tinha feito nada de errado. Eu não ia ficar lá e deixar que ele fosse assassinado porque alguns dos idiotas eram uns fanáticos.

— Mas ele não é um de seus próprios, não é humano. Por que ele importa para você?

Cynthia de repente ficou irritada. — Só por que ele não era um ser humano como eu, eu não ia ficar parada e vê-lo morrer.

Raphael lhe deu um olhar curioso. — De fato. Bem. No entanto, tentamos... minimizar nossos contatos com a aplicação da lei humana. Dada a sua história bastante original com Lonnie, eu tenho certeza que você pode entender as nossa razões.

— Infelizmente. — ela concordou, embora ela se sentisse obrigada a acrescentar: — Nem todos os policiais são como esse. A maioria deles não é.

— Tenho certeza de que é verdade. — disse Raphael distraidamente, em seguida, olhou diretamente para ela. — Como eu disse minha Alexandra foi levada, eu tenho provas bastante convincentes, que você verá por si mesma se concordar

em trabalhar para mim.

Cynthia sabia que ela devia recusar o trabalho. Basta mandá-los embora e voltar a rastrear cônjuges retrógrados e o antigo banco de contas. Seqüestro estava fora de seu campo de trabalho, fora de qualquer campeonato PI. O procedimento padrão em um seqüestro de qualquer tipo era esperar o contato com a família, com os telefones grampeados, examinando todos os contatos. Sozinha, ela não poderia ir a qualquer lugar próximo a esse tipo de operação, e não tinha ninguém para chamar, para ajudar, especialmente em um caso como esse. Por outro lado, não havia nada de padrão ou convencional sobre este caso.

E quem era essa Alexandra afinal? Será que ela queria ser encontrada? Era ela sua amante, talvez? Sua esposa? Será que os vampiros se casam? Falam até a morte nos separe. Cinqüenta anos era uma coisa, mas quinhentos era todo um novo nível de compromisso.

— Tudo bem. — ela se ouviu dizer. — Eu vou precisar de tudo que você tem, ou pensa que tem. Eu quero ver de onde ela foi levada, e eu quero entrevistar todos aqueles que estavam na casa ou na propriedade na hora.

— Excelente. Vamos começar esta noite. Eu estava fora da cidade na época, e as limitações impostas em nós pela nossa natureza conspiraram para adiar esta investigação muito mais do que eu gostaria. Lonnie?

Lonnie pulou como um sapo, se endireitando a partir do canto onde ele estava se escondendo. — Mestre?

— Traga a Srta. Leighton à minha sucessão. — Ele olhou para Cynthia. — Eu suspeito que ela vai ficar mais confortável em seu carro do que no meu, e você pode levá-la de volta quando nós terminarmos.

— Claro, Mestre.

Raphael sorriu. — Suas perguntas serão todas respondidas, Srta. Leighton. Estou ansioso para trabalhar com você.

Duncan abriu a porta e entrou, e Cynthia vislumbrou um grande número de pessoas sombrias fora de seu escritório. Eles se uniram em uma falange de guarda-costas, logo Raphael apareceu, e foi diretamente para uma longa e baixa limusine à espera com a porta aberta.

Cynthia se levantou e fechou a porta, tendo um momento para recuperar o fôlego antes de atirar um olhar furioso para Lonnie quando ela caminhou de volta para sua mesa. — Obrigada por isso, Lonnie.

Ele deu de ombros e alisou o cabelo para trás com as mãos que tremiam mais do que as dela. — Eu não tinha escolha, Cyn. Quando Raphael diz salte, eu digo: Por favor não me machuque, Mestre.

Ela suspirou, e se sentou desdenhosamente para baixo, encostando em sua cadeira. Esta situação era totalmente ruim. Número um, ela não achava que essa reunião com Lorde vampiro seria boa para a sua saúde futura. Havia uma razão pela qual ninguém sabia de nada sobre a sociedade vampírica e era porque eles queriam assim. Por outro lado, ela ficou intrigada. A vida estava sendo muito chata ultimamente, rastrear antepassados mortos e espionar as traições de cônjuges era lucrativo, mas não muito emocionante. Inferno, antes de hoje à noite, ela não tinha puxado a arma para fora por... Seis meses talvez. I.N.F.E.R.N.O.

— Então, quem é essa Alexandra? Sua esposa ou algo assim?

— Não é uma esposa. Vampiros não costumam se casar uns com os outros. Além disso... —Ele se aproximou, lançando um olhar de culpa sobre os ombros, como se Raphael pudesse de alguma forma ainda escutar. — Um vampiro foi morto quando a levaram, definitivamente morto. Um vampiro chamado Matias.

Há rumores de que ele e Alexandra eram amantes de longa data, e eu sei que nenhum deles tirou o sangue da veia. Se você sabe o que eu quero dizer.

Ela lhe deu um olhar vazio, em seguida, enrugou seu rosto em desgosto. — Oh, eca!

— Não diga isso até você já ter tentado, Cyn.

Ela fez um ruído de desprezo. — Então, vampiros não se casam, hein? Não lhes cabem a eterna fidelidade?

Lonnie balançou a cabeça. — Não integralmente. — Ele riu da cara dela. — Você está pronta para ir?

— Por que tem que ser esta noite?

A personalidade habitual e fácil de Lonnie já havia retornado. — Raphael disse hoje à noite, então é hoje baby. Eu sou apenas o motoriSrta.

— Não é o meu motoriSrta. Vou levar o meu próprio carro. Eu aprendi pelo menos isso no ensimo médio. E nunca mais me chame de *baby* novamente.

Lonnie lhe deu um olhar triste. — Ok, mas me siga, Cyn. Estou falando sério. Seus seguranças são um bando de paranóicos fodidos e assustadores como o inferno.

— Puxa, Lonnie, você faz isso soar tão convidativo. — Cynthia deu seu próprio sorriso. — Eu mal posso esperar.

Capítulo Sete

Cynthia seguiu Lonnie ao longo da costa se perguntando se os vampiros alguma vez sentiam frio. Ela tinha o aquecimento ligado contra o ar úmido da noite, mas Lonnie havia abaixado o capote de seu Porsche 911, seus cabelos muito longos sopravam para trás de seu rosto enquanto eles dirigiam bem acima do limite de velocidade. Eles passaram pela área baixa de Malibu e continuaram ao longo dos penhascos onde as propriedades eram realmente caras, escondidas atrás de portões discretos. Se você não conhecer bem, você poderia dirigir direito por várias mansões multimilionárias e nem mesmo saber que elas estavam lá. Lonnie pisou nos freios e fez uma curva apertada à esquerda indo para fora da estrada, entrando em uma unidade privada quase escondida por uma sebe de arbustos oleandros[10] muito altos. Cynthia o seguiu, curiosa. Esta propriedade era um grande pedaço de propriedade, muito cara. Ela passava ali quase todos os dias a caminho de casa para o escritório e nunca tinha considerado uma vez que poderia ser possuída por vampiros. Não que eles lançassem sinais nem nada, mas a fez se perguntar quantos outros vampiros viviam no bairro sem ninguém mais saber.

Ela reduziu a velocidade com uma freada estreita em direção ao oceano, mantendo um olho na lanterna vermelha de Lonnie. Os oleandros tinham dado lugar a um bosque de árvores frondosas – pinheiros Torrey[11], carvalhos, pau-ferro[12], inclusive uma espiga acentuada de eucaliptos perfumando o ar da noite. Um emaranhado de vegetação rasteira lotava a estrada asfaltada sem problemas, enquanto as árvores bem compactadas arqueavam para formar um dossel quase contínuo e selando o céu noturno. A estrada não tinha iluminação, somente os raios aleatórios de luar que conseguiam passar através da sobrecarga de folhagem espessa. Vampiros tinham excelente visão noturna, eles não tinham problemas com a pista infernal. Os seres humanos, por outro lado...

A cerca de uns cem metros, as lanternas traseiras de Lonnie desapareceram abruptamente. O coração de Cyn deu um pequeno salto de surpresa, mas quando ela se aproximou, viu que ele tinha realmente virado e

[10] É um arbusto grande, podendo ter por volta de 3 a 5 m de altura. Suas flores podem ser brancas, róseas ou vermelhas. É uma planta pouco exigente se tratando de temperatura e umidade.

[11] Pinheiros agulhados do sudoeste da Califórnia.

[12] Árvore de casca dura.

subido para a entrada de uma porta de aço pesada colocada em uma parede de estuque com a espessura de cerca de dez metros de altura. Cynthia não conseguia ver muito, mas na claridade de seus faróis, o muro parecia mais bege do que branco. Arenito talvez. Um desses nomes de cor de designer para o que era realmente bom, velho e bege. Dois guardas se aproximaram do carro de Lonnie, e ela percebeu mais dois em cada lado da porta. Todos os guardas usavam preto, roupas com estilo da SWAT, e estavam armados com armas automáticas. A segurança era apertada. Era sempre assim, ou tinha alguma ligação com o que tinha acontecido? Será que ela realmente queria saber? Talvez não.

Lonnie disse algo a um dos guardas, que olhou para Cyn, a estudando na luz fraca. Ela engoliu um suspiro quando os seus olhos brilharam quase amarelos no fulgor de seus faróis e ela sentiu seu coração bater um pouco mais rápido. Ela se encontrou com muitos vampiros. Conversou com mais deles ainda ao telefone. Mas isso era a verdadeira cova dos leões.

Raphael era velho... muito antigo e muito, muito poderoso. Ele provavelmente tinha mantido este território por mais tempo do que ela estava viva. Inferno, durante mais tempo do que seus avós tinham sido vivos. Ela se perguntou abruptamente se havia algum outro ser humano aqui esta noite. Será que ela era a única? Não era um pensamento agradável.

Seja o que for que Lonnie disse aos guardas, eles assentiram. O grande portão de aço se abriu e o motor do Porsche roncou ruidosamente acima do limite. Cynthia o seguiu de perto, com o cuidado de olhar em frente, mas ciente dos guardas vampiros quando ela passou. O grande portão se fechou atrás dela e ela começou a ver alguns pontos de iluminação ao longo da primeira passagem e depois por toda a extensão paisagística. Ela deu um suspiro de alívio, só para sugá-lo de volta em um silencioso "oh", quando o casarão ficou à viSrta.

Ela esperava algo gótico, ou talvez uma casa do Sul, com musgo pendurado em um alpendre de colunas. Em vez disso, a casa de Raphael era o sonho de um arquiteto moderno, com as doces características limpas do sudoeste. Era modesto para os padrões de Malibu, a casa principal talvez 8.000 metros quadrados com dois edifícios menores e uma longa garagem atrás. A estrutura era de dois andares, com o segundo andar, inserido bem para trás, deixando um terraço amplo e aberto para as estrelas e o mar. Cyn percebeu que havia também um subterrâneo que ela não podia ver, porque, afinal, vampiros viviam aqui.

Em nítido contraste com a abordagem da auto-estrada escura, a casa era quase saturada de luz, cuidadosamente projetada para indicar os destaques arquitetônicos, bem como as muitas pequenas varandas e alcovas ao longo de seu comprimento. Uma piscina de tamanho infinito pegava um pátio lateral inteiro,

com a luz ainda mais brilhante de dentro de suas profundezas. Cyn se questionou se vampiros nadavam a meia-noite. Ela não notou nenhum guarda-sol. O que fazia sentido se você pensasse nisso.

A unidade descia por uma pequena colina com uma entrada simples, com escadas que conduziam a um conjunto de elegantes portas duplas de vidro com uma varanda, ampla e coberta. Os guardas vampiros eram visíveis aqui, ao longo do pátio, e mais podiam ser vistos em movimento constante em torno de vários edifícios. Agora que ela sabia o que procurar, Cyn olhou os escuros perfis nas varandas e até mesmo os que estavam sob o beiral ao longo da piscina.

Guardas cercaram seu veículo assim que ela chegou ao fim. Cyn focou sua respiração enquanto ela esperou Lonnie sair para fora de seu Porsche e fazer o seu caminho até a sua SUV.

– Vamos, Cyn. – Ele tentou abrir a porta do carro, em seguida, bateu alegremente na sua janela quando ele descobriu que estava trancada. – Eles estão apenas se divertindo um pouco. O mestre está esperando por você, não se preocupe.

Mestre. Essa era a segunda vez que Lonnie tinha se referido a Raphael como "mestre." Era assustador como as coisas aconteciam e Cyn começou a se preocupar com o que ela iria encontrar atrás das luzes brilhantes e da bonita arquitetura do covil do vampiro. Ela desligou o motor e pegou sua mochila, junto com sua coragem, então abriu a porta, só para ter um dos guardas estendendo a mão para pegar as chaves.

Ela a agarrou, o seu olhar nunca deixando o guarda.

– Pense nele como um manobrista – Lonnie disse em uma voz suave arrancando as chaves de sua mão e as atirando ao guarda. – O quê? Você acha que Senhor Raphael tem negócios com algum desmanche de peças de automóvel ou algo assim? Relaxe, Cyn.

– Fácil para você dizer – ela murmurou. Se virando para segui-lo, enquanto subia as escadas, em seguida, fez uma parada quando um vampiro de terno veio pela porta da frente, escoltando duas mulheres e um homem que estavam obviamente fora de si, incrivelmente bêbados... ou algo pior que isso.

– Lonnie – ela murmurou.

Ele seguiu seu olhar para o trio tropeçando e encolheu os ombros. – Eles são todos voluntários, Cyn. Você sabe sobre a casa de praia. Pessoas imploram por uma chance de vir aqui e... uh... – Ele estava claramente à procura de um modo de

dizer o que eles estavam fazendo, mas sem a ofender. – Você sabe – ele disse finalmente, balançando a cabeça em desespero.

Cynthia sabia. Ela sabia sobre as mulheres e os homens, que voluntariamente, o inferno, *ansiosamente* se ofereciam para a experiência de ter uma alimentação de vampiros a partir deles. Era como uma droga para alguns deles, supostamente uma droga altamente sexual que nenhum ser humano comum poderia oferecer. E, como qualquer droga, tinha seus dependentes.

– Quantas vezes eles vêm aqui? – Ela perguntou.

– Os mesmos? Não muitas. Mas trazemos voluntários aqui algumas vezes por semana. Homens e mulheres, Cyn. Não só para o senhor Raphael, mas seus guardas, também aqueles que não podem deixar a propriedade porque eles estão de plantão ou o que quer que seja.

– Como é que ninguém sabe sobre essa propriedade? – Ela perguntou, mudando de assunto. – Quero dizer, eu conduzo todos os dias por aqui e eu nunca suspeitei que era tipo o comando central para o que vocês chamam Raphael... Rei dos Vampiros? Príncipe do Sangue? – Ela arrastou a última palavra, o que soava como Drácula de Bela Lugosi.

– Foda-se! – Lonnie agarrou seu braço e a puxou para perto, com os olhos arregalados procurando olhares suspeitos nos guardas que estavam passando. – Não diga essas merdas, Cyn – ele assobiou. – Cristo, você vai fazer com que sejamos os dois mortos, e eu quero dizer definitivamente. Ouça, você deve chamá-lo de "meu senhor" ou "Senhor Raphael," ok? É isso aí. Pense nele como a realeza.

– Sim, bem, ele não é meu senhor, esta é a América, você sabe.

Lonnie riu quase histericamente. – Eu não posso acreditar nisso. Eu vou morrer com certeza. – Ele deu-lhe um olhar suplicante. – Raphael é dono desse território, Cyn. Por favor, não o insulte. Eu quero viver para sempre.

Cynthia revirou os olhos e soltou um suspiro desgostoso. – Você se preocupa demais, Lonnie. Vamos lá, vamos acabar com isso.

Capítulo Oito

Quando entrou na casa de Raphael, Lonnie agarrou o seu cotovelo de novo, mas Cynthia afastou-se com um puxão afiado. Ela não gostava que ninguém lhe tocasse e especialmente não em uma situação como eSrta.

O espaço dentro da porta dupla estava aberto e tinha teto alto, com grandes janelas com vista para a piscina iluminada de um lado. Havia um candelabro enorme acima, mas estava apagado, a luz só era filtrada a partir da piscina, o seu brilho azul quicando no chão de mármore, lançando sombras aleatórias e fazendo pouco para dissipar as trevas.

– Cynthia – Lonnie sussurrou em seu ouvido. – Lembre-se. Raphael é como a Realeza, então quando você se dirigir a ele, você diz 'meu senhor' ou 'meu senhor Raphael'.

Cynthia olhou para ele de canto de olho, distraída com as sombras que tinham começado a se mover. Ela se empurrou para longe dele, liberando a sua mão para descansar sobre a arma sob a jaqueta. – Dá um tempo, Lonnie! – Ela retrucou.

– Sim, Lonnie, dê-lhe um descanso.

Cynthia girou a cabeça em direção à voz suave e feminina vinda diretamente da frente dela. Ela deu um passo para trás involuntariamente, surpresa e preocupada, que a vampira tinha chegado tão perto sem ela perceber. A mulher sorriu lentamente, revelando presas brancas pressionadas em um lábio inferior com batom perfeitamente colocado. O batom era um vermelho profundo e rico, que Cyn pensou ser um pouco de exagero, especialmente com a pele branca pastosa e gelada da loira. A ação foi agradável, embora.

– Elke! Esta é Cynthia Leighton. O mestre a está esperando. – Lonnie estava se esforçando para manter sua maneira descontraída habitual, mas Cynthia deduziu que se ela podia sentir o cheiro de seu medo, então, a vampira com certeza poderia cheirá-lo ainda melhor.

– Eu sei quem ela é. – Elke ronronou, fechando a distância entre eles. Ela andou como um pequeno círculo em torno de Cynthia, ignorando Lonnie quando ele se afastou de seu caminho. Ela era mais baixa do que Cyn por vários

centímetros e teve que olhar para cima para chegar a seus olhos. – Então, você é uma investigadora particular.

– Então, você é uma vampira – Cynthia respondeu secamente. – O que há com os jogos de sombras? Ou esta é a saudação usual dos vampiros? Você vai ter que me perdoar. Eu não conheço seus costumes.

Elke congelou, seus pálidos olhos cinzentos olhando sem piscar como uma espécie de robô que havia sido desligado. Cynthia observava, fascinada, a despeito de si mesma, se perguntando se ela devia estar com medo. Bem, ok, ela estava com medo, apavorada, na verdade, mas ela seria condenada se deixasse essa garota louca saber disso. Claro, a vamp provavelmente poderia ouvir o coração de Cyn tentando saltar para fora do seu peito, mas, caramba! Teria coragem para manter-se firme, apesar de seus medos, certo? Só um tolo não tinha medo, quando confrontado com a iminente e violenta morte. Ela sufocou um riso, sabendo que se o fizesse poderia não parar nunca.

Passos pesados bateram contra o chão de mármore liso e de repente os lustres, que momentos antes estavam apagados, foram iluminados, enchendo o hall de entrada com uma luz clara e branca. O recém-chegado deve ter ligado o interruptor. Essa era a explicação lógica, mas Cynthia olhou para Elke, que lhe deu um sorriso lento e conhecedor, antes de piscar uma vez e dar dois passos para trás deliberadamente. Havia rumores sobre os poderes da mente que um vampiro poderia ter, rumores que Cyn receava mais do que qualquer ameaça de violência física. Sua mente era própria sua, o único lugar onde ela era intocável, segura. Qualquer possibilidade de que pudessem mexer com sua mente, pudessem fazê-la ver e sentir coisas que não eram reais... realmente a deixava puta.

– Você pegou a arma dela? – Cynthia desviou o olhar da traiçoeira Elke para o recém-chegado... corrija isso para *recém-chegados*. Dois vampiros do sexo masculino haviam se juntado à festa, ambos altos, com peitos largos e braços do dobro da espessura das coxas de Cyn. Qual era a desses caras, afinal? Qual era o sentido da vida eterna se você gasta cada hora na porra de uma academia? Estes dois eram parecidos o suficiente para serem irmãos, talvez gêmeos, e ambos usavam o equivalente masculino do terno que Elke usava, até mesmo os seus cabelos longos e negros estavam amarrados em rabos-de-cavalo idênticos na parte de trás de seus pescoços.

Aquele que tinha falado e abordado Cynthia estendeu a mão, com a palma para cima. Cynthia olhou para o rosto inflexível, depois para a enorme mão estendida em frente dela e suspirou. Ela chegou devagar sob o seu casaco e retirou

a Glock[13] do seu coldre de ombro. Segurando-a com dois dedos, ela a colocou na mão do vamp e olhou novamente para ele.

– Eu vou pegar isso de volta, certo?

Por um momento, pensou que o vampiro grande não ia responder. Mas com seus dedos fechados sobre a arma, fazendo com que parecesse um brinquedo de criança, ele disse: – Quando você sair.

– Obrigada.

– Bem, agora que acabamos com isso... – disse Elke com o tédio óbvio.

O vamp grande se virou tão rápido que Cynthia não viu ele se mover. Um momento ele estava em sua frente e no próximo ele tinha ido a cinco metros de distância, olhando furiosamente para Elke.

– Você permitiria que a humana fosse ante nosso Senhor com uma arma em sua posse?

Elke olhou para ele, depois baixou o olhar. – Não – ela disse suavemente, e olhou para cima desafiadoramente. – Mas eu teria verificado, Juro.

Ele olhou para ela um momento mais, então olhou para seu irmão, dando um empurrão com sua cabeça em direção a Cynthia. Os dois ladearam-na, e juro, fizeram um gesto em direção à escada. – Por aqui Srta. Leighton.

– Você pode partir agora, Lonnie. – A voz de Elke fez Cynthia virar para olhar para a vamp que havia se mudado para bloquear o progresso de Lonnie.

– O mestre disse para eu trazê-la, Elke.

– E você trouxe. Ela dirigiu seu próprio carro, não foi?

– Bem, sim, mas…

– Então, ela certamente não precisa de você por mais tempo. Volte para o seu confinamento. – A vamp fez um pequeno gesto de espantar com os dedos, como se dizendo a um servo para executar suas tarefas. A boca de Lonnie se contraiu de forma quase imperceptível, mas ele deu a Cyn um olhar apologético por sobre o ombro de Elke.

– Desculpe, Cyn.

[13] Arma tática tipo pistola, leve, segura e com boa precisão. Geralmente utilizada por policiais.

Cynthia sentiu uma simpatia súbita para com o vampiro amigável. Era óbvio que ele estava em minoria por aqui e pareceu-lhe que era um lugar de cão-come-cão. Tinha que ser duro para um cara como Lonnie. Ele tinha feito um lugar para si na casa de praia, mas apesar disso, tinha pouco poder real.

– Está tudo bem, Lonnie – ela assegurou-lhe, com um olhar de nojo para Elke. – Obrigado por ter vindo até aqui.

Lonnie sorriu e com um último olhar hostil à vamp, desapareceu de volta para o pátio.

Deixada por conta própria, Cynthia não via outra escolha senão ir junto com "Juro" e seu irmão gêmeo, então ela atravessou o hall de entrada para as escadas e começou a subir. Os dois mantiveram o ritmo com ela, subindo no mesmo passo, e Cyn se sentiu como uma fatia de carne magra e pálida de almoço prensada entre os dois gigantes vestidos de negro. Má escolha de analogia, Cyn, ela lembrou a si mesma. Vamos pular as metáforas sobre alimentos.

Eles viraram à direita no topo da escada, depois à esquerda por um longo corredor. Eles tinham as maiores portas que ela já tinha visto fora de uma catedral, lindamente esculpidas, com incrustações de bronze elaborado. Inclinando para a frente, ela olhou de perto o design, à espera de encontrar uma cena de batalha, luxúria e confusão. Em vez disso, ela se viu olhando para um jardim escuro, como se as portas estivessem abertas para algum esconderijo da meia-noite, como se apenas alguém soubesse como entrar. Ela se endireitou, então olhou ao redor em sua guarda, à espera para o que ia acontecer a seguir e se sentindo um pouco abandonada sem Lonnie. Não que Lonnie fosse algum tipo de proteção, mas pelo menos ele era um cara que ela conhecia.

Juro ficou imóvel por alguns minutos, e, de repente, como se algum sinal silencioso tivesse sido dado, ele levantou o punho enorme e deu uma batida surpreendentemente suave na porta de madeira. Não havia nenhum som de dentro do quarto, mas as portas começaram a balançar e foram abertas, e Juro e seu irmão se afastaram, indicando que ela deveria prosseguir sozinha. Cynthia olhou de um para o outro, então respirou fundo, endireitou os ombros e entrou na cova dos leões para a verdade.

Capítulo Nove

Raphael assistiu em silêncio enquanto a Srta. Leighton atravessou as portas. Ela encolheu minuciosamente quando as portas se fecharam atrás dela, em seguida, congregando visivelmente sua coragem, seu olhar foi primeiro a Duncan, onde ele se encontrava de pé em um lado da sala e um pouco atrás dela, e depois seu olhar deslizou para Raphael, sentado atrás de sua mesa. Ela o surpreendeu pela mudança de sua posição, afastou-se de forma que lhe permitiu manter ambos os vampiros em seu campo de visão. Ela era uma única fêmea humana, desarmada, sozinha em um quarto com dois vampiros poderosos. Ela deveria estar intimidada, tremendo de medo, ajoelhar diante dele seria óbvio. Em vez disso, ela estava lá desafiadoramente, com o posicionamento para uma melhor defesa, como se ela tivesse alguma chance caso ele optasse por levá-la.

Isso o intrigava. E Raphael encontrava pouco para intrigá-lo nestes dias. Ele estudou-a mais de perto, vendo a facilidade elegante de sua figura alta e esguia. Ela usava calças pretas por cima das pernas longas, e elaboradas botas estilo ocidental com algun tipo de decoração de metal no calcanhar e dedos dos pés em ângulo pontiagudo. A blusa de seda com o tom verde de uma densa floresta acariciava os seios fartos antes de desaparecer na cintura das calças, e uma pequena jaqueta de couro macio acentuava a curva suave de seu quadril. Tudo nela falava de dinheiro. Talvez o seu negócio fosse mais lucrativo do que Raphael tinha estimado. Mas ele lembrou de Lonnie dizendo que ela vinha de uma família rica e assentiu para si mesmo. Esse senso de estilo e confiança era quase sempre criado de nascença. Seu rosto revelou muito pouco quando ela silenciosamente examinou o quarto. Não, quando ela avaliou o campo de jogo, ele pensou com um aplauso silencioso. Seu silêncio era incomum em um ser humano. Eles sempre estavam tão ansiosos para encher o ar com suas palavras sem sentido. Ela terminou sua verificação da sala e voltou seu olhar para Raphael, estudando-o, por sua vez. Um sorriso cínico levantou
um canto da boca dela, e ele sentiu o despertar de um desejo há muito adormecido quando seus olhos verdes brilharam com uma combinação de humor e irritação. Intrigante, realmente.

Cynthia encontrou os olhos negros que não pareciam ter fim do Senhor Raphael com um leve sorriso e se perguntou o que fazer a seguir. Ela estava de saco cheio de todos os dramas falsos que os vampiros pareciam gostar tanto, começando com a assustadora garagem coberta de árvores, as sombras no hall de entrada, guarda-costas robôs, e portas abrindo e fechando sozinhas. E agora ele apenas ficou lá olhando para ela, com as mãos dobradas em cima de uma mesa enorme, de costas para uma parede de janelas com vista para o oceano. Cynthia podia ver uma onda leve no vidro, que lhe disse que era mais grosso que o habitual e, sem dúvida, a prova de balas. As paredes de ambos os lados da sala estavam revestidas com prateleiras de brilhante carvalho vermelho, e uma daquelas escadas rolantes estava parada contra cada parede, dando acesso aos níveis mais altos que tinham que ser, pelo menos, 5 metros acima do piso. As prateleiras superiores estavam completamente cheias de livros de todos os tamanhos e formas, e havia vários volumes pousados ou empilhados de forma irregular, que lhe disseram que isso era uma coleção de trabalho e não meramente para mostrar. Dispersos entre os livros mais baixos estavam várias peças de arte e o que ela assumiu que eram as recordações de uma vida longa. Marcadamente ausentes por qualquer tipo de fotografia, algo que quase sempre encontramos no escritório particular de um humano, mesmo se apenas para o efeito.

Duncan estava de pé à sua direita, perto da parede opoSrta. Ela tinha se afastado para trás automaticamente, para mantê-lo à vista, embora não houvesse, provavelmente, nada que ela pudesse fazer se ele se movesse para ela. Mas pelo menos ela o veria chegando. Talvez. Juro tinha se movido tão rápido a ponto de ser invisível.

Ninguém dissera uma palavra ainda. Lonnie lhe dissera que Raphael era como a realeza, por isso talvez isto fosse uma daquelas coisas de protocolo onde ninguém poderia falar até que o monarca falasse primeiro. Imaginava os três ali por horas, cada um esperando pelo outro para falar primeiro, e sua boca contorceu-se em um meio sorriso.

Raphael sorriu de volta para ela. Ele realmente era lindo quando sorria, pensou ela. Naturalmente, no resto do tempo ele era um monstro sugador de sangue, mas então, a maior parte dos amigos banqueiros de seu pai também o eram, por isso quem era ela para julgar.

– Obrigado por ter vindo tão rápido, Srta. Leighton. – Raphael falou. – Eu espero que você não ache demasiadamente abrupto, mas a noite é curta e eu gostaria de começar. Alexandra foi seqüestrada de sua casa de hóspedes aqui na fazenda, por isso provavelmente deve começar lá. Porque eu não a levo até lá?

Isso surpreendeu Duncan, Cynthia notou. Ele reagiu visivelmente quando Raphael se levantou e caminhou em volta da mesa. – Meu senhor, – disse ele hesitante.

Raphael fez uma pausa e olhou para o tenente. – Duncan?

O vampiro loiro abriu a boca, então claramente pensou melhor no que quer que ele estava prestes a dizer. Balançou a cabeça. – Eu vou com você, – disse ele em vez do que ia dizer antes. – Vou dizer a Juro…

– Não. Você pode acompanhar-nos, é claro, mas nenhum outro. – Duncan franziu a testa, claramente infeliz. – Estou perfeitamente seguro aqui na propriedade, Duncan. Ou você acha que eu sou incapaz de me defender?

A questão parecia simples o suficiente para Cynthia, mas Duncan empalideceu, se isso era possível para um vampiro. Ele parecia chocado com a pergunta, e talvez um pouco assustado. – Não, Senhor, – ele sussurrou. – Eu nunca…

– Relaxe, Duncan. Era uma brincadeira, nada mais. Em todo caso, acho que você e eu somos mais do que suficientes para quaisquer inimigos que surjam.

– Sempre, meu senhor. Eu sou seu.

Raphael sorriu com carinho, andando mais e estendendo a mão para apertar o outro vampiro no ombro. – Eu sei, Duncan. Eu valorizo isso.

Cynthia estava relutante em interromper a festa de amor dos vampiros, mas seu tempo, pelo menos, era valioso. Ela tossiu ruidosamente, chamando a atenção dos homens. – A casa de hóspedes – ela lembrou-lhes.

– É claro – disse Raphael. – Venha. Está uma noite linda para um passeio.

Capítulo Dez

– *Uma noite bonita para um passeio, uma porra. Está fodidamente congelando aqui fora.* – murmurou Cynthia para si mesma enquanto ela tropeçava ao longo do caminho escuro sob as árvores. Ela colocara suas favoritas botas Zanotti esta tarde antes de sair para seu escritório, pois elas eram lindas e perfeitamente confortáveis para levar recados e trabalhar em sua mesa. Mas se ela tivesse sonhado que haveria caminhadas noturnas pela floresta, ela com certeza teria usado algo mais prático.

Os solos entre as duas casas eram muito mais cultivados do que a densa floresta fora dos muros. O mato havia sido esvaziado para criar um labirinto de árvores com elegantes troncos de todas as formas e tamanhos. Não havia espaço para caminhar entre eles, e não usando botas de 600 dólares com saltos de metal. Cyn suspirou. Pelo menos havia um caminho, ela pensou, mesmo que fosse totalmente escuro e pavimentado em saibro.

Além disso, o grande Raphael tinha se dignado a fornecer-lhe uma lanterna para aumentar sua escassa visão humana. Ela a ligara assim que saiu da casa. Muito para o divertimento da cadela Elke. Mas Cynthia tinha se divertido também quando Elke descobriu que ela não estava convidada para este passeio à meia-noite. Juro, ele não tinha estado muito emocionado também, mas ele era muito melhor em esconder suas emoções do que a Elke volátil. Sua raiva havia sido flagrante... e rapidamente resfriado por um único olhar de Raphael.

– Já não falta muito. – comentou Raphael. Ela saltou quando a sua voz de seda pareceu vir do nada, então suspirou com irritação quando ele apareceu entre as árvores em seu lado direito. Ela teria jurado que ele estava andando vários metros para trás com o garoto do sul, mas aqui estava ele deslizando ao lado dela com uma graça sobrenatural, seus olhos escuros salpicados do luar. Ela desviou o olhar, imaginando como alguém poderia confundi-lo com um humano. Duncan poderia ter passado com facilidade, mas Raphael era muito... alguma coisa. Muito tudo. Muito lindo, muito elegante, muito gracioso, muito predatório. Isso é o que era. Havia uma qualidade predatória que o cercava, como uma capa invisível. Isso é o que o cérebro dela tinha tentado dizer-lhe antes, gritando para ela correr, correr por sua vida! Ela se imaginou correndo pelos elegantes corredores de Raphael, gritando como uma lunática, e riu suavemente.

– Alguma coisa a diverte, Srta. Leighton?

Foi dito delicadamente o suficiente, mas desencadeou uma emoção de medo. Ela não sabia como explicar por que ela estava rindo sem parecer tola, ou talvez até mesmo insultuosa, então ela disse em vez disso, – Me chame de Cynthia. Ou Cyn. Se vamos trabalhar juntos, você não precisa usar Srta. Leighton. Ambos vamos ficar fartos disso.

– Sin[14], – Raphael repetiu, pensativo. – Escolha interessante.

– C. y. n, – ela soletrou.

– É claro – ele concordou. – Ah, aqui estamos nós.

Cynthia olhou para cima e finalmente viu a luz branca se filtrando através dos troncos das árvores. O caminho fazia uma curva acentuada à frente, enrolando em torno de um conjunto particularmente espesso de árvores frondosas antes de emergir em uma clareira rodeada por uma sebe exuberante. Ela parou, incerta de como reagir à "casa de hóspedes". Não havia nada sobre a casa de Alexandra, não o design, a cor, ou mesmo o paisagismo, que fosse remotamente semelhante à de Raphael. Era uma mansão de dois andares francesa, toda vinda do século 18, com paredes caiadas de branco e azul e telhados pontudos, janelas de sótão e escaladas de hera. Fazia-a lembrar das casas antigas que tinha visto na Europa durante a sua faculdade, embora um inferno de muito melhor mantida do que a maioria daquelas. Era até mesmo atraente, em um tipo de paisagem de velho país. Exceto por um pátio em preto e branco quadriculado ocupando a fachada inteira como uma espécie de pista de patinação no gelo bizarra. Isso não pertencia em frente a esta casa ou em frente a qualquer outra casa que pudesse vir à mente de Cynthia.

Ela piscou algumas vezes, depois deu um olhar lateral duvidoso a Raphael. Ele pegou o olhar. – Alexandra viu em uma reviSrta. Por acaso. – Ele deu um pequeno encolher de ombros.

Cynthia deixou suas sobrancelhas levantadas falar por ela e se voltou para a casa, tentando vê-la como uma cena de crime. De onde eles estavam, ela poderia dizer que havia uma entrada separada do outro lado, com uma entrada de automóveis rodando diretamente na frente dela, provavelmente para que não tivesse que usar o pátio. O que fazia sentido. Por quê estragar a perfeição do pátio de quadrados pretos e brancos com o desgaste regular de pneus. É claro, por quê fazer o pátio na frente da maldita casa em primeiro lugar? Mas hey, não era a casa

[14] Trocadilho, porque em inglês ‘Sin’ significa pecado, quando na verdade o apelido que ela disse para ele usar era ‘Cyn’.

dela, não era a decisão dela. Ela caminhou até a borda do pátio, em seguida, hesitou antes de pisar nele.

– Posso? – ela pediu formalmente.

– Claro, Cyn, – Raphael respondeu suavemente, parecendo bastante entretido pela coisa toda.

Cynthia cruzou o pátio com cuidado, muito consciente da superfície lisa sob as solas de couro de suas botas. Não havia nenhum sentido em demorar ali. Era certo que os seqüestradores não tinham entrado por ali. Se tivessem, Alexandra nunca teria sido seqüestrada. Ela teria estado muito ocupada rindo enquanto eles deslizavam em torno da escorregadia entrada de mármore. Em vez disso, Cyn foi diretamente para a porta lateral, e olhou para o terreno de concreto da garagem. – Esta estrada liga à entrada principal?

– Sim. Na verdade, este é o término da entrada principal. Foi apenas estendida para chegar até aqui quando eu construí a casa para Alexandra.

– E isso foi? – Ela realmente não precisava saber, estava apenas curiosa.

Raphael deu-lhe um olhar confuso. – Cerca de dez anos atrás, não foi, Duncan? Pouco depois que construí a nova casa principal.

– Fez dez anos certos no mês passado, Senhor, – disse Duncan, surgindo do nada, que era algo que vampiros pareciam gostar. Embora Cynthia tinha certeza que ela o tinha visto se movendo em torno do exterior. Raphael era demasiado escorregadio. Ótimo, Cyn, agora estamos no ensino médio? Ela passou pela porta e ao longo do lado da casa, principalmente para se distrair da presença perturbadora de Raphael. Árvores se fechavam em toda a volta, chegando até às paredes da própria casa na parte de trás. Ela olhou para cima sob o beiral e viu o brilho de uma câmera de segurança. Isto tinha de ter sido um trabalho interno. Havia muita segurança em torno deste lugar para alguém ter feito todo o caminho até a casa de hóspedes e de volta outra vez sem ser pego.

– Vídeo? – Perguntou ela, inclinando a cabeça para olhar para a câmera. – Têm o arquivo?

– O vídeo digital e áudio vão diretos para um servidor no porão da casa, – Duncan respondeu.

– Você tem a noite em questão?

– Certamente.

– Posso ver? – Ela perguntou, um tanto irritada com o vampiro.

– Na verdade, você pode – exclamou Raphael facilmente. – Essa é uma das razões porque estamos aqui.

– E qual é a outra razão?

– Assim você pode ver a cena do crime, é claro. É isso que vocês humanos fazem, não é, Cyn?

Cynthia suspirou. Ia ser uma longa noite. – Sim, é, Lorde Raphael – disse ela, recordando o conselho de Lonnie. – Eu não conheço nenhuma outra maneira de executar uma investigação.

– Excelente. Então, venha, Cyn. – Toda vez que ele dizia seu nome, ele separava a palavra em torno dele, como se saboreasse o seu gosto. Sin[15]. – Eu acho que as coisas serão muito mais claras depois que você tiver visto as imagens de segurança – continuou ele, tomando-lhe o braço suavemente e em direção à porta. – E me chame de Raphael. Afinal, você é humana. Não tem lealdade a mim... ainda. – acrescentou ele em voz baixa.

Cynthia se virou e olhou para ele, sem saber se ela realmente ouvira as palavras finais.

Raphael pareceu não notar, guiando-a para o lado da casa, no escuro, em seguida, abrindo a pesada porta de madeira com facilidade. Quando iam passando, viu que a porta tinha uma trava de dupla-chave, além de um interior de bloqueio de teclado. O que significava que ela estava certa em sua avaliação anterior. Quem quer que tivesse tomado esta Alexandra, por qualquer razão, tiveram pelo menos um cúmplice no interior. Um pensamento lhe ocorreu. – Que horas você disse que eram quando sua... quando Alexandra foi seqüestrada?

– Estava quase a amanhecer. Ela já estaria sentindo a pressão da madrugada. Isso teria feito a ela e a seus guardas mais lentos, menos alertas.

Duncan olhou para o seu Senhor com alarme, e Cynthia se perguntou se isso era um daqueles segredos dos vampiros que não compartilhavam. E então ocorreu-lhe se perguntar por que Raphael estava a ser tão livre com esta informação. Ela empurrou de lado esse pensamento preocupante e considerou o que ele lhe dissera. – Humanos – disse ela.

Raphael sorriu. Belo e mortal.

– Foram humanos que a levaram – repetiu ela, sem fôlego e um pouco agravada por ele não ter simplesmente lhe dito.

[15] Pecado.

– Muito bom, Cyn. É por isso que eu acredito que você, uma humana, será mais capaz de encontrá-la.

– Mas se ela ainda estava acordada, alguns dos outros vampiros deviam ter estado também. Você não a teria deixado aqui com apenas guardas humanos, especialmente não à noite.

A expressão de Raphael rapidamente se tornou mais negra que uma noite sem lua, seus olhos poços de escuridão que sugavam a luz e não devolviam nada. – Sim, eu não a deixei apenas com humanos. Mas o traidor será a minha preocupação. – Ela viu a fúria rolar para fora de sua expressão tão rapidamente, viu o brilho do luar voltar a seus olhos. – Seu trabalho – continuou ele – será pegar os fantoches humanos que, por sua vez, me levarão até seus mestres vampiros.

– Ok – ela respirou, balançando-se ligeiramente. – Vamos, uh vamos…

Ele apontou para um corredor mal iluminado. – Está tudo preparado para nós.

Capítulo Onze

A casa estava escura, com apenas uma luz fraca vinda do corredor. Havia um leve cheiro de água sanitária no ar, como uma solução de limpeza. Ela olhou para Raphael em pergunta.

— Guardas humanos patrulham a casa e as terras durante o dia. Eles foram assassinados, e seus corpos arrastados até a cozinha. Minha equipe já limpou.

Cyn acenou com a cabeça. Se isso tivesse sido uma investigação forense regular, a prova valiosa teria sido destruída por essa limpeza. Mas havia pouco de "regular" sobre este caso todo. Eles continuaram através da grande cozinha francesa provincial, e Cynthia não poderia deixar de perceber o grande freezer. Ela não queria pensar no que estava armazenado nele. Eca.

O corredor era mais brilhante do que a cozinha, embora não muito, com luzes de baixa potência embutidas ao longo do teto. Ela notou os castiçais ao longo de toda a parede e brilhou sua lanterna em um deles, curiosamente. A coisa era real. Embora as velas atualmente presas no suporte fossem frescas, ela poderia sentir o cheiro de parafina queimada. Raphael tinha ido à sua frente, mas ele veio de volta pelo corredor para ver o que ela estava olhando.

— Velas? — ela perguntou.

— Coisas de Alexandra. Ela nunca se adaptou bem a época moderna. Há luzes adicionais, é claro. — Ele fez um gesto acima. — Principalmente para os seres humanos que são funcionários. Eu esqueço que esses pobres seres humanos não têm boa visão no escuro, Cyn.

— Você sabe— ela murmurou meio para si mesma. — Nós vamos conviver muito melhor se você parar de apontar todas as minhas deficiências humanas. Tenho certeza de que todos devem ter alguma própria.

Ele deu uma risada suave. — Minhas maneiras são um pouco enferrujadas, eu receio. Eu tenho tão pouco contato direto com os humanos.

Cynthia olhou para ele desconfiada. Ele disse todas as palavras certas, mas havia sempre a pequena sugestão de um sorriso naquele rosto bonito, como se ele

estivesse jogando para seu próprio entretenimento. — Certo. Então, onde está esta configuração de segurança?

— Por aqui. — Ele continuou pelo corredor fazendo uma curva em um hall de entrada pequeno perto do que teria sido a entrada principal, se não tivesse um pátio xadrez inútil. Cyn o seguiu passando uma escada sinuosa e em direção à parte de trás da casa onde um quadrado de luz sobre o piso de madeira marcava uma porta aberta. Raphael fez uma pausa para esperar por ela para que o precedesse a descer as escadas para o porão.

Duncan já estava lá, sentado no centro de um controle de segurança muito sofisticado. Cada console estava iluminado, e quando ela olhou de monitor para monitor, viu que havia muito pouco da casa de hóspedes que não estava sob vigilância. Ela fez uma rápida pesquisa da sala, observando o que parecia ser uma porta do cofre na parede distante. Curioso.

— Bom— foi tudo o que ela disse, focando a segurança do console. — Você tem alguma redundância entre as casas? O portão principal?

— Não nesta casa. Não é um sistema de gravação ao vivo de qualquer maneira — disse Duncan. — Alexandra vivia separada. — Ele franziu ligeiramente. — Por muitas razões. Nós temos o portão principal, no entanto. Vídeo. — Seus dedos voavam sobre o teclado e ele apontou para um monitor grande pendurado na parede à sua direita. — A manhã em questão.

Cynthia foi até o monitor e viu como um furgão negro de modelo antigo era puxado até o portão. Os guardas eram humanos, observou ela. — Pausa isso. — A tela congelou. — Guardas humanos— disse ela. — Quando eu entrei os guardas eram vampiros.

— Como você notou, eles cuidadosamente cronometraram— disse Raphael logo atrás dela. Ela se virou um pouco e seus olhos voltaram para ela, seu olhar persistente o suficiente para torná-la desconfortável. —Estava perto o suficiente do nascer do sol para que meus vampiros já estivessem dispensados para o dia. Estes seres humanos — Ele parou e apontou para o monitor. — tinham estado em serviço há talvez meia hora, não mais.

— Você deve ter o vídeo da passagem de plantão. Você viu alguma coisa diferente, estranha?

— Não. A maioria dos guardas vampiros de Alexandra são os meus próprios, meus filhos.

— O que significa isso? Seus filhos? — Cynthia perguntou surpresa. — Você não quer dizer literalmente...

Raphael deu seu olhar de avaliação. — Claro que não, Cyn. Entre nós, "filho" é o termo que se refere a alguém a quem nós, pessoalmente, tenhamos trazido. Que fizemos renascer. É uma poderosa conexão entre nossa espécie e não é facilmente quebrada.

— Mas ela pode ser quebrada?

Ele franziu o cenho para ela. — Raramente. Mas, sim.

— Você se referiu a um traidor. Foi um dos seus?

— Não.

— Mas ele era um dos guardas de Alexandra?

— Sim. Eu pensei que o conhecia. Esse foi o meu erro e que eu, pessoalmente devo retificar.

Cynthia esperou que ele se explicasse. Quando ele não fez ela deu de ombros e voltou-se para o monitor. —Vá em frente, por favor— disse a Duncan.

O vídeo foi ativado novamente, mostrando o motorista da van preta tendo uma conversa com um dos guardas. O guarda estava discutindo com ele gesticulando em direção à casa, depois de volta para a papelada que o motorista estava tentando oferecer-lhe. Ela viu a mudança da van quando as portas traseiras foram abertas e quatro homens saltaram para fora, indo dois de cada lado do veículo. Ao mesmo tempo, o motorista abriu sua porta, forçando o guarda a falar com ele e distraindo os outros. Ela fez uma careta quando os invasores abriram fogo; várias AK-47[16] ceifando os guardas antes que eles pudessem pegar as suas próprias armas. Um dos homens de Raphael atrás da parede conseguiu acertar a janela da frente da van, quebrando o pára-brisa, mas em questão de segundos todos os guardas foram derrubados e o portão estava aberto.

Sem áudio, não conseguia ouvir o que foi dito, mas o motorista estava visivelmente amaldiçoando quando ele procurou atrás de seu banco e pegou um ferro de pneu[17] que ele usou para quebrar o resto do vidro, limpando o pára-brisas do veículo. Ele gritou algumas palavras e sua equipe se empilhou para dentro, antes que ele dirigisse sob o quadro da câmera e ficasse fora da viSrta.

[16] AK-47 = arma automática parecida com uma espingarda.
[17] Seria algo como uma chave de roda.

—Quando eu entrei à noite— Cyn disse — Eu vi pelo menos seis vampiros na porta em si e um número incontável em todo o terreno e na casa principal. Por que havia apenas quatro pessoas a três dias atrás? — Perguntou ela.

— Lorde Raphael está na residência esta noite. — explicou Duncan calmamente. — A segurança principal viaja com o nosso mestre, é por isso que Alexandra tem uma unidade separada. Ela prefere o conforto do ambiente familiar e raramente se desloca. Quando o nosso mestre se foi, só alguns da segurança permaneceram.

— Mas você tem câmeras no portão, alguém deve ter visto o que estava acontecendo.

Duncan concordou com a cabeça. —Mais uma vez, com Lorde Raphael ausente, o portão foi monitorado a partir daqui, na mansão. Há uma sala independente, de pequeno controle, fora, por cima da cozinha. Ela é usada pelos guardas durante o dia. —Olhou para Raphael antes de continuar. — O traidor assassinou os guardas humanos aqui na casa antes da van chegar e ficou fora da casa enquanto os outros se dispensavam para o dia. Nós nunca pensamos…

— Vamos seguir em frente? — Raphael interrompeu.

Duncan inclinou a cabeça em concordância e voltou para o teclado. O próximo pedaço de filmagem era de uma câmera de interiores e incluiu algum áudio, embora a qualidade não fosse muito boa. Pela altura das janelas, Cynthia pensou que devia estar vindo de um dos quartos do andar de cima. Uma jovem estava tocando piano, algo leve e bonito. Mozart, ela pensou. A câmera estava atrás dela, assim Cyn não podia ver seu rosto ainda. Mas tinha cabelos longos, pretos, espessos, pendurados pelas costas, e em brilhantes cachos, ela era pequena, quase de tamanho infantil. Um tamanho perfeito, Cyn pensou cinicamente. Um homem sentou-se ao lado dela, seu cabelo tão negro, mas completamente em linha reta, no ombro. Ele usava um terno escuro como os outros guarda-costas que ela viu na casa principal.

Cyn sentiu mais do que viu Raphael dar um passo por trás dela, sentiu sua respiração agitar seu cabelo quando ele sussurrou um nome: — Matias.

Cynthia olhou para ele por cima do ombro, incerta se ele pretendia que ela ouvisse, e depois afastou o olhar da dor nua em seu rosto. Ela preferiu se concentrar ligeiramente no traço asiático do rosto de Matias, se perguntando quantos anos ele tinha e de onde ele veio. Este era o vampiro que Lonnie tinha lhe falado, o suposto amante de Alexandra. O ângulo da câmera era alto, mas ela

pensou que o boato era provavelmente verdade. Os dois, Alexandra e Matias, pareciam muito relaxados juntos, como velhos amigos, ou amantes de idade.

Uma voz de homem disse algo fora da câmara e Alexandra enrijeceu. Ela se levantou e se virou, Matias estendendo a mão para ajudá-la quando ela entrou em plena vista para o primeiro tempo. Cynthia prendeu a respiração. Ela parecia tão jovem, pouco mais que uma menina, quase uma boneca em um vestido de corpo inteiro de cetim cor de pêssego. Seios pequenos aredondados em um corte baixo, e um corpete bordado que reduzia fortemente a sua cintura. Ela lembrava as bonecas de porcelana que sua avó costumava trazer-lhe da Europa. Coisas bem pequenas, para ser colocadas em uma prateleira e admiradas, mas nunca tocadas, e nunca, nunca usadas para brincar.

— Ela é só uma criança — Cyn disse, sua voz estava grave com desaprovação. — Quantos anos ela tinha quando você a transformou?

Duncan se sacudiu em seus pés, um protesto em seus lábios, mas Raphael ergueu a mão para detê-lo, seu olhar nunca deixando o rosto de Cynthia. — Eu levo em consideração, Srta. Leighton, que você é humana e, talvez, não saiba os nossos costumes. Meu povo — Ele indicou Duncan com uma ponta de sua cabeça — São muito leais a mim e não vão ser tão tolerantes. Você pode querer considerar que, no futuro se você desejar reconhecê-lo ou não, eu sou um dos apenas oito lordes vampiros neste continente. Meu poder é, francamente, além de sua compreensão. Eu espero ganhar por meus próprios esforços o respeito daqueles que me cercam, e se não respeito, ao menos a cortesia. A idade física de Alexandra não é sua preocupação, e essa questão é uma imperdoável violação da etiqueta entre o meu tipo. Independentemente de sua aparência, ela é uma adulta de várias centenas de anos. — Cynthia corou, envergonhada, irritada e apavorada. Ela havia sido atingida pela dor óbvia de Raphael, vendo Matias e chocada com a aparência jovial da garota, mas nada era desculpa. Ela era mais esperta do que isso. — Peço desculpas, lorde Raphael. Eu estava... surpresa e reagi sem pensar. — Ela ergueu o queixo, desafiando-o a recusar o seu pedido de desculpas.

Raphael a olhou, seu rosto quase inexpressivo. Cynthia se forçou a respirar.

— Duncan— disse Raphael, finalmente, os olhos escuros ainda em Cynthia. — Por favor, continue. —Então, ele deu-lhe um pequeno aceno de aceitação e apontou novamente para a tela.

Cynthia virou-se lentamente, o coração batendo forte, as pernas bambas com a adrenalina. E levou um momento para se concentrar no que estava vendo. — Quem é o ruivo? — Ela perguntou finalmente.

— Albin. — A voz de Raphael era tão fria que a fez estremecer, e ela sabia, sem perguntar que estava olhando para o traidor.

O resto da cena se desenrolava na tela enquanto observavam. Cynthia sugou de volta um suspiro de incredulidade quando viu Matias se transformar em cinza e deu um sorriso duro quando Alexandra empurrou Albin para longe e saiu da sala à frente dele. Duncan fez uma cara de nojo quando Albin fez uma pausa antes de sair do quarto e lançar um certo sorriso de desprezo em direção à câmera. — Ele sabia que as câmeras estavam lá. —comentou.

— É claro. — concordou Raphael.

O restante do vídeo era uma montagem de imagens cortadas juntas no corredor e câmeras de exterior, mostrando o resto do rapto e Albin, incluindo, obviamente, cúmplices humanos. Terminou com um tiro na extremidade traseira da van preta quando se dirigiu para fora, deixando corpos espalhados no chão junto à porta.

— Quem encontrou o corpo? — Perguntou ela, subjugada.

— Meus seguranças, quando chegaram à noite. A sala de Alexandra estava vazia, não encontrando nem Albin e Matias, o ex chefe de segurança de Alexandra imediatamente mandou uma busca na casa e nos terrenos. Seus homens relataram a notícia infeliz.

— Infeliz. — Cynthia repetiu. Ela respirou fundo para voltar para a sua insensibilidade sobre as mortes dos guardas humanos, lembrou-se da perda de sua voz quando ele falou de Matias, e disse ao invés:— A morte dos seres humanos. Você não vai chamar a polícia. O que aconteceu com eles?

Raphael estava olhando para ela, e com isso a intuição fantástica de que parecia entender o realinhamento que ela estava trabalhando, e a pergunta que ela estava realmente fazendo. —Já faz algum tempo, Cyn, que o meu povo foi reduzido à limpeza de corpos para seu sustento. Estes — ele apontou para o monitor— foram atendidos e transportados para as suas famílias, se as tivessem. Se não, eles foram cremados e espalhados ao vento, assim como é feito ao nosso próprio corpo. Suas famílias foram indenizadas, na medida que o dinheiro pode compensar a vida e as despesas com o funeral foram pagas. Eu trato bem o meu povo, Cynthia. Todos do meu povo.

Ela assentiu com a cabeça não esperando outra coisa. Ela olhou para o chão, pensando sobre o que ela viu e ouviu e em seguida ergueu a cabeça. — Albin falou com o homem sequestrador, não muito, mas algumas palavras. Ele era russo, não era?

Raphael deu-lhe mais um daqueles longos olhares de avaliação. — Era — afirmou. — Nada de substancial. Ele perguntou o status da porta, em seguida, ordenou-lhes a voltar ao veículo dizendo que ele iria trazer Alexandra. A resposta do homem foi muito baixa para distinguir.

— Posso perguntar... — Ela havia aprendido com seu erro anterior. — Por que Albin falou em Russo?

— Como muitos de nós, Albin viveu em vários países antes de vir para este. A Rússia imperial foi aquele onde ele residiu por mais tempo.

Ela queria perguntar se era por isso que Raphael também falava russo, mas não quis pressionar sua sorte.

— Tudo bem— disse ela, pensando. — Eu gostaria de ver a sala em que estavam; aquela com o piano e eu quero seguir o caminho que os levou para fora da casa. E também... — Ela suspirou, sabendo que Duncan, pelo menos, não iria querer dar o que ela estava prestes a pedir. — Eu gostaria de uma cópia de todas as imagens daquela manhã. Essa — Ela apontou para a tela em branco. — Foi editada juntando de várias câmeras. Eu quero os reais, incluindo áudio, de cada câmera que você tiver. O portão, os corredores aqui, o quarto que Alexandra foi tirada, qualquer lugar que Albin pode ter estado antes de ele aparecer no quarto.

Como previsto, a face de Duncan brilhou em recusa imediata. Levantou-se e deu ao seu mestre um olhar suplicante, mas Raphael novamente levantou a mão para silenciá-lo. — Por que você precisa e porque você não pode simplesmente vê-lo aqui? — questionou.

— Por uma coisa, eu não estou familiarizada com seu equipamento, e eu não sei se você tem o que eu preciso. Tenho programas especializados, que podem ir sobre o vídeo frame a frame, me deixando o zoom em detalhes que podem não significar nada para você, mas que podem me dizer um pouco. E eu poderia ser capaz de realçar alguns dos áudios para você. O equipamento está em meu escritório em casa, que é mais privada e mais segura do que o escritório que você visitou, assim você não precisa se preocupar com a confidencialidade. Ninguém vai ver ou ouvir exceto eu. Se eu achar um som ou imagem que poderia beneficiar com reforço além do que eu posso fazer por mim mesma, eu vou te mostrar o segmento e pedir sua permissão antes de deixar alguém trabalhar com ele. Quanto ao resto, eu não quero ofendê-lo, meu senhor, mas este lugar me assusta um pouco.

Raphael piscou, então riu. Era um som genuíno, não o latido duro de antes. — Duncan— disse ele, ainda sorrindo. — Faça uma cópia para a Srta. Leighton.

— Senhor, por favor. — Duncan estava em angústia óbvia.

— Faça a cópia, Duncan. — Raphael disse suavemente. — A senhora Leighton garantiu a sua confidencialidade e tenho certeza que ela entende as consequências negativas de me trair. — Olhando-a com um olhar que prometia um futuro muito curto para quem o traísse. — Não é, Cyn?

— Sim — ela sussurrou. — Sim, claro — ela disse mais alto. — Obrigada.

— Eu vou mostrar à Srta. Leighton o resto da casa enquanto você faz a cópia, Duncan. Nos encontre lá na frente quando terminar.

— Meu senhor. —Duncan concordou, inclinando a cabeça. Ele parecia tão deprimido que Cynthia quase sentiu pena dele.

— Vem, Cyn, — disse Raphael. — Deixe-me mostrar-lhe o resto da casa de campo de Alexandra.

Cynthia seguiu Raphael por uma escadaria ampla, ao redor do balcão e através de um conjunto de portas francesas abertas. Era o quarto do vídeo, embora fosse muito maior do que parecia. A sala do concerto era no outro extremo da sala, perto das janelas com vista para a frente da casa e do pátio xadrez.

O que provavelmente eram genuínas antiguidades Louis XVI estavam espalhadas por todo o quarto, sofás, armários e mesas com pernas de pregas e relevos esculpidos de folhas e flores. Cynthia localizou a câmera de segurança, mal visível no fundo de uma coroa de moldagem. Ela seguiu a linha de visão da câmera do outro lado da sala do piano e além, para onde Raphael estava na janela olhando fixamente para o mármore abaixo.

Cynthia observou-o em silêncio por alguns minutos, em seguida, atravessou a sala de estar ao lado dele, arrastando os dedos levemente sobre o teclado quando passou. Ele olhou ao redor. — Você toca?

— Não mais. Tive aulas durante anos, minha babá começou a me ensinar e depois mais ninguém se importou o suficiente. — Ela deu de ombros. — Eu acho que não poderia ler nem um pedaço de uma partitura agora. Eu ouvi Alexandra tocar, no entanto. Foi lindo.

— Sim. Um de seus muitos talentos adquiridos. Nascida na terra, ela trabalhou muito duro para ser uma senhora. — Ele fez um gesto ao seu redor.

— Mas você a ama.

— Sim — ele sussurrou, fechando os olhos brevemente, antes de abri-los para olhar para fora para a brilhantemente iluminada noite além da janela. — Dezesseis — disse ele, sem olhar para trás. Cynthia fez uma careta.

— Dezesseis o quê? — Ele olhou por cima do ombro.

— Você perguntou que idade Alexandra tinha quando ela foi transformada. Ela tinha dezesseis anos. Achei-a muito mais tarde, em Paris durante a Revolução. — Ele deu de ombros e voltou para a janela. — Eu matei seu senhor e fiz dela minha.

— Eu vejo. — disse Cyn, não sabendo mais o que dizer.

— Foi um longo tempo, atrás, Cyn. Um tempo diferente, uma cultura diferente. Você faria bem em lembrar isso se você for gastar tempo em torno de vampiros.

— Eu sei. Sinto muito. Eu não quis...

— Sim, você quis. — Virou-se completamente, dando-lhe um sorriso melancólico. — Mas eu te perdoo.

Cynthia corou automaticamente e Raphael riu. — Delicioso — ele disse. Ele tocou a bochecha com um dedo frio, deslizando-o sobre sua mandíbula e do pescoço para baixo, onde acariciou-o duas vezes sobre a ondulação suave de sua jugular. — Delicioso.

Cynthia engoliu, dividida entre querer que os dedos frios tocassem um pouco mais e querendo se afastar o mais longe possível. Ela olhou para ele, encontrando seus olhos. — Você vai limpar minha memória sobre hoje à noite?

Raphael puxou a mão para trás, claramente infeliz. — Você sabe muito sobre nós, não é? — Ele ficou pensativo e depois inclinou a cabeça, como se escutasse. — Duncan está à sua espera lá embaixo. Ele juntou a equipe de segurança de Alexandra e vai ficar com você enquanto você conversa com eles.

— Vou precisar de um pouco de privacidade, eles têm de ser entrevistados individualmente.

— Tudo o que você precisar Duncan vai te dar. — Ele puxou um cartão de visita branco grosso de um bolso e entregou a ela. — Se você quiser entrar em

contato comigo... por qualquer razão... você pode ligar para esse número. Espero receber atualizações regulares sobre a sua investigação e eu não tenho que lhe dizer que o tempo é essencial. Vamos prosseguir com nossas próprias investigações e se descobrirmos qualquer coisa pertinente à sua investigação, mandarei uma mensagem para você.

Cynthia compreendia uma despedida quando ouvia uma. — Eu devo ter algo para você amanhã à noite, um lugar para começar a procurar. Eu, uh... Obrigado, meu senhor.

Parecia preocupado, tendo voltado novamente para olhar pela janela, e Cynthia deu um passo em direção à porta. — A resposta é não, Cyn.

Ela olhou para ele. — Meu senhor?

Ele estava perfeitamente calmo, nem sequer olhou para ela. — As lembranças desta noite não serão apagadas. Você vai se lembrar de mim.

— Oh — ela disse nervosa. — Obrigada... — Mas ele estava perdido em seu estudo silencioso da noite.

Raphael ouviu os passos de Cynthia enquanto ela andava pela varanda e descia as escadas. O cheiro dela permanecia no quarto, não o perfume, mas algo mais leve. Xampu talvez. Algo fresco e limpo que mal se registrava, até com sua extraordinária sensação de cheiro. Seus olhos olharam para a direita quando ouviu a porta abrir e fechar ao lado, onde a calçada enrolava em torno da casa. Ele mal conseguia distinguir as duas figuras, Cyn e Duncan, quando desceram. Foi as suas sombras que ele viu, não mais eles. Um motor de arranque roncou e ele sorriu para si mesmo. Duncan tinha encomendado um carro e trazido ao redor para que ela não tivesse que voltar a pé por entre as árvores. Quando o som do motor sumiu, ele voltou para o quarto que era de Alexandra. Toda a casa tinha sido construída e decorada com ela em mente, mas foi neste quarto mais do que qualquer outro onde se sentia confortável. Ela escolheu pessoalmente cada peça de mobiliário, selecionou a cada fantasia delicada de porcelana lotando as mesas. O piano foi a glória, ele ainda podia ouvir sua risada encantada quando ela acordou para encontrá-lo instalado, já sintonizado e esperando por suas mãos elegantes. Uma das poucas vezes que ela exibiu uma genuína afeição por ele.

Ele sentou ao piano e suspirou, correndo os dedos longos, levemente, sobre as teclas. Ao contrário de Cyn, ele nunca tinha tido uma única aula. Não tinha tempo para essas coisas quando ele cresceu, sem dinheiro para pagar por isso, se tivesse... Ele desceu a tampa para baixo sobre as teclas, descansando as mãos sobre a laca preta brilhante. Mãos que eram macias e bem cuidadas, unhas feitas e lustradas. As mãos de um cavalheiro, e não as mãos de um camponês. Não mais.

Rússia moscovita, 1472

Vadim Nestor fechou a porta do celeiro antigo, deixando a barra pesada abaixada para fechá-lo para a noite. Eles tinham um problema com os lobos, ultimamente, esses malditos pareciam encontrar o seu caminho através de cada furo ou rachadura no revestimento desgastado. Ele passou uma boa quantidade de tempo, hoje, preenchendo os buracos cavados sob as paredes, consertando o que ele encontrasse. Seria bastante difícil tentar passar o inverno com apenas os dois animais saudáveis que lhes restavam, por isso eles não precisavam perder mais por causa dos malditos lobos. Ele suspirou, olhando por sobre os campos, os campos que teriam sido preparados para o final da colheita, se seus irmãos mais velhos não tivessem ido em busca de melhores terras, uma vida melhor do que nesta fazenda rígida. Vadim esperava que eles tivessem encontrado, mas ele já tinha ouvido contos de penas duras de servidão em novas terras.

— Volodya! — A voz de sua irmã mais nova entrou em todo o estaleiro duro e seco, ela correu para ele, seus longos cabelos negros soltos voando a partir do seu próprio cadarço, com as pernas pálidas piscando quando ela levantou as saias do chão empoeirado.

— Sasha, — ralhou ele, — você deve se lembrar de agir como uma dama. O que acharia Arkady se ele visse você correndo pelo quintal como uma moça espevitada?

— Pffft, eu deveria me preocupar com aquele velho? Ele fede a suínos. Eu não me importo com que o pai diz, eu vou fugir para Novgorad como nossos irmãos antes de me casar com aquela relíquia desdentada. — Ela olhou para ele, o rosto corado com o ar frio, os olhos negros de cigana, assim como os seus,

espumando com malícia. Como ele a amava, e como ele odiava a idéia de ela ir para a cama de um criador de porcos.

— Querida — disse ele, puxando-a em torno do lado do celeiro, longe da casa velha onde sem dúvida o pai estava assistindo a todos os seus movimentos. — Você não deve falar assim de onde o pai possa ouvir.

Ela se inclinou para ele, descansando a cabeça contra o meio do peito. — Eu não tenho medo dele. Além disso, você vai me proteger, não vai, Volodya? Você não vai deixar que ele me machuque novamente.

— Não. — ele sussurrou ferozmente, puxando-a em seus braços. — Não, ele não põe a mão em você nunca mais. — Ele beijou o topo de sua cabeça. — Mas temos de ser inteligentes. Esta ainda é sua fazenda, não importa que eu faça todo o trabalho. Ele poderia nos jogar tanto dentro como fora da terra, e então o que faríamos? Nós teríamos que encontrar outro lugar para morar, um lugar para trabalhar. Eu me preocupo com os nossos irmãos, eles estão pouco melhor do que os escravos que trabalham para estranhos. — Ela estremeceu em seus braços.

— Papa quer se livrar de mim. — disse ela em voz baixa. — Ele diz que o meu valor é apenas entre as minhas pernas e Arkady pagará boa prata.

A raiva ardia em seu peito até que ele pensou que ia sufocá-lo. — Eu vou matá-lo primeiro, Sasha. Você não será desperdiçada dando pirralhos para um homem velho. — Foi à vez de ela tomar o cuidado e colocar os dedos sobre os lábios.

— Sshhhh, Volodya! Não diga essas coisas. Padre Teodoro diz que Deus está ouvindo.

— Então deixe Deus nos mostrar o caminho, irmãzinha. Ou eu vou encontrar meu próprio.

Estava completamente escuro fora quando Vadim endireitou-se, tremendo no ar frio quando as peles caíram. Algo o havia despertado. Eram lobos? Eles estavam no celeiro de novo? Ele ouviu, relutante em arriscar-se fora. Os animais vinham em matilhas, bestas, sem medo do homem, especialmente um armado com nada mais do que um forcado.

Algo estava se movendo do outro lado da parede fina. Não parecendo lobos, mas mais suave, mais furtivo. Um riso feminino cantou perto de sua cabeça, e ele pulou em seu leito, olhando para a parede. Sasha? Será que ela estava fora em uma noite como esta? Correu para a porta, agarrando a túnica pesada quando ele correu, então, teve a chance de olhar toda a sala onde seus pais dormiam, onde Sasha estava em sono profundo junto a lareira.

A porta sacudiu suavemente e deixou cair a túnica, se arrastando para trás como um animal apavorado. Alguma coisa estava lá fora. Algo não natural. Sua pele tremia sobre seus ossos e sua respiração congelou nos pulmões, enquanto olhava para a lamentável madeira da trava segurando a porta fechada. Ela balançou um pouco como se algo estivesse pressionado contra ela do lado de fora. O fedor de suor preencheu suas narinas quando o seu próprio medo correu pelo peito até a barriga.

Houve mais risos, então. Barulho. Não era apenas uma mulher, mas também homens, rindo como animais zurrando na noite. Ele ouviu o mugido de uma vaca e gritou no pensamento dos pobres animais indefesos contra qualquer besta voraz estava sobre eles.

—O quê? — Voz rouca de seu pai soou da alcova. — Vadim, algo está nos animais. — Ele se sentou na cama e começou a puxar as botas, o seu lábio se curvando com nojo quando viu seu filho mais jovem agachado no chão com medo. — Qual é o problema com você, garoto? Com medo de um lobo? Eu vou te mostrar o que…

Vadim pulou e agarrou o homem velho, jogando de volta para a cama antes que ele tropeçasse na noite e isso custasse toda a sua vida. — Ouça! Ouça, Pai! Não são lobos, não desta vez. Ouça, seu idiota!

— Louco! — Seu pai rugiu, trazendo um braço de espessura em torno de Vadim e o jogando no chão.

— Você se atreve a me chamar de idiota? — Ele invadiu até a porta, pegou o forcado quando ele abriu. — Eu vou lhe mostrar.

Vadim gritou de horror quando a criatura agarrou o braço estendido do seu pai, sacudindo ele fora da casa e afundando os dentes em seu pescoço. Sangue pulverizou sobre o peito do velho, seu corpo convulsionando como um suíno no abate. Sasha gritou junto com sua mãe, sacudindo Vadim do seu próprio choque. Sua mãe correndo, deixando a segurança de sua casa para bater na criatura segurando seu marido. Sasha em seguida, agarrando-se ao braço da mãe, tentando arrastá-la de volta para casa. Vadim pulou e agarrou o forcado caído, carregando

para o quintal e esfaqueando os monstros, gritando com sua mãe, e Sasha, para voltar. Mas era tarde demais. As terríveis criaturas estavam por toda parte no quintal, jogando o corpo de seu pai entre eles, jogando com ele, como o gato de celeiro jogado com um rato morto. A forma cruel que sua mãe era envolta sobre o braço horrível do outro, suas presas enterradas em seu pescoço e fazendo barulhos obscenos enquanto a vida era drenada de seu corpo. Vadim balançou com o terror. Sasha. Onde estava sua Sasha? Um grito estridente girou totalmente em torno dele e ele gemeu de horror. Duas das criaturas estavam com ela, suas mãos rastejando sobre seu corpo, rasgando o corpete deixando nus seus seios, a boca suja sobre a carne macia. O terror nos olhos de Sasha encontrou a sua boca e ela gritou o seu nome, até não poder mais gritar.

Ele gritou, levantando o forcado e empurrando em seus atacantes, um deles gritou em agonia, quando o instrumento pontiagudo se enterrou na sua lateral. A criatura virou-se para rosnar para Vadim com dentes cheios, e empurrou o forcado descuidadamente, uma e outra vez novamente, até que foram forçados a abandonar sua irmã e lidar com ele.

— Corra Sasha! — ele gritou. Mas ela estava mole e sem vida, caída no chão, apenas para ser tomada por outro monstro que lambia o sangue de seu pescoço quebrado como o mais doce creme. Vadim caiu de joelhos, entorpecido pelo horror das perdas, à espera das criaturas para levá-lo, para rasgar sua garganta e deixá-lo participar com sua família na morte.

O riso de uma mulher cantou sobre seu ombro. Ele encolheu pelo som, assistindo com medo como a mulher mais linda que ele já tinha visto o estava circulando, seus quadris balançando sedutoramente sob o apertado vestido de uma prostituta, sua língua deslizando para fora para lamber os lábios vermelhos.

— Não— ela retrucou.

Vadim virou-se para encontrar uma das criaturas recuando, assobiando para a mulher, seus brilhantes olhos vermelhos na noite escura.

— Eu quero este — disse a mulher, a atenção de Vadim empurrando de volta para ela. — Ele é bonito. — Ela caminhou em torno dele, passando a mão delicada com o comprimento de seda preta do seu cabelo, ao longo da largura dos ombros. — E tão forte. — Ela se inclinou em seu rosto e ele quase vomitou pelo fedor de carniça de sua respiração. — Você gostaria de viver para sempre, bonito?

Vadim balançou a cabeça em negação, lutando para fugir das garras incrivelmente fortes daquelas mãos delicadas.

— Tarde demais — ela sussurrou. E então ela riu de novo, ela gritava para a noite com lábios vermelhos e abriu suas presas e afundou em sua garganta.

Ele tropeçou na pista esburacada, fraco pela fome, com sede insaciável. Sangue seco endurecido em suas roupas, seu cabelo... ergueu as mãos e olhou para a formação de crostas pretas sob as unhas. Não da terra limpa da mãe Rússia, mas de sangue. Sangue. Lobos acompanhavam no mato, lamentando-se tristemente, pelo cheiro de carne, mas confusos com o cheiro de perigo que transpirava vindo deste lamentável resquício de um ser humano.

Ele tinha apenas consciência periférica dos lobos. Tudo o que importava era a satisfação desta fome avassaladora, um desejo como se ele nunca tivesse comido antes em sua vida. Ele ouviu vozes humanas e levantou a cabeça. Um mosteiro brilhava no escuro, com velas acesas em suas janelas, o som do canto ecoava pelos campos verdes que o rodeavam. Ele piscou, de repente, confuso, não se lembrando de como ele chegou a estar em pé nessa estrada coberto de sangue, sabendo apenas que ele estava vazio, oco por dentro pela dor. Ele gritou a sua angústia para o céu da noite e os lobos se encolheram, suas barrigas pressionando até o chão com medo.

— Jesus Cristo! — Um monge correu para fora dos portões, com uma lanterna para iluminar o seu caminho. — Meu filho. — ele disse sua voz cheia de uma terrível compaixão quando viu Vadim. — Meu filho, não se desespere, Deus está com você. Ele está com todos nós. — O monge circulou os braços fortes, ignorando o mau cheiro de sangue em torno dele. — Venha, — disse ele. — Vem para dentro. Nós vamos encontrar um caminho. Deus vai nos ajudar. — Ele colocou o braço de Vadim sob seu ombro robusto e puxou-lhe os pés. — Um caminho curto, meu filho. Um pouco mais de socorro de Deus.

Seu progresso foi lento, mas constante, abaixo do caminho de terra e ao dar a volta através das portas do mosteiro. Vadim olhou para cima e viu a capela com a sua cruz e a acolhedora luz, caindo mais uma vez de joelhos. Foi um grito desesperado, cheio de dor e tristeza.

— Que terrível destino tem sido visitado por você, meu irmão, que a visão da casa de Deus reduz você a esse estado. — O monge levantou Vadim, mais

uma vez aos seus pés, orientando-o para o quarto de hóspede, onde os viajantes rebeldes eram atendidos, apoiando-o quando ele caiu para a cama pequena, então puxando o cobertor áspero de tecido sobre ele. — Descanse. — disse o monge. — Eu tenho água e bandagens. E um pouco de comida quando você tiver recuperado o suficiente. — Ele se movimentava em torno do quarto, precipitando-se para fora para buscar água, em seguida, voltando ao leito onde se estabeleceu atendendo as muitas feridas horríveis de Vadim.

— É um milagre que você vive meu filho. Milagre de Deus. Certamente ele tem um propósito especial em mente para você para ter te guardado e o enviado para nós. — Os olhos de Vadim abriram quando o monge começou a banhar seu rosto, sua língua lambendo-se quase sem vontade de provar a pele do braço do outro homem. — Qual é o seu nome, meu filho? — o monge continuou falando. — como devemos chamá-lo?

Vadim fitou o monge com olhos vazios de tudo, só luto. — Não importa— disse o monge. — Eu vou chamá-lo Raphael. Significa "salvo por Deus" e certamente você foi salvo por Ele para um grande propósito. Você gostou do nome? — O monge caiu o pano de sangue na bacia, então pesquisou as roupas de Vadim, o pouco que sobrou delas. — Temo que sua roupa esteja arruinada, Raphael. Mas vou buscar-lhe uma dos irmãos. Nós não temos nenhum tão alto como você, mas será suficiente por agora. Nós vamos fazer um bom roupão para você rapidinho. — Ele bateu no braço. — Espere aqui e não tenha medo. Você está com a gente agora, Raphael. Você está seguro. Estarei de volta em breve com alimentos e roupas. Descanse agora.

Vadim se esticou até sua altura máxima e olhou ao redor da sala sangrenta. Seu salvador tinha sido o primeiro a cair, mas os outros sucumbiram facilmente. Santos homens, aprenderam com homens, vivendo com o livro, crescer com suas orações e meditações, não é páreo para a sede de sangue de um recém-ressuscitado, especialmente talentoso com o tamanho e a força de um agricultor Moscovita.

Lambeu os lábios, a fome já começava a roer-lhe de novo. Será que ela nunca teria um fim? Será que nenhuma quantidade iria saciar essa sede de sangue? Ele sentiu a força da sua amante, longe e ao oeste, mas a afastou com bastante

facilidade. Ela não estava chamando. Se ele sobrevivesse, se ele crescesse em força, ela poderia um dia chamá-lo a seu lado, e para a sua cama. Mas por ora, ele estava sozinho. Ele avistou o cadáver macabro do monge que o tinha encontrado e sentiu uma tristeza momentânea. O homem tentou ajudá-lo, e no final o havia ajudado na única maneira que podia. Seu sangue tinha sido rico e abundante. Ainda assim, a morte parecia uma pobre recompensa por seus esforços. Vadim olhou para o corpo do monge. Vadim? Não, pensou ele. Não mais. Vadim Nestor morreu com sua família.

Qual era o nome que o monge tinha dado a ele? Raphael. Salvo por Deus.

Uma pequena homenagem a seu salvador. Sentiu o sol no horizonte como um vento quente no rosto e se dirigiu por uma escada à adega, onde era fresco e escuro. Quando ele caiu no nada, sussurrou seu nome novo. Raphael.

Capítulo Doze

— Senhor?

Raphael piscou ao som da voz de Duncan, com os olhos desfocados, perdido no passado. Ele se levantou do banco do piano. Era desconfortável, muito curto e estreito para a sua grande estatura. Empurrando, ele se virou para o lugar onde estava seu tenente.

— Está tudo resolvido com a Senhora Leighton?

— Sim, meu senhor. Eu coloquei ela na sala de conferências do pessoal sob as garagens e instruí os guardas para responder suas perguntas. Eles estavam relutantes, mas vão fazer como o senhor mandou.

— Claro que sim. Você deveria ficar com ela, Duncan. Ela está inquieta com a gente ainda, mas ela vai aprender.

— Mestre. — Duncan fez uma pausa, mas Raphael entendeu, sorrindo carinhosamente para seu assessor leal.

— Fique tranqüilo, Duncan. Ela serve para os nossos objetivos, por agora.

— Claro, senhor, eu não iria…

Raphael riu. — Você iria, Duncan, é por isso que eu te valorizo. Venha, há poucas horas desta noite e muito a fazer.

Capítulo Treze

Cynthia piscou como uma coruja quando subiu as escadas do porão e abriu a porta para o vestíbulo estreito. Depois de muitas horas de permanência na controlada caverna sem janelas abaixo da propriedade de Raphael, até a luz pálida da pequena janela do corredor parecia forte e brilhante. Ela esperava que a casa do vampiro tivesse uma caverna ampla, mas esta era muito mais. Um nível todo subterrâneo, tão elegantemente acabado, como a própria casa, com segurança e centro de comunicações rivalizando com a CNN. Ela passou por várias salas de conferências, centro de entretenimento, e claro, cozinhas esportivas com grandes geladeiras e pouco mais. E havia uma ala inteira trancada atrás da pesada porta com estilo de cofre que guardava os suspeitos quartos privados para os vampiros dormirem durante o dia.

Duncan a tinha deixado em uma sala de conferências bem equipada, oferecendo-lhe comida e bebida antes de entregar uma lista de funcionários competentes e respectivas funções. Ela começou com os vampiros, entrevistando todos da equipe de segurança de Alexandra, aqueles em serviço na noite do rapto, e todos os outros também. E nenhum deles tinha nada para lhe dizer.

Os vampiros tinham pouco a dizer, eles tinham estado mortos para o mundo, literalmente. Tendo assistido o vídeo de vigilância, ela provavelmente sabia mais sobre o que aconteceu do que eles. A única coisa que passava alto e claro vindo deles era uma lealdade absoluta e obediência a Raphael, e uma completa falta de vontade para falar sobre nada além da sua investigação imediata. De fato, ela tinha que usar Duncan para fazê-los revelar seus respectivos nomes, pelo amor de Deus. Era isso ou listar os indivíduos que ela entrevistou por descrição - vampiro do sexo masculino, loiro, olhos azuis, cicatriz na bochecha; vampira do sexo feminino, cabelo e olhos marrons, sinal no nariz. E por aí.

Cada um deles, macho ou fêmea, a faziam se sentir como o jantar servido. Duncan permaneceu com ela durante a maior parte, mantendo os vampiros em seu melhor comportamento. Dois deles chegaram ao ponto de farejá-la, aproveitando a momentânea ausência de Duncan, na verdade, curvaram-se para lamber seu pescoço, mas foi mais para dar efeito do que qualquer outra coisa... pensou. O que a lembrou... ela se cheirou discretamente. Ela queria um chuveiro.

Ela abriu a porta reforçada em frente a ela, não exatamente certa de onde levava, à exceção de que seria para fora. A manhã estava enevoada, o sol a subir sombreado pela construção atrás dela. Ainda assim, à pouca luz solar em seu rosto soube maravilhosamente que não havia mais vampiros à espreita. Ela olhou ao redor e descobriu que tinha saído muito próxima às garagens... e ali estava o seu Range Rover estacionado a menos de vinte metros de distância. Sentindo-se em uma corrida quase vertiginosa, ela correu ao redor do capô, abriu a porta do condutor e espiou para dentro. Não só estavam as chaves na ignição, como também a sua Glock 17[18] repousava sobre o assento do passageiro. Os deuses, aparentemente, sorriam aos investigadores privados tolos que ajudavan vampiros.

Um som suave a alertou de que havia alguém se arrastando em sua direção e ela se virou para encontrar um guarda humano de Raphael vindo em sua direção a partir da casa principal. Enquanto ele se aproximava, ele sorriu.

— Senhora Leighton. — disse ele, segurando sua mão. — Steve Sipes, Chefe da Segurança Diurna do Senhor Raphael.

Cyn apertou as mãos, olhando os discos de computador que ele estava segurando. — Isso é para mim?

— Sim, senhora. De Duncan. Ele disse para lembrá-la que não é para ser compartilhada com a polícia, a revista People, ou qualquer outra pessoa.

— Duncan precisa arranjar uma vida. — Disse ela amargamente quando aceitou os discos. — Eu não dou minha palavra se estiver de ânimo leve.

— Hey, essas não são minhas palavras. Eu sou apenas o mensageiro.

Cyn olhou para o relógio. Ela precisava pelo menos dormir um pouco hoje, se não ela não ia ser de nenhuma utilidade para ninguém. — Segurança diurna, hein? Então, se eu quisesse falar com os guardas humanos daquele dia, você seria o cara com quem eu tinha que conversar?

— Todo mundo de plantão naquele dia foi morto.

Cyn olhou para ele com surpresa. — Todo mundo? — Ela tinha visto o vídeo, é claro, mas nunca lhe ocorreu que ninguém mais estava por perto. Embora, fizesse sentido. Caso contrário, o tiroteio teria atraído mais resposta da casa principal.

— Sim, senhora. — ele disse severamente. — Nós fazemos um turno leve durante o dia, especialmente quando o mestre está fora da cidade.

[18] Arma 9mm

— E... não sei, operários e essas coisas?

— Ninguém passa o portão durante o dia. As entregas estão programadas para a noite, para qualquer trabalho que precise ser feito.

— É por isso que seus guardas estavam discutindo com o motorista.

— Sim, senhora. Os guardas sabiam o seu trabalho e pagaram por isso com suas vidas. Todos na propriedade foram colocados em alerta logo que os corpos foram descobertos e estamos trancados desde então.

— Não trouxeram reforços?

— Não é necessário. Trabalhamos três dias, turnos de doze horas. Há pelo menos duas rotações integrais na propriedade em todos os momentos.

— Eu vejo. — Cyn mordeu um pouco o interior de seu lábio, pensativa. — Por quê matar todo mundo assim? — Ele parecia entender que ela não esperava uma resposta, e ela disse: — Diga-me uma coisa. — Ele assentiu. — Por que não há redundância na segurança entre as casas? É uma coisa simples e poderia ter feito uma grande diferença naquele dia.

— Você está certa e eu briguei por isso desde o início. Mas a senhora... — Ele fez uma careta. — Ela gosta de sua privacidade. Não queria sequer considerar essa possibilidade.

— Qual é o negócio com ela e Raphael, afinal? — Cyn perguntou casualmente. — Se alguém acha que ela é importante o suficiente para usar como chantagem, seria útil saber o por quê.

O rosto de Steve fechou imediatamente, a sua expressão amigável desaparecendo. — Este é um bom trabalho, senhora Leighton. Paga bem, trata bem a todos. Pretendo mantê-lo por um longo tempo. Você quer informação, você deve perguntar a Duncan.

— Certo, me desculpe. Eu não queria me intrometer. Eu agradeço a ajuda.

Ele balançou a cabeça rapidamente. — Está pronta para ir?

— Mais do que pronta — ela concordou, de repente querendo nada mais do que um chuveiro e os lençóis frescos em sua própria cama.

— Vou ligar para o portão.

— Obrigada. Vejo você por aí, eu acho.

O olhar que Steve deu a ela sugeriu que ele não estava entusiasmado com a perspectiva, mas ele foi honesto sobre a chamada para o portão. O guarda olhou-a com cuidado, mas permitiu que o pesado portão fosse aberto, passando-a sem incidentes. Em pouco tempo, ela estava em alta velocidade, a caminho de seu próprio condomínio em frente à praia e esperando que fosse verdade que os vampiros não podiam entrar numa casa sem serem convidados.

Capítulo Quatorze

Ela sonhava com olhos escuros e dedos gelados que não paravam em seu pescoço, mas se arrastavam lentamente sobre os ossos dos ombros, deslizando para baixo do corpo até à plenitude de seu seio em uma das mãos largas. A mão apertava suavemente, apertando o mamilo entre o polegar e o indicador, até doer um pouco, flertando com uma necessidade que a fez gemer. Um impulso de puro desejo pulsava entre as suas pernas a deixando molhada e querendo.

Cynthia acordou com falta de ar e dores no corpo pelo desejo, e seu coração batendo confuso. Deus, ela nunca tinha sentido nada parecido antes. E por que diabos ela sonhou com Raphael? Foi isso que ele quis dizer quando afirmou que ela se lembraria dele? Suas mãos deslizaram sobre o corpo nu, cobrindo os seios e brincando com os polegares nos mamilos ainda sensíveis da atenção de seu amante no sonho. Deslizou uma mão, mergulhando na umidade entre as próprias pernas, esfregando devagar enquanto gemia com a frustração, sondou com dois dedos até que eles deslizaram para dentro, em seguida para fora, deslizando dentro e fora, fodendo-se até que ela deu um grito que estava metade entre o orgasmo e metade entre a decepção. Ela estava ali, estremecendo com prazer e querendo mais, querendo o comprimento duro, sólido de um pênis, o peso de um homem a pressionando para dentro do sensual abraço de seus caros lençóis.

Cynthia riu, deixando os dedos passar uma última vez sobre seu clitóris pulsando em uma sacudida de prazer. Sentou-se e deixou cair o lençol, expondo os seios nus e resfriados do suor.

Ela sabia que ainda era dia, apesar da escuridão imposta pelas cortinas sobre suas janelas. Ela se levantou e se espreguiçou, seu corpo ainda formigando com o resto de seu sonho. Era por isso que as mulheres se ofereciam para ser alimento para os vampiros? Porque era tão malditamente bom? Ela se aproximou e abriu a primeira camada de cortinas, deixando a luz entrar na sala antes de olhar para o relógio. Nem mesmo onze ainda, ela tinha tido talvez quatro horas de sono. Seu olhar caiu sobre os discos de computador que estavam ao lado de suas chaves. Merda.

Ela puxou o resto das cortinas deixando-as abertas. A luz do sol inundou e ela abriu a porta de vidro deslizante para o cheiro inconfundível do mar. Seu condomínio de três andares, continha muito mais espaço do que ela precisava, mas ela amava a localização na areia, duas milhas a oeste do centro de Malibu. O piso principal era o seu espaço privado, com um grande quarto e banheiro, incluindo uma banheira de hidromassagem de tamanho grande e um grande chuveiro suficiente para quatro pessoas compartilharem.

Não que ela já tivesse tido quatro pessoas lá dentro. Duas pessoas, uma delas do sexo masculino, era o ideal para ela. A suite principal incluía uma espaçosa sala de estar com lareira e pegava quase dois terços do piso superior.

A única outra sala deste piso era o seu escritório de casa, com uma central de entretenimento onde ela tinha a mais recente inovação em computador e tecnologia de áudio / vídeo, um verdadeiro sonho para um nerd. Ela teve a fiação inicial instalada por um profissional, mas desde então ela praticamente manteve o equipamento atualizado por conta própria, instalando atualizações, quando saíam, comprando as maiores inovações. O quarto estava protegido com uma trava de segurança dupla com cilindros cimentados e uma placa reforçada em uma porta de madeira sólida de quatro polegadas. A maioria das informações de clientes era mantida aqui em casa, por isso havia a questão da confidencialidade. Mas ela também não gostava que ninguém soubesse o que se passava em seu santuário interno.

Abaixo da suite principal, no segundo andar, estava sua cozinha em um piso plano e que dava para uma sala de família e lareira própria, e em seguida, dois quartos pequenos, um dos quais tinha seu próprio banheiro. O andar térreo era principalmente dedicado ao estacionamento, a garagem poderia acomodar dois veículos em tamanho real. Havia também um estacionamento descoberto para os clientes em um espaço do outro lado da calçada, e raramente era usado. Atrás da garagem estava uma sala que dava para a praia, a porta de correr abria diretamente na areia. Havia também um pequeno bar e um pequeno banheiro. Cyn sabia que pelo menos um de seus vizinhos alugava seu quarto de praia como um estúdio para outras pessoas, o que era claramente contra as regras da associação, mas Cyn certamente não ia reclamar e mais ninguém o tinha feito também.

Louca para começar no caso de Raphael, ela caminhou até seu armário, uma pequena sala à direita, e colocou uma roupa íntima casual, calças e uma camiseta. Em seguida, agarrando os discos, dirigiu-se para seu escritório.

Ela analisou o vídeo da portaria primeiro. Não havia nenhum som, mas era óbvio o que tinha acontecido, com ou sem som. Os seqüestradores tinham claramente contado que os guardas humanos estivessem ocupados com a rotina da manhã, preocupados com a mudança de turno. O motorista apareceu em uma van pequena típica de uma empresa, reivindicando a entrega de alguma coisa, puxando a atenção dos guardas da portaria para a discussão antes de seus amigos saírem atirando. Isso nunca teria resultado com os vampiros e os seus sentidos aguçados, e para além disso eles se moviam muito condenadamente rápido para serem atingidos assim tão facilmente. Mas os humanos caíram nessa, mortos antes que eles soubessem o que estava acontecendo. Adicione o fato de que Raphael estava fora da cidade, o que significava que a segurança era muito mais leve do que o habitual, e independentemente do quanto ele alegava que Alexandra era seu tesouro, seus seguranças de primeira linha pareciam viajar todos com ele. Os seqüestradores sabiam de tudo isso, claro, o traidor os tinha informado.

Mas tudo se resumia à mesma questão. Por quê Alexandra? Por que ela era tão importante para ele? Cyn lembrou o olhar no seu rosto quando ele falou da sua última noite. Era quase como se o machucasse pensar sobre ela, como se ele se sentisse... culpado. Era isso. Sentia-se culpado de alguma forma sobre Alexandra. Ela era uma ex-amante, talvez? Ela tentou se lembrar das palavras que ele usou: — Eu matei seu senhor e fiz dela minha. — Então, ele a tinha resgatado de seu senhor, obcecado em tê-la para si. Mas nem a obsessão poderia durar para sempre, e a imortalidade provavelmente poderia transformar o amor no ódio, após algumas décadas. Mas Alexandra ainda precisava da proteção de Raphael e ele se sentia responsável. Então, ele deu a ela o que ela sempre quis, a vida de uma senhora francesa.

Um som agudo soou nos fones de Cyn, a trazendo de volta à realidade. — Boa imaginação, Cyn — disse ela em voz alta. — É melhor cortar esses romances. — Mas ela não conseguia afastar a sensação de que alguma parte disto era verdade. Ela se mudou para o arquivo seguinte, decidida a deixar a teoria fantasiosa para trás e ficar com os fatos. Independentemente da sua relação, quem levou Alexandra claramente planejou usá-la como chantagem contra Raphael, mas Cyn não podia ver o porquê do trabalho. Mesmo com Alexandra finalmente raptada, Raphael já sabia, pelo menos, alguns dos envolvidos, e o lorde vampiro não parecia do tipo que perdoava. Assim, quem quer que os sequestradores fossem, ou eram inacreditavelmente estúpidos ou tinham outra coisa em mente. Dado que o seqüestro parecia indicar pelo menos um nível mínimo de inteligência e planejamento, ela descartou a estupidez. A armadilha, então. Deixando Raphael procurar a sua amada Alexandra, achando que ele a tinha encontrado e depois

matá-lo quando ele aparecesse para resgatá-la. Novamente, tudo o que tinha visto do lorde vampiro pareceu excluir a possibilidade de ele cair em tal artifício. E por que não simplesmente matar Alexandra definitivamente? Muito mais fácil que todos ao redor, e ela realmente não tinha que estar viva para uma armadilha. Ela teria que perguntar a alguém. Não a Raphael, isso seria demasiado grosso e direto até mesmo para Cyn. Mas talvez a Duncan.

Em qualquer caso, quem tinha tido a arrogância de planejar um movimento contra um vampiro poderoso como Raphael, de invadir sua propriedade privada e arrebatar a sua favorita... ou o que infernos ela fosse. E por que Cyn estava tão obcecada com isso, afinal? Ela lembrou-se daquele sonho incrivelmente erótico e sacudiu a cabeça. Estúpido. Era sempre uma má notícia ficar envolvida com um cliente, mas quando o cliente era um vampiro... Bem, isso era muito além de más notícias. Foco, Cyn. Basta fazer o seu trabalho.

Ela passou por todos os vídeos rapidamente, não vendo nada que ela não esperava e encontrando-se impressionada com o nível de segurança de Raphael. A única parte da falsa mansão francesa que não estava nem parcialmente vigiada com imagem e som era o porão, com o seu ninho de eletrônica e cofre de banco inexplicável que, tendo visto a casa principal, ela agora tinha certeza que escondia alojamentos para os vampiros. Ela balançou a cabeça impacientemente e mudou-se para os dois ângulos de maior interesse para ela, colocando auscutadores para melhorar o áudio fraco. Um deles era a sala de piano, com as imagens de Alexandra e dos dois vampiros, mas a outra era a porta ao lado da cozinha, a saída que os sequestradores haviam usado, o local onde tinham estacionado seu veículo, enquanto se infiltravam na casa.

Ela voltou à sala do piano e viu com espanto renovado como Matias foi transformado em cinza diante dos seus olhos. Ela tinha meio que pensado que Duncan iria apagar aquela imagem em particular. Os quinze segundos de vídeo podiam fazer-lhe uma pequena fortuna... se ela fosse estúpida o suficiente para trair um vampiro. Mas, o que as redes de televisão pagariam por imagens de um vampiro realmente desaparecendo em cinzas?!

Luz vinda do corredor iluminou seu monitor, branqueando a imagem do vídeo e deixando-a cega enquanto ela girava na sala escura, mas não antes que ela apertasse o botão para apagar a tela.

Especialista em manter a calma, ela tirou o fone de ouvido e olhou para a irmã, que estava na porta aberta. — Holly, — disse ela lentamente. — Eu pedi para

não me interromper quando eu estou trabalhando aqui. É uma questão da privacidade de meus clientes. — Ela caminhou até a porta e manobrou sua irmã para o corredor. — Só me dê um momento para fechar os meus arquivos e eu vou encontrá-la lá embaixo. — Ela não esperou por uma resposta, mas voltou para dentro e fechou a porta.

Holly começou imediatamente a bater rapidamente na porta chamando seu nome. Cyn ignorou o tempo suficiente para atravessar o computador e fechar o arquivo de vídeo, em seguida, deixou a porta aberta novamente.

— Jesus, Holly! Eu estou trabalhando. O que poderia ser tão importante?

— O que há de errado com você? Eu bati antes de abrir a porta do precioso escritório. Não é minha culpa se você não me ouviu.

— Eu estava trabalhando, — repetiu. — eu não deixo ninguém entrar aqui. Por nenhuma razão.

— Você deixa seu namorado Nick vir aqui em cima! Ah, me desculpe. Ele não é seu namorado, você está apenas o fodendo.

— Meu Deus, Holly. — disse ela, irritada além da civilidade da família. — Poderia ser mais grossa? O que você quer afinal? — Cyn decidiu que ela estava com fome e fez um gesto claramente em direção às escadas. Holly bufou de desgosto, mas pisou até a cozinha. Cyn seguiu e abriu o freezer procurando algo para comer.

Sua empregada, Anna, deixara vários muffins para ela. Gigantes, caseiros, encharcados com manteiga, cada um deles contendo pelo menos 1500 calorias. Anna era uma boa senhora redonda que se preocupava com o status de solteira de Cyn e estava convencida que era porque ela era muito magra para atrair um homem. Quem queria uma mulher magra demais para procriar filhos? Ela continuou tratando de engordá-la, esperando colocar alguns quilos em Cyn e, portanto, aumentar suas chances. Cynthia olhou os muffins com fome. Se ela corresse depois, poderia comer um bolinho agora. Mas se ela corresse mais tarde, ela nunca teria tempo para passar por todos os vídeos da propriedade de Raphael e ela realmente queria avançar neste caso. Além disso havia um par de outras coisas penduradas que ela podia ignorar por hoje, limpando o calendário para se concentrar no rapto de Alexandra. Ela suspirou e estendeu a mão para um simples muffin inglês em vez dos outros.

— Você está me ouvindo?

Cyn piscou para sua irmã. — Desculpe. Problemas no trabalho. O que você estava dizendo?

— Eu disse que se você trabalhasse em um trabalho normal com o horário normal, você não seria tão estranha. Você é anti-social, Cyndi. Não é saudável.

— Eu gosto do meu trabalho. — Olhou para cima. — E eu não gosto da maioria das pessoas, por isso funciona bem para mim.

— Oh,certo —disse Holly.

— Mas você gosta de andar em torno dos ímpios sanguessugas e quem sabe que outras abominações. Chuck diz que você está condenando a si mesma, Cynthia. Ele diz que os vampiros são uma perversão da natureza, profanas criaturas que pertencem ao inferno.

— Hmm. Deixe-me pensar... Não, não me importo. Então você está namorando Chuck novamente? Eu me lembro de você dizer que ele te lembrava do menino da massa Pillsbury[19].

— A aparência não é uma das qualidades mais importantes em um homem, Cyndi. — Holly disse afetadamente.

— Sim, certo, o talão de cheques é que é. Não vem dar uma de santa sobre mim irmã mais nova. Seu interesse em Chuck tem mais a ver com o dinheiro do seu pai do que qualquer uma das mais finas qualidades do Chuck.

— Diz a garota com o exorbitante fundo de poupança.

— Você tem dinheiro de sobra, Holly. — Cyn disse suavemente. Este era um argumento antigo entre ela e Cyn. Como única filha do pai dela, Cyn foi a única beneficiária do fundo de seus avós, uma pequena fortuna que se tornara dela em seu aniversário de 21 anos.

— Certo.

Cynthia deu de ombros, enquanto colocava um toque picante de manteiga em seu muffin e mudava de tema. — Então o que é que você queria?

[19] http://www.layoutsparks.com/1/125830/pillsbury-dough-boy.html

— Eles estão acabando na minha casa, mas eu preciso de uma carona para o meu carro. Deixei-o na casa de um amigo no Palisades — disse Holly, deliberadamente casual. — Chuck me trouxe para casa na noite passada.

Cynthia riu. — Muito álcool, Hol?

— Eu não estava bêbada — Holly se opôs. — Alguma coisa no jantar me deixou mal disposta e Chuck gentilmente se ofereceu para me levar para casa. Isso é tudo que aconteceu.

Cyn estudou o rosto vermelho de Holly e o jeito que ela evitou olhar para ela.

— Você trouxe Chuck aqui de novo na noite passada? Quanto tempo ele esteve aqui?

— Realmente, Cyndi, não enche…

— Sinto muito, Holly. Eu sei que você acha que isso é razoável, mas não estou muito confortável com estranhos estando na minha casa quando eu não estou aqui. Além disso, diga o que quiser sobre Nick, pelo menos ele não sai correndo assim que conseguiu gozar.

— E você me chama de grossa. Você fala como um motorista de caminhão.

Cynthia riu e colocou o último pedaço de seu bolo na boca. — Ou um policial. — Ela olhou para o relógio de parede. — Olha, se você quer uma carona, vamos logo. Eu posso ir para o meu escritório em Santa Mônica e cuidar de algumas coisas enquanto eu estou lá. E escute, se você quiser ajuda para embalar suas coisas, podemos colocá-las todas no Range Rover, te salva a viagem de volta.

— Tudo bem. Eu não quero me intrometer com você por mais tempo.

Cynthia tinha certeza que Holly disse seu último comentário como forma de fazê-la sentir-se culpada, mas não ia se desculpar, não desta vez. Este caso de seqüestro ia ficar complicado e ela precisava que sua irmã intrometida tivesse ido. — Ótimo. Eu vou tomar uma ducha rápida.

Capítulo Quinze

Até o momento que Cyn voltou para o condomínio, várias horas se passaram e o sol estava bem abaixo do seu apogeu. Ela parou na garagem, deixando a porta aberta, como de costume. Havia uma pesada porta entre a garagem e o condomínio em si, e quando ela passou, ela se certificou de que estava totalmente fechada e a fechadura eletromagnética ligada. Então ela fez uma nota mental para reprogramar o acesso. Se Holly estava saindo com Chuck o menino da massa de novo, ela não podia confiar. Chuck tinha algumas idéias muito estranhas e Cynthia não comprou a desculpa da irmã para entrar em seu escritório esta manhã. Cyn fazia muitos trabalhos para pessoas de alto perfil. E, embora ela nunca consideraria a venda de qualquer uma das fotografias ou outras informações que adquiriu ao longo desse trabalho, ela não tinha ilusões sobre Holly sofrendo um constrangimento semelhante. Especialmente se isso a trouxesse para mais perto do altar, de Chuck e do dinheiro do papai dele.

Como sua irmã se foi, a serenidade parecia pairar sobre casa de Cyn. Ela e Holly não se davam muito bem, mas era mais um choque de personalidades entre elas do que qualquer outra coisa. Holly era compulsivamente limpa e não era uma má hóspede, ou algo assim. Bem, exceto para bisbilhotar, é claro. Ainda assim, quando Cyn passou pelo condomínio, afastando cortinas e abrindo janelas, ela sentiu um peso enorme se elevar de seu espírito. Sua casa era sua outra vez.

Movendo-se pacificamente, ela tirou a blusa de seda e calças que ela vestiu para a sua viagem à cidade, começou por tirar seus saltos elegantes, vestiu uma camiseta com jeans confortável e fez seu caminho com os pés descalços para seu escritório e para o trabalho que tinha sido forçada a abandonar mais cedo. Ela manteve as persianas abaixadas nesta sala, ela preferia uma luz baixa quando se trabalha com vários aparelhos eletrônicos. Mas agora que ela estava sozinha no apartamento, ela deixou a porta do escritório aberta. O ar fresco entrava do corredor, agitando os papéis sobre sua mesa e lembrando-lhe que havia um mundo fora dos limites sombrios de seu espaço de trabalho.

O vídeo, quando ela iniciou, ainda estava com pistas para a sala de piano e a morte prematura de Matias. Ela assistiu à cena mais uma vez em câmara lenta. Algo a incomodava sobre o homem na porta, algo inconsistente, ela não conseguia descobrir o quê. O ângulo da câmera de segurança não era o ideal, mas se focava no

centro do quarto, numa posição perfeita para capturar Alexandra em seu piano, que era provavelmente o motivo para sua colocação. Mas isso deixava a porta em um ângulo oblíquo, o que a manteve adivinhando. Franzindo a testa, ela folheou os arquivos do computador que Duncan tinha fornecido. Deve haver pelo menos uma câmera, se não mais, no corredor fora da sala de música. Ela procurou pelo filme certo, então jurou sua frustração e tentou outra vez. Ela finalmente conseguiu na terceira tentativa, apressando-se através da filmagem até que ela descobriu o que estava procurando. Lá, dois homens em pé na porta. O que ela reconheceu como o motorista estava falando com alguém dentro do quarto, presumivelmente, o traidor Albin. Os outros permaneceram em silêncio. Dois homens. Mas havia cinco homens na van na porta, o motorista e quatro pistoleiros. Então, onde estavam os outros três homens?

Cyn digitalizou os arquivos novamente, puxando para cima o vídeo da entrada da cozinha. Um dos raptores podia ser visto arrastando os corpos de dois guardas humanos para a cozinha, em seguida, os restantes ficaram de guarda com a van preta. Ela continuou assistindo até que surgiu Albin pela porta lateral, Alexandra ao lado dele antes que ele a empurrasse para dentro da van. Cynthia franziu a testa novamente. Albin entrou no compartimento de carga após Alexandra, e o motorista deslizou para a porta do painel fechado e entrou apressado na frente do veículo. Os outros dois homens, aqueles que tinham estado no interior com o condutor, e um guarda permanente de fora empilhados pela porta do passageiro, e com todos os três deles no compartimento do motorista, a van decolou. O coração batendo loucamente, ela congelou a imagem e recostou-se em sua cadeira.

Os dois vampiros estavam na parte de trás da van, três dos sequestradores na frente. Talvez os outros dois pistoleiros estavam esperando na parte de trás da van, mas por que diabos estariam eles fazendo isso? Por que não ir para a casa para a extração? Claro que, supostamente Albin tinha tudo pronto, mas várias coisas poderiam ter dado errado. Por que não ter o músculo extra ali, apenas no caso...? O que significava que havia dois homens desaparecidos. Certo. Okay. Ela suspirou. Isso ia ser muito chato.

Cinco horas mais tarde, o sol estava baixo, o vento soprando através das janelas tinha decidido fazer frio, e Cynthia teve uma rápida transmissão através das 24 horas de cada câmera que Duncan tinha fornecido. Ela se levantou e esticou os músculos refrigerados, em seguida, entrou em seu quarto e fechou a porta para o convés, observando enquanto o sol mergulhava abaixo do horizonte em uma glória de cor. Quando ele desapareceu, ela discou o número do cartão elegante que Raphael tinha fornecido. O correio de voz atendeu com uma impessoal voz feminina pedindo para deixar uma mensagem.

— Senhor Raphael, aqui é Cynthia Leighton. Preciso falar com você. É urgente. — Então, ela tirou a roupa confortável e tomou outra ducha. Ela tinha uma sensação de que ia ser uma longa noite.

Capítulo Dezesseis

Ainda úmida do banho, Cyn enrolou uma toalha em volta de si e saiu do banheiro para o quarto. Atravessando a lareira, ela se abaixou e ligou a ignição eletrônica, sorrindo, quando o fogo imediatamente pulou para dançar alegremente na lareira. Ela adorava a sensação do ar quente em sua pele nua e deixou cair a toalha para o chão enquanto foi verificar seu celular. Não havia mensagens. Ela não era um especialista, mas o sol se pôs há quase uma hora. Quanto tempo um vampiro demorava para acordar, ou o que será que eles chamam a isso? De volta ao banheiro, ela começou uma massagem hidratante em sua pele, primeiro as pernas, depois o resto de seu corpo e braços. A loção era sem cheiro. Cynthia não usava perfume de qualquer tipo. Em sua linha de negócio, ela freqüentemente tinha que se deslocar incognitamente, e não teria um perfume identificável se arrastando atrás dela.

Ela prendeu o fecho frontal em um sutiã de renda champanhe e depois colocou um novo par de calças jeans quando o interfone soou e a sua segurança buzinou de forma discordante. Alguém estava no andar de baixo na porta na garagem. Cynthia olhou para o interfone por alguns segundos, em seguida, pegou uma camisola, colocando-a sobre a cabeça enquanto ela caminhava pelo corredor até seu escritório. A configuração de segurança aqui em casa era muito parecida com a que estava em seu escritório em Santa Mônica, exceto que este realmente tinha uma lente grande angular. Isso era uma falha na sua segurança em Santa Mônica e tinha a intenção de resolver muito em breve. Ela ainda estava assustada com a facilidade com que Raphael e Duncan tinham entrado atrás de Lonnie. Se tivesse sido alguém mais, alguém que a quisesse machucar, as coisas poderiam ter ficado realmente feias muito rápido.

Ela foi até à tela, murmurando baixinho, — Se é você, Holly, você pode virar à direita e voltar para o Chuck, pois este hotel está fechado.

O que ela encontrou em vez disto a deixou gelada.

Duncan se virou e olhou diretamente para a câmera, quando ela ligou o monitor, como se ele tivesse ouvido o clique pequeno dois andares acima. Seu cabelo loiro estava recém penteado para trás e ele usava o que ela agora reconhecia como uma espécie de uniforme para as pessoas da segurança de Raphael, um terno cinza carvão, mas com uma camisa preta. Ele parecia bastante

bom, na verdade, e outra pessoa poderia ter apreciado a vista. Ela observou a cena atrás dele e viu pelo menos dois outros vampiros de pé perto de uma porta aberta de uma limusine. Ela apertou o botão do intercomunicador com um suspiro audível.

— Duncan. Por que não estou surpresa?

— Senhora Leighton — ele respondeu com um aceno curto. — Você disse que era urgente.

— Sim eu disse. Você poderia ter ligado, você sabe. Eu tenho meu próprio carro.

— Meu mestre insistiu.

— Será que ele não insiste sempre?! Ok, olha. Vou abrir para você, mas você vai ter que esperar embaixo uns minutos. Eu não estou pronta…

— Não seja tímida, Sra. Leighton. — A expressão do vampiro estava apertada com irritação. — Você tem que nos convidar para entrar.

As sobrancelhas Cynthia levantaram em surpresa, e ela estava contente que o vampiro não podia ver a expressão. Então essa parte era verdade. Mas espere...?

— Você não teve um problema para entrar em meu escritório a outra noite.

— O escritório é um negócio, Sra. Leighton. Muitas pessoas vêm e vão. Esta é a sua casa, e a paciência, do Lorde Raphael é limitada. Convide-nos imediatamente.

— Você está dizendo que Raphael está ai embaixo esperando? Ele está na limusine? — O que era um terrível pensamento. Duncan estava carrancudo.

— Você vai nos convidar agora, Sra. Leighton.

Cynthia olhou para o monitor. Ela realmente não queria um bando de vampiros entrando em sua casa. Por outro lado, ela não podia recusar os vampiros locais, que também passaram a ser seus clientes. Ela sorriu. — Você sabe, eu não penso assim, Duncan. — Ela levantou a sua voz. — Senhor Raphael, você está convidado a entrar em minha casa. — Ela ouviu o riso masculino, pouco antes de Raphael se desdobrar e sair de sua limusine com graça sinuosa. Ele andou atrás de Duncan e ela podia ver os flashes de prata em seus olhos, mesmo através da conexão de fibra ótica de sua câmera de segurança.

— Senhor, você não pode!

— Claro, que eu posso, Duncan. Ms. Leighton não significa nenhum dano.

Seu olhar perfurou sua alma, mesmo através da câmera. — Não é, Cyn?

Cyn prendeu a respiração, de repente, revivendo os sonhos eróticos que a tinham sacudido do sono esta manhã. Ele sorriu e ela sentiu sua pele arrepiar com o desejo. — Merda — ela sussurrou.

— Cyn?

— Sim, me desculpe. Quero dizer, não, claro que eu não vou fazer mal, eu quero dizer que não pretendo...

Ela se calou e apertou o botão, ouvindo um ruído alto pelo interfone quando a fechadura magnética foi liberada. O volume escuro de Raphael bloqueou a câmera enquanto ele se movia passando por ela, e então Duncan estava olhando para cima em sua ferocidade.

— Se fizer algum mal ao meu senhor, vou fazer o seu tormento e de toda sua família a minha missão pessoal, Cynthia Leighton.

— Nossa, Duncan. — disse ela, aproveitando a chance de respirar normalmente de novo. — Prescisa dramatizar tanto? Esta não foi a minha idéia, lembra? Vocês são aqueles que se apresentam sem serem convidados. Além disso, eu acho que dificilmente Raphael necessita de protecção de mim.

— Você foi avisada — entoou.

— Sim, sim. Tanto faz.

Liberou o botão do intercomunicador com um aceno de cabeça e percebeu que seu cabelo ainda estava molhado do chuveiro. Merda. Ela correu para fora de seu escritório, pretendendo fazer um golpe rápido de secar e puxar uns sapatos, e quase correu contra Raphael no corredor. Um pequeno grito de surpresa saiu antes que ela pudesse detê-lo. Raphael a agarrou com ambas as mãos, os dedos enrolando sobre seus braços e planando para baixo para acariciar as palmas antes de finalmente deixá-la ir.

— Raphael — ela deixou escapar. — Quero dizer, Lorde Raphael... Eu pensei que você esperaria...

— Eu esperei, Cyn. Eu fiquei cansado de esperar.

Ele se virou e foi para seu quarto, passando pelo amontoado de lençóis sobre a cama desfeita, dando uma volta até a janela para puxar as cortinas e deixar o céu à noite. Ela correu atrás dele.

— Eu ainda tenho que... Quer dizer, você provavelmente estaria mais confortável…

— Estou confortável aqui. — Virou-se para estudá-la, suas pálpebras caindo sobre os olhos pretos em um longo piscar lento antes de se inclinar para frente, quase tocando-lhe quando ele puxou de uma longa respiração. Ele sorriu levemente. — É o seu xampu.

— O quê?

— O xampu. Eu detectei um cheiro muito fraco na outra noite. Você não usa perfume. É o seu shampoo.

— Ah. Sim, eu acho que sim. — Cynthia tentou se concentrar, mas era tão difícil com este incrivelmente sexy homem, bem, vampiro, lá cheirando o cabelo dela e sorrindo como se ele gostasse de fazer muito mais. Ele é um vampiro, Cynthia! Ela respirou fundo, se estabilizou e deu dois passos longe dele, lembrando-se que ela era uma profissional e esse era seu cliente.

— Me dê um momento. — Ela disse. — Eu preciso colocar uns sapatos.

Ele olhou para os pés descalços com os seus dedos dos pés com um verniz brilhante, e deixou o seu olhar viajar preguiçosamente sobre seu corpo e de volta ao seu rosto. Ela quase ficou de joelhos e implorou para que ele transasse com ela ali mesmo. Bastava acabar com isso para que ela pudesse se tornar um ser racional outra vez, uma mulher que dirigia seus próprios assuntos e sua própria vida e não se jogava aos pés de qualquer homem. Ela sentiu as palavras pressionando contra o fundo da garganta e saiu correndo.

Quando voltou, o cabelo dela estava quase seco, e ela estava usando um par de botas com salto, sensivelmente sólidas que a fizeram se sentir forte e no controle.

Ela vacilou pelo tempo de uma respiração quando saiu de seu closet para encontrar Raphael ainda de pé na janela. Seus ombros largos delineados em preto contra a lua reluzente além do vidro, e sabia exatamente como os olhos deles pareceriam se ele se virasse. Ela endureceu-se contra sua sedução natural. Ele

provavelmente não era sequer consciente disso, era uma parte fundamental de quem e do que ele era.

— Lorde Raphael — ela disse com firmeza, e então ela tentou novamente. — Eu acho que você estaria mais confortável lá em baixo.

— Não. Eu gosto daqui. — Virou a cabeça, em seguida, seus olhos se deliciaram com a cama e antes de dar-lhe um olhar de soslaio. — Você não? No andar de baixo é o seu espaço público, Cyn. Não é você. Este — Ele fez um gesto ao seu redor. — Este é o seu ninho. — Ela franziu o cenho. Ele estava certo, caramba.

— Eu não chamei você aqui, bem, eu não chamei você aqui de qualquer forma, mas não foi para discutir minha moradia, meu senhor — ela começou enquanto cruzava para a janela onde ele estava. — Analisei todas as imagens do dia do sequestro. Baseado no que eu encontrei, ou eu fui muito mais fundo do que a pessoa que você encarregou de fazer isso, ou você tem outra toupeira em sua organização.

Raphael virou-se graciosamente, como uma dançarina em um palco. — E o que você encontrou, Cyn? — ele perguntou.

— Cinco bandidos entraram pela porta principal, naquela manhã, meu senhor, mas apenas três foram para fora. Se eu estiver certa, você tem dois invasores que, sem dúvida, estão infiltrados entre os seus funcionários da segurança. Muito provavelmente, eles já estavam trabalhando para você e simplesmente sumiram depois de ajudar os seus camaradas a passar pela segurança no portão. Eles estavam usando máscaras, claro, por isso não podemos identificá-los a partir do vídeo, mas eu gostaria de marcar o resto das entrevistas com seus empregados humanos e tentar eliminá-los. Eles estão, provavelmente, ainda alimentando informações para quem lhes pagou em primeiro lugar. Quanto ao rapto, eles saberiam que Alexandra estava só na residência. Saberiam todas as rotinas, quando os vampiros descem para o dia, quantos guardas humanos estariam de plantão e onde. Sem mencionar o... relaxamento de desempenho que pode ter ocorrido em sua ausência. — Os olhos de Raphael brilharam e ela apressou-se. — Isso acontece em todas as organizações, meu senhor. Pelo menos entre os humanos. Quando semanas e meses se passam sem nenhuma ameaça, há uma tendência a relaxar, serem menos vigilantes. E com o chefão, que seria você, indo embora, seria ainda mais permissivo. Estes dois homens teriam sabido disso, teriam sabido com quem contar para ser especialmente lento, especialmente no período da manhã.

Raphael chicoteou um pequeno aparelho celular do bolso e bateu um número de discagem rápida. Cyn podia ouvi-lo tocando abaixo da sacada. Ela pisou

fora e encontrou Duncan na praia, olhando para o condomínio, o telefone celular ao ouvido. Ele olhou para ela sem piscar quando ele falou com Raphael, em seguida, desligou e imediatamente discou outro número, dando as costas antes de falar. Cyn voltou para dentro.

— Duncan vai cuidar disso — assegurou Raphael. — Eu devo saber de manhã quem esses espiões são. Ninguém foi autorizado a deixar a fazenda desde o seqüestro. Sejam quem forem, eles ainda estão lá.

— Bem, isso é bom. Agora sobre o cara que analisou a filmagem, em primeiro lugar, ou ele fez um trabalho ruim, ou ele intencionalmente deixou de fora esse pequeno detalhe. Eu não me lembro de falar com alguém assim outra noite, de modo que devemos falar com ele também.

— Ah. Isso seria Gregoire. Ele tinha estado encarregado da segurança de Alexandra.

— Tinha… — ela repetiu com o estômago afundando.

— Gregoire já não é... uma preocupação.

Cyn abriu a boca para dizer alguma coisa, mas em vez disso respirou fundo, e libertou o ar. — Tudo bem. E quanto a esses dois outros caras? O que você vai fazer com eles?

— Eu vou obter respostas a partir deles, Cyn — ele disse friamente. — Respostas que me levarão um passo mais perto de meu inimigo.

Ela engoliu em seco. — Eu, uh... Eu gostaria de estar lá quando você conversar com eles, meu senhor. Há algumas perguntas que eu gostaria que fossem respondidas e é possível — ela apressou-se quando ele deu-lhe um olhar ameaçador. — é possível que eu poderia notar algo que o resto de vocês negligenciariam. — Era um lembrete gentil, mas um lembrete, no entanto, que tinha sido ela quem descobriu a presença de infiltrados em primeiro lugar.

Raphael deslizou pela sala em direção a ela, seus passos silenciosos sobre o tapete grosso, a lã macia de seu terno parecendo acariciar seu corpo, muito elegante. Ele andou até ela, não parou até que apenas alguns centímetros os separassem. Cynthia congelou, seu coração batia tão rapido que era visível sob a fina malha do suéter. — Você está certa, Cyn — disse ele suavemente. — Estou em dívida com você.

— Isto — Ela começou a lamber os lábios secos, de repente, parou, consciente de seus olhos acompanhando o movimento de sua língua. — faz parte do meu trabalho, meu senhor. Foi para isso que você me contratou.

— É verdade. — Ele se inclinou ligeiramente para a frente, trazendo seu corpo um pouco mais perto dela, seu hálito escovando sua pele. — Vai levar algum tempo, Cyn, para encontrar esses homens. E temos a noite inteira pela frente.

Cynthia esforçou-se para pensar com clareza. Ele estava tão perto. Seu corpo inteiro estava gritando para tocá-lo, basta tocá-lo, só uma vez... Por favor. Ela cerrou os punhos com força suficiente para tirar sangue com as unhas, e viu as narinas de Raphael sentirem o cheiro. Foi como um balde de água fria no rosto. Ela deu uma única respiração profunda e depois outra e se afastou.

— Eu tenho trabalho a fazer. Se eles omitiram isto, podem tê-lo feito com outra coisa. E eu quero melhorar o áudio. Os seqüestradores poderiam ter dito algo ao outro, algo que o captador principal não teria pego, ou mesmo algo que o seu filho Greg não queria que você ouvisse.

Os olhos de Raphael se fecharam. — Claro que sim. Você vai me manter informado.

— Sim. Absolutamente. E você vai me deixar entrar no interrogatório, certo? Você não vai fazê-lo sem mim?

Os olhos de Raphael brilharam. — Ah, não Cyn. Eu não vou fazer isso sem você. — Ele caminhou até as escadas e começou a descer, parando antes de tomar o segundo degrau. Cynthia, seguiu em seus calcanhares, quando ele parou.

— Diga-me Cyn — ele disse suavemente, seus rostos quase colados. — Será que você sonhou na noite passada? — Ela piscou, seu coração batendo com medo, em vez do desejo.

— O que você quer dizer? — Ela sussurrou.

Ele deu um sorriso safado. — Eu entrarei em contato.

Ela afundou-se nas escadas quando ele desapareceu na esquina, movendo-se muito mais rápido do que um humano poderia fazer. A porta da garagem bateu ruidosamente e ela encostou-se nos degraus, escutando até que ouviu o baque distante das portas de carro seguido pelo bom rugido da limusine que fez o seu caminho da colina para a estrada. Ela olhou para o pequeno corte, em forma crescente cheio de sangue em suas palmas. — Bem, Holly — ela sussurrou. — Chuck pode ter um ponto neste momento.

Capítulo Dezessete

Raphael desceu as escadas do prédio com raiva a cada passo. Como ela ousa tratá-lo como uma espécie de plebeu? Mulheres bonitas, mulheres poderosas tinham se ajoelhado diante dele com súplicas, implorando por um único beijo, mas não esta. Ela pensou que brincaria com ele, mas era um jogo perigoso para jogar. Oh, ele a teria, sua Cyn. Ele viu o desejo em seus olhos cada vez que ela olhou para ele. Ele iria jogar o seu jogo agora, até mesmo deixá-la pensar que ela tinha ganho. Mas quando ela viesse a ele, seria de joelhos como todas as outras. Quanto à esta noite... Haviam muitos que lhe serviriam de bom grado, muitas pessoas que estariam dispostas a saciar sua sede. Ele abriu a porta e deixou ela bater ruidosamente atrás dele, empurrando-a e fechando. Sua raiva aumentou de novo com o som. — À casa de praia. — ele rosnou, passando por Duncan, sem sequer o olhar.

— Meu senhor, é que...

O protesto de Duncan foi cortado com um tiro da mão de Raphael, que o agarrou pelo pescoço e apertou até que ele tirou seus pés do chão e foi esmagado contra a parede. Raphael se aproximou, prendendo-o com o olhar, desnudando suas presas em um aviso claro. — Você é como um irmão para mim, Duncan — ele rosnou. — Ainda mais próximo que isso. Mas você também vai obedecer.

Ele abriu a mão e deixou cair o outro vampiro para o concreto duro do chão da garagem. Duncan se ajoelhou de quatro, abaixou-se, sufocando, respirando com dificuldade. Raphael olhou para ele, já lamentando a perda do controle, combatendo a fúria que ameaçava dominá-lo. O resto de seus seguranças observavam em silêncio, congelados na imobilidade.

Ele estendeu a mão, soltando-a para baixo ao nível de Duncan. Duncan manteve os olhos abaixados, arrastando para a frente com um soluço de respiração e levando a mão estendida. Ele trouxe-a para seu rosto como se fosse beijá-lo, mas Raphael retirou impaciente e ofereceu novamente. — Pegue minha mão, Duncan.

O vampiro loiro obedeceu e Raphael apertou a mão dele, empurrando seu tenente em pé em um movimento sem esforço. — À casa de praia. — disse ele, girando e deslizando rapidamente na limusine escura.

Enquanto dirigia pela costa, Raphael pairava em silêncio, consciente que Duncan estava ao lado dele na parte de trás da limusine, um dos dois outros vampiros sentados na frente. Ele esperou até que eles estivessem bem longe da casa de Cynthia, até que ele falou. — Bem? — Disse.

— Nós o temos, Mestre — Duncan disse em voz baixa. — Foi uma simples questão de verificar a metragem de segurança na casa principal.

A boca de Raphael apertou severamente. — Uma questão simples.

— Sim, meu senhor. Eu admito total responsab…

— Não se incomode. — Ele levantou a mão. — Eu sou tão tolo quanto aquele velho em Buffalo. Poderia ter acontecido há cinqüenta anos, Duncan? Mesmo dez anos? Não. Eu tenho me tornado complacente e preguiçoso no meu conforto. Este é um jogo de poder. Alguém viu o que eu não tinha visto até este momento.

— Não vai ter sucesso, meu Senhor. Seu povo é fiel a você.

— Não, ele não vai ter sucesso — ele concordou com uma voz dura. — Meu inimigo exagerou em sua ação e eu saberei o nome dele antes da lua nova.

— Meu senhor — Duncan atreveu-se. — Na casa de praia... — Raphael deu-lhe um olhar ameaçador. Duncan engoliu, a dor se manifestou em sua garganta como um lembrete de sua punição recente. — Você quer que Lonnie…

— Não. Eu vou escolher.

— Nós podemos, pelo menos, ir pela entrada privativa, meu senhor? — Duncan pediu.

— Claro, Duncan. Eu sou razoável.

— Sim, meu senhor, — seu tenente sussurrou. Ele apertou o interfone e encarregou o motorista.

A casa de praia estava localizada no centro de Malibu, dois andares e seis mil metros quadrados de opulência, com uma parede inteira de vidro, de frente para oitenta pés de uma fachada do oceano primordial. Ele tinha uma adega privada totalmente abastecida com a pouco original bebida de eleição dos vampiros e uma cozinha gourmet enorme utilizada principalmente para alimentar os muito dispostos doadores que lotavam a casa quatro noites por semana. A casa ficava escura de segunda-feira até Quarta-feira, e em determinados feriados, sendo este último uma piada da parte de Lonnie. O resto do ano era um círculo constante de festas. Pessoas bonitas de cada variedade e preferência sexual eram convidadas, bem como aqueles entre a elite do poder que imaginava uma caminhada nas sombras. O objetivo dos encontros nunca foi discutido, embora todos que entravam pela porta da frente sabiam exatamente o que acontecia nos quartos e cantos escuros. Não havia inocentes na casa de praia.

Raphael deslizou para fora da limusine, sem uma palavra, caminhando através da sua entrada privada na casa. A sala principal era enorme, um amplo espaço aberto, assemelhando-se de alguma forma, mas não muito evidente, à uma boate exclusiva. A iluminação era mantida intencionalmente baixa para acomodar os olhos sensíveis dos vampiros e para camuflar não apenas as idas e vindas freqüentes de vampiros e humanos para o andar de cima aos quartos particulares, mas também os encontros menos discretos, nos cantos da sala. Música explodia nos alto-falantes em todo o interior, latejante, em um rufo constante destinado a reforçar a sensação de perigo e de promessa. Raphael atravessou a multidão sem problemas, sabendo que ele era um predador, entre sua presa. Manteve o rosto escondido pelas sombras em constante mudança. Os seres humanos em seu caminho gemeram, uma mistura de medo e desejo quando ele passou, forçando seus corpos em direção a ele, ao mesmo tempo que seus olhos traíam o terror que gritava em seus cérebros animais.

Ele podia ver seus vampiros olhando para ele, seu mestre, secretamente, vislumbrando na escuridão rostos pálidos cheios de ecstasy, tomando banho no seu poder e imergindo no desejo e no medo do gado humano ao seu redor. Raphael procurou a multidão com um olhar inquieto, seu corpo rígido e pronto, ira andando na superfície da luxúria batendo-lhe nas veias, levando-o a querer cravar os dentes no doce calor do sangue de uma mulher e seu pênis para o calor úmido entre suas pernas. Mas o que ansiava não estava aqui. Ela estava a quilômetros de distância, escondida atrás de sua porta de aço e sua resistência frágil. Ele grunhiu de frustração renovada e agarrou uma mulher alta de cabelos escuros. Ela estava tão ansiosa quanto os outros, vestida para seduzir, de salto alto, pernas longas e finas, com uma bunda grande em uma saia curta e apertada. Seu cabelo estava escovado de forma irregular sobre os ombros nus e ele se inclinou. Um grunhido de raiva

impaciente retumbou em seu peito enquanto ele a puxava pelo corredor e em um quarto térreo reservado para seu uso apenas. Ele conseguiu fechar a porta antes que ele afundasse suas presas em seu pescoço macio, seu pênis crescendo mais a cada gole de sangue suculento.

A mulher gemia desenfreadamente, pressionando-se contra sua ereção, apertando os braços em torno dele e esfregando os seios contra o seu peito. Raphael ignorou os movimentos até que ele tinha bebido até ficar cheio, até o sangue escorrer de sua boca e ele não conseguir engolir mais nada. Ela deu um pequeno grito de protesto quando a soltou, segurando-se a ele, chorando agora, implorando a ele. Ele a jogou na cama com a barriga para baixo, levantando os quadris dela para encontrarem sua virilha, pressionando a saia justa ao longo de suas nádegas e rasgando a calcinha de renda que a cobria. Liberando seu pau latejante, ele empurrou-o contra ela, pedindo entrada. Ela arqueou as costas, abrindo as pernas mais amplamente em convite, ofegante de desejo.

Ele congelou, olhando para o movimento oferecido, desgostoso com ela, com ele mesmo. Sua mente evocando a imagem de Cyn, seus olhos verdes cheios de medo misturado com querer, seus seios fartos inchando com cada respiração, mamilos duros implorando para serem tocados, o seu coração batendo tão alto que era tudo o que podia fazer para não agarrá-lo na mão. A mulher na cama começou a chorar abertamente, empurrando-se para ele, implorando-lhe para foder. Raphael recuou, de repente, percebendo por que ele tinha escolhido esta mulher em particular. Ela era uma imitação pobre de sua Cyn, mas nunca Cyn iria se desvalorizar assim. Ele pensou em avisar a mulher, em castigá-la para ela ter mais respeito por si mesma, mas sabia pela experiência que sua advertência seria desconsiderada. E além disso, quem era ele para castigar outra depois de sua própria exibição da luxúria repugnante?

Sua ereção diminuiu. O sangue que, apenas momentos antes, tinha um gosto tão doce, agora parecia vinagre em sua língua. Fechou as calças, limpou a boca, cuspiu para o lado e saiu a passos largos da sala, sem lançar um único olhar para trás.

Duncan estava esperando no corredor, perto de Juro; o irmão de Juro estaria fora com o carro. Lonnie estava falando com Duncan em voz baixa, quando Raphael surgiu, a personificação da ira caindo sobre eles. — Lide com isso! — ele rosnou para Lonnie e desapareceu, indo pela porta até à limusine à espera.

Duncan foi até o carro sem dizer nada, abrindo um compartimento atrás do banco do condutor e entregando-lhe uma toalha quente e úmida. Raphael aceitou-a com um grunhido de obrigado, limpando a boca e as mãos com algum

cuidado antes de entregar o pano agora sangrento de volta para seu tenente. — Eles estão esperando?

— Sim, meu senhor.

— Bom. — Havia mais de uma maneira de trabalhar contra sua luxúria, pensou sombriamente.

Capítulo Dezoito

Raphael e Duncan entraram diretamente para o nível subterrâneo, entrando pelo pátio para ganhar tempo, e foram pelos corredores mal iluminados até chegarem à área de detenção, bem no fundo. Todos os vampiros que eles encontravam no caminho imediatamente se colocavam de joelhos, olhando para baixo, sentindo o temperamento borbulhante de seu mestre. Raphael mal olhou para eles, o seu corpo ainda vibrando com a luxúria, sua mente focada exclusivamente em obter a informação que ele queria do homem tolo aguardando para o seu prazer.

Duncan abriu uma porta não marcada[20], entrando primeiro e depois ficando de lado enquanto Raphael passou e depois se dirigiu para a janela de observação que separava esta sala da outra. Duas pessoas esperavam mais além. Eles estavam separados, ainda vestidos com o uniforme preto de sua guarda diurna, embora os casacos tivessem sido levados. Nem tinham sido sangrados ainda e eles descansavam com aparente indiferença, um sentado na mesa batendo os dedos inquietamente, o outro virado com as costas contra a parede, seus olhos fechados como se em repouso.

— Você os conhece? — Raphael perguntou.

— Perifericamente. Assim como eu conheço qualquer um dos guardas humanos. O da direita, inclinando-se contra a parede, está com você desde que você comprou esta propriedade. Ele tem um excelente registro e estava sendo considerado para a promoção. O outro, na mesa, foi contratado há seis meses, por recomendação do seu amigo de lá.

— Seis meses, então.

— Provavelmente.

— E nem um sussurro. Eles foram questionados?

— Ainda não, meu senhor. Aguardamos a sua instrução.

Raphael assentiu. — Eu prometi a Cyn que ela podia participar do interrogatório — disse ele, com um olhar de soslaio.

[20] No sentido de a porta não ter qualquer tipo de identificação.

Duncan controlou o seu olhar de surpresa, levando em conta o temperamento incerto de seu mestre. Quando ele falou, escolheu suas palavras com cuidado visível. — A senhora Leighton pode não entender o que deve ser feito, meu senhor.

Raphael olhou para os prisioneiros, pensativo. — Talvez seja a hora dela aprender, Duncan. — Em seus pensamentos privados enfureceu-se com a fêmea humana e sua própria timidez no trato com ela. Por que ele se importava se ela o aceitasse? Por que não simplesmente tomá-la como era seu direito? Ele se afastou do vidro com um franzir de testa, seus olhos se abriram de surpresa com as manchas vermelhas ensopando sua camisa branca, na espessura do tecido elegante de seu terno feito à mão. Sua boca transformou-se num sorriso que teria apavorado os homens.

— Sim, eu acho que é hora de Cyn aprender o que significa ser um vampiro. Chame a senhora Leighton e peça a ela para se juntar a nós. Em seguida, escolha um deles, pegue o que está conosco por mais tempo, ele vai entender melhor a lição. Prenda-o de forma segura e deixe-o ver o interrogatório. Quando Cyn chegar, acho que nosso amigo vai estar ansioso para contar-nos tudo que ele sabe.

— Sim, meu senhor. Devo trazer Juro para se juntar a vocês?

— Não - Raphael disse, desabotoando o paletó. — Eu vou fazer isso sozinho.

Raphael deu um passo para atrás da massa tremente de carne que tinha sido o humano. Torturados gemidos ainda saiam do rosto irreconhecível do homem, mas eram fracos grunhidos como de um animal. Todos os vestígios de pensamento humano tinham sido arrancados de sua mente. No canto, seu aliado, amarrado e amordaçado assistia horrorizado, os olhos rolando em terror, gritos mudos presos contra sua boca pela fita enrolada em volta de sua cabeça. Suor rançoso revestia seu corpo e sua roupa encharcada, juntando-se com o cheiro de excremento humano que o medo tinha lançado fora de seu intestino e bexiga. Os olhos de Raphael deslizaram para o homem e ele sorriu lentamente, revelando totalmente as presas. O homem, no canto gritou, pressionando-se contra a parede,

girando a cabeça de um lado para o outro em uma negação inútil. Raphael olhou para seu tenente.

— Eu preciso me trocar. — ele disse suavemente.

— Sim, meu senhor.

— Junte se a mim em meu escritório, Duncan, e traga o — Ele sacudiu a cabeça em direção ao aterrorizado — sobrevivente. Depois que a Sra. Leighton chegar.

Capítulo Dezenove

Cynthia sentou-se em seu escritório escuro, com fones de ouvido, olhos fechados, a metragem de segurança jogando cenas invisíveis do imóvel de Raphael na tela em sua frente. Sua cadeira estava inclinada para trás, os pés descalços cruzados sobre a mesa. Ela ouviu como Alexandra tocava piano. Definitivamente Mozart, mas era dificilmente reconhecível a maneira que o som tinha sido tunado. Era um som solitário, e ela pensou que Mozart não deveria ser usado dessa maneira.

Cynthia entendia de solidão; ela esteve sozinha a maior parte de sua vida. Mesmo como uma criança, cercada por babás e empregadas de diferentes temperamentos e longevidades, ela esteve sozinha. Não era como as histórias. A mãe de Cynthia não era sua babá enquanto seu pai bonito viajava o mundo. Nenhum deles tinha ficado tempo suficiente. E mesmo se tivessem, ela esteve mais preocupada em agradar a seu pai que em ser mãe de sua filhinha. Ele queria estar em casa para seu aniversário ou Natal, ou qualquer coisa em sua vida jovem, disseram-lhe. Mas havia sempre algo inevitável, uma emergência de última hora que os manteve afastados. Cynthia parou de acreditar quando ela tinha seis anos, tinha parado mesmo de fingir acreditar um par de anos mais tarde. Ela apagava as datas especiais do calendário e passava as férias sozinha em seu quarto nas excelentes escolas privadas arranjadas por sua avó.

Em sua adolescência, ela tinha tentado entrar em contato com sua mãe. Mas a antiga Estelle Leighton era bastante feliz com o novo marido e sua nova filha, Holly, que era a chefe de torcida perfeita, loira saltitante, tão parecida com Estelle. Tão diferente de Cynthia com sua beleza escura e angular que não lembrava a sua mãe em nada a não ser de um casamento fracassado e de um homem que não só a tinha deixado, mas, talvez até mais importante, que manteve a sua riqueza substantiva longe das mãos dela.

Eventualmente, Cynthia descobriu que preferia ficar sozinha. Durante seu último ano na escola preparatória, seu orientador ficou horrorizado ao descobrir que quando Cyn falava sobre uma carreira em direito, significava a aplicação da lei, e não a faculdade de direito. O conselheiro tinha empurrado ela para o terapeuta da escola para lidar com a sua questão de "adaptação social". O terapeuta tinha, por sua vez, informado que Cyn tinha dificuldade em formar

significativas conexões humanas por causa de sua má relação com o pai. Sem brincadeira. Ela tinha tido sessões apenas o tempo suficiente para tirar o orientador de suas costas e cuidar de sua vida.

Hey! O que se passa com a maldita festa de auto-piedade, Cyn? Era o maldito vampiro. Ele a fazia se sentir insegura, fora de controle. E se há uma coisa que Cynthia odiava, era se sentir fora do controle de sua própria vida. Ela chutou os pés da mesa e se sentou, revirando o arquivo da conversa de Albin com os dois homens. Ela fez dois anos de russo na faculdade, o resultado de uma paixão por um estudante de literatura russa na pós-graduação. Eles haviam terminado depois de apenas seis meses, mas então por que ela estava comprometida com a linguagem precisou se formar. Era isso ou voltar para trás e começar de novo com outra coisa. Na época, ela deduziu que já que tinha aprendido o maldito alfabeto, ela podia muito bem ficar com ele. Ele veio a calhar agora. Não que ela conseguisse entender tudo que foi dito. Mas ela podia seguir o padrão das frases e escolher uma palavra aqui e ali, e se algo lhe chamasse a atenção, ela poderia procurar mais tarde.

Até agora, porém, nada. Ela olhou até o final do filme da câmera fora da porta da cozinha. Os três humanos pareciam trocar algumas palavras antes de subir na van, e Cynthia estava tentando filtrar os sons do motor para puxar a conversa para fora do ruído, na esperança de ouvir um destino de alguma forma. Ela estava inclinada sobre a mesa, brincando com o som quando o telefone tocou, provocando uma mensagem de uma chamada com identificação visual na sua tela.

Ela suspirou. Era o número de Raphael. Ela realmente esperava passar um dia ou dois sem vê-lo novamente. A cada visita, era um pouco mais difícil resistir a ele, um pouco mais difícil de se impedir de fazer uma burrice total, não só por ele ser seu cliente, mas um maldito vampiro. Se ela pudesse ter um par de dias para esfriar, encontrar alguma distância, alguma lógica. A memória dos dedos frios de Raphael em seu pescoço, a respiração dele contra seu rosto como a sua voz melíflua acariciava as orelhas dela quebrando todas as ilusões de auto-controle. Ela bateu no botão de pausa e pegou o telefone.

— Senhora Leighton.

— Duncan. Um prazer como sempre.

— Meu mestre exige a sua presença. Em quanto tempo você pode estar aqui?

— Esta noite? — Ela checou a hora no computador, era quase duas horas — Mas eu...

— Estamos interrogando um dos guardas humanos. Você disse ao Lorde Raphael que você queria estar aqui. Se, no entanto, tiver mudado de idéia…

— Não — ela disse rapidamente. — Não, claro que não. — Ela olhou para sua roupa. — Me dê meia hora. Tudo bem?

— Isso é aceitável. — A linha ficou muda e Cyn fez uma careta para o telefone. Raphael podia ser perigosamente sedutor, mas Duncan certamente não ia ganhar nenhum concurso de charme. Ela suspirou novamente e foi para seu armário procurar a roupa menos atraente que ela possuía.

Capítulo Vinte

Raphael esperou enquanto ela e Duncan entravam em seu escritório. Ele tomou banho e mudou a roupa desde que ela o vira pela última vez, e muito recentemente. Seu cabelo preto estava um pouco úmido e ele cheirava a sabão fresco. No lugar de seu traje habitual elegante, usava um suéter preto que se ajustava perfeitamente. O suéter era de casimira. Seria uma sensação maravilhosa sob seus dedos enquanto ela passasse as mãos sobre seu amplo peito. Cynthia fechou os olhos por um instante, trocando a expressão de seu rosto para algo mais profissional e menos...

— Obrigado por se juntar a nós, Cyn.

Os olhos dela se abriram. O vampiro estava a menos de dois metros de distância, observando-a com uma expressão satisfeita. Tanto para o profissionalismo. Ela olhou para seu rosto bonito. Ele devia ter sido muito jovem quando morreu, trinta anos mais ou menos. Em seus ternos, na potência usual e no manto da autoridade, ele parecia muito mais velho, mas esta noite ele mostrava a sua idade natural. Se um vampiro poderia ser chamado de natural.

A porta se abriu atrás dela e Juro apareceu, trazendo um humano amordaçado e vendado. O guarda puxou o enorme prisioneiro para o centro da sala e deixou-o cair no chão aos pés de Raphael.

Os olhos do senhor vampiro eram frios em sua avaliação, um lobo faminto olhando para um gordo coelho. Ele se agachou ao lado do homem e agarrou a venda, rasgando-a da cabeça dele com um puxão único. O homem piscou incerto, então se focou em Raphael. Ele arregalou os olhos em terror e lutou para escapar, choramingando e andando para trás, lutando para se arrastar por todo o tapete persa antigo.

Cynthia fez uma careta.— Você já o questionou? — perguntou ela.

Raphael se levantou, olhando para ela por cima do ombro. — Claro que não, Cyn. Você queria estar aqui.

— Onde está o outro? Você conseguiu os dois?

— Ah, sim. Temo que meu povo estava um pouco entusiasmado. O outro guarda foi tratado antes de eu transmitir o seu desejo em participar.

Ele estava mentindo. Mas isso estava bem, isso tornou mais fácil resistir ao seu charme. Ela virou para olhar ao redor da sala, não vendo nada, além do branco, então se voltou para a lamentável criatura no chão. Este homem estava apavorado. Não dos vampiros em geral, mas de Raphael especificamente. Ela tinha visto muita gente nesta propriedade, tanto humanos como vampiros, e todos os vampiros o tratavam com profundo respeito e cuidado, ela não tinha visto qualquer coisa que igualasse este nível de medo.

— Você pode tirar a mordaça?

Raphael sinalizou a Juro sem palavras.

— Qual é seu nome?

— Duncan?— disse Raphael.

— Judkins. — Duncan forneceu. — Scott Judkins.

Cynthia contornou Raphael, se colocando entre ele e o prisioneiro amedrontado. Então ela se abaixou e falou em voz baixa, suas palavras só para os dois. — Scott — ela disse baixinho.

O homem estava quase de bruços sobre o tapete, os seus joelhos dobrados, enrolados até o peito protetoramente, suas mãos amarradas para trás. Ao som de sua voz, sua cabeça girou em sua direção, seu olhar procurando o rosto sem compreensão, sempre correndo para olhar todos os vampiros ao redor. Cynthia jurou baixinho. O que diabos eles tinham feito para ele? Ela não via nenhum ferimento físico. Eles fizeram alguma coisa em sua mente, então? — Não preste atenção a eles, Scott. Olhe para mim, só pra mim.

O homem piscou rapidamente e seus olhos pareciam se concentrar, vendo-a pela primeira vez. Os olhos dele se arregalaram e ele goleou, enquanto tentava sentar-se, para se aproximar dela. Sentiu mais do que ouviu Raphael se mover e ela ergueu uma mão para detê-lo. Este homem não era uma ameaça para ela. Ela apoiou os ombros e o ajudou a se arrumar o máximo possível.

— Você sabe o que eles são? — Ele sussurrou asperamente.

— Eu sei. — Cynthia confirmou. — Eu quero te ajudar Scott, você tem que falar comigo, então eu poderei te ajudar.

— Ele nem sequer o tocou. — Ele olhou para ela com os olhos arregalados e assombrados. —Rasgou seu próprio... — Judkins fechou os olhos como se fechando a visão de algo terrível demais para lembrar.

— Quem, Scott? — Ela perguntou confusa. — De quem você está falando?

— Ele. — disse ele, furtivamente, com os olhos piscando e olhando para trás, seu olhar horrorizado tocando Raphael, depois se afastando. — Eles nos pegaram esta manhã. Eu sabia que eles iriam. Eu disse a eles que não iria funcionar, mas eles têm a minha família. — Seus olhos se encheram de lágrimas enquanto ele lhe deu um articulado olhar. — Eu não queria fazê-lo, mas eles têm a minha família. — Ele começou a soluçar. Cynthia olhou-o com espanto.

— Scott. — ela persistiu. — Você não está fazendo nenhum sentido. Você tem que me ajudar a entender. Quem tem a sua família?

Judkins piscou novamente, obviamente confuso e tentando se concentrar. — Kolinsky. Ele levou a minha garotinha, pegou-a da rua, quando ela estava caminhando para casa da escola um dia. Ela é apenas um bebê, de oito anos. Então, eu sei o que aconteceria se eu não desse a ele o que ele queria. O que mais eu poderia fazer? E agora é tarde demais... — ele gemeu, balançando a cabeça em negação. —Tarde demais.

—Tarde demais para quê? Quem é Kolinsky?

Sua cabeça levantou e ele olhou para ela. — Você sabe sobre Kolinsky?

— Eu não sei tudo. Eu estou tentando descobrir. O que ele quer?

— Ele tinha um cara aqui dentro, dentro da propriedade do vampiro. Disse-me que o nome do cara era Barry, mas acho que ele estava mentindo. O que me importa seu nome? De qualquer maneira eu era um homem morto.

— Quem é Kolinsky?

— Eu não tenho certeza. — disse ele, de repente, evasivo. — O que eu sei? Eu sou apenas um guarda de segurança. Eu não sei como eles me acharam. Eu não falo sobre o meu trabalho, mas minha esposa... você sabe como esposas são, elas sabem as coisas, mesmo se você não lhes contar. E ela fala demais. Seu primo, eu acho. Eu não tenho certeza. Mas eles vieram para mim. Disseram que se eu não cooperasse, eles levariam minha família... minha esposa, minha menina. O que mais eu poderia fazer?

Cyn tentou fazer sentido do monólogo incoerente. — Eu entendo. Onde está a sua família agora, Scott? Eles estão seguros?

— Eu não sei. Talvez. Fomos trancados aqui desde que isso aconteceu, eles provavelmente não sabem ainda que Barry está morto.

Cynthia xingou para si mesma quando ele disse isso. Raphael tinha admitido que o outro guarda foi morto, mas... — Pobre bastardo — Judkins continuou. — Mesmo que ele fosse um idiota, ninguém deveria morrer assim. — Ele estava murmurando principalmente para si mesmo, mas se torceu para olhar para ela. — Você não vai deixá-los fazer isso comigo, vai? Eles podem me matar, eu não me importo, mas não deixe que eles façam a mim o que fizeram com Barry. Por favor. Oh Deus... — Ele começou a chorar novamente e Cyn desviou o olhar, embaraçada e envergonhada.

— Eu vou tentar Scott. Eu vou, mas... — Ela respirou fundo. — Vocês ajudaram a matar seis homens. Homens que conheciam você e confiavam em você. Você traiu essa confiança. Eu não sei...

— Não eu. Não, não, não é isso que eu quero dizer — ele insistiu ao ver o olhar olhar cético dela. — Eu fiz essas coisas. Você está certa. Eu conhecia aqueles homens, conhecia suas famílias e eu... — Ele engoliu em seco. — Se eu te ajudar, se eu te contar tudo o que eu sei você pode salvar a minha família? Tirá-los daqui, dar-lhes um novo começo? Eu tenho seguro de vida, pensões por morte; eu ganhei isso. Se eu te disser, você vai ajudá-las?

Não era a loucura em seus olhos, apenas uma triste confirmação de seu próprio destino e uma esperança desesperada em sua família. Cynthia não queria o peso desta esperança. Ela não era a salvadora de ninguém, ela não queria ser.

— Por favor — ele sussurrou. — Você é humana. Você é como eu.

Eu não sou como você, Cynthia queria gritar. Não sou eu deitado no chão, fedendo a minha própria urina e implorando a um total estranho para salvar a minha família porque eu fodi a minha vida. Ela fechou os olhos e olhou para longe, abrindo-os para encontrar Raphael olhando para ela.

Ela olhou para ele, então esfregou uma das mãos sobre o rosto fatigado.

— Eu vou tentar — disse ela finalmente. — Me dê o nome de sua esposa e endereço e eu vou tentar. Mas você tem que me dizer tudo o que sabe. Você tem que me dar algo com que trabalhar.

— Ok! — Scott disse, acenando com ansiedade. — Ok. — Colocou sua língua para fora para molhar os lábios, e ele começou a falar.

A porta se fechou atrás de Juro e Duncan, o pobre Scott Judkins preso entre eles. Ele estava certo sobre uma coisa. Ele era um homem morto e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito disso. Ele assinou sua própria sentença de morte no minuto em que ele decidiu trair um vampiro. Ele poderia ter ido até Steve Sipes, Duncan, ou até mesmo para o próprio Raphael, e contado que ele tinha sido abordado. Isso teria sido uma jogada inteligente. Mas as pessoas nunca pensavam sobre a jogada inteligente. Elas simplesmente reagiam e, em seguida, viam suas vidas descer a ladeira e se perguntavam por que aquilo estava acontecendo. E agora, seis homens foram mortos, suas famílias deixadas em luto, e uma menina de oito anos de idade nunca saberia o que aconteceu com seu pai.

Cynthia observou a porta se fechar, em seguida, se virou, indignada com o desperdício da vida humana. Ela andou até a janela de correr atrás da mesa de Raphael e a abriu, indo para a varanda, para o ar fresco. Ela levantou o rosto para a sua frescura, querendo lavar a última hora de sua vida.

— Isso foi bem feito. — A voz sedosa de Raphael se misturava perfeitamente com a noite escura.

Cynthia fechou os olhos. — Ele estava aterrorizado com você.

Ele não disse nada, e ela virou a cabeça um pouco, escutando. Ela queria saber onde ele estava. — Como é que o outro morreu? Foi você quem o matou?

Raphael deu de ombros elegantemente. — Cynthia eu sou um vampiro. Ele me traiu e assassinou homens que confiavam nele. Você não disse o mesmo para Judkins?

Ela deu-lhe um olhar sombrio. — Então isto é como uma revolta de palácio ou algo assim?

— Algo assim.

— Eu pensei que os seus não podiam traí-lo.

Raphael se virou para observá-la, seus olhos escuros ilegíveis. —Eu disse que era improvável, mas não impossível. Em qualquer caso, este não é um dos meus próprios filhos.

— Como você sabe que ela ainda está viva? — Ela perguntou, de repente, querendo quebrar a sua fachada de legal. — A isca não tem que estar viva.

Ele considerou-a firmemente, sem dizer uma palavra, mas ela sentiu a reprovação dele do mesmo jeito. Ela encontrou seu olhar, recusando-se a desviar o olhar. Ele sorriu levemente e disse: — Estamos... vinculados, Alexandra e eu, em mais de uma maneira. Sentiria sua morte no instante em que acontecesse. Iscas vampiras têm que estar vivas, doce Cyn.

Cynthia corou, envergonhada por sua falta de sutileza, embora ela nunca admitiria isso a ele. Ela ergueu o queixo desafiadoramente. — Você sabe quem tem Alexandra então?

— Eu suspeito, nada mais. Alguém que fez um juramento de lealdade e agora reconsiderou.

— Assim como seu companheiro Albin.

— Você fica agradada por eu ter inimigos, Cyn?

Cynthia pensou sobre isso. —Não. — disse ela, finalmente, sabendo que era verdade. —Não, não. Você vai ajudá-las?

Ele franziu o cenho. — Ajudar quem?

— Eu prometi a Judkins tentar ajudar a sua esposa e filha. Você se gabou a mim sobre como você é justo com seus homens, como você ajuda as suas famílias quando eles morrem por você. Aquele homem serviu você fielmente durante dez anos. Ele foi estúpido, não mal-intencionado. Sua família não deveria sofrer por isso. Eles já sofreram o suficiente e só porque ele cometeu o erro de trabalhar para você.

— Como você faz. — Sua voz era suave, mas havia uma raiva subjacente.

— Como eu faço. — ela concordou cansada. — Então, você vai dar-lhes os benefícios de sua morte?

Ele a olhou melancolicamente, e depois levantou um canto da boca em um sorriso desprotegido. — Realmente vou, Cyn. — Ela deu um suspiro de alívio. — Se você oferecer os benefícios pessoalmente.

— O quê? Não. Eu não conheço essas pessoas. Eu não quero.

— Ah. Então há limites para a sua compaixão? Ou será que você não quer enfrentar o resultado do que você fez ontem?

Ele estava certo. Ela não queria olhar no rosto de uma mulher e dizer que o marido nunca voltaria para casa. Não queria inventar uma história para explicar por que ele tinha morrido, para tentar fazer dele um herói. Mas talvez ele fosse um herói. Tudo o que ele tinha feito tinha sido tentar proteger sua família, equivocado, talvez, mas ele tentou. — Tudo bem. Vou fazer isso. — disse ela, em seguida, virou-se, olhando para o oceano. — Você está seguro aqui fora? — perguntou ela, esperando que ele voltasse para dentro.

Um macio raspar na varanda de azulejos avisou que ele se aproximava, até que ele estava de pé logo atrás dela, sua boca junto ao ouvido dela. — Você está preocupada comigo, Cyn? — Ele era tão grande que seu corpo bloqueava a luz de seu escritório, lançando uma sombra que eclipsou a sua própria. Ela podia sentir a sua força em torno dela, sua respiração mexendo os pequenos pêlos no seu pescoço, uma sugestão de sua loção pós-barba provocando seus sentidos. Ele estava tão perto que, se ela inalasse profundamente, seus corpos se tocariam. E ela estaria perdida.

— Por favor. — ela sussurrou.

— Por favor? — Raphael repetiu em voz baixa. — Por favor o que Cyn? — Ele acariciou seus cabelos atrás da orelha, arrastando os dedos pelo seu pescoço e ombro, mal tocando a curva do seu peito antes de descansar a mão abaixo da cintura. A menor pressão, um mero aperto de seus dedos, puxando ela contra ele, eliminando essa última fração minúscula de espaço que os separava. Sua ereção estava duramente contra ela enquanto seus longos dedos acariciavam sua barriga, provocando ir mais abaixo. Uma onda de necessidade tomou conta dela, tão intensa que os joelhos quase cederam, e ela balançou com a força disso, inclinando a cabeça para trás contra o seu ombro. Sua boca quente se inclinou para o pescoço dela, sua língua saindo para lamber lentamente ao longo de sua mandíbula, antes de parar perto de sua jugular.

— Não. Por favor, — ela sussurrou mal capaz de forçar as palavras.

— Qual é, Cyn? É não? — Ele sugou o pescoço suavemente, deixando os dentes impressos na pele, sem furá-la, e um arrepio de desejo a fez suspirar antes de fluir abaixo para acender um fogo entre as suas pernas.

— Ou é por favor? — Suas mãos surgiram sob os seios inchados, segurando seu peso em suas mãos grandes, seus polegares dedilhando seus mamilos sensíveis até ao ponto que borda a dor. — Eu posso sentir a sua excitação, Cyn. Eu posso ouvir a corrida do seu coração debaixo das suas costelas. — Sua voz ficou ainda mais baixa, mais sensual, as palavras fluindo de sua boca diretamente em seu cérebro. Ele esfregou sua excitação evidente ao longo da fenda da bunda dela, a deixando sentir seu comprimento rígido lutando contra o ziper da calça. —Eu sei que você quer isso.

Cynthia cobriu o rosto com as mãos, quase rindo do absurdo miserável da situação. Raphael congelou. Ela podia sentir os músculos dos braços dele apertando com raiva, não carinhosamente, mas prendendo-a contra seu corpo.

— Sim, eu quero você. Eu quero você tanto que não posso pensar em outra coisa — ela sussurrou, nem mesmo tentando se libertar dele. — você está nos meus sonhos e ainda assombra os meus dias, quando eu deveria ser livre de você. Cada nervo do meu corpo é torturado querendo você, querendo te tocar, te foder, querendo que você me preencha até eu gritar e implorar por mais. — Ela voltou a rir, então, deu um gemido de desespero.

— Então, por quê? — Havia uma borda em sua voz agora, ela não era a única excitada e ele não estava acostumado a ser negado.

Porque eu estou apavorada, ela queria dizer. *Apavorada de que minha própria necessidade me afogue até que não haja nada mais de quem eu sou, nada além do seu cheiro, o seu toque em minha pele, até que não haja nada além de você.*

Ela abriu os olhos e se virou para encontrar esferas negras e brilhantes em vez de seus olhos a apenas centímetros de distância. Os dedos dela levantaram para tocar aqueles lábios sensuais pela primeira vez, e ela respirou fundo, incapaz de suportar a sua suavidade. Ela deu um passo para trás, enxugando lágrimas quando o ar da noite fluiu entre seus corpos novamente.

Raphael olhou para ela, seu maxilar cerrado, suas narinas alargando com cada inspiração. Ele piscou e seus olhos voltaram a ser apenas olhos, belos e dramáticos, mas apenas olhos. — Você vai ser minha antes do fim, Cyn. Não se engane sobre isso.

— E o que vai acontecer quando você se cansar de mim? — ela perguntou suavemente. — Serei descartada também, Raphael? Presa em um palácio bonito,

com nada além de lembranças? Eu vi o que você deixa para trás. — Ela escorregou por ele, quase correndo de volta para a casa. Suas palavras a fizeram parar. — Não é o que você pensa. — disse ele asperamente.

Cyn se virou e olhou para ele. — Então o que é?

— Uma longa história. — Ele se aproximou dela e fez uma pausa para acariciar seu rosto com um dedo. — Para outra noite, talvez, quando você estiver mais propensa a ouvir. — Ele abriu a porta quando Duncan apareceu no corredor.

— Durma bem, Cyn. — Ela fugiu sem olhar para trás. Raphael olhou para o mar, pensando sobre Cyn, sobre Alexandra. Sua descartada amante? Ele sufocou uma risada. Se fosse assim tão simples. A memória o levou de volta as masmorras fétidas, em Paris. Nada jamais foi simples com Alexandra.

Capítulo Vinte e Um

Paris, 1793

Raphael percorria as entranhas da prisão, respirando o cheiro do sofrimento humano, o perfume inebriante de terror sob o mau cheiro de perfume caro. As celas estavam preenchidas até transbordarem com os aristocratas mimados de Paris, suas roupas caras agora esfarrapadas e bem rasgadas, sua pele macia coberta de imundície que nenhuma quantidade de perfume poderia esconder. Os blocos das celas das mulheres eram seus favoritos. Ah, com certeza, os homens ricos estavam sobrecarregados com desespero, perguntando se o dia seguinte seria o último, ou talvez o dia depois desse. Com cada batida da guilhotina no grande pátio, o medo de que suas próprias cabeças fossem cair no cesto muito em breve disparava.

Mas os homens, em sua maior parte, eram covardes, aconchegando-se nos cantos de suas celas miseráveis, incapazes de acreditar em tal destino. Eles já tinham entregado os seus corações e almas, senão seus corpos.

Mas, as mulheres! Defensoras ferozes de sua vida e virtude, desafiantes até o momento em que a lâmina brilhante caía sobre o pescoço delicado. Seu terror era mais vivo e seu espírito muito mais vivo do que o dos homens, mesmo nesse buraco infernal.

Ele caminhou livremente pelos corredores úmidos, envolto em sombras, no anonimato de um forjado uniforme que o declarava como um dos vencedores... Hoje. Porque os vencedores de hoje poderiam facilmente tornar-se as vítimas de amanhã. Ele tinha visto a ascensão e queda de impérios e reis muitas vezes para acreditar em qualquer coisa sobre a raça humana que fosse permanente. As mulheres nas celas olharam para ele quando ele passou, atraídas por ele apesar do instinto animal que as advertia a fugir. Ele parou perto de uma cela quase vazia, olhando para sua solitária ocupante. Ela já não era jovem, mas ainda bela, uma mulher de carne, que indicava riqueza nesta cidade, nesta época. Seus olhos atordoados o olharam com cautela, quando ele abriu a porta da cela.

— Não tenha medo, pequena. — ele a acalmou. — Vou fazer as coisas melhorarem.

Ela caiu facilmente sob o seu feitiço, seu corpo folgado em seus braços enquanto ele se inclinou para o carnudo pescoço dela. Ele fez uma careta ao sentir o gosto de seu sangue, a doença manchando sua vida. Era muito comum encontrar uma boa mulher tão corrompida, infectada pelo seu próprio marido, um bom membro da sociedade que fodeu as prostitutas do cais e que, em seguida, trouxe sua doença para sua esposa, enchendo-a de morte, mesmo quando a enchia de vida. Viva a revolução, pensou cinicamente. Eles mereciam ser varridos pela vassoura grande da história. Ele engoliu em seco, a luta contra o impulso de cuspir o sangue. A doença não iria contagiá-lo e o alimentaria de qualquer maneira.

De fora da cela, o riso de uma mulher jovem chamou sua atenção. Ele ergueu a cabeça, farejando o ar. Tão familiar o som que lhe cutucou na memória, chamando por ele...?

Ele largou a mulher moribunda, se lembrando no último momento de pousá-la suavemente no chão antes de ir para o corredor, as suas narinas alargando. Ele perseguiu pelos corredores com um novo propósito, no intuito de encontrar a origem deste distúrbio, essa coisa que chamou adiante uma emoção há muito tempo morta, ele não poderia dizer o nome.

Contornando uma esquina, ele viu o bando de guardas prisionais, seus honestos uniformes eram cópias tristes do seu, os seus corpos não mais limpos do que os presos que eles estavam vigiando. Eles encontraram algum esporte miserável com uma das mulheres, ele já tinha visto isso antes, esses vilões de rua obscenos tendo prazer nas pregas suaves de uma mulher que apenas alguns meses atrás eles nem seriam permitidos olharem na rua. Eles tinham esta encurralada em um canto, reunidos em torno dela como uma matilha de lobos. Seu riso dançou sobre suas cabeças e ele franziu o cenho. Por que ela…

Um dos estupradores se moveu, e a matilha inteira se deslocou quando ele tentou agarrar a desgraçada. Raphael ouviu um grito de dor, e o clima mudou quando os guardas se afastaram com medo, algumas das pessoas mais próximas a ele voltando-se para correr. Havia sangue. Ele poderia cheirá-lo, maduro e fresco. Ele andou para frente, os guardas se encolhendo em volta dele, seus rostos atordoados como se…

Impossível. Raphael abriu caminho através da suja matilha, jogando de lado os homens, negligenciando os seus gritos de dor, de medo. Eles não eram nada para ele. Ela, ela era tudo. Ela era... Sasha.

Ela olhou para ele, seu cabelo espesso emaranhado e sujo, o seu corpo cheirando a suor e sangue de muitos homens. Olhos negros iguais aos seus lhe deram um olhar preguiçoso, em seguida, afiado em reconhecimento, preenchido com desdém e algo muito parecido com o ódio. Sua boca abriu em uma risada dura, revelando presas afiadas.

— Bem, bem. — ela zombou. — Olha quem veio se juntar à festa com a gente, senhores. Meu próprio irmão. Vamos, finalmente, veio ter o que você cobiçou todos esses anos, Vadim?

— Sasha! — ele disse, chocado, tanto por suas palavras como por sua própria existência.

— Sasha. — ela imitou cruelmente. — Não mais, Vadim. Tais nomes infantis pertencem ao passado há muito tempo. — Ela se empurrou para longe do ser humano em seus braços e caminhou até ele, com os olhos cheios de raiva quando viu suas roupas finas e as mãos limpas. — Você me deixou! Você me abandonou a...

— O que se passa Alexandra?

Raphael se virou para a voz oleosa, seus lábios puxando para trás em um grunhido quando um novo vampiro entrou na sua visão, as suas roupas tão gastas e sujas como as de qualquer preso, a boca molhada com sangue. Ele sorriu quando viu Raphael. — O bonito! — Disse ele com um latido de riso. — Diga-me, você estava com nossa senhora quando ela morreu? Ouvi dizer que foi bastante horrível. — Ele desviou o olhar para Alexandra, chamando-a com um movimento de sua cabeça. Ela se aproximou dele, esfregando-se contra o seu lado com um gemido de medo.

Os lábios de Raphael enrolaram em desgosto. — Alexandra. — disse ele bruscamente.

Ela nem sequer olhou para ele. O vampiro riu. — Ela não é mais sua, garoto. — Ele a puxou contra ele, uma mão apalpando os seus seios obscenamente. — Ela

é toda minha. — Os dedos dele se envolveram em seus cabelos, puxando a cabeça dela para trás para encontrar seu olhar. — Não é querida?

— Sim, Mestre. — ela choramingou.

Raphael apertou sua mandíbula contra uma raiva que ameaçava queimá-lo vivo. — A liberte e viva para ver outra noite. — ele rosnou, sua voz um grunhido baixo de som.

O vampiro zombou. — Não é assim que isso funciona, filhote. Nossa senhora está morta e você… — Ele farejou na direção de Raphael. — Você não está reivindicado... e se dando bem, parece. Eu acho que uma reunião de família é necessária. — Seu rosto endureceu. — Mas vai ser a minha vontade a comandar, rapaz. Não a sua. — Empurrou Alexandra para o lado, erguendo-se em um desafio óbvio. Raphael riu e deixou o seu fluxo de energia livre, saboreando o olhar de choque do outro vampiro... e de medo.

— Acho que não — Raphael disse suavemente.

Alexandra lutou contra ele, lutando pela vida de seu Senhor, que a colocou em risco numa tentativa desesperada de fugir, não mostrando qualquer preocupação com a segurança dela. O poder de Raphael varreu o vampiro que estava fugindo, esmagando-o no chão, sugando a vida dele. Alexandra gritou, batendo nas costas amplas de Raphael sem eficácia, as unhas sujas alcançando o seu rosto até que ele finalmente a subjugou, a protegendo da morte de seu senhor, a reivindicando para si quando o vampiro morto se desfez em pó. Ela cambaleou contra a parede, em seguida, caiu no chão. Seus gemidos rasgavam seu coração enquanto ele embrulhou seu corpo abusado em sua capa. Ele a pegou nos braços e caminhou pelos fétidos corredores para o ar fresco da noite, invisível, sem contestação, correndo através da violência da cidade, deixando de ouvir os gritos dos moribundos ou a risada estridente dos assassinos.

A culpa tomou conta dele enquanto ele passava pelas ruas escuras. Ele tinha pensado que ela estava morta todos esses anos. Sua senhora teria conhecimento de que Alexandra estava viva? Não importa. Nada importava, além de Alexandra. Ela estava com ele novamente, e ele iria salvá-la neste momento. Ele iria salvá-la por toda a eternidade.

Capítulo Vinte e Dois

Cynthia arrastou a bunda para fora da Range Rover, se perguntando se tinha a energia necessária para subir as escadas para seu quarto no terceiro andar. O quarto de hóspedes no segundo andar tinha uma cama perfeitamente confortável. Do jeito que estava, o sofá na sala de praia era muito confortável. Ela deslizou seu cartão através do leitor de chave e empurrou a pesada porta, deixando-a ir quando ela tropeçou.

Um baque inesperado soou lá em cima e ela olhou para cima rapidamente, a mão saindo para pegar a porta antes que ela pudesse se fechar e anunciar a sua chegada. — Ah merda! — murmurou.

Ela baixou a mochila no chão e tirou a jaqueta de couro, em seguida, puxou a arma do coldre no ombro e começou a subir as escadas. Obrigando-se a se movimentar lentamente, ela abraçou a parede, mantendo o seu foco para cima, girando ao redor rapidamente em um desembarque rápido para eliminar a sua exposição no próximo andar. Ela podia ouvir as vozes, no piso superior, ela pensou. Seu escritório. Merda. Se movendo mais rapidamente agora, ela espiou com sua visão periférica o segundo andar, em seguida, correu até os últimos degraus.

Não haviam luzes acesas, mas definitivamente havia alguém lá em cima. Eles não estavam fazendo nenhuma tentativa de esconder a sua presença, claramente não tinham ouvido seu retorno. Quando Cyn passou pela cozinha, ela viu um cartão-chave na bancada. Ótimo. Não eram apenas assaltantes, mas incompetentes. Ela estava muito cansada para lidar com esta merda. Ela parou no último degrau das escadas, escutando. O que fosse que eles estavam procurando, não estavam se movendo muito, não estavam abrindo suas gavetas nem nada assim. Na verdade, eles não estavam se movendo. Franzindo a testa, inclinou-se contra a parede e escorregou para fora de suas botas pesadas e meias, depois, continuou seu caminho.

— Jesus, Billy, porque está demorando tanto? Ela vai estar em casa logo. Seu namorado vampiro tem de estar em seu caixão agora.

— Eu te disse, eles não dormem em caixões, sua idiota. Isso é porcaria de filmes estúpidos. Eles dormem em camas como todo mundo.

— Não me chame de idiota! Quem nos trouxe até aqui?

— Ok, ok. Sinto muito. Olhe, fique quieta. Eu preciso me concentrar aqui. Tem certeza de que a fita está lá dentro? Ela não a trancou ou algo assim?

— Isto é estar trancada? E não é uma fita, é um arquivo de computador. Cristo, por que eu estou com você, afinal?

— Porque sou eu que tenho um primo que trabalha para a Fox[21], baby. Eles vão nos pagar um montão por este filme caseiro.

— Sim, — Cynthia disse. — E isso vai lhe comprar um funeral muito mais agradável depois dos vampiros arrancarem sua cabeça. Mas, ei, seus pais vão ficar muito orgulhosos.

Holly gritou alto o suficiente para ferir os ouvidos de Cyn antes de derrubar a lanterna que ela estava segurando. Ela rolou pelo chão, lançando uma luz ao acaso sobre os dois assaltantes chocados. A metade masculina da dupla, um tipo de aparência bastante jovem, cujo nome era aparentemente Billy, simplesmente ficou ali olhando para ela com a boca aberta. Ele nem tentou esconder as ferramentas usadas para abrir portas penduradas na fechadura do seu escritório.

— Nossa, Cyndi, que maneira de assustar uma pessoa até à morte!

Cynthia manteve a arma apontada para os dois enquanto ela entrava e acendia a luz do corredor. — O que está acontecendo, Holly?

— Bem, é óbvio, não é? Você nos pegou. Boo. Então, abaixe a arma e vamos deixar pra lá.

Cyn encarou. — Só assim? Nada de "Cynthia, desculpe por tentar entrar no seu escritório privado, mas você não está contente por nós sermos um par de incompetentes?" Nem mesmo um falso pedido de desculpa, Holly?

[21] É uma emissora de televisão com sede Estados Unidos da América.

— Você é uma cadela, às vezes. Realmente. Eu não deveria sequer ter que arrombar a fechadura, você devia fazer a coisa certa e me dar o disco desses sanguessugas de uma vez por todas, é seu dever para com a raça humana.

Cynthia abanou a cabeça em desgosto e enfiou a arma de volta em seu coldre. — Você é inacreditável. Cai fora da minha casa e leve o Einstein aqui com você.

Holly bufou indignada e agarrou o braço de Billy, mas ele se afastou, parando para recolher suas ferramentas sob o olhar desdenhoso de Cyn. Seguindo-os através da cozinha, ela balançou a cabeça em perplexidade quando sua irmã checou a bancada casualmente, chegando ao ponto de fazer uma rápida verificação do chão ao redor.

— Você está procurando isso, Holly? — Ela levantou o cartão-chave que sua irmã havia deixado no balcão da cozinha depois de sua entrada.

Holly tentou agarrar o cartão. — Você tem que estar brincando comigo — Cyn disse, puxando-o para fora de seu alcance. — Você deve se considerar sortuda por eu não chamar a polícia por você e seu namorado aqui. A propósito, Chuck sabe sobre este aqui?

— Quem é Chuck? — Billy disse franzindo o cenho.

Holly apertou a boca com raiva, mas Cyn riu, incrédula. Ela os seguiu a descer as escadas e a passar pela porta, todo o caminho para fora da garagem, até que eles subiram em um Toyota sedan surrado, presumivelmente de Billy. Encostada à parede, ela observou o carro chegar à rampa para a estrada e seguir seu caminho. Se endireitando, cansada, ela se virou para caminhar de volta para a garagem quando ouviu um raspar suave em torno dela. Um passo? Ela vasculhou a área circundante, esforçando-se para ver. Ainda estava escuro, na margem de tempo entre a noite e o nascer do sol, quando a luz estava muito escura para ver claramente, e ainda seu cérebro estava dizendo a ela que o sol estava chegando, que ela devia ser capaz de ver. Sombras se agarravam aos arbustos na encosta e nos cantos do prédio. Seu olhar varreu as garagens escuras e o pequeno parque de estacionamento e até a rodovia, na sua maioria ainda vazia tão tarde, ou cedo. Uma mancha de preto passou ao longe, um veículo longo, baixo vindo em sua direção. Algo grande, como...?

Oh, não. Seu coração começou a bater mais uma vez. Não mais vampiros! Ela correu para a garagem e apertou o botão, fechando a porta grande, mais uma barreira entre ela e quem estava naquela limusine. Correndo para casa, ela bateu a porta de segurança e lançou os bloqueios, prometendo não responder, não importa quem batesse na porta. É tarde demais para vampiros! Gritou uma voz melancolicamente dentro de sua cabeça. Vá para casa.

Capítulo Vinte e três

Cyn estava luxuriosa sob o toque de mãos habilidosas, o curso dos dedos acariciando suas costas e sobre a curva de seu quadril, mergulhando entre as pernas dela para... O quê? Ela acordou de repente, praguejando. Esse maldito vampiro novamente. Ela se sentou e balançou as pernas para o lado da cama, se sentindo uma merda. Um olhar para o relógio lhe disse que era quase meio-dia. Ela tinha tomado um calmante para conseguir dormir naquela manhã, chateada com Holly e totalmente estressada sobre um certo vampiro sexy que estava determinado em arruinar a vida dela. Cinco horas de sono agitado e nada para mostrar, exceto vagas lembranças de uma voz doce e uma dor entre suas pernas que não ia embora.

Após ingerir uma xícara de café forte e entregar-se a um dos muffins pecaminosos da empregada, ela reprogramou o fecho magnético na parte inferior da porta. Mesmo que Holly tenha de alguma forma conseguido fazer uma cópia do cartão-chave de Cyn, não iria mais funcionar. Ela fez um par de novos cartões para si mesma, colocando um em sua carteira e o outro em sua mesa de cabeceira ao lado da Glock 9 milímetros.

Feito isso, ela fez algumas chamadas para seu antigo departamento. Pelo que Judkins lhe tinha sido capaz de dizer, ela tinha quase a certeza que esse cara, Kolinsky, era da Máfia Russa. L.A.[22] tinha uma grande comunidade emigrante do leste europeu e desde o colapso do comunismo na antiga União Soviética, a presença da multidão havia crescido exponencialmente. Cyn tinha um casal de amigos no departamento, amigos ocasionais, amigos de trabalho com quem ela podia conversar para obter informações. Como Benita Carballo, que trabalhava principalmente em situações relacionadas com gangues Latinas e Negras, mas que podia ter ouvido algo no escritório. Elas tinham andado na Academia juntas e tinham sido próximas durante um tempo. Até Cyn deixar o LAPD[23]. Então elas se separaram, trocando chamadas telefônicas duas ou três vezes por ano. Benita era uma pequena mulher latina que estava constantemente tentando provar que era tão forte como os caras.

[22] Los Angeles.

[23] Departamento Policial de Los Angeles.

Depois, havia Dean Eckhoff. Ele tinha sido o seu oficial de treinamento durante seu ano de estréia e tinha se tornado detetive logo depois disso, eventualmente atribuído à Homicídios. Dean tinha 20 anos no departamento, e ele era provavelmente a sua melhor aposta para obter informações sobre uma possível conexão da máfia com Kolinsky.

Telefonou para Benita, uma recepcionista anotou o recado, mas não deu mais informações. Isso significava que sua amiga estava em missão, possivelmente disfarçada, e poderia demorar entre uma hora e um mês antes que Cyn ouvisse falar dela. Por outro lado, Eckhoff estava em seu escritório quando ela ligou e disse-lhe para passar por ali.

Antes de entrar no chuveiro, ela ligou para Raphael. Grata pela saudação impessoal em seu correio de voz, ela esperou pelo sinal. — *Raphael, aqui é Cynthia Leighton. Estou verificando com algumas pessoas que eu conheço sobre Kolinsky e eu realmente apreciaria se você não fizesse nenhum movimento até eu ter alguma informação. Eu vou chamá-lo assim que tiver alguma coisa. Provavelmente mais tarde esta noite. Ok. Falo com você depois.*

Que mensagem estúpida, Cynthia. Profissional? Não. Inteligente? Não. Cristo, você parece uma garota de quinze anos de idade. Ela suspirou e desligou. Aparentemente, o sistema do vampiro não tinha a opção de apagar mensagens constrangedoras. Muito ruim.

Ela tirou a roupa e abriu a água quando a campainha da porta tocou. Sua campainha. Na porta da frente. Levou um momento para descobrir o que o barulho era. Ela nunca usou a porta da frente. A maioria das pessoas nem sequer pensava que havia uma porta, uma vez que era no segundo nível na lateral de seu edifício. E, além disso, a porta através da garagem era muito mais conveniente. Mas ela tinha fechado a porta da garagem, não tinha? Merda. Bem, com o sol no céu, pelo menos ela sabia que não era um vampiro.

Cyn enfiou uma roupa, então foi tranquilamente para sua varanda e olhou ao redor da lateral do prédio. Ela não tinha uma câmera na porta da frente, por causa de sua pouca utilização. Era uma porta resistente, de madeira maciça com uma tranca em uma estrutura reforçada, e era ligada ao sistema de alarme, mas era só isso. Um cara de entregas local estava no patamar de pequeno porte, com cara de tédio e claramente se perguntando se havia alguém em casa. Ela escorregou silenciosamente de volta a sua casa, em seguida, correu para baixo abrindo a porta. Ele se iluminou imediatamente.

— Eu tenho uma entrega para... Cynthia Leighton?

Todos os tipos de respostas impertinentes lhe vieram à mente, mas, porra, o cara só estava tentando fazer seu trabalho. — Eu sou Cynthia. O que é isso?

Ele indicou uma caixa marrom quadrada que estava aos seus pés, em seguida, entregou-lhe um desses computadores de mão para ela assinar. Cyn olhou a caixa incerta. — De quem é?

O entregador pegou o computador de volta e empurrou um par de botões. — Empresas Raphael? Bem aqui, em Malibu. A ligação veio bem cedo esta manhã!

— Sério.

Deu-lhe um aceno alegre.

Cynthia suspirou. —Tudo bem. — Ela pegou o aparelho oferecido e assinou seu nome, em seguida, pegou vinte dólares que guardava em um bolso com zíper para quando ela saía para caminhar. O coitado merecia uma gorjeta. Ele provavelmente não tinha idéia de que ele se aventurou em um ninho de sanguessugas esta manhã. E ela não queria nem pensar no que poderia ter dentro da inocente caixa.

— Obrigado! — Ele guardou a gorjeta, pegou a caixa, e entregou-lha.

— Claro. — Ela já estava se perguntando o novo horror que Raphael estava depositando em sua porta. Andando até a cozinha, ela deslizou a caixa sobre o balcão, em seguida, usando sua tesoura da cozinha, que nunca tinha sido utilizada para cortar algo mais resistente que papel, cortou a fita da tampa da caixa.

A primeira coisa que viu foi um envelope com seu nome escrito em uma letra arcaica. Seu coração parou por um par de batidas e ela lambeu os lábios nervosamente. O envelope revelava a existência de vários documentos, cada um dos quais se referiam a Scott Judkins. Havia uma cópia de sua apólice do seguro de vida, juntamente com um cheque para o pleno benefício, uma cópia do seu contrato de trabalho, com as disposições da morte em destaque, e outro cheque com um valor grande o suficiente para fazer seus olhos aumentarem. O documento final eram as instruções de Scott Judkins para a eliminação dos seus restos mortais em caso de sua morte. Cynthia leu rapidamente, uma sensação de mal estar crescendo em seu estômago, quanto mais ela lia. Quando ela terminou, ela pôs o documento cuidadosamente sobre o balcão e levantou o papelão da embalagem dentro da caixa.

— Merda! Maldito sanguessuga, filho da puta...

Descansando dentro da caixa, aconchegada ordenadamente em seu próprio nicho estava uma urna de bronze. Os restos mortais de Scott Judkins.

Aparentemente, os guardas de Raphael assinavam um acordo que em caso de sua morte prematura, os corpos seriam transportados imediatamente para o lar para um funeral adequado e eliminados de acordo com a vontade deles. Sem dúvida que a visão dos vampiros fazendo um banquete com sua carne morta ajudou na complacência dos guardas na eliminação rápida, mas Cynthia se perguntava como a Sra. Judkins ia receber a notícia de que seu marido não só havia falecido, mas ele tambem já tinha sido cremado, e, oh, a propósito, aqui está ele. O fodido Raphael estava provavelmente rindo em seu sono dos mortos-vivos.

Capítulo Vinte e quatro

O lar de Judkins acabou por ser uma daquelas casas pré-fabricadas, que ficavam uma ao lado da outra, exatamente iguais, exceto por pequenas variações de design que se repetiam a cada quatro casas ou algo assim. O grande sonho americano da casa própria.

O bairro estava vazio quando Cyn estacionou seu Range Rover na frente da casa. Ainda era cedo o suficiente para que as crianças estivessem na escola e, na maioria dessas famílias, ambos os pais provavelmente trabalhavam. A mãe ficar em casa era um luxo que não podiam ter ou não conseguiriam manter a casa. Emily Judkins aparentemente era uma das exceções. Ela atendeu a porta, era uma mulher média, com cabelos loiros e olhos cansados. Provavelmente preocupada com seu marido. Cyn suspirou.

— Sra. Judkins? Emily Judkins?

— Sim. A palavra saiu um pouco trêmula. Ela tinha olhado Cynthia em seu terninho Armani preto e o Range Rover estacionado em frente e percebeu que Cyn não era uma vendedora ou algo assim.

Cynthia estendeu a mão. — Meu nome é Cynthia Leighton, Sra. Judkins. Eu trabalho para... As Empresas Raphael. — Ela decidiu usar o nome que o entregador tinha usado esta manhã. — Eu poderia entrar por um momento?

Os olhos cansados se encheram de lágrimas enquanto a Sra. Judkins apertava a mão de Cynthia, segurando um pouco mais apertado e durante um pouco mais de tempo do que o absolutamente educado.

— Scott está morto, não é? — Ela sussurrou.

— Nós poderíamos ir para dentro... — Cynthia solicitou.

— Por favor, me diga! O meu marido está morto?

Cynthia considerou a mulher solenemente. Que diferença faria, afinal, onde ela ouvia a notícia? — Sinto muito, senhora Judkins. Eu realmente sinto muito.

Emily cobriu seu rosto, seus ombros tremendo em soluços silenciosos. Quando ela se virou e vagou de volta para sua casa, Cynthia a seguiu, fechando a

porta. Cyn não era alguém que facilmente ou voluntariamente abraçava a estranhos, ou mesmo pessoas que ela conhecia mais que ligeiramente. Ela se sentia desconfortável com a emoção excessiva de praticamente qualquer tipo, especialmente em frente aos outros, tendo sido criada em um vácuo emocional. Ainda assim, ela realmente sentia muito por Scott Judkins e sua família. Não era que ela não tivesse sentimentos, ela apenas não estava confortável em expressá-los.

Cyn colocou um braço em torno da mulher estranha e a guiou para o sofá, em seguida, encontrou a cozinha e pegou um copo de água. Ela não tinha certeza do que a água deveria fazer, mas todos pareciam precisar de um copo de água em uma crise deste tipo. Ela pegou uma caixa de Kleenex no balcão da cozinha e foi ter com a mulher.

Colocou a água sobre a mesa e segurou a caixa. Judkins pegou um par de lenços entre soluços, o que fez Cynthia sentir que ela tinha feito a coisa certa em agir daquela forma. Ela deu um tapinha nos ombros da mulher tímida e se sentiu ainda mais estranha, tirou a mão e se empoleirou na cadeira ao lado do sofá.

— Há alguém que eu possa chamar Sra. Judkins? Alguém que você gostaria que estivesse aqui com você?

— Não. — murmurou a Sra. Judkins. — Não, eu vou ficar bem. Sinto muito. — Ela usou mais alguns lenços e tomou um gole de água. — Sinto muito. — ela repetiu. — Eu acho que eu sempre soube que isso aconteceria.

Cynthia procurou algo a dizer. — Como seu marido começou a trabalhar para a, hum, empresa, Sra. Judkins?

— Está tudo bem — disse ela com um sorriso aguado. — Eu sabia o que eles eram, o que eles são. Scott e eu conversámos sobre isso, se era a coisa certa trabalhar para um vampiro. — Ela corou ligeiramente. — Eu me sinto tola, mesmo dizendo isso. Tantas pessoas não acreditam que eles são reais, ou fingem que não.

— Não é exatamente um segredo.

— Não, mas também não é falado, não é? Acho que eles queriam que fosse assim. — Ela desviou o olhar, triste mais uma vez. — Então, o que acontece agora? Eu sei que Scott tinha... — Seu lábio tremeu e ela tomou outro gole de água. — Você sabe? Você sabe como ele...

— Houve um ataque à propriedade. Os agressores eram guardas bem armados e vários foram mortos antes que alguém entendesse o que estava acontecendo. A motivação é pouco clara, neste ponto, embora nós ainda estejamos

investigando. —Um pensamento súbito ocorreu a Cyn. — Temos razões para acreditar que pode haver alguma ligação com o crime organizado. Eu não sei o quanto Scott lhe contou sobre o que fazia.

— Ele quase nunca conversava sobre isso. — Emily disse com um sorriso melancólico. — Ele disse que aqui era o seu refúgio. Esta casa, nossa filha... Eu. Mas as coisas saíam ocasionalmente erradas, você sabe como é. — Olhou para Cynthia. — Você é casada, Sra. Leighton?

— Uh, não. Mas eu entendo. — ela mentiu. — Ele tem amigos com quem ele falasse? Talvez mesmo alguém com quem trabalhava?

— Não. Vivíamos tão longe. A maioria dos outros viviam mais próximos do prédio, por isso era difícil. Ultimamente, ele estava passando muito tempo com alguém que o marido da minha prima lhe apresentou. Barry alguma coisa. Ouvi-os conversando algumas vezes, mas eu nunca o conheci.

— Você disse que sua prima os apresentou?

— O marido da minha prima. — ela corrigiu. — Ronnie. Este Barry trabalhou com ele. Ronnie é motorista de caminhão. Isso costumava ser um bom trabalho, você sabe. Até que eles começaram a recrutar mais no México. Agora eles trazem pessoas que trabalham pela metade do preço. Assim caras como Ronnie ficaram sem sorte. De qualquer forma, ele conseguiu uma vaga em algum armazém mais no leste de L.A., e esta funcionando muito bem para ele. Quando ele descobriu onde Scott trabalhava, ele o apresentou a esse cara Barry. Eu acho que Barry estava à procura de um emprego de segurança. Meu marido nunca falou comigo sobre isso.

Ela franziu a testa, pensativa, olhando para Cyn e para longe, como se tentasse decidir se daria continuação.

— Sra. Judkins? Há algo que você queira me dizer sobre Barry?

Ela fez uma careta. — É que Scott não parecia gostar muito dele, mas passavam muito tempo juntos de qualquer maneira. Isso é estranho, não acha?

— Você os ouviu falar sobre trabalho, qualquer coisa...?

— Barry está envolvido nisso? Ele fez algo que matou Scott?

Cynthia considerou a outra mulher em silêncio, sentindo-se culpada com a idéia de bombardear uma viúva em luto para obter informações. Por outro lado, essa poderia ser sua única chance.

—É possível. — admitiu ela. — Nós temos razões para pensar que Barry estava envolvido.

— Mas não Scott! Você não pode acreditar nisso! Scott nunca faria algo assim. Ele é um bom homem... — Sua voz vacilou. —Ele era um homem bom. E ele amava o seu trabalho, Sra. Leighton.

— Sobre que tipo de coisas eles falavam? Seu marido e Barry. Eles falavam aqui, ou...

— Não! Scott nunca trouxe Barry aqui para casa. Eles falavam ao telefone na sua maioria, ou se encontravam em um bar local. — Sua boca apertou com desaprovação. — Eu não gostava disso, Scott indo a tantos bares. — Emily ficou em silêncio. Cyn estava prestes a dizer algo para pedir a ela para continuar, quando ela começou a falar novamente. — Como eu disse, eu não ouvi muito, mas houve uma coisa que ficou presa em minha mente. Um nome, eu acho. Eu tive um semestre na faculdade. Uma classe de noite, você sabe, para as pessoas que querem aprender algo interessante, ou se encontrar com alguém, eu acho. Havia uma enorme quantidade de pessoas solteiras lá. Enfim, era uma classe de poesia, poesia do século 19, e é por isso que o nome ficou em minha mente.

Cynthia sorriu encorajando-a, se perguntando se a história daria em alguma coisa de importante.

— Pushkin. — Emily disse, como se isso explicasse tudo.

— Pushkin? Quer dizer o poeta russo?

— Exatamente. Esse é o nome que eu ouvi em uma mensagem do correio de voz. Peguei as mensagens do Scott por engano e havia uma mensagem de Barry. Naturalmente, logo que eu percebi o que eu tinha feito, eu desliguei.

Claro que você fez, querida, Cynthia pensou consigo mesma.

— Mas ele disse esse nome. Pushkin. O que eu achei estranho.

— Hmm. O nome não significa nada para mim, mas talvez para outra pessoa. Isto pode ser útil, Sra. Judkins. Obrigada. — Cynthia pigarreou nervosamente e pegou a bolsa e o novo envelope que tinha preparado. — Ah, eu sei que isso é difícil, Sra. Judkins. Mas, bem, eu tenho alguns documentos aqui que você precisa ver.

Emily pegou o envelope, hesitante. Ela olhou para Cyn, como se pedisse permissão, antes de abrir. Seus olhos se encheram de lágrimas frescas quando viu

a declaração de seguros e benefícios, como se aquele pedaço de papel que ela trouxe para casa dizia realmente que o marido estava morto.

No momento em que ela chegou ao primeiro cheque, e depois ao segundo, as lágrimas rolavam pelo seu rosto e sua boca estava entreaberta, atordoada. — Isto é...

— Um monte de dinheiro. Sim. As empresas Raphael levam sua responsabilidade com muita seriedade. Seu marido morreu fazendo o seu trabalho, a gestão não quer que você ou sua filha sofram por causa disso. Isso não é o suficiente para viver para sempre. — Ela apontou para os dois cheques. — Mas se você controlá-lo, ele vai durar algum tempo e talvez até mesmo colocar sua filha em uma faculdade. Ele não substitui Scott, mas... — Ela encolheu os ombros. — É algo que podemos fazer.

— Obrigada. — Emily respirou. — Eu não teria sabido…

— Sra. Judkins, me perdoe por me intrometer, mas você tem família? Existe algum lugar que você poderia levar a sua filha, em algum lugar longe da Califórnia?

Emily olhou para ela com surpresa, depois com alarme. — Você acha que quem matou Scott pode tentar nos fazer mal? Prejudicar minha filha?

— Eu não quero assustá-la, mas essas são pessoas muito más. Você tem o dinheiro para construir uma nova vida praticamente onde quiser. Pode ser bom para você e para sua filha conseguir um novo começo.

Emily agarrou o envelope ao peito e olhou para a casa ao seu redor, como se catalogando as memórias. — Tenho família em Wisconsin — ela sussurrou. — Talvez...

— Você não precisa decidir agora — Cynthia se apressou a dizer. — Você não precisa nem mesmo me deixar saber o que você decidir. — *Por favor, não me diga o que você decidir*! Ela pediu privadamente. — É apenas algo para se pensar. — Levantou-se e puxou seu casaco. — Tenho certeza que você quer ligar para a sua família — disse ela, pensando na urna em sua caminhonete. — Eu tenho uh, eu tenho...

— Oh Deus, eu tenho que ligar para os pais de Scott. — Emily enterrou o rosto nas mãos, expirou e olhou para cima. — Obrigada, Sra. Leighton, por vir me dizer. Você foi muito gentil.

Eu fui? — É o mínimo que eu podia fazer. Seu marido me falou sobre você e sua filha, ele pensava em vocês o tempo todo.

— Você conhecia Scott? Você trabalhou com ele?

— No fim. Sim. No fim. — Cynthia fez seu caminho até a porta, de repente, ansiosa para sair desta casa confortável e de suas memórias. — Se você precisar de algo mais, se tiver alguma dúvida, há um cartão no envelope com um número que você pode chamar.

Ela já estava abrindo a porta, arrumando-se para seu ato final de entrega, quando Emily disse atrás dela. — E os… Restos de Scott? — A última palavra era um sussurro incrédulo. — Eu sei que nós concordamos em cremação, mas como é que...

Cynthia soltou uma respiração, lutando para colocar algum tipo de rosto digno. — Eu, uh... Eu estou com a urna do seu marido no meu carro. Me desculpe, mas eu não quero...

— Ah. Oh meu Deus.

— Eu vou, hum, eu vou buscá-la para você. Se não houver problema?

— Claro. Eu... — Emily estava chorando de novo, soluçando até desmoronar para o sofá.

— Por favor, deixe-me chamar alguém para você. —disse Cynthia miseravelmente.

— Olá.

Cynthia saltou quando uma voz chamou do lado de fora da porta entreaberta.

— Emily, você está em casa?

Cyn abriu a porta para ver uma mulher mais velha e elegante, mas acessivelmente elegante, com idade para ser mãe ou tia. Por favor, que ela seja a mãe ou tia!

— Emily, querida, o que está... — A mulher deu a Cyn um olhar desconfiado, então se apressou para confortar a viúva em luto. Cynthia aproveitou a interrupção se apressando para fora para recuperar a caixa marrom do banco de trás. Ela pensou em colocá-la no porta malas como qualquer outra caixa, mas pareceu muito impessoal para as cinzas de alguém. Por outro lado, no banco da frente era muito assustador, então Scott tinha ficado no banco de trás. Ainda um lugar para uma pessoa, mas não muito participativo.

Emily e sua consoladora tinham desaparecido nas profundezas da casa quando Cynthia voltou. Então ela depositou a caixa sobre a mesa da sala de jantar – novamente debatendo sobre isso, chão ou mesa, finalmente optando pela mesa, que provavelmente não era muito usada de qualquer das formas. Ela pensou em gritar para dizer adeus, mas depois percebeu que a senhora Judkins provavelmente já tinha ouvido quase tudo o que queria de Cynthia Leighton, então ela fechou a porta silenciosamente atrás dela, subiu na Range Rover, e se dirigindo para o homem que ela pensava que podia lhe dar algumas respostas. Quem era Kolinsky e como ele se relacionava com um poeta russo morto há muito tempo?

Capítulo Vinte e cinco

Era mudança de turno na estação; uniformes azuis enchiam os corredores, chegando e saindo no meio da habitual vida de uma grande estação de polícia. Ela viu algumas pessoas que ela conhecia e acenou, viu alguns outros que ela conhecia e olhou para o outro lado. Houve mais de uma razão para Cyn ter decidido se tornar uma investigadora particular. Assobios baixos de apreciação pela sua saia quente a seguiram na sua passagem pelo labirinto de mesas. Dean Eckhoff estava à espera quando ela dobrou a esquina de seu escritório, encostado na cadeira e olhando para o teto, como se tivesse estado à espera há muito tempo.

— Corte o teatro, Eckhoff, você não tem outro lugar para ir e sabe disso.

Ele se levantou da cadeira com uma carranca na direção dela. — Eu quero que você saiba, Srta. Leighton, que eu tenho uma amiga que está muito ansiosa para me ver esta noite.

— Sim, mas ela só quer que você coçe a barriga dela enquanto você presta atenção na Roda da Fortuna, o que vai demorar um par de horas ainda.

Eckhoff balançou a cabeça em desgosto. — Você feriu meu ego, Cyn. Como você acha que um homem se sente quando uma bela mulher diz coisas assim para ele.

Ela riu depois deu um suspiro profundo e deixou-se cair na cadeira diante de sua mesa, dolorosamente ciente de sua saia curta e pernas nuas.

— Dia difícil? — Ele zombou.

— Você não tem idéia. — Olhou seu velho amigo. — Você parece bem, Dean. Talvez você realmente tenha uma senhora esperando por você. — Eckhoff era um cara alto, magro, que se vestia como um nerd de Oxford e que podia falar como um também, quando lhe apetecia. Essa vontade geralmente se desenvolvia com uma enorme quantidade de álcool. Seus olhos eram de um azul desbotado e o que restava do seu cabelo ainda mostrava algum vermelho no meio do cinza.

— Então, o que lhe traz até aqui hoje, novata[24]?

Ela sorriu. — Estou trabalhando para um cliente. Parece um seqüestro, provavelmente extorsão para conseguir alguma coisa do meu cara. Algumas informações nos fazem pensar que pode haver uma conexão com os russos.

Eckhoff franziu o cenho. — Não é um pouco fora da sua liga, Cyn? Você lhe disse para chamar a amigável força policial?

— Você me conhece melhor do que isso, Dean. Claro que eu fiz. Mas esse cara não vai fazer essa chamada. Ele tem razões, algumas muito boas, realmente.

Eckhoff considerou seu tom sombrio. — Este é um de seus clientes especiais?

— Talvez. — ela reconheceu que era o mesmo que admitir isso.

— Yeah. Bem, isso faz uma diferença, eu acho. Não posso culpar o cara por querer manter um perfil baixo. Então, quem está trabalhando com você?

— Só eu. Você sabe que eu trabalho sozinha.

— É por isso que você não está mais usando um uniforme azul. — ele respondeu com azedume.

Cyn encolheu os ombros. — Em parte. Então, o que você sabe sobre os russos locais?

— Não é o meu território, querida.

— Não diretamente, não. Mas você deve ter pego alguns casos, ouvido algumas coisas?

— Não ultimamente. Ouça Cyn, eu realmente tenho que sair daqui. Você quer ir dar uma volta comigo?

— Claro. — disse ela, intrigada. — Tenho o carro estacionado na parte de trás.

[24] Do original 'grasshopper' cuja tradução literal é gafanhoto, mas que se refere a alguém que é um novato, um aluno/discípulo, um subordinado, etc. Um termo para alguém que está a aprender com um mestre mais sábio.

— Perfeito.

Eckhoff colocou um braço em torno de sua companheira e puxou-a para perto quando a porta da delegacia se fechou atrás deles.

— Você tem que ser cuidadosa falando sobre os russos por aqui, Cyn. — ele murmurou baixinho. —Eles têm alguém infiltrado, e nós não conseguimos descobrir quem é.

Cynthia riu para ele, como se eles estivessem tendo uma conversa alegre. — Há quanto tempo? — perguntou ela.

— Alguns meses, talvez mais. Quanto você sabe?

— Não muito. Eu tenho dois nomes. Um é bastante sólido, o nome do cara é Kolinsky. Os outros são um tiro no escuro. Pushkin. E um possível sucesso em uma empresa de exportação falsa a leste de Los Angeles. Muito fraco, mas é tudo que tenho até agora.

— Eu não conheço ninguém chamado Pushkin, mas Kolinsky trabalha com a Odessa Exportações em Vermont. — Bingo, Cyn pensou. — Acho que tenho algumas coisas para você, vou enviar por fax. Ele não é o cara no topo. — continuou Eckhoff. — Mas ele está bem perto. Sua amiga Carballo saberia mais. Ouvi dizer que ela está trabalhando desse lado da cidade por estes dias.

— Benita?

— A única que eu conheço.

— Isso não é o seu estilo habitual.

— Ei, eu não faço perguntas. Mas tenho praticamente certeza de que a informação é confiável. Ouça, Cyn. Isso é uma má multidão. Esses caras são alguns russos malucos sanguinários. Você não vai lá sozinha, está me ouvindo? Mesmo que seja somente para fazer perguntas, pegue alguns desses vampiros e leve junto. Ouvi dizer que eles são piores até que os colombianos.

— Obrigado, Dean. Te devo uma. Dê à sua namorada um coçar de barriga extra por mim. — Ela sorriu, depois ficou na ponta dos pés e beijou o rosto sardento.

— Tome cuidado, novata. Eu quero mesmo dizer isso.

Cyn fez uma vénia[25] simulada, as palmas uma contra a outra em frente a ela. Atravessou o estacionamento até seu carro, o sol quase cegando-a. Ela subiu no interior e abaixou o visor, em seguida, deu partida e foi em direção a Malibu. Os vampiros estariam acordados em pouco tempo e era hora de brincar com alguns bandidos.

[25] Saudação respeitosa.

Capítulo Vinte e seis

Cyn saiu da estrada principal e dirigiu a curta distância até seu condomínio, procurando o lugar do controle remoto da garagem no console principal de seu SUV. Seus faróis varreram a porta da garagem fechada e ela olhou para cima automaticamente enquanto clicava no controlo remoto. Ela xingou suavemente. Uma limusine familiar, longa e preta estava estacionada contra a colina coberta por plantas, e ela não precisava de seus faróis para identificar a pequena montanha parada ao lado da limusine. Juro. O que significava… A porta do carro estava aberta quando ela passou e teve um vislumbre de ombros largos e cabelos escuros. Claro.

Estacionou o Range Rover e estava balançando suas longas pernas para fora, quando Raphael entrou na garagem. Bem, merda. O vampiro estava vestido todo de preto, desde sua camiseta de manga comprida até suas calças apertadas e botas de couro suave. E sobre tudo isso, ele usava um casaco de couro preto que pedia para ser tocado, cheirado, esfregado pelo corpo todo. Calma, garota.

Ela encontrou os olhos de Raphael, deixando-se mostrar sua apreciação. Por que fingir? O lorde vampiro devolveu o elogio, o seu olhar varrendo o comprimento de seu corpo, demorando-se sobre as pernas nuas debaixo da saia curta e fina, antes de viajar até encontrar os olhos.

— Boa noite, Cyn. — ele disse em uma voz que prometia muito mais do que apenas 'boa'. — O que você tem para mim?

Cynthia olhou para o belo exemplar do sexo masculino na frente dela. Vampiro ou não, Raphael era totalmente, gloriosamente masculino. Não havia nenhuma dúvida disso. Não com a atracão instantânea e quase irresistível que sentia por ele. Ela deu uma risada desesperada, quase um soluço, pela sua própria reação impotente para com ele. Atrás dele, Duncan deu-lhe um olhar escandalizado, mas Raphael apenas riu com ela. Ele era um arrogante filho da puta, e entendeu perfeitamente.

Cyn respirou fundo e esfregou a testa, tentando esfregar um pouco de sanidade para dentro de seu cérebro. — Ouça. — disse ela, com um olhar para

Duncan. — Sinto muito sobre a noite passada, por toda a coisa com Judkins. — Ela olhou para cima para encontrar Raphael a apenas algumas polegadas de distância.

Ele sorriu. — Doce Cyn. — Ele tocou o rosto dela com um dedo frio, o toque mais suave. — Um mal entendido.

Ela olhou em seus olhos e sentiu-se cair. Desviou o olhar, consciente dos outros vampiros assistindo. — Eu tenho uma localização para Kolinsky. — disse ela, ofegante. — Vim para casa para trocar de roupa...

— Que vergonha. — murmurou Raphael.

O coração dela bateu com força e ela fez cara feia para ele. — ...E depois eu vou dar uma olhada.

Raphael fez uma careta. — Não sozinha, com certeza.

Cynthia deu-lhe um sorriso genuíno. Ele se preocupava. — Não, na verdade, eu ia ligar e ver se você poderia enviar alguém comigo. Parece que pode ser útil.

— De fato. De quantos você precisa?

Cynthia pensou sobre isso. Os caras da máfia tendem a andar em grupos, toda aquela testosterona junta os fazia se sentirem superiores. Todos os caras maus, de qualquer maneira. Por outro lado, os homens de Raphael eram bastante letais, e ela certamente não queria um banho de sangue, se pudesse evitá-lo. Não que a cidade não se beneficiaria com gangsters a menos por aí, mas podia parecer suspeito depois que ela fosse até lá fazer perguntas.

— Eu acho que quatro seria o suficiente. Provavelmente mais do que suficiente, mas dois podem ficar para trás, só caso eu precise deles. Melhor prevenir do que remediar.

— Excelente. Será que cabemos no seu carro ou devo enviar Juro de volta para buscar o SUV? A limosine é um pouco notável, não acha?

— Wow! — Disse Cynthia, ao mesmo tempo que Duncan se esticou em alarme e disse: — Mestre!

Raphael olhou com as sobrancelhas levantadas em questão. Cynthia olhou para Duncan e cedeu o campo para ele.

— Mestre, você não quer realmente fazer isto sozinho, certo? — ele disse diplomaticamente.

— Mas eu quero. Faz muito tempo, Duncan, desde que eu deixei a segurança de meu patrimônio e meus guardas. Meus inimigos notaram, e eles vêem isso como uma fraqueza. Você acha que eles se moveriam contra mim de outra forma? Devo mostrar que estão errados.

Duncan fechou os olhos em resignação, em seguida, abriu-os e olhou para Cynthia.

— Ei, não olhe para mim, Loirinho. Esta não é exatamente minha idéia de um bom tempo, também.

Raphael deu um sorriso de lobo. Oh deuses, ele estava ansioso por isso. Ela deduziu que a possibilidade de derramamento de sangue tinha acabado de aumentar dramaticamente.

— Ok. — Cyn disse com um suspiro. — Eu tenho que mudar de roupa. — Virou-se e deslizou o cartão-chave através do leitor antes de estar ciente de que Raphael estava bem atrás dela. Lhe deu um olhar questionador por sobre o ombro.

— Eu realmente não preciso de ajuda para esta parte, meu senhor.

— Você pode me explicar os detalhes enquanto você se troca. Não há necessidade de perder tempo, não é?

— Essa coisa de convite pode ser desfeita?

— Tenho medo que realmente não funcione desta maneira, Cyn. — ele disse alegremente.

— Isso é muito ruim. — ela murmurou enquanto abria a porta.

Cynthia subiu as escadas, muito consciente do vampiro atrás dela, seu olhar sem dúvida firmemente fixado em sua bunda. Podia ser pior, ela pensou consigo mesma. Pelo menos a bunda estava igualmente firme, Deus sabe que ela trabalhou duro o suficiente para mantê-la dessa maneira. Sentiu uma histérica bolha de riso tentando forçar seu caminho para cima e engoliu-a com uma tosse.

Alcançando o segundo nível, passou diretamente através da cozinha para o próximo conjunto de escadas.

— Sinta-se confortável. — disse ela com um aceno de seu braço. — Eu vou estar pronta em cinco minutos.

Raphael jogou seu casaco elegante sobre o balcão da cozinha e a seguiu. Ela franziu o cenho para ele.

— Eu pensei que você tivesse entendido que estou mais confortável com você lá em cima. — ele disse com uma expressão inocente.

— Nem sequer se dê ao trabalho de me dar esse olhar. — zombou.

Uma vez em seu quarto, Raphael olhou em volta rapidamente, então deitou graciosamente em sua cama, suas longas pernas esticadas, as costas encostadas na cabeceira da cama e travesseiros.

Cynthia tirou os sapatos sem pensar, em seguida, olhou para cima e viu o calor em seu olhar. Ela engoliu em seco. — Eu vou... — Ela tossiu nervosamente. — Eu vou apenas me trocar no closet[26].

— Não vá embora por minha causa. — Raphael ronronou. — Estou bastante confortável agora.

Cynthia correu para o closet e começou a desabotoar a blusa. Ela jogou o terno no cesto para limpeza a seco. Não estava muito sujo, mas isso era mais rápido do que pendurá-lo e ela sentia necessidade de colocar roupas rapidamente. Ela colocou um jeans sem fechar o zíper e puxou uma camisa de gola alta sobre sua cabeça, afofando o cabelo para trás com uma mão. Ela estava se curvando para puxar suas botas, quando ela ouviu o chamado de Raphael lá fora.

— Como foi a visita a Sra. Judkins, Cyn?

[26] Armário ou roupeiro, no caso de Cyn, ela tinha um quarto próprio para guardar a roupa e se trocar.

Cynthia de repente se lembrou por que ela devia estar chateada com o vampiro. Com suas botas na mão, ela saiu correndo do armário. — Isso foi um truque sujo, Raphael. Você poderia ter me avisado...

Ele se atirou para fora da cama mais rápido do que seus olhos podiam seguir, de repente, estava bem na frente dela, seus olhos sonolentos com a luxúria, a sua voz tão profunda que ela podia sentir a vibração no seu peito. — Houve algum problema na casa de Judkins, Cyn? — Seus dedos deslizaram facilmente na cintura aberta de seu jeans, deslizando sob o tecido para acariciar seu quadril nu, seu polegar se insinuando abaixo da borda de sua calcinha. Foi um gesto tão íntimo, que a sua respiração ficou presa em sua garganta quando ela olhou para cima e encontrou os olhos negros dele. Não, não negros. Agora não. Eles brilhavam prata na penumbra.

— Sim. — ela sussurrou. — Quero dizer, não... Surpreendeu-me, isso é tudo. — ela conseguiu dizer.

Ele abaixou a cabeça e correu os lábios ao longo de sua mandíbula, beijando primeiro a orelha dela, então seu pescoço. A linha de seus corpos nunca se tocando, apenas seus dedos acariciando a pele lisa, nua de seu quadril. Seus lábios tocaram suavemente os dela, empurrando a boca dela até abrir, a língua em círculos, sentindo o gosto dela.

Cynthia respondeu. Como ela podia não o fazer? Cada nervo em seu corpo estava formigando com o desejo, os seios dela implorando para serem tocados, sua boca lhe dando as boas vindas até mesmo enquanto ela lutava para não se pressionar contra o corpo duro dele.

— Tão pouco tempo, doce Cyn. — ele sussurrou e depois se afastou.

Cynthia engasgou quando ele se afastou. Ela queria amaldiçoá-lo, gritar com ele, queria... O quê? Cristo, ela queria que ele a tomasse, a jogasse na cama e a fodesse até seu cérebro explodir. Ela sabia como ele se sentiria entre suas pernas, forçando o seu pênis profundamente em seu centro, conduzindo para dentro e para fora...

Controle-se, Cyn!

— Certo. — ela conseguiu dizer. — Ok... — Ela olhou para a pele nua ainda visível por baixo da calça com o zíper aberto se perguntando se encontraria uma

marca da mão dele gravada na pele, onde os dedos dele a tinham segurado. Ela balançou a cabeça e foi terminar de se arrumar, mas descobriu que estava ainda segurando as botas. Soltando-as no chão, fechou rapidamente a calça e se sentou para colocá-las.

Raphael estava de volta na cama, sentado ali olhando para ela como se ele nunca tivesse se movido. Filho da puta.

— Tudo bem. — disse ela. — Kolinsky.

— Kolinsky. — concordou Raphael.

— Ele é da Máfia Russa. Isso é tudo que eu pude descobrir, mas eu vou verificar no meu escritório aqui antes de sair. Meu amigo ficou de me enviar um fax com uma imagem. Eu tenho outra amiga que pode ser capaz de me dizer mais, mas ela está em uma missão e eu tenho que esperar que ela me ligue. Não há nenhuma maneira de saber quando será isso, por isso eu quero verificar esse armazém. Quem está fazendo essa jogada com você não vai esperar para sempre.

— Certamente que não. Na verdade, eu estou esperando ouvir algo deles muito em breve.

Ela virou para olhar para ele. — Por quê?

— Estou no meio de algumas... Negociações delicadas. Eu começo a pensar que esses eventos estão relacionados.

— Por quê? — Raphael a estudou cuidadosamente, em seguida, deu um aceno de cabeça quase imperceptível, como se decidindo confiar nela.

— Você diz que Kolinsky é russo. Vamos apenas dizer que meu negócio atual também tem uma ligação com a Rússia.

— Faz sentido.

— Infelizmente.

Cynthia parou, batendo os pés firmemente nas botas. — Você está pronto para o rock and roll[27]?

[27] Expressão muito usada com o significado de 'entrar em ação'.

Raphael rolou graciosamente para fora da cama. Lentamente o suficiente para que ela pudesse vê-lo neste momento. E ela o fez. De qualquer forma você olharia para ele, parado ou em movimento, ele era um colírio[28] para os olhos. — Juro chegou com o SUV.

— Eu vou dirigir meu próprio carro. — ela insistiu.

— Dois carros, então. Eu vou de carona com você.

Cyn bufou. Ela e Raphael, sozinhos em seu carro em uma noite escura. Seriam sortudos se conseguissem sair da garagem com as roupas ainda vestidas.

[28] Remédio líquido que se aplica, em gotas, sobre a conjuntiva. Na expressão quer dizer "como algo refrescante para os olhos".

Capítulo Vinte e sete

Cyn ajustou o ângulo de seu espelho retrovisor para que ela não pudesse ver a carranca feroz que Duncan estava apontando para ela no banco de trás.

Ela não precisou se preocupar em estar sozinha com Raphael depois de tudo. Duncan tinha insistido em ir com eles, como se fosse ela que representasse uma ameaça para o vampiro, ao invés do contrário.

Ao lado dela no banco do passageiro, Raphael estava batendo com os dedos ritmadamente no couro acolchoado da porta. Oh, pelo amor de Deus, ela pensou. Ele cantarolava. O senhor dos vampiros estava cantarolando uma melodia alegre. Ele estava feliz.

Cyn sacudiu a cabeça e se centrou nas instruções do GPS. Esta era uma parte de L.A. com a qual ela não estava familiarizada. Era muito comercial, na sua maioria abandonada a essa hora da noite, com pouca iluminação pública e muitos cantos escuros. Ela fez a última curva e procurou lentamente o endereço, percebendo que poucos prédios apresentavam sinais de qualquer tipo, muito menos um número da rua.

— Ali. — Raphael disse, apontando com a cabeça para esquerda. — Importações Odessa.

Ele e Duncan trocaram um olhar rápido e Cynthia se perguntou que segredo eles estavam escondendo dela. Ok, provavelmente milhares. Ela parou na calçada lá fora e desligou o motor, observando o SUV com os outros dois vampiros encostando atrás dela.

— Eu vou primeiro. Eu sou inocente em comparação com vocês dois. Eu vou apenas…

— Não. — Raphael disse secamente. — Nós vamos juntos.

— Se vocês entrarem por aquela porta, o lugar estará vazio em três minutos. Vocês não têm uma aura amigável.

— E você, Cyn, é um alvo muito tentador. Uma mulher sozinha em um lugar como este? Eu acho que não. Muito bem. Nós dois então.

— Eu irei com ela, Mestre, você vai ficar aqui com os outros. — Era um esforço inútil e Duncan sabia mesmo enquanto dizia as palavras.

Raphael já estava saindo do carro e Cyn se apressou a seguir, antes que ele passasse pela porta sozinho e destruísse qualquer chance de fazer isso pacificamente. Na verdade, ela não tinha sequer certeza de que este era o lugar de encontro para os criminosos. Havia provavelmente uma meia dúzia de fábricas a uma curta distância neste bairro. Eles poderiam encontrar nada mais do que um bando de ilegais juntando brinquedos para colocar sob as árvores de natal nas casas de classe média por toda a América. Ela disse isso a Raphael.

— Você não acredita nisso. — ele disse simplesmente.

— Não. — Ela pegou a sua arma, fazendo a revista completa, então guardando-a de novo.

— Espere aqui com os outros, Duncan. — Raphael disse sem olhar para longe dela. — Você vai saber se eu precisar de você.

Duncan não se preocupou em discutir. Ele deu um único suspiro de resignação e depois assentiu.

— Como quiser, senhor.

Raphael se virou o suficiente para dar em seu tenente um tapinha reconfortante no ombro, em seguida, disse: — Quem seremos, Cyn? Eu suponho que você já não tem o seu crachá...

Cynthia revirou os olhos. Ótimo. Apenas ótimo. — Você é o músculo forte e silencioso. — disse ela, verificando a parte baixa de suas costas por baixo de sua jaqueta de couro, verificando a segunda arma escondida em sua cintura. — Eu vou fazer a parte da fala, ok?

Raphael deu de ombros. — Por enquanto. — ele concordou subitamente sério. Ele se aproximou e abriu a pesada porta, deixando um pouco luz pálida derramar na rua. Cynthia olhou para ele quando entrou no prédio e estremeceu com o predador inconfundível por trás de seus olhos escuros.

Era um escritório pequeno e triste com luzes piscando no teto que teriam deixado Cyn insana após os primeiros dez minutos. As paredes tinham sido provavelmente brancas em algum momento num passado distante, mas agora estavam tão cobertas com fuligem e fumaça de cigarro que tinham um tom amarelado permanente. Isso fez com que ela quisesse ir para casa e tomar um banho, um longo e quente banho. Havia apenas uma janela, que parecia não ir dar a nada tão saudável como ar fresco, mas sim a uma outra sala por trás desta. A única porta para dentro, de metal e com um bloqueio excelente, estava em nítido contraste com o resto do escritório gasto. Uma mulher mais velha estava sentada em uma mesa em frente a janela, sua cara tão cinza como seus cabelos. Ela olhou para Cynthia e Raphael, enquanto caminhavam pela porta, olhando através de uma névoa de fumaça de cigarro. Seu olhar permaneceu em Raphael, inquieto, em seguida, foi transferido para Cyn.

— Vocês estão no endereço errado. — Sua voz era áspera e dura, o que disse a Cyn que os cigarros já haviam acabado com ela.

Cynthia sorriu e cruzou para a mesa. — Eu não penso assim. — disse ela em uma voz confusa. — Nós estamos procurando pelo Sr. Kolinsky.

— Ninguém aqui com esse nome. Ninguém aqui com qualquer nome. Adeus.

Cyn abriu a boca para protestar, mas Raphael mudou, chamando a atenção da mulher. — Acredito que o Sr. Kolinsky vai querer nos ver, Mavis. — disse ele naquela voz sedosa.

A mulher piscou em confusão. — Claro. — ela disse asperamente. — Deixe-me abrir a porta para vocês. — Levantou-se mancando, puxando um anel de chaves do bolso do suéter e lutou para inserir uma delas na porta pesada.

— Deixe-me fazer isso. — disse Raphael. — Por que você não volta e se senta. Você está muito cansada. Talvez um bom cochilo vá lhe fazer bem.

— Sim. — murmurou Mavis. — Tirar uma soneca. Essa é uma coisa boa. — Ela estava dormindo antes que ela se sentasse, sua cabeça batendo na mesa com um baque que fez Cynthia estremecer.

— Como você faz isso? — Ela sussurrou, olhando para ele com desconfiança.

— Mentes simples são fáceis de convencer. — ele murmurou então se virou de repente, colocando um braço em volta da sua cintura e colocando a boca na orelha dela. — Não tenha medo, minha Cyn. Não há nada de simples sobre você. — Ele a soltou de repente e ela agarrou seu braço para firmar a si mesma.

— Pronta? — Ele murmurou. Quando ela assentiu, ele começou a invadir a sala seguinte.

Capítulo Vinte e oito

— Merda! — Cynthia jurou baixinho quando viu o que esperava do outro lado. Era um armazém, tudo bem. Um enorme labirinto de caixas empilhadas e prateleiras que eram quase tão profundas como um campo de futebol. Era longo, sem linha de visão no terreno além de oito metros em qualquer direção.

Raphael colocou a mão em seu braço para silenciá-la, então, assentiu para frente, segundos antes de Cyn ouvir passos vindo na direção deles.

— Mavis? — Uma voz de homem gritou. — É você, Mavis? — Ele repetiu de forma mais acentuada.

Cynthia puxou a Glock e se colocou de lado entre duas fileiras de prateleiras. Raphael deu um passo para trás e simplesmente desapareceu, envolvendo as sombras em torno dele, onde ele estava.

O homem estava puxando sua arma quando entrou na visão dela. Era de meia-idade, inchado com a gordura e provavelmente também muita bebida alcoólica, sua respiração soando tão alta que mesmo que ele tentasse, não poderia ter feito silêncio. Cyn virou a arma em silêncio ao redor, mirando no peito dele entre as prateleiras vazias.

O homem franziu o cenho quando viu o corredor vazio, a porta fechada. Seus olhos dispararam de um lado para outro nervosamente. Movendo-se com lenta deliberação, passou na frente Raphael sem vê-lo, até que o braço do vampiro serpenteou para fora agarrando seu pescoço e, em seguida, torcendo fortemente. O crack da coluna do homem soou alto no silêncio. Mais alto que o barulho da arma dele que caiu no chão de concreto a partir de sua mão sem vida.

Cynthia assistiu a queda da arma, em seguida, levantou os olhos para encontrar os de Raphael. Estavam neutros e pretos, nem mesmo um brilho de prata para revelar onde ele estava, envolto em suas próprias trevas. Ela se aproximou com cautela até o homem morto, então fez um gesto para prosseguirem até ao fundo do armazém.

No início, eles simplesmente andaram em linha reta, o mais próximo um do outro possível. Eventualmente, o som de gargalhadas e vozes podiam ser ouvidos vindo de um canto distante, perto do que seria um beco lateral ao edifício. Com um

olhar sem palavras, eles mudaram de direção, movendo-se em um ângulo, desviando das pilhas aparentemente aleatórias de produtos eletrônicos e todo tipo de bens, desde roupas a brinquedos. Quando as vozes ficaram mais altas eles desaceleraram, Raphael chegando para a esquerda de Cynthia.

A fonte do barulho apareceu em sua visão e eles pararam. Havia uma dúzia ou mais de homens reunidos em torno de algumas mesas, em um espaço amplo e aberto ao lado de um enorme par de portas de correr. Uma enorme tela de televisão estava em um canto, a voz do locutor quicando no chão de concreto a um ritmo constante contra os gritos dos homens enquanto eles assistiam dois lutadores semi-nus lutando na frente de uma platéia a gritar. Havia um pequeno escritório do outro lado. Ela podia ver uma cadeira vazia e a borda frontal de uma mesa, mas não podia dizer se havia alguém na sala ou não. Ela olhou para Raphael, esperando que ele tivesse uma maneira de se comunicar com Duncan e os outros, porque com certeza iriam precisar de algum apoio aqui. Moveu-se para o mais próximo dele possível, puxando uma respiração para sussurrar, quando uma voz gritou atrás deles.

— Pender foi abatido. Temos visitantes, garotos!

Cyn nunca chegou a fazer a sua pergunta. Quinze pares de olhos, de repente se viraram em sua direção, e ela mergulhou para a direita, balas ricocheteando ao seu redor, e ela gritou quando algo quente e afiado arranhou seu braço esquerdo. Ela continuou rolando, deslizando sob as prateleiras, rastejando sobre os cotovelos para frente, tentando colocar distância entre ela e quem estava atirando. Havia passos ao seu redor, as caixas e prateleiras caindo no chão. Os homens estavam gritando, gemendo com o esforço, enchendo a sala de tiros. Ela congelou para ouvir os sons de perseguição, esforçando-se para ouvir acima do ruído quando começou a se mover novamente, querendo chegar mais perto do espaço aberto, necessitando ver o que estava acontecendo. Ela chegou ao fim de uma linha e olhou para ver Raphael causando caos, pegando homens adultos como brinquedos de crianças e jogando-os de lado. Ele era a violência em movimento, os dentes arreganhados, rodando o casaco preto comprido em torno de suas pernas, os olhos faiscando de raiva. Mas por muito bem que ele lutasse, havia um monte deles e apenas um dele. Seu sangue estava voando dos muitos ferimentos de bala, salpicando suas vítimas, o chão em seu redor, as portas atrás dele. Certamente, Duncan viria em breve.

Cyn começou a atirar. Ela não podia oferecer o tipo de força física que Raphael podia, mas ela era boa com uma arma. Ela disparou e se moveu de lugar para lugar desviando a atenção dos homens de Raphael, mas no processo ficou encurralada em um canto. Ela olhou para o escritório que agora estava a poucos

metros de distância. Sua parede de gesso frágil não era muita proteção, mas podia ser o melhor que ela conseguiria. Usando as caixas como proteção, ela recarregou a Glock, em seguida, levantou-se e respirou fundo para correr até ele. Um homem baixo e magro apareceu na porta aberta, levantou uma AK-47 e começou a pulverizar o armazém com balas. Cyn sentiu a primeira onda de medo verdadeiro. Raphael podia ser capaz de aguentar uma série de balas, mas até um vampiro pode ser destruído pela força de uma arma automática.

Ela gritou de raiva, erguendo a sua arma e disparando em um único movimento suave. Ela disparou em uma rápida sucessão, acertando o atirador no peito com quatro tiros. Ele deu a volta com choque, os olhos dela encontraram com os dele brevemente, antes de ele cair para trás. Balas passavam pela cabeça dela enquanto corria para o escritório, mergulhava sobre o corpo do atirador e passava através da porta. Ela rolou imediatamente para seus pés e ficou cara a cara com um homem sombrio que bateu com a coronha de sua arma nela jogando-a violentamente para o chão. Kolinsky. Claro. Sua visão estava esmaecida quando ele a agarrou pelos cabelos, puxando-a para cima até ela ficar de pé, e depois a virou brutalmente, arrancando a arma de seus enfraquecidos dedos. Ela gritou de dor e ouviu Raphael rugir com fúria no outro quarto, seguido por um grito de Duncan e os frenéticos gritos dos homens aterrorizados. Claramente, os reforços chegaram.

— Cyn! — O armazém ecoou com a força do grito de Raphael. Ela podia ouvir seus passos enquanto ele se aproximava do escritório, podia sentir o seu poder precedê-lo, bater nas finas paredes do escritório, sugando o ar de seus pulmões. O homem atrás dela enrijeceu quando sentiu o poder banhar sua pele. Seu braço apertou espasmodicamente em torno dela e seu batimento cardíaco era audível contra suas costas.

Raphael entrou pela porta como um pesadelo de criança, os olhos brilhando num prata quase sólido com ira, seus dentes brilhando totalmente estendidos, sangue escorrendo de sua boca em um vermelho brilhante, pingando do queixo para brilhar contra os farrapos de sua camisa preta. Seu enorme peito arfava com a fúria de sua respiração, e suas mãos enrolaram em garras quando o seu olhar a encontrou e ele grunhiu um aviso. — Solte-a humano.

— Quem é você? — O homem disse, o medo tirando o seu fôlego, engrossando a voz dele.

— Solte-a.

O homem apertou o cabelo dela. — Aproxime-se e ela morre.

A boca de Raphael ampliou em um sorriso aterrador. — Você acha que pode negociar comigo? — Seus olhos passaram para o sangue escorrendo pelo braço de Cyn e correndo livremente a partir do corte em sua testa. — Cyn? — Havia uma ternura na sua voz quando disse o nome dela. Ela lambeu os lábios inchados, degustando de seu próprio sangue e acenou para ele.

Raphael voltou a olhar para Kolinsky. — Você ainda não está morto, humano. Mas logo você vai desejar estar.

Ele não foi nem um borrão no movimento. Um momento, ela estava agarrada contra o peito musculoso de Kolinsky, a arma em suas costas, e no outro ela estava sendo sufocada pelo grande corpo de Raphael, os ombros largos protegendo-a completamente enquanto ele a apoiava contra a parede. Kolinsky estava deitado no chão gemendo penosamente, um braço jorrando sangue com os tendões desfiados esticados para mantê-lo no ombro. Um lamento animal escapou de seus lábios quando ele se ergueu sobre seu braço bom e rastejou para longe, rastejando no chão, em desespero.

Raphael pressionou-se contra ela, de repente, com um rosnado baixo que a fez desviar seus olhos para longe do homem aterrorizado rastejando para fora da porta para o olhar do furioso e completamente excitado vampiro segurando-a no lugar. Ele abaixou a cabeça para lamber seu rosto e ela o ouviu chiando com prazer pelo gosto de seu sangue. Seu coração estava batendo com emoção, a adrenalina da luta continuava correndo pelo seu corpo. A boca de Raphael encontrou a dela e ela reagiu sem pensar, torcendo as mãos em seus cabelos curtos, esmagando os lábios dela contra os dele. Ela queria isso, queria-o. Ela registrou o bater de uma porta e em algum lugar em sua cabeça, seu cérebro estava dizendo a ela para parar, mas seu corpo se recusou a ouvir. Desejo inundou seus sentidos, se sobrepondo à razão.

Raphael sentiu a onda de fome de Cyn como se fosse a sua própria. Sua ereção pulsou contra ela quando ela se moveu, colocando o seu comprimento rígido no triângulo ardendo entre suas coxas. Suas presas cortaram a língua dela e ele gemeu quando seu sangue quente fluiu entre os lábios deles.

— Doce Cyn. — murmurou ele, deslizando a mão por baixo do suéter para rasgar o sutiã de lado com impaciência, em seguida, segurando o peso de seu seio nu, esfregando o mamilo até que a dor a fez chorar com a necessidade. Incapaz de conter a si mesmo, ele rosnou enquanto rasgava o jeans dela para abri-lo como a mais frágil seda e enfiou a mão entre as pernas dela para encontrá-la lisa, quente e pronta para ele. Enquanto sua boca continuou a provar cada centímetro de seu rosto, sua boca, seu pescoço, ele abriu o seu zíper e esfregou seu eixo duro contra a pele nua de seu ventre. Ele a ergueu para encontrá-lo, suas pernas abrindo para se envolverem em torno de sua cintura.

Os olhos de Cyn pareceram clarear com a súbita percepção do que estava prestes a acontecer, mas ele não lhe deu a chance para protestar. Ele a ergueu com as duas mãos, esmagando-a contra a parede. — Minha. — ele rosnou e enterrou seu comprimento rígido inteiro dentro dela com um impulso poderoso, engolindo o grito dela.

Ele gemeu de prazer ao senti-la. Ela estava molhada, tão molhada e tão quente que ele pensou que ela queimaria sua carne. Suas paredes apertadas apoderaram-se dele, apertando quando ele foi mais profundo ainda. Seus gritos de surpresa se transformaram em gemidos de necessidade, e ele a sentiu começar a ondular em torno dele quando o primeiro orgasmo a levou, arqueando as costas, pulsando ao redor de seu pau, duro dentro dela. Onda após onda seguiu com ela gritando em sua boca, até que os espasmos deram lugar a tremores. Seus olhos se abriram, embaçados de desejo, até que um fogo acendeu lá dentro e eles queimaram com uma paixão que igualou à sua própria. As pernas longas se envolveram mais firmemente em torno de sua cintura, o puxando contra ela, segurando-o cativo. A parede atrás deles tremeu com a força de seus impulsos e ainda assim ela pediu mais, seus dentes humanos mordendo seu ombro, onde ele estava descoberto devido às suas feridas, enviando tremores de êxtase incrível através de seu corpo, endurecendo seu pênis com uma dureza insuportável quando a sua língua quente lambeu o sangue da pele dele. Ele sentiu a sua própria libertação, afundando-se nela até que ela subiu para o segundo clímax, seu interior acariciando-o, seduzindo-o, envolvendo-o com um calor vulcânico até que ele gritou no orgasmo e a encheu com seu próprio calor molhado.

— Mais. — ela sussurrou e começou a se mover contra ele uma vez mais, despertando-o para atender sua demanda.

Capítulo Vinte e nove

Cynthia acordou lentamente, abalada por um sono quase drogado pela dor. Virou-se e engasgou, engolindo um gemido quando cada músculo reclamou. Mas que diabos?

Abriu os olhos, piscando no ambiente desconhecido. E então ela se lembrou. O armazém. Kolinsky. Oh meu Deus, Raphael! Ela virou em pânico, grata ao descobrir que estava sozinha. Ela fechou os olhos em um tipo diferente de dor e lágrimas desceram por suas bochechas. Você é tão boba, Cyn.

Ela foi para o lado da cama e se levantou. Espiando um banheiro do outro lado da sala, ela se dirigiu para lá, acendeu a luz e ficou na frente do espelho, quase com medo do que ela veria. O corte em sua testa onde Kolinsky havia batido nela estava fechado, somente uma linha acima de sua sobrancelha direita e rodeado por contusões que já estavam começando a amarelar com o tempo.

Torcendo para um lado, ela franziu o cenho para o ferimento de bala de raspão no braço do início da luta. Uma pontada de dor lhe respondeu, mas nada mais do que uma cicatriz vermelha marcava sua carne pálida. Ela envolveu os braços ao redor de si mesma, inquieta. Quanto tempo tinha passado? O tempo suficiente para as feridas curarem ou... Ela lembrou do pequeno escritório no armazém, os olhos de Raphael brilhando enquanto ele lambia suas feridas, sua própria boca se enchendo com...

Ela se virou e caiu no vaso do banheiro com vômitos incontroláveis, ficando horrorizada quando viu o negro de sangue regurgitado, como cristais de café flutuando na água artificialmente azul. Ela tinha realmente bebido um pouco do sangue de Raphael? E o que isso significa? Sabia apenas rumores sobre a forma como os vampiros eram transformados, renascidos, qualquer que fosse o inferno que lhe chamavam. Ela era uma vampira agora? Agarrando a pia para se apoiar, ela se levantou e cambaleou de volta para o quarto elegante. Cortinas pesadas cobriam a janela, mas ela podia ver uma linha de luz em torno das bordas e ouvir o chiado constante das ondas. Ela caminhou lentamente até o vidro e, amaldiçoando-se por ser uma idiota, hesitantemente colocou os dedos de uma mão sobre o sol quente. Nada. Okay. Então ela não era um vampiro.

Ela abriu as cortinas totalmente. O sol estava se pondo rápido. O que significava que ela tinha que sair daqui agora.

Na busca frenética pelo quarto apareceram os restos de sua roupa. Ela colocou-as, rosnando de frustração ao encontrar o zíper da calça jeans rasgado além da recuperação. Sua camisa estava mais ou menos intacta, suficiente para a modéstia de qualquer maneira, mas não era o suficiente para cobrir sua cintura. Ela abriu o armário e encontrou o casaco longo de couro de Raphael, pendurado lá, escuro e duro com sangue e... outras coisas. Uma vaga lembrança surgiu, do vampiro envolvendo-a nas suas profundezas quentes antes de carregá-la para fora, para os carros onde Duncan esperava. Duncan e os outros vampiros. Esperando enquanto ela e Raphael transavam, pelo amor de Deus, no meio de um tiroteio. O que diabos havia de errado com ela?

Com o rosto quente de vergonha tardia, ela arrastou o casaco pesado de seu gancho e o colocou. Teria que servir por agora. Suas botas estavam ao lado da cama, cheias de sangue, como tudo mais, mas sem danos. Foi bom colocá-las em seus pés, para ter algo sólido, algo seu. Uma rápida olhada ao redor da sala a levou a se apressar para uma mesa perto da porta onde suas armas estavam esperando por ela. Ambas tinham sido limpas e recarregadas, uma guardada em seu coldre de ombro. Ela tirou o casaco comprido o suficiente para o coldre, em seguida, o colocou novamente de forma rápida, deslizando a outra arma em um bolso. Era isso. Nada de chaves. Onde estava seu carro?

Ela ficou ao lado da porta, escutando, mas não ouviu nenhum som do outro lado. Ela abriu a porta lentamente, em seguida, olhou para o corredor. Ninguém. Orientando-se pela vista da janela, ela percebeu que estava no segundo andar, não muito longe do escritório de Raphael. Provavelmente, onde ele escondia seus doadores de sangue para fácil acesso, pensou maldosamente. Chegando ao primeiro andar, ela hesitou, passando pelo corredor e entrando pela espaçosa entrada.

Havia guardas aqui. Guardas humanos. Olhando para além deles, ela pôde ver seu carro estacionado, exatamente no mesmo ponto da última vez. Então, talvez as chaves estivessem dentro dele novamente? Era ela uma prisioneira? Se ela simplesmente saísse, eles iriam tentar impedi-la?

Cyn se endireitou, puxando o casaco pesado fechado, e deslizando sua mão direita em seu bolso, sentindo o peso tranqüilizador da Glock. Com um aceno e um

sorriso confiante para os guardas surpresos, ela caminhou para as portas de vidro e foi para fora da porta e para seu carro antes que eles realmente registrassem sua presença. As chaves estavam na ignição, ela deu partida rapidamente, e o Range Rover respondeu com seu habitual som. A pressão aliviou em seu peito enquanto ela dirigia para longe da casa, então aumentou novamente quando pensou nos guardas no portão.

Talvez por isso os guardas da casa não tinham se preocupado em fazê-la parar. Não era necessário. Ela reduziu a velocidade quando o guarda saiu da guarita e se aproximou do lado de seu carro.

— Senhora Leighton, eu não sabia que você estaria saindo.

— Indo para casa para trocar de roupa. — Ela franziu o rosto de forma significativa. — Você sabe como é.

O guarda parecia desconfortável, mas acenou com a cabeça. — Eu acho que entendo, mas eu não...

— Eu não sou uma prisioneira, sou? — Perguntou ela, fingindo confusão.

— Claro que não, mas..

— Bem, então eu quero ir para casa e trocar de roupa. É apenas cinco minutos daqui.

— Uh, tudo bem. Eu acho. Você vai voltar?

— Claro. — Eventualmente. Algum dia.

O guarda fez uma careta, mas sinalizou para seu amigo abrir o portão. Em poucos minutos, Cyn estava deslizando pela estrada em direção a seu próprio lugar.

Sua porta da garagem estava aberta, então ela deslizou para dentro e abriu a porta do carro. Ela estava se movendo lentamente agora, a adrenalina de sua fuga fácil começando a desaparecer enquanto seus músculos doloridos afirmavam a sua infelicidade. Ela não queria nada mais do que uma longa imersão em um banho quente, e talvez uma agradável massagem profunda. Ela quase gemeu em voz alta com o pensamento de como seria bom.

— Senhorita Leighton?

Cyn pulou em surpresa, sua mão indo para a arma em seu bolso antes que ela reconhecesse um dos guardas humanos de Raphael de pé em sua garagem.

— O quê? — Disse, irritada.

— Você deveria estar aqui, minha senhora? Quer dizer, me disseram para vigiar o lugar, porque você ia ficar na propriedade por alguns dias.

— Sério? E quem diabos te disse isso?

— Senhor Raphael, minha senhora.

— Que surpresa. Esta é a minha casa. — Ela olhou para o seu crachá. — Tony. Então para responder à sua pergunta sobre se eu devia estar aqui. É uma decisão minha.

— Eu não sei minha senhora. É melhor eu checar. — Ele ergueu o celular... então Cynthia atirou na perna dele. Ele caiu no concreto duro com um grito de dor.

— Sinto muito, Tony. — ela pediu desculpas, apressada. — Realmente, eu sinto. Não é nada pessoal. Sei que você é um cara legal tentando fazer seu trabalho. Mas eu não posso ter você me detendo. Eu preciso de um pouco de ar. Você pode entender isso, não pode, Tony?

Cyn estava balbuciando, quase tão chocada com o rumo dos acontecimentos como o pobre Tony, que só podia gemer em resposta.

— Sinto muito. — ela repetiu. Agarrou o pequeno travesseiro que ela mantinha em seu banco de trás e empurrou-o debaixo da cabeça dele. Uma verificação rápida da ferida de bala constatou que ela não tinha atingido nada de vital, mas ainda havia algum sangramento. Ignorando suas tentativas irritáveis para detê-la, ela tirou o cinto e colocou-o em torno de sua coxa em uma espécie de torniquete, fazendo caretas para a posição de sua perna. A bala podia ter atingido o osso, mas ela não podia fazer nada sobre isso agora.

Em seguida, ela pulou, correu e apertou o botão para fechar a porta para que seus vizinhos não vissem um homem sangrando deitado em sua garagem. Ruim o suficiente que eles poderiam ter ouvido o tiro, mas a maioria deles devia

estar em uma tarde de trabalho, e as pessoas realmente não prestam atenção ao que se passa fora do seu próprio pequeno mundo de qualquer maneira.

Após a apreensão do telefone celular de Tony e pistola, ela correu para o condomínio, arrancando cobertores e travesseiros do armário e despejou no chão perto da escada. No andar de cima, ela conseguiu um par de garrafas de água e alguns comprimidos de Percocet que o cirurgião dentista lhe tinha prescrito após arrancar alguns dentes. Como as drogas eram, tinha sido um exagero grande, razão pela qual ela nunca as tinha tomado, mas a tinha feito pensar no tipo de babacas medrosos que ele geralmente tratava. Por outro lado, elas eram perfeitas para o pobre Tony, que ia sentir um mundo de dor muito em breve. Ela correu de volta para a garagem. Tony olhou para ela com olhos nublados de dor enquanto ela fazia um pequeno ninho agradável para ele descansar.

— Você atirou em mim. — ele gemeu na descrença.

— Eu sei. Eu disse que estou arrependida.

— Eu não posso acreditar que você atirou em mim.

Ela apenas olhou para ele. Talvez fosse choque. — Vamos lá. — disse ela, puxando-o para cima em sua perna boa. Ele gritou e Cyn se encolheu com simpatia enquanto o acomodava na pilha de cobertores que ela tinha arranjado. — Eu ia colocá-lo em casa, mas você estará realmente melhor aqui fora, especialmente se forem vampiros que vierem para resgatá-lo. Eles não serão capazes de entrar na casa, você sabe, e mesmo que fossem vocês— ela se referia aos guardas humanos — teriam alguns problemas. Eu sou um pouco paranóica quando se trata de segurança. Se eles conseguissem entrar, o alarme iria disparar e a empresa de segurança viria... bem, eu acho que Raphael ficaria muito infeliz com isso, não é?

— Você atirou em mim. — ele murmurou.

— Sim. — disse ela em breve. — Olhe, tome essa pílula. — Ela colocou a pílula em sua boca e lhe deu a agua, forçando-o a beber. — Isso tudo parecerá um sonho em breve. — Ela deu a Tony um tapinha rápido e correu para trás até as escadas, correndo pelas salas como uma louca. Ela arrancou o que restava de suas roupas manchadas de sangue e colocou jeans limpos e uma camiseta, junto com sua pesada jaqueta de couro. O casaco longo de Raphael ela pendurou em seu closet, lembrando-se com uma pontada como tinha coberto prefeitamente o corpo do vampiro poderoso.

Foco, Cyn! Arrancando fora as botas sangrentas, ela colocou suas botas Zanotti do oeste mais confortáveis. Ela pegou tudo aquilo que ela achava que poderia precisar, jogou em uma bolsa e estava de volta na garagem, em quinze minutos. Uma verificação rápida de Tony e o encontrou cochilando felizmente, sua cor boa, o sangramento parado. Tudo bem. Ela cutucou-o para acordá-lo.

— Quão frequentemente você faz seu check-in[29], Tony?

— Não vou te dizer.

— Claro que sim. Vamos lá, quão frequentemente?

— A cada hora. — ele murmurou. Pílulas maravilhosas, sério.

Cyn olhou para o relógio. Vinte minutos depois das três. Então ele tinha feito check in às três? Ou ele devia fazê-lo em breve? Ela não tinha como saber, mas vamos supor o pior.

De pé sobre o pára-choque traseiro de sua caminhonete, ela mal podia ver a estreita longa janela na parte superior do portão. Ninguém ao redor. Com o motor ligado, ela abriu o portão da garagem com o controle remoto, recuando e fechou o portão outra vez assim que o capô passou pela entrada da garagem[30]. Ela não sabia onde estava indo, mas ela queria ir muito antes que Tony acordasse e descobrisse que ela realmente não era uma má pessoa. Afinal, ela deixou seu telefone celular.

[29] Ela se refere a falar com os outros guardas de Raphael, para dizer como vão as coisas, se está tudo certo.
[30] Não sei se deu para perceber bem a frase, mas como ela antes entrou com o carro de frente na garagem, para sair ela teve que recuar, e fechou novamente o portão da garagem com o controle remoto quando o capô do carro já tinha saído.

Capítulo Trinta

Cyn se dirigiu para sul na auto-estrada Pacific Coast sem destino em mente. Ela analisou e rejeitou a idéia de parar em seu escritório. Se Raphael tinha pensado em colocar um homem em seu condomínio, o próximo lugar em que ele a procuraria seria o seu escritório. Por outro lado, ela realmente precisava de um banho e descansar um pouco. Ela pegou o telefone para chamar os hotéis locais, em seguida, percebeu que tinha duas mensagens, uma de sua amiga Benita. Ouviu a primeira mensagem.

— Ei, chica. Estou ligando de volta pra você. — Cyn avançou para a próxima mensagem.

— Deixe-me explicar. — disse a sua amiga em um sotaque exagerado. — Você ligou. Eu liguei pra você de volta. Então você me liga de volta. — Cyn ainda estava rindo quando ela atingiu a autoestrada 10 em seu caminho para a casa de Benita.

Benita Carballo vivia em um pequeno bangalô dos anos cinqüenta a oeste do centro de LA. Era uma das centenas, senão milhares, de casas construídas após a Segunda Guerra Mundial para acomodar os trabalhadores do crescente complexo militar-industrial do sul da Califórnia.

Eram pequenas, geralmente com dois quartos, com um único banheiro e quintal modesto. A construção original tinha sido com tapume de madeira, apesar de muitas delas terem sido remodeladas ao longo dos anos. A de Benita era uma dessas. Sua casa era limpa e bem cuidada, de um amarelo pálido, com guarnição branca. Quando Cyn chegou todas as cortinas estavam fechadas e o jornal da manhã ainda estava no degrau da frente. O carro de sua amiga estava estacionado na pequena entrada da casa, na frente de uma garagem que Cyn sabia que era usada como espaço de armazenamento por uma variedade de amigos e familiares.

Cynthia pegou o celular e digitou o número da Benita. O telefone tocou várias vezes antes que a secretária pegasse. — Benita, é Cyn. — disse ela em voz alta. — Atende, atende, atende.

Alguém pegou o telefone, então ele caiu com um baque alto. Cynthia afastou-o do ouvido, depois voltou a tempo para ouvir a voz áspera de sono de Benita dizer.

— Chica, é melhor você ter uma boa razão para me acordar.

— Hey, sou eu chamando de volta. Além disso, é quase hora do rush[31]... E me refiro a hora do rush da tarde.

Benita bufou. — É a hora do rush 24 horas por dia nesta cidade. Qual é o problema?

— Eu não posso ligar para dizer "oi" a uma velha amiga? Eu tenho que ter um problema?

— Diga isso aos meninos ricos, baby. Eu te conheço melhor.

Cyn suspirou dramaticamente. — Eckhoff me disse que você pode ter respostas para algumas perguntas.

— Eckhoff? Você sabia que esse velho anda se encontrando com Jennifer dos registros?

— Não me diga? Ele me disse que tinha alguém, pensei que ele se referia ao seu cachorro.

Benita tossiu uma risada surpresa. — Essa é a Cyn que eu conheço. Então, onde está você?

— Em frente de sua casa. Veja que pessoa educada que sou? Toquei a campainha? Não. Eu liguei primeiro.

— Dios mio. Entre. Vou fazer café.

Quando Cyn chegou à porta, Benita abriu-a e desapareceu novamente. Cyn pegou o jornal e abriu a porta de tela à moda antiga, com estrutura em madeira, e foi entrando. A casa era limpa e arrumada, com chão de madeira brilhante. Nada estava fora de lugar, nem mesmo uma revista ou um livro. Mal parecia que alguém vivia nela. Ela deduziu que Benita tinha um serviço de limpeza, porque a garota de

[31] Hora do maior tráfego.

quem Cyn se lembrava não era muito arrumada. Ela podia ouvi-la se movendo na cozinha e foi nessa direção.

Benita olhou por cima do ombro quando Cynthia entrou na pequena cozinha, arqueando uma sobrancelha quando viu o rosto golpeado e ferido de Cyn.

— Vejo que temos que pôr a conversa em dia. — Ela puxou um par de canecas do armário e as colocou no balcão de azulejos.

— Eu voltei a alguns dias, então o melhor que posso oferecer é café e um bolillo[32] reaquecido de congelador. Se você quiser mais alguma coisa, você vai à loja.

— Café está bom. No que você está trabalhando para o departamento esses dias?

Ela deu de ombros e evitou a pergunta. — O de sempre. — disse ela.

Cyn escondeu sua surpresa andando para a frente e sentando-se em um dos dois bancos de bar que estavam contra a parede. Benita não costumava ser tímida. Mesmo depois que Cyn tinha deixado o departamento, Benita tinha estado sempre ansiosa para compartilhar praticamente tudo sobre suas atribuições. — Eckhoff diz que você está trabalhando com os russos.

Benita virou-se bruscamente, os olhos escuros suspeitos. — Por que ele te disse isso?

— Jesus, Benita, qual é o problema? Eu fiz-lhe algumas perguntas, e ele disse que você podia provavelmente respondê-las melhor do que ele.

— Que perguntas?

— Eu estou procurando um russo. Tudo que eu tenho é um nome. Kolinsky. — Ela estava observando a mulher com atenção, então ela pegou o ligeiro apertar em sua expressão ao ouvir o nome.

[32] Muito semelhante em gosto e aparência à baguette, o bolillo é um pão branco simples que é muito popular no México e vários países da América do Sul. Distinguidos por uma forma oval que é normalmente cerca de seis centímetros de comprimento, o bolillo é frequentemente usado para popular os sanduíches étnicas, como a torta e a mollete. No México, o bolillo é muitas vezes referido como um Pan de Agua. O Brasil é um dos países onde o bolillo é muito apreciado, e é frequentemente identificado como pao frances ou pao de sal.

— Claro. — Benita disse com facilidade forçada. — Kolinsky é local, mas você pode ter chegado tarde demais. Ele sofreu um ataque forte na noite passada. Sobre o que se trata?

— Quem lhe fez isso? — Cyn perguntou, querendo saber quanta informação tinha se espalhado sobre o seu ataque. Ela não sabia ao certo, não podia se lembrar de nada depois dos disparos, mas ela pensou que eles tinham conseguido Kolinsky vivo, e talvez um par de outros, também.

— Eu não sei todos os detalhes ainda, mas se ele é quem você está procurando, você pode ter que olhar em outro lugar. Qual é o seu interesse, afinal?

— Eu acho que ele seqüestrou alguém importante para meu cliente. E o meu cliente quer esse alguém de volta.

— Seqüestro? Não é um dos seus casos do costume, chica.

—Eckhoff me disse isso. E sobre alguém chamado Pushkin? Eckhoff nunca ouviu falar do cara, e minha fonte era um pouco instável.

— Pushkin? — Benita passou uma mão trêmula pelo cabelo curto, antes de responder. — Não. — disse ela. — Nunca ouvi falar desse. — levantou-se, de repente. — Esses bolillos estão parecendo ótimos. Você quer um? — Ela puxou um saco plástico do congelador.

— Não, eu estou bem, obrigado. Então, como vai o trabalho?

— É uma droga, mas tem que ser melhor do que fazer o trabalho sujo para os vampiros, certo?

— Ok. — Cyn se levantou, magoada e ofendida. — Claramente eu cometi um erro ao vir aqui. Você vai voltar a dormir, talvez acorde mais doce, e eu vou procurar as minhas informações em outro lugar.

Ela estava a caminho da porta da frente quando Benita a chamou de volta.

— Olha me desculpe, Cyn. Volte. Essa atribuição está demorando demais e está me afetando, isso é tudo. Volte. Por favor.

Cyn virou-se e estudou-a em dúvida. Então, ela deu de ombros. — Tudo bem. Vamos começar de novo. Então, o que se passa, Benita?

— Eles me colocaram para trabalhar com os russos. Não é o meu território, não é o que eu estou acostumada. Eu não conheço essas pessoas, eu não sei a sua cultura, seus costumes, e está me deixando louca.

— Por quê você? Quero dizer, você é uma policial excelente, mas... — Cyn fez um gesto. — Você não passa exatamente despercebida. — Benita era uma latina com olhos escuros e cabelos pretos encaracolados que ela mantinha dolorosamente curtos.

Benita soltou um suspiro exasperado. — A quem o diz. Infelizmente, um dos alvos gosta de sua carne morena, por isso aqui estou.

— Gosto não se discute, huh?

Ela riu. — É isso que eu continuo lhe dizendo. — Seu rosto ficou sombrio antes dela se virar para despejar o café. Ela se aproximou e entregou a Cyn uma das duas canecas, apontando para o açúcar atrás de Cyn. Abrindo a geladeira, ela derramou metade do pacote de leite em seu café. Cynthia abanou a cabeça para dizer que não quando Benita lhe ofereceu leite e colocou açúcar em seu café enquanto Benita arrumou o leite e se juntou a ela.

— Então, onde você arranjou Kolinsky? — Benita perguntou.

— De um homem a morrer.

— Quem era ele e como foi que ele morreu?

— Eu não o conhecia e, quanto ao como... muito jovem e de forma inesperada.

— Como você sabe que a informação dele vale alguma coisa?

— Digamos que este indivíduo estava motivado para dizer a verdade.

— Merda.

— Sim.

— Má sorte sobre o ataque na noite passada. — disse Benita muito casualmente, tomando um gole de café. — Pode ser má sorte para mim também.

— Espere, ele não era o seu cara, era?

— O quê? Oh. Não. Não, meu cara é muito mais importante do que isso. — Ela ergueu o olhar, estudando o rosto espancado de Cyn. — Você parece que teve alguma má sorte, também.

— O quê, isto? — Cyn acenou para longe a preocupação da amiga com uma mão. — Um trabalho que correu mal. Um cara traindo a sua esposa não queria que sua foto fosse tirada.

— Imaginei isso.

— Yeah. Ouça, Benita, você deve ter cuidado com esse russo. Eckhoff me disse que eles são realmente ruins.

— Sim. — Ela olhou para longe, depois olhou para Cyn de novo. — Você sabe, eu acho que pode ser tarde demais para ter cuidado. Olha, — ela continuou, de repente, cheia de entusiasmo. — Se você quer realmente saber o que está acontecendo com esses caras, por que você não vem comigo esta noite? Há um grande tumulto, alguma porra russa, eu não sei. Mas todos eles estão indo para lá. Deve ser uma boa festa, se nada mais. — Ela estendeu a mão e puxou as pontas do cabelo com um corte irregular elegante de Cyn sobre o corte na testa dela. — Eles vão te amar, garota. Um pouco de maquiagem, e você vai ficar bem como sempre.

Cynthia pensou sobre isso. Algo estranho estava acontecendo. Benita estava agindo estranhamente, cheia de segredos um minuto, em seguida, toda feliz e "Hey, venha para a festa". Por outro lado, se Cyn pudesse entrar mesmo que só por uma noite, conversar com alguns dos caras maus, paquerar um pouco. Ela não pensava muito sobre sua própria aparência, mas isso não significava que ela não estava ciente dela. Homens geralmente gostavam dela, pelo menos até que descobriam que ela tinha um cérebro.

Uma coisa que ela sabia com certeza depois de ver a operação de ontem à noite era que Kolinsky não estava comandando o jogo de seqüestro de Alexandra. Ela apostava que sua participação terminara com a chantagem de Judkins e ao inserir Barry na propriedade. Ele provavelmente não teve nada a ver com o sequestro. Claro, o que ela devia fazer, em vez de seguir sua própria investigação,

era esperar até depois do anoitecer, e chamar Raphael para descobrir se eles questionaram Kolinsky, e se ele disse alguma coisa. Mas então, Cyn nunca tinha sido boa em fazer o que devia.

— Ok. — ela concordou. — Parece-me bem. — Ela olhou para o que estava vestindo. — Eu tenho que pegar algumas roupas diferentes.

Benita passou o olhar pelas roupas desgastadas de Cyn e a jaqueta de couro.

— Sim, faça isso. Estes caras são muito bons em se vestir. Vista algo sexy e curto, algo que mostre suas pernas longas e magras.

— Minhas pernas não são magras, sua anã. — Era uma discussão velha, familiar entre elas.

— Você continua dizendo isso a si mesma, chica. — Benita verificou o tempo. — Olha a festa está mais perto de sua casa que da minha, então por que você não espera, enquanto eu me troco, então nós podemos ir diretamente de sua casa.

— Hum, talvez não. Eu estou meio evitando minha casa hoje. Vá em frente e prepare-se, eu vou fazer compras. — Ela se levantou, seus músculos lembrando-lhe de como ela foi ferida, o que por sua vez a lembrou que ela nunca tinha conseguido o banho quente. Ela suspirou. — Escute, uh, antes de ir, posso tomar uma ducha rápida? — Ela despiu o casaco, sem pensar. — Quer dizer, eu não quero experimentar todas as roupas...

Benita ofegou, seus olhos se arregalaram quando ela viu toda a extensão do sangue e das contusões de Cyn. — Você tem um problema com o namorado, garota?

— Sim. — murmurou Cyn. — Algo como isso. Que tal o chuveiro?

Benita deu-lhe um olhar duvidoso, sacudindo a cabeça em desaprovação. — Seja minha convidada, chica. Toalhas limpas no armário do corredor.

— Obrigada.

— E não use toda a água quente!

Três horas mais tarde, Benita estava passando através das estações de rádio por satélite de Cyn, murmurando sobre encontrar algo com um pouco de "salsa". Cyn não estava prestando muita atenção, mais preocupada com o vestido que ela usava até as coxas, para não falar nos saltos de quatro polegadas que estavam ótimos com o vestido, mas eram muito mais altos do que ela estava acostumada. O desafio foi encontrar um vestido que fosse suficientemente sexy e ainda escondesse o pior de seus machucados da noite anterior. Sem mencionar que apesar de ela estar disposta a ser uma garota de festa no interesse de descobrir mais sobre Kolinsky, ou até melhor, quem o estava apoiando, ela não tinha nenhuma intenção de ser alguém fácil. Ela não era assim tão dedicada.

Ela tinha escolhido uma malha preta, com gola alta, mangas compridas, alguns centímetros acima do joelho. Teve que comprar maquiagem, assim, gastou uma fortuna em coisas que ela nunca usaria novamente e teve que pedir à menina do balcão para ajudá-la. A menina dos cosméticos foi muito simpática sobre os ferimentos de Cyn, trabalhando duro para encobri-los, enquanto dava dicas sobre alguma linha telefônica de crise para mulheres agredidas. Concluindo, tinha sido uma viagem muito humilhante ao shopping e Cyn tinha estado mais do que feliz em deixar isso para trás, pegar Benita e dirigir o carro para oeste, mais uma vez.

A festa era em uma casa no fundo do Decker Canyon[33], bem fora da rodovia e perto da fronteira norte do estado. Em linha reta, não era tão longe de seu condomínio ou, para que conste, da propriedade de Raphael. Mas, para um mero humano, confinado às estradas, eram uns bons dez quilômetros de uma rota tortuosa que certamente se intercetava a si mesma mais de uma vez. Normalmente, ela teria tomado um caminho mais curto a oeste a partir da casa de Benita pelo norte da Auto-estrada, em seguida, conduzindo até Decker a partir daí. Era curto, provavelmente mais rápido, e certamente mais cênico. Mas também passaria por seu próprio condomínio e pela propriedade de Raphael. E ela tinha certeza que Tony tinha encontrado seu telefone celular há muito tempo. Então, ela tomou o caminho mais longo pelo Vale de San Fernando. Benita deu a Cyn um olhar interrogativo, quando ela fez a curva que iria levá-las para o Vale, mas comprou a história de Cyn sobre a construção desacelerar o tráfego perto da praia.

[33] Canyon corresponde a um desfiladeiro.

Depois de uma distância considerável, e das paragens normais devido ao tráfego, elas chegaram ao Decker e começaram a seguir para mais fundo no desfiladeiro. A consciência de Cyn a estava irritando, pedindo que ligasse para Raphael, para que ele soubesse onde ela estava. Ele provavelmente se preocuparia se não soubesse. Ela lembrou-se da raiva em seu rosto quando ele a tinha visto ferida, quando Kolinsky cometeu o erro de agarrá-la. Ela pegou o telefone. Mas estava sem sinal. Elas já estavam dentro das montanhas.

Capítulo Trinta e um

Raphael arrumou os punhos de sua camisa branca, em seguida, parou na frente do espelho e começou a amarrar o comprimento de seda azul que era a sua gravata.

A porta abriu-se atrás dele e Duncan entrou já vestido com o padrão de riscas cinza. Raphael tinha convidados esta noite. Complexas negociações estavam em curso sobre os direitos comerciais em Santa Bárbara e para o norte até a costa. Apesar da propriedade de Malibu ser a residência favorita de Raphael especialmente durante o inverno, ele governava todos os territórios do Oeste. Toda a comunidade vampírica, dentro dos limites do seu território estava sob sua autoridade, incluindo todos os empreendimentos comerciais. Sendo um governante sábio e um bom empresário, ele compartilhava os lucros destas iniciativas diversas com os subordinados, em quem ele precisava confiar para gerir esses negócios no dia-a-dia. Além disso, apesar de não existirem nem de longe tantos vampiros quanto a cultura popular queria fazer as pessoas acreditarem, havia um número suficiente para exigir que a ordem fosse mantida, e Raphael não podia supervisionar pessoalmente um território tão grande. Ele confiava em seu povo e os recompensava generosamente por sua lealdade.

Seu convidado desta noite era um desses. Um que sentia, talvez, que a sua lealdade merecia um pouco mais liberdade de ação do que Raphael estava disposto a conceder.

Duncan entrou na sala em silêncio, atravessando-a para ficar a seu lado. Raphael olhou para ele no espelho.

— Onde ela está?

— A senhora Leighton saiu da propriedade alguns minutos após as três horas da tarde e chegou ao seu condomínio quase imediatamente. Os guardas no portão não tinham ordens para detê-la, ela insistiu que iria para casa trocar de roupa.

— E o guarda no condomínio?

— Ela atirou nele, meu senhor.

Raphael parou de amarrar a gravata e olhou por cima do ombro para Duncan.

Duncan assentiu. — Doloroso, mas não fatal. Ela realmente o deixou muito confortável antes de sair, até com medicação para dor. Por isso é que passou quase uma hora até sua partida ser notada.

Raphael franziu o cenho e voltou-se para o espelho e para sua gravata. — O que há com ela, Duncan? — disse ele finalmente. — Ela briga comigo a todo o momento, então quase morre para me defender. Ela vem de boa vontade para a minha cama, então corre na manhã seguinte. Ela não quer nada comigo, e ainda assim eu acho-a... Fascinante.

— Ela é uma mulher bonita, meu senhor.

— A beleza é obtida facilmente, Duncan.

— Você mesmo o disse, meu senhor. Ela confunde você. Ela é, para ser franco, uma dor no traseiro. Uma que alguém como você teria que achar irresistível.

Raphael terminou sua gravata, alisando-a sobre o peito profundo. Ele olhou para cima. — Alguém como eu?

— Você é um vampiro, Senhor. Milhares de vidas imortais continuam apenas porque você assim quer. E, no entanto, esta mulher humana resiste à você.

Raphael estudou seu tenente, pensativo. — Você me surpreende, Duncan.

Duncan inclinou a cabeça em agradecimento.

— Eu quero a sua casa e escritório vigiados.

— Já está feito.

— Me informe o momento em que ela for encontrada. Não importa o que eu esteja fazendo, Duncan.

— Sim, meu senhor.

— Os outros estão aqui?

— Na sala de conferências, Senhor.

— Vamos começar, então.

Eles pegaram o elevador do subsolo, onde Raphael mantinha seu alojamento, até à sala de conferência no segundo andar. Havia apenas uns poucos participantes nesta reunião, todos eles vampiros. Raphael sorriu ao ver que dois dos seus visitantes evitaram as janelas expansivas ao longo da parede. Um hábito arraigado que era difícil de quebrar.

O visitante se levantou quando Raphael entrou na sala, virando-se para cumprimentá-lo com uma vénia[34] demorada intencionada para transmitir profundo respeito. Ele era um homem de aparência mediana, com os cabelos revoltos e pele escura de sua ascendência meio-Africana. Raphael o estudou por um momento em silêncio.

— Pushkin. — ele reconheceu, finalmente, e se aproximou até a mesa.

[34] Saudação respeitosa

Capítulo Trinta e dois

Quanto mais perto elas chegavam, mais Cyn pensava que todo este plano tinha sido um erro. No momento em que viu a casa em estilo fazenda, ela estava pronta para deixar sua amiga e cair fora. Esta noite não fazia sentido em muitos níveis. Primeiro de tudo, tinha finalmente entrado em sua cabeça dura que não era comum, na melhor das hipóteses, e altamente irresponsável, na pior das hipóteses, Benita levá-la a uma festa usando sua identidade falsa. E se alguém reconhecesse Cyn? Ou ficassem curiosos o suficiente para verificar a identidade dela? A identidade verdadeira de Benita podia estar cuidadosamente protegida, mas a de Cynthia não. Uma simples busca no Google iria revelar os fatos mais marcantes de sua vida – seu pai, seu passado no LAPD, seu trabalho atual como investigadora privada. Então, por que isso não incomodava a Benita?

E se isso não fosse preocupante o suficiente, o conhecimento de que ela não deveria ter corrido de Raphael era como uma coceira na parte de trás do cérebro dela. Sentia-se culpada, estúpida, infantil e absolutamente covarde. Você não fode magnificamente com um homem e depois desaparece na manhã seguinte. Isso era o truque de um cara. O truque de um cara desprezível. E não era como se ela tivesse estado relutante. E se ela tivesse tomado um pouco do seu sangue, qual era o problema? Ambos estavam sangrando, teria sido difícil não tomar um golinho. E, além disso, esta não era a primeira vez que ela tinha tomado uma mordida de um amante. Cynthia nunca tinha gostado de sexo suave. Não que ela quisesse que alguém a amarrasse e lhe batesse, mas Nick raramente saía de um dos seus encontros sem, pelo menos, algumas marcas de dentes como uma lembrança, e muitas vezes muito mais do que isso. Além disso, Cyn era honesta o suficiente para admitir que não era o sangue que a tinha assustado, era o fato de que ela estava sentada aqui se preocupando com ele, preocupada sobre como ele iria reagir quando visse que ela tinha ido embora. Ele tinha penetrado em suas defesas de alguma forma, e isso era muito mais preocupante do que um pouco de sangue.

— Yo, Cyn. Você vai ficar sentada aí toda a noite ou vamos fazer isso?

Cynthia olhou para cima, sobressaltada, com a voz de Benita. Sua porta do carro estava aberta, e uma rechonchuda jovem manobrista estava lá em pé com uma mistura de tédio e impaciência. — Oh, Desculpe. — disse ela. Deixando as

chaves na ignição, ela começou a sair, mas algo a levou a fazer uma pausa. Foi esse sentimento ruim de novo, a sensação de que algo não estava certo.

— Escute, eu prefiro estacionar sozinha. Onde eu posso fazer isso?

Benita gemeu. Ela já estava fora do carro e indo para a porta da frente, as sombras não fazendo jus à sua forma encorpada. — Relaxe, chica. Dê as chaves à boa garota. Olhe ao seu redor, está em boa companhia.

Cyn olhou em volta. Benita estava certa. O pátio em frente da casa estava cheio de cada modelo e cor de Mercedes, BMW e até um Rolls ou dois. Um monte de carros. Demasiados carros. O longo, sinuoso caminho de volta para a estrada estava forrado com veículos estacionados e um fluxo constante de manobristas estavam movendo carros do pátio para fora da estrada. Esta era uma festa grande. Mais uma razão para ter seu próprio carro à mão.

Ela pegou as chaves da ignição e caminhou até a amiga. — Você sabe, Benita, estou pensando que esta provavelmente não é uma boa idéia, afinal. Os últimos dias têm sido muito longos. Eu poderia ficar em casa hoje…

— E me deixar aqui? Muito obrigada, Cyn. De jeito nenhum. Você fica, garota.

Cynthia fez uma careta. O desconforto sobre esta noite estava se tornando mais forte. — Você está certa. — disse ela facilmente. — Eu não estava pensando. Olha, você vai em diante, eu vou pegar meu casaco no carro.

Benita pareceu que diria algo, mas depois deu de ombros e continuou andando. Cyn observou-a ir pelo quintal de terra, os saltos altos exagerando o balanço de seus quadris no apertado vestido vermelho que ela vestira para as festividades da noite. Cynthia não conseguia se lembrar de ter visto Benita em um vestido antes. Ela era mais o tipo de uma calça jeans e camisa. Mas ela era sua amiga, e Cyn não estava disposta a abandoná-la por uma suspeita.

Cyn ignorou a manobrista impaciente e abriu a porta traseira. Deixando a porta meio fechada sobre ela, ela puxou o saco grande lá guardado e remexeu dentro, tirando suas botas, pegando a correia de segurança da Glock de onde ela a tinha enfiado num canto do saco e a colocando rapidamente no coldre de ombro. Abrindo completamente a porta, ela se sentou na beira do compartimento de carga, arrancou os bonitos saltos novos e os jogou sobre o ombro, vestindo suas botas de

cowboy em seu lugar. Elas não eram a sua primeira escolha para combinar com um vestido de festa, mas elas eram um inferno muito mais confiáveis se ela tivesse que correr. Em seguida, puxou sua jaqueta de couro. Mais uma vez, com as suas fivelas de metal, não era a melhor opção como casaco para vestido de festa, mas tinha que ser. Tinha bons bolsos profundos. Com uma procura rápida pela manobrista, ela pegou sua arma e guardou-a em um dos dois bolsos interiores. Não se encaixava, não realmente, mas era perto o suficiente, e Cyn não tinha intenção de entrar naquela casa desarmada.

Quando ela fechou a porta e andou até a porta do condutor, a manobrista reapareceu, erguendo as sobrancelhas pelas mudanças no vestuário de Cyn. Certo, como se Cyn se importasse com o que uma adolescente guardadora de carros pensava sobre seu guarda-roupa. — Quanto para deixá-lo aqui mesmo? — Cyn perguntou sem rodeios. Esta juventude vivia por suas gorjetas.

— Eu não posso deixar você deixá-lo aqui. — disse a garota de forma significativa.

— Tudo bem. Que tal ali? — Cyn apontou para um muro a cerca de trinta metros de distância. — Eu vou deixar paralelo à cerca, fora do caminho. — Ela abriu a carteira, certificando-se que a garota visse o monte espesso de dinheiro verde. Uma lição que Cyn tinha aprendido de suas raras visitas com o pai... Sempre leve dinheiro. Seus dedos começaram a passear através do dinheiro, pensativa. Ela olhou para a garota. — Duas de cem?

Os olhos da manobrista se arregalaram e ela olhou ao redor cuidadosamente. Nenhum dos outros atendentes estava à vista. — Claro.

Cyn extraiu duas notas de cem dólares e as entregou, tomando cuidado para proteger a operação de observadores casuais. — Eu mantenho as chaves. — ela confirmou.

A garota apenas assentiu, já guardando o dinheiro.

Cyn estacionou o carro e colocou as chaves no bolso, em seguida, caminhou ao redor do exterior da casa olhando para as portas e janelas antes de subir ao patamar vazio e entrar na festa.

Capítulo Trinta e três

A terceira vez que alguém tropeçou nos pés dela, Cyn mandou a cortesia para o inferno e enrolou as pernas debaixo dela no pequeno sofá de couro. Inferno, as botas provavelmente custavam mais do que o maldito sofá de qualquer maneira, o que era estranho, porque a própria casa, com os seus acres de pastagens, não tinha saído barata. É claro que, obviamente, não tinha saído com nenhum bom gosto também. Sendo uma expansão do design do sudoeste, ela apresentava todos os elementos de decoração berrantes. Chifres de vários ruminantes pendurados nas paredes, intercalados com uma coleção de arte do sudoeste, nenhuma boa. Padrões pretos e brancos de vaca 'enfeitavam', se tal palavra pode ser usada em conjunto com vacas, não somente os tapetes espalhados, mas a maior parte do mobiliário também. E completando o questionável tema, estavam as cadeiras que pareciam assentos de trator, selas e, de todas as coisas, cadeiras de campo[35].

Ela olhou para o relógio. Quase nove horas já. Ela havia ficado quase duas horas assistindo o fluxo e o refluxo da festa. E havia um monte de fluxo e refluxo acontecendo. Música russa tocava alto, pulsando através das salas quase claustrofobicamente cheias com homens em ternos caros mas pouco favorecedores e mulheres que tinham claramente gastado uma fortuna em suas roupas, mas que nunca conheceram uma designer de quem não gostavam. O que significava que havia demasiadas jóias envolvidas e muito pouco estilo. Não que isso parecesse incomodar alguém exceto Cyn. Havia uma qualidade quase maníaca na festa, um nível de excitação que parecia exagerado pelo que ela tinha observado. Os festeiros continuavam desaparecendo nas salas dos fundos da casa e reaparecendo mais tarde, geralmente depois de apenas alguns minutos, mas às vezes, depois de muito mais tempo. Cyn deduziu que provavelmente havia drogas que estavam sendo distribuídas nas zonas mais escondidas da casa, mas ela não tinha interesse em descobrir se tinha razão ou não. Drogas nunca tinham sido sua substância de escolha. Ela nem sequer bebia muito. Era, como sempre, uma questão de controle e Cyn gostava de estar no controle. E depois havia toda a idéia realmente nojenta de inspirar droga pelo nariz. Eca.

Ela balançou as longas pernas de volta ao chão com um baque, admirando as botas quando ela fez isso. Talvez elas não combinassem muito com o estreito

[35] http://www.adventuresports.com/product/byer/images/lrg_images/lrg_stool-camp.jpg

vestido preto de malha, mas com certeza combinavam com a decoração desta casa. Hora de explodir essa festa, Cyn. Um policial teria um dia de campo neste lugar, mas não havia nada aqui para ela. Era hora de encontrar Benita. Ela parou e olhou em volta com uma carranca, ela não via sua amiga há algum tempo. Merda.

Ela tinha dado um único passo em direção à parte de trás da casa quando um braço carnudo veio ao redor de sua cintura, quase a levantando.— Hey!

— Onde você estava se escondendo, coisa bonita. Venha, eu escolho você.

Cyn se encolheu ao sentir o hálito rançoso de seu captor, se inclinando para olhar para ele. E congelou de surpresa. Vampiro. Merda! Eles não estavam usando drogas na parte de trás, esta era uma festa de alimentação como na casa de praia de Lonnie. Mas…?

A verdade a sacudiu. Raphael tinha dito o tempo todo que o seqüestro de Alexandra era o primeiro passo em uma tentativa de tomar o poder. Alguém tinha contatado Kolinsky, que tinha chantageado Judkins para ele colocar Barry na casa de Raphael e colocar o plano de sequestro em movimento. E esse alguém estava fazendo festas de alimentação aqui na fazenda, bem no meio do território de Raphael. Ela tinha que sair daqui agora. E onde diabos estava Benita?

O vampiro estava arrastando-a pelos corredores escuros, passando por portas fechadas dos dois lados. Era como uma festa de adolescentes para dar amassos na casa dos pais de alguém, ou talvez como um bordel, e Cyn não tinha intenção de aderir à atividade. Ela se segurou a uma porta com força, surpreendendo o vampiro com a parada abrupta. Ele girou de volta e deu-lhe um olhar obtuso de perplexidade, como se não pudesse entender porque eles tinham parado de se mover.

— Eu tenho que encontrar minha amiga. — explicou ela. — Benita.

Uma luz clicou nos olhos em branco do vampiro. — Benita? Claro, eu conheço Benita. Eu não estou autorizado a tocá-la embora, ordens do chefe.

O coração de Cyn afundou doentiamente. Benita disse que seu alvo era alguém superior a Kolinsky. Meu Deus, ela tinha ido tão longe ao ponto de deixar que eles se alimentassem dela? E se ela tinha, ela poderia ser confiável? Isto estava ficando cada vez pior. E Cyn era uma péssima atriz.

— Ok, ouça. — disse ela. — Isto é um erro. Eu não deveria estar aqui, eu não sabia que era esse tipo de festa, por isso eu vou apenas dar a volta agora e ir para casa.

Deu ação à suas palavras, girando em um salto, com a intenção de ir direto para seu carro, encontrar um local seguro e chamar Raphael. Ela deu um passo e foi puxada. O vampiro era como uma árvore enraizada segurando ela no lugar.

— Mas eu estou com fome. — ele lamentou. — O chefe disse que nós poderíamos ter quem quiséssemos aqui.

Cynthia tomou uma respiração profunda. — Olhe. Eu aposto que o seu patrão só lhe permite ter voluntários, certo? Porque é contra a lei obrigar alguém, e se você quebrar a lei, o seu chefe pode ficar em apuros, não é? Não é assim que funciona? Agora, eu sei que você está com fome, mas há montes de doadores perfeitamente dispostos lá fora. Então, por que eu não vou com você e vamos escolher alguém. Uma bonita. Isso não seria divertido?

— Outra garota? — Ele sorriu ansiosamente.

Cyn piscou em confusão. — O quê? — Disse ela, e então ficou claro para ela. Oh, nossa, o que há com rapazes e a fantasia lésbica? —Pode apostar. — disse ela. — Você gostaria, não é?

— Sim, eu...

— E o que é isso, Tommy? — Uma nova voz intrometeu-se da porta agora aberta onde eles tinham acabado de passar. Tommy fez uma pausa, parando Cyn mais uma vez.

—Eu tenho uma bonita, Albin.

— Eu posso ver isso.

Cyn congelou quando ouviu o nome. Albin. O traidor de Raphael, o vampiro que matou Matias e sequestrou Alexandra. Ele agarrou o braço de Cynthia ao mesmo tempo que Tommy aumentou seu agarre nela e puxou-a mais perto. Ambos os vampiros a estavam segurando dolorosamente, e Cyn deu por si com esperança

de que eles a esquecessem de alguma forma e atacassem um ao outro antes de a transformarem em uma fúrcula[36] humana.

— Tommy. — Albin disse suavemente. Isso foi tudo o que ele disse. Apenas o nome. Cynthia podia sentir o pulso ligeiro de seu poder, podia ouvir a ameaça sob a voz branda.

Expirando um longo fôlego rançoso em seu rosto, que quase a fez vomitar, Tommy a libertou. Quando ele se foi embora irritado, Cyn soube que a sua melhor chance de uma fuga fácil tinha acabado de ir embora.

— Senhora Leighton. — ronronou Albin. Seu coração batia duro contra suas costelas. — Alguém quer falar com você.

— Olhe — disse ela ofegante, desesperadamente fingindo que não tinha idéia de quem ele era. — Eu não sabia o que era este lugar. Não que eu me importe. É seu assunto. Deixe-me ir para casa e eu vou felizmente esquecer esta noite inteira.

— Muito divertido. — A voz de Albin era dura enquanto ele a puxava pelo corredor, empurrando-a na frente dele e para dentro de um quarto na parte de trás da casa. Cyn tropeçou, lutando para permanecer de pé. O peso da arma em seu bolso bateu em seu quadril, e Cyn só esperava que ela tivesse uma chance de usá-la.

— Chica!

Ela se endireitou em estado de choque. Benita descansava sobre uma cama king-size, seus sapatos jogados no chão, uma alça do apertado vestido vermelho pendurada em seu braço, descobrindo a aréola do seio cheio. E ela não estava sozinha. Esticado ao lado dela, com um braço pesado em volta dos seus ombros, estava outro vampiro. Um formoso Latino, com traços finos e cabelos lisos e negros, o vampiro sorriu para Cynthia com brilhantes dentes brancos, suas presas totalmente expostas.

— Benita? — Ela sussurrou.

[36] A fúrcula (também conhecida por "osso da sorte") é um osso bifurcado encontrado em aves e dinossauros terópodes, formado pela fusão das duas clavículas.

Benita riu demasiado alto, desconsiderando com um aceno de sua mão o choque óbvio de Cyn. — Não fique tão surpresa, garota. Como se você não tivesse compartilhado um pouco de sangue nenhuma vez. Todos esses vamps lindos por aí em Malibu? Você seria louca se não o fizesse.

— Não. — disse Cyn, encontrando dificuldade para respirar. — Não, eu nunca o fiz.

Benita deu-lhe um olhar zangado. — Sempre muito melhor do que o resto de nós, não é? Você sempre foi, com o dinheiro do papai e suas roupas extravagantes. Bem, querida, dinheiro não vai tirar você dessa. Eu estava dizendo ao meu amigo aqui sobre o seu cliente. Você sabe, aquele com a garota raptada? Ele está muito interessado.

— Eu nunca disse que era uma garota. — Cyn disse suavemente, com uma sensação de mal estar no estômago.

Benita olhou para ela, confusa. — O quê? Claro que você disse. Você disse que eles seqüestraram sua namorada ou algo assim.

— Não, Benita. Eu nunca disse. — Ela sacudiu a mão de Albin e se endireitou. — Há quanto tempo, Beni? Um par de meses? Foi por isso que você mudou para os russos, ou isso aconteceu depois? — ela perguntou amargamente. — Já morreu algum policial, Oficial Carballo?

— Hijo de tu puta madre[37]! O que você sabe sobre isso? — Disse Benita, afastando-se do vamp e atravessando a cama até Cynthia. — Eu não tenho dinheiro para sair e me tornar uma detetive privada. Eu tive que ficar e ganhar a vida! Eles me colocaram para trabalhar com as gangues como uma puta de merda! Pelo menos assim eu estou fodendo quem eu quero em vez de alguns viciados tatuados que querem um serviço de cinco dólares no banco de trás.

O vampiro Latino subitamente puxou Benita de volta contra ele, sussurrando em seu ouvido enquanto ele deslizava uma mão com dedos longos até a coxa dela e entre as suas pernas. Benita gemeu baixinho, aninhada em seu pescoço. Sobre a cabeça dela, os olhos escuros do vampiro riram zombeteiramente para Cyn. Ela virou o rosto, desgostosa, devastada pela traição da amiga.

[37] Filha da puta.

— Você é muito afortunada, Sra. Leighton. — O vampiro de Benita disse com um sotaque castelhano pesado. — Meu Senhor a quer para si mesmo.

— Fodidamente pouco provável. — Cyn murmurou viciosamente.

O vampiro riu. — Pelo contrário. É quase uma certeza. — Seu rosto endureceu quando ele sinalizou para Albin com um empurrão de sua cabeça. O vampiro ruivo enfiou os dedos em seu braço mais uma vez, puxando-a para fora da sala e por outro corredor enquanto Cyn procurava desesperadamente uma maneira de escapar. Ela não podia deixá-los trancá-la até que o mestre aparecesse, ela precisava sair daqui antes que isso acontecesse. Eles passaram por algumas portas abertas e Cyn viu janelas fechadas. Quando ela circulou pela casa antes, ela tinha visto um par de portas deste lado. Uma delas era uma porta de vidro deslizante que provavelmente dava para outra sala, mas a outra tinha sido uma porta dos fundos normal. A lógica dizia que essa porta daria para um corredor de algum tipo. Se ela pudesse encontrar a porta e distrair Albin tempo suficiente para fugir, ela podia sair para o exterior e fugir da casa.

E então o que, Cyn? Ela zombou de seu próprio plano. Eles são vampiros. Eles são mais fortes, mais rápidos, e, oh, sim, eles podem ver na maldita escuridão.

Ok, isso era uma chance no inferno, mas era a única que ela tinha.

Albin parou com um solavanco e a empurrou na frente dele em um quarto vazio. Este cara nunca entrava normalmente em uma sala? Ele sempre tinha que empurrar? Cyn cambaleou para frente, caindo sobre a cama. Ela imediatamente pulou, colocando as costas contra a parede e observando com cautela, como o vampiro pálido fechou a porta e caminhou lentamente em sua direção. Seu olhar sobre ela era quente e com fome, os olhos brilhando como moedas de um centavo na luz baixa, presas deslizando para fora em uma paródia grotesca de excitação.

— Eu pensei que... Isto é, eu pensei que o seu mestre...

Ele deu uma risada baixa, mordaz. — Não fique se achando, puta. Ele quer seu cérebro, não o seu sangue. Se sua amiga aí tiver razão...

— Ela não é minha amiga. — Cyn murmurou. — Não mais.

— Ah. Traição. Dói, não é?

— O que você sabe sobre isso? — Ela estalou. — Raphael confiou em você e você o traiu…

Seu braço disparou, os dedos dele envolvendo sua garganta, sufocando suas palavras, seu ar. — Eu fui traído muito antes disso, humana. Lutamos juntos nas guerras, sobrevivemos com inimagináveis probabilidades, e ele me ofereceu nada mais do que os restos da sua mesa. Não fale comigo de traição. Você não pode sequer começar a entender o que a traição é de verdade.

Cyn arranhou freneticamente os dedos dele, tentando recuperar o fôlego. Em uma ação desesperada, ela chutou com uma bota pontuda, acertando solidamente na canela dele. Albin uivou, soltando a sua garganta tempo suficiente para jogá-la através do quarto. Ela aterrou na cama duramente e caiu para o chão onde ficou deitada, asfixiando, sugando respirações longas, frenéticas. De joelhos, ela andou de quatro, se colocando em um canto debaixo da janela.

— Você vai se arrepender disso, vadia. — Albin caminhou em sua direção, as mãos enroladas em garras, as presas deslizando de sua boca semiaberta em um rosnado.

Cyn se encostou mais para trás no canto, puxando o couro de sua jaqueta pesada com as mãos trêmulas, lutando para alcançar sua arma. Para o inferno com o plano, para o inferno com a tentativa de ser discreta. Ela ia explodir o cérebro deste filho da puta e correr para bem longe deste lugar.

Os dedos frenéticos encontraram o metal frio da arma. Ela deslizou-a para fora do bolso, utilizando a jaqueta volumosa para cobrir o movimento, em seguida, lentamente chegou com a outra mão e se preparou.

Albin a agarrou com ambas as mãos, pegando sua jaqueta de couro pelos ombros. Em um único movimento, ele puxou-a para cima e levantou-a, sua boca indo para o pescoço dela.

Cyn gritou quando suas presas perfuraram seu corpo, gritou de novo quando sentiu a força da sua boca e sua consciência começou a desvanecer-se. A arma era pesada quando ela a arrastou e colocou entre seus corpos. Suas mãos mal tinham forças para puxar o gatilho.

Ela gritou de dor quando a arma disparou contra suas costelas. A boca de Albin cedeu em estado de choque e ele cambaleou para trás, ofegando em

descrença pela pequena floração vermelha na frente de sua camisa. Cyn olhou para ele em branco, então viu o olhar dele levantar, seus olhos da cor de metal quente. Ela levantou a arma com mãos trementes e puxou o gatilho de novo e de novo, até que clicou vazio, até que o vampiro caiu para o tapete sujo. Ela se se encostou na parede, a arma pendurada a um lado, à espera que alguém corresse pela da porta. Os tiros tinham sido altos. Mas não apareceu ninguém. A música, a incessante e pulsante música havia afogado tudo.

Ela se endireitou lentamente. O sangue fluía da ferida no seu pescoço. Mas não jorrava, pensou tonta, não jorrava. Ele não tinha perfurado a jugular, simplesmente atacou seu pescoço como um cachorro com um osso. Ela pegou um travesseiro e tirou a fronha. Estava suja e cheirava a demasiadas cabeças suadas, mas era a única coisa que ela tinha no momento. Envolveu-a em torno de seu pescoço tão firmemente como ousou, enfiou a arma agora vazia de volta em seu bolso e se esforçou para pensar com clareza. Sua visão continuava a ligar e desligar, e ela estava tremendo com o choque. Choque. Esse era o seu maior perigo agora. A perda de sangue e o choque.

Ela lutou para caminhar pela janela, indo para a porta. Janela. Ela piscou estupidamente para a janela fechada, e depois estendeu a mão trêmula e abriu as venezianas. Ela queria chorar de alívio. Uma busca rápida e desesperada lhe disse que a janela não foi projetada para abrir, então ela virou sua arma ao contrário e bateu com ela no vidro. Fragmentos afiados cortaram seus dedos e pulverizaram o quarto, mas ela mal percebeu. Bateu tanto no vidro quebrado quanto podia, então pulou e ergueu-se para fora.

Ela quase caiu de cabeça no chão frio, rolando para ficar contra a parede, exausta pelo esforço. Um riso soou em algum lugar próximo, e ela saltou quando ouviu o barulho do motor e dos pneus de um carro passando pelo cascalho. Sua cabeça virou na direção do som. Esse era o seu alvo. Ela seguiu em frente, mantendo-se nas sombras perto da casa, pausando ao ouvir o bater de uma porta, um grito de raiva, um grito afogado de dor. Ela fechou os olhos nublados, se perguntando se alguém tinha ouvido os gritos dela.

Enquanto ela se aproximava da frente da casa, o nível de atividade aumentava. A música estava fazendo as paredes tremerem, as pessoas rindo e falando a apenas alguns centímetros de distância de onde suas mãos sangrentas agarravam a lateral da casa. Ela caiu no chão, ofegando com o esforço. Faróis deslizaram sobre o quintal e a cerca branca apareceu. A sua Range Rover estava estacionada perto de uma cerca. Ela virou a cabeça rapidamente, afogando um

gemido pela dor no seu pescoço, sentindo o sangue escorrer por debaixo da bandagem improvisada até seu peito. Mais alguns metros. Cyn. Você pode fazê-lo.

Sim, ela poderia fazê-lo. Que se danasse se ela ia morrer ali no escuro como um animal ferido.

Com uma respiração profunda, ela fez uma corrida impressionante para a cerca, escorregando entre os trilhos, quase caindo no chão porque sua cabeça girava pela perda de sangue. Lembrando sua formação em primeiros socorros, ela fez uma pausa, baixando a cabeça entre os joelhos até que sua vista voltou com clareza nauseante. Sua cabeça levantou quando uma repentina rajada de carros chegou e os criados foram correndo para fora da varanda. Vampiros. Bem-vestidos e confiantes. Esses não eram os Tommys do mundo vampírico. Ela tinha certeza que seu inquisidor estava em um desses carros, ela precisava ir.

Estava escuro perto da cerca, então ela correu da melhor forma possível, uma mão deslizando ao longo da menor cerca, utilizando-a como apoio, para o equilíbrio. Procurando seu carro, ela viu que havia muito mais veículos estacionados aqui agora do que quando ela chegou. Ela teve um momento de pânico, pensando que seu carro estaria bloqueado, mas depois o grande Range Rover entrou em sua visão. Não havia muito espaço, mas era suficiente.

Cyn tirou as chaves do bolso, usando a chave na fechadura, em vez do controle remoto, que teria feito as luzes piscar. Ela escorregou para dentro rapidamente, fechando a porta, esperando que ninguém tivesse notado a luz através das janelas coloridas. Soluçando com alívio por ter chegado tão longe, e com medo de que alguém em algum momento iria descobrir o seu desaparecimento, ela se deslocou penosamente através do console e ajeitou-se no banco do motorista.

Ela descansou a cabeça no volante por alguns momentos preciosos, esperando a sua visão clarear, esperando a náusea passar. Uma vez que ela ligasse o carro, não haveria espaço para erros. Havia uma boa chance de que alguém fosse notar o carro a sair, mas havia pessoas indo e vindo o tempo todo. E o barulho da festa devia abranger o som do motor.

Ela virou a chave, os olhos no espelho retrovisor. Ninguém parecia notar. Os manobristas estavam ainda na correria tentando estacionar todos os carros que haviam chegado com o chefão. Cyn colocou o carro em marcha ré, recuou tanto quanto pôde, então, girou o volante para a esquerda e pisou no acelerador.

Capítulo Trinta e quatro

Raphael estava em seu gabinete no segundo andar e olhava para fora, para a noite escura. Pushkin estava empatando. Ah, ele tinha sido a própria imagem de respeito e cortesia, não muito exigente, um confiável vampiro peticionando o seu senhor. Mas Raphael tinha visto desde o início que não importava o que ele propusesse o outro vampiro não ia concordar. Ele ia considerar. Ele ia consultar. Mas não haveria acordo esta noite. O que deixava apenas uma conclusão. Pushkin estava ganhando tempo.

Tempo para quê? Raphael se perguntou. A resposta mais fácil era que tinha sido Pushkin a subornar Albin e a seqüestrar Alexandra. Desde o inicio que ele sabia que o seqüestro era uma armadilha, que Alexandra não era nada mais do que uma isca para puxá-lo para uma cilada. Mas uma coisa era suspeitar e outra era agir a respeito dessa suspeita. Até mesmo um senhor vampiro tão poderoso como Raphael não podia se dar ao luxo de alienar, sem razão aparente, alguém como Pushkin.

E apesar de Pushkin poder aspirar a governar os territórios ocidentais, mesmo se ele tivesse sucesso na destruição de Raphael, não seria Pushkin quem chegaria ao topo. Vampiros poderosos de todo o país contestariam a sucessão. Pushkin não viveria tempo o suficiente para gozar os frutos de sua traição. Não que fossem existir quaisquer frutos. Raphael não tinha nenhuma intenção de permitir que essa insurreição fosse bem sucedida.

A porta abriu-se atrás dele e ele olhou para cima, vendo Duncan no reflexo do vidro quando ele entrou na sala. Ele estava com pressa e Raphael se virou, olhando para ele curiosamente.

— Meu senhor. — Duncan começou. — A senhora Leighton voltou ao seu apartamento.

Havia uma tensão subjacente na voz de Duncan e Raphael ficou tenso. — Duncan?

— Meu senhor, ela está ferida…

Ele nunca teve a chance de terminar pois Raphael disparou para fora da sala, com Duncan atrás dele.

— O que aconteceu? — Ele rosnou enquanto caminhavam.

— Vinte minutos atrás, Senhor, talvez menos. Ela estava dirigindo, irregularmente, os guardas afirmaram. Seu primeiro pensamento foi que ela tinha bebido, mas depois... Ela entrou em sua garagem, fechando a porta atrás de si quase que imediatamente. Os guardas levaram apenas momentos para entrar, mas ela já tinha entrado em sua residência.

Ele fez uma pausa e Raphael olhou para ele bruscamente. — Sangue, meu senhor. Ela obviamente está ferida. O carro estava cheio de sangue e marcou sua trajetória até à casa. Os guardas chamaram através do intercomunicador, bateram nas portas e janelas. Não houve nenhuma resposta. Meu senhor, eles conseguiram desligar o alarme dela. Eu poderia ter guardas humanos…

— Ninguém toca nela. — Raphael estalou. Eles estavam subindo para o SUV, nessa altura, Raphael pediu ao motorista para se mover antes que as portas sequer terminassem de fechar. Por que ela fugiu dele? E o que ela tinha feito?

Seu condomínio estava escuro quando eles chegaram, a única luz era da garagem onde o Range Rover de Cyn estava, a porta do condutor entreaberta. Ele sentiu o cheiro do sangue, antes que o visse. Tanto sangue. Poderia um humano sobreviver a tal perda?

— Coloquem-me lá dentro. — Ele não perguntou se era possível. Ele não se importou com o que fosse necessário.

— A outra porta, Majestade— disse um dos guardas que estava vigiando o condomínio.

Como um turbilhão em movimento, os quatro vampiros correram até as escadas para o segundo andar. A porta era pesada, intransponível para um ser humano. Cedeu facilmente a um vampiro. O guarda não parou, simplesmente recuou e chutou a porta até ela voar do batente, quebrando em dois pedaços.

O cheiro de sangue saía do interior escuro, doce e reconhecível. Cyn. Os vampiros reagiram sem pensar, presas se abaixando, burburinhos saindo de suas gargantas. Raphael sentiu seus próprios dentes alongar, sentiu um peso de resposta em sua virilha. Ele rodopiou com um rosnado, forçando os outros para trás, afirmando uma posição dominante, reivindicando a posse. Quando ele atravessou a soleira, Duncan se atreveu a seguir, o seu instinto de proteger seu senhor mais forte que qualquer medo. Ele parou com um esgar agoniado.

— Meu senhor, eu não posso entrar.

— Então, ela ainda está viva. — Raphael rosnou e avançou para dentro do prédio.

Capítulo Trinta e cinco

Cynthia estava na escada escura, muito fraca para subir mais, entrando e saindo da consciência. Alguma parte dela sabia que se ela não se movesse, se ela não conseguisse ajuda, ela morreria aqui nas escadas, com a cozinha e o seu telefone a apenas alguns passos de distância, passos que poderiam muito bem ser quilômetros.

O percurso da casa de fazenda até aqui em sua memória era borrão de dor e confusão. Ela conduziu no escuro, com medo de ligar as luzes, com medo que elas a entregassem na estrada escura do desfiladeiro. Lembrava-se de acordar várias vezes para encontrar-se parada no meio da estrada, ou desviada para um lado, grogue e meio doente pela dor, tendo desmaiado novamente. Foi apenas sorte que seu carro não se tenha desviado da estrada, o que a teria jogado no mato, para não ser encontrada até que semanas ou meses tivessem se passado.

Parecia que tinham passado horas, mas ela sabia que não poderia ter sido tanto tempo, antes que ela chegasse à auto-estrada Pacific Coast. Estava repleta de tráfego, carros passando a elevada velocidade, deslizando pelas largas curvas da estrada. Suas luzes a cegaram, confundindo seu cérebro já nublado. Ela finalmente se aventurou na auto-estrada, ligando os faróis no último momento. Carros se desviaram dela, buzinando furiosamente, os motoristas ansiosos para chegar ao seu entretenimento da noite, irritados com o que supunham ser um bêbado se desviando perigosamente para a pista da direita. Sinais de trânsito incentivavam os motoristas a reportar bêbados para o 911[38] em Malibu, e ela sabia que era apenas uma questão de tempo antes que algum cidadão fizesse isso e ela fosse mandada parar. Mas seu condomínio não estava muito longe, um par de quilômetros, talvez menos.

Quando as luzes de seu edifício entraram em vista, lágrimas de alívio turvaram seus olhos já nublados. O medo se dissipou rapidamente quando ela viu as formas sombrias do lado de fora do edifício, suas cabeças se virando na direção dela ao ouvirem o som do motor do Range Rover a fazer a curva. Um pico de medo fez seu coração bater com força, dando-lhe uma clareza de pensamento que tinha faltado no seu caminho tortuoso da casa de fazenda. Ela se atrapalhou ao pegar o

[38] Número de emergência.

controle remoto para abrir a garagem, segurando-o em sua mão ensanguentada, rezando para que o tempo de abertura do portão fosse suficiente para ela entrar antes que os vampiros pudessem chegar até ela. O frágil portão deslizante não podia impedi-los por muito tempo, mas tudo o que ela precisava era tempo suficiente para chegar dentro de seu condomínio.

Apertando o botão a poucos metros de distância, ela observou o curso da porta para cima, esperando que fosse o suficiente. O capô do carro passou por debaixo do portão de metal quando a mesma ainda estava subindo e Cyn ouviu um som de raspagem leve no teto. Ela não esperou que o portão terminasse a sua subida, simplesmente apertou o botão duas vezes em rápida sucessão. O primeiro clique congelou a porta no lugar, e o segundo começou seu movimento para fechar.

Seu pescoço devastado gritou de dor quando ela se empurrou para fora do carro. Ela deu voz à dor com um grito de sua autoria, quase caindo no chão da garagem quando uma onda de escuridão ameaçou tomar conta dela. Não, não. Não tão perto. Ela não seria capturada quando tinha chegado tão longe. Segurando a porta do carro para se equilibrar, ela se levantou e foi em direção à porta de seu apartamento, usando a parede, as prateleiras, tudo o que ela tocasse para se equilibrar. No meio do caminho, ela se lembrou que não tinha o cartão chave. Estava no seu "saco", no porta malas do carro. Seus olhos se encheram de lágrimas de raiva.

Não havia tempo. Os vampiros chegariam em breve. Muito em breve. Ela tropeçou até ao armário na parede de trás, perto da sua porta e abriu-o, jogando para o lado todas as caixas quase vazias e ferramentas inúteis que foram armazenadas lá. Elas eram de fachada, nada mais, uma camuflagem para o teclado escondido no canto escuro, onde ninguém pensaria em olhar. Ela fechou os olhos, descansando sua cabeça latejante na prateleira, a mão acariciando o teclado.

Quase lá, Cyn. Ela digitou o código, e o zumbido severo da fechadura magnética foi o som mais doce que já ouvira.

Ela fez uma investida desesperada para a porta, caindo contra ela, deslizando para o chão no interior e empurrando a porta para fechá-la, ao mesmo tempo que ouvia o primeiro punho maciço bater contra seu portão da garagem.

Quanto tempo tinha se passado? Ela subiu as escadas, ouvindo sua respiração se tornarem ofegos por ar, sentindo seu coração bater no peito, cada batida um pouco mais fraca que a anterior. Um barulho de colisão repentino a

assustou, sugando seu último suspiro, enviando um pico de medo a seu coração. Mas nenhum vampiro poderia entrar. Não sem um convite. A escuridão a envolveu em seus braços. Ela estava segura, na escuridão, na escuridão fria.

— Beije-me, Cyn. — uma voz familiar como mel murmurou.

Capítulo Trinta e seis

Raphael seguiu o cheiro dela, a deliciosa tentação do sangue dela batendo contra os seus sentidos, fazendo seu pênis inchar impiedosamente. Ela era pouco mais que uma mancha de sombra na escada escura, sem movimento, sem som. Mas ela vivia. Raphael podia ouvir a batida lenta do seu coração, a corrida fina de seu sangue. Ele caiu ao lado dela, sua respiração saindo como um assobio quando viu o que lhe tinha sido feito. Um vampiro tinha feito isso. Alguém tinha ousado marcar o que era dele.

Raiva arreganhou seus lábios para trás em um grunhido furioso, mas ele obrigou-se a se acalmar, a colocá-la em seus braços e emprestar-lhe o suave calor de seu corpo. Inclinou-se para a pior de suas feridas, os músculos devastados do pescoço e dos ombros, a pele arrancada, o fluxo de sangue enfraquecendo enquanto a força do seu coração falhava. O seu gosto em sua língua era avassalador. Ele engoliu um gemido de prazer, lutando contra o instinto, sabendo que se ele se rendesse agora, a perderia para sempre. Ele continuou a lamber a ferida, os fatores coagulantes em sua saliva trabalhando para parar o sangramento, os produtos químicos de euforia de seu sistema aliviando a dor dela, embalando-a em passividade. Ela gemeu baixinho, um soluço de perda ao invés de dor.

Seus dedos fortes escovaram o cabelo dela para longe de sua face maltratada, afastando-o com cuidado de sua testa sangrando, dobrando-o suavemente atrás de uma orelha. Sua respiração era um toque nu contra a boca dele quando ele abaixou o rosto para o dela, murmurando contra seus lábios.

— Beije-me, Cyn.

Ela suspirou baixinho, abrindo sua boca quente. Ele mordeu o próprio lábio inferior, deixando o sangue fluir, em seguida, cobriu a boca dela com a sua, entrelaçando sua língua com a dela e ela começou a chupar suavemente. Seus dedos massageavam o pescoço dela com cuidado, forçando-a a engolir. Ela chorou, não mais com perda, mas com fome e desejo. Ele não pôde evitar, puxou-a contra seu peito, transformando o beijo de cura suave em um de paixão quente. Cyn respondeu, enquanto o seu sangue esquentava sua pele, enquanto seu corpo cicatrizava o suficiente para sentir o êxtase do seu beijo, e sua boca começou a exigir mais.

Ela estremeceu suavemente no orgasmo, e seus braços caíram de seu peito, seu corpo suave abaixo do dele.

— Raphael. — ela sussurrou.

Raphael sentiu os lábios dela curvarem com prazer sob os dele. — Durma, doce Cyn.

Na porta aberta, Duncan se endireitou quando seu mestre passou com Cyntia, impotente para fazer qualquer coisa a não ser assistir. Raphael fez uma pausa antes do conjunto final das escadas. — Ela vai viver. — disse ele, sua voz apertada com raiva latente. — Duas vezes eles tocaram no que é meu, Duncan. Eu vou saber o que aconteceu aqui. E então vamos caçar.

Os vampiros uivaram sua aprovação, e Raphael respondeu com um temível sorriso.

Capítulo Trinta e sete

Raphael colocou Cyn cuidadosamente sobre a cama, depois se levantou e tirou o paletó e a gravata, afrouxando o colarinho da sua camisa. Pensando bem, ele saiu de suas botas e meias, andando com pés descalços para a cama grande. Sorriu quando tirou as botas de cowboy elaboradas dela e as jogou de lado. O sorriso foi substituído por um rosnar de fúria quando removeu o resto de sua roupa, o couro do casaco pesado estava rasgado de forma improvável, a não ser que se estivesse familiarizado com as espessas e afiadas garras que podiam causar esse tipo de dano em um tecido tão resistente. Ele ficou intrigado com o seu vestido, finalmente percebendo que a malha apertada foi feita para ser puxada pela cabeça, como um suéter. Em vez disso, ele o rasgou, o tirando de seus ombros e de seu tronco, deslizando-o sobre os quadris dela, revelando cada centímetro de seu corpo tenso e elegante, de seus seios pesados e cheios.

— Ah, doce Cyn. — ele sussurrou asperamente, quando viu a pele sedosa de seu monte, totalmente depilada e lisa. Seu pau doía de desejo, e ele deslizou o vestido sobre seus pés rapidamente, puxando o edredom, cobrindo a sua nudez. Ele não era um animal para tirar proveito de uma mulher indefesa, nem mesmo aquela que o levava a tais alturas de desejo.

Estendendo-se ao lado dela, ele reuniu-a gentilmente em seus braços, mantendo o volumoso edredon entre eles, se permitindo colocar uma única mão por baixo, inclinada contra o calor acetinado de seu quadril. Ela murmurou suavemente em seu sono, sons de contentamento, de segurança. Ele começou a beijar seu rosto, estremecendo pelas contusões e lambendo os cortes pequenos, liberando os pedaços de vidro que ainda se agarravam aos ferimentos. Seus dedos grossos foram notavelmente delicados enquanto ele pegava as pequenas lascas, pensando em como elas foram ali parar. Sua boca continuou a sua exploração, puxando o edredom para baixo o suficiente para expor o ferimento feio no pescoço dela, a raiva o enchendo novamente.

— Quem fez isso com você, minha Cyn? — ele murmurou baixinho, não esperando uma resposta. Haveria tempo suficiente para respostas depois que ela estivesse curada. E então, haveria vingança.

Quando ele limpou o melhor que pôde, levantou seu próprio pulso à boca e mordeu. Abaixando o braço ensangüentado em sua boca, ele sussurrou em seu ouvido diretamente.

— Beba, lubimaya[39].

Ela protestou aflita, até que ele manchou de sangue seus lábios. Então a língua dela veio automaticamente para lamber e ela murmurou com prazer, procurando mais até que sua boca trancou em seu pulso e começou a mamar como um bebê recém-nascido. Cada sugar de sua boca enviou ondas de desejo para a virilha dele, como se estivesse chupando o seu pau ao invés de seu pulso. Ele fechou os olhos contra a sensação.

— Vou me tornar um vampiro?

Ele abriu os olhos ao som da sua voz danificada, os olhos nublados de dor olhando para ele. — Não. — ele disse gentilmente. — Não é tão simples assim, nem eu iria fazer isso sem permissão.

— Então, por quê? — Suas palavras eram arrastadas, ela já estava meio dormindo, grogue do efeito da ingestão de seu sangue.

— Isso vai ajudar você a curar.

— Mmmm. — murmurou ela, dando-lhe no pulso uma lambida final antes de virar o rosto em seu peito e cair em um sono natural.

Ele olhou para ela, quase desfeito pela confiança que ela lhe deu. — Seria tão terrível, doce Cyn, — ele sussurrou. — Passar a eternidade ao meu lado? — Mas ela estava longe demais em seu sono, e Raphael não sabia se ele queria ouvir a resposta de qualquer jeito.

[39] *Lubimaya* significa amada, em russo.

Capítulo Trinta e oito

— Raphael. — O sussurro de Cyn ainda mergulhada em seus sonhos acordou-o de seus próprios pensamentos, lembrando-lhe do tempo passado. Com uma carícia final, relutante, ele se afastou dela, puxando o edredom até o queixo e aconchegando-a sob o seu calor.

Ele se curvou para dar um beijo de adeus em Cyn, uma rápida escovada dos lábios na sua testa, que se tornou uma exploração sensual de sua pele, sua boca quente. Ela ronronou com fome em seu sono, cheia de desejo por ele. Ele se levantou, olhando para ela com pesar antes de forçar-se a sair.

Lá embaixo na garagem, guardas humanos haviam se juntado aos seus vampiros, e junto com eles um médico humano, que era um membro de confiança de sua equipe.

— Eu chamei o Dr. Saephan — Duncan murmurou ao seu lado. — Os guardas vão ficar de fora, mas eu pensei que talvez...

Raphael ficou tenso, lutando contra o desejo de mantê-la para si mesmo, para que ninguém a tocasse, exceto ele. Mas o sol iria nascer. E ele não podia estar lá para ela depois. Ele fechou os olhos, sentindo o primeiro rubor de calor contra sua pele.

— Sim. Obrigado, Duncan.

— Ela será protegida, meu senhor.

— Ela vai ser vingada. — ele disse ferozmente. Então, ele reuniu seus vampiros com ele e desapareceu na decrescente escuridão.

Capítulo Trinta e nove

Cynthia acordou com uma dor aguda em seu braço, então uma queimação como se uma agulha estivesse sendo retirada. Seus olhos abriram e ela rolou da cama, pegando a Glock de sua mesa de cabeceira enquanto ela se movia, se agachando ao lado da mesa, apontando a arma para... Um cara bonito em um jaleco branco? Ela observou o quarto. Ela estava onde esperava estar, em seu próprio apartamento, sua própria cama. Olhando para baixo, ela viu um fraco vestígio de sangue e um pouco de contusão na parte interna de seu antebraço esquerdo. Ela olhou para cima para o rosto surpreso do homem.

Ele ergueu uma bolsa de sangue vazia em uma mão, tubos de plástico trilhando até a agulha. – Transfusão de sangue - ele explicou. – Você perdeu muito sangue.

— Quem é você? – Sua voz saiu mais embargada do que ela esperava e ela tossiu autoconsciente.

— Dr. Peter Saephan, a seu dispor - ele disse com um sorriso agradável. – É uma questão de quantidade para os humanos, não somente qualidade. – Ele gesticulou com a bolsa de sangue.

— Você trabalha para o Raphael? – Ela relaxou marginalmente, percebendo que estava nua e agarrou o lençol da cama, colocando-o ao redor de seu corpo.

— Eu tenho essa honra - Saephan reconheceu. – Você está com fome?

— Faminta, mas... – Cyn se cheirou, torcendo seu nariz de desgosto. – Eu preciso de um banho.

— Ah, você deve estar se sentindo melhor então. Bom. Mostre-me onde você mantém os seus lençóis, e eu vou fazer esta cama enquanto você se limpa.

— Nua aqui - ela disse exasperada.

— Oh, por favor, eu sou um médico. Além disso...

— Sim, bem, você não é o meu médico. – Ela acenou com a mão, fazendo com que ele saísse do quarto e dando uma corrida para o banheiro quando ele obedeceu. – Os lençóis estão no armário do corredor! – ela gritou, antes de fechar a porta.

A água escorreu vermelha com sangue antes que ela terminasse o seu banho, e não importava o quanto esfregasse nada poderia ser o bastante para apagar as memórias dos dentes de Albin em seu pescoço. Mas seu corpo estava limpo, seu cabelo estava – graças a Deus – lavado com xampu, e ela apenas teve que se agarrar à parede uma vez para ficar de pé debaixo da ducha quente. Quando ela finalmente emergiu, escaldada até praticamente ficar rosa, ela sentia-se milhares de vezes melhor. Encontrando o quarto vazio, e a cama nitidamente feita, ela foi lentamente até o guarda-roupa e pegou roupas íntimas limpas, e então um roupão confortável de seda. Suas contusões estavam se curando rapidamente, incrivelmente rápido, mas sua pele ainda estava sensível e ela estava dolorida no corpo inteiro. Depois de jogar o estilo pela janela e colocar os seus pés em um par confortável de Uggs[40], ela seguiu seu nariz até o café fresco sendo coado em algum lugar no andar debaixo.

[40] http://www.outletstorenow.com/uggs_outlet/ugg%20boot.jpg

Ela encontrou o café e o Dr. Saephan em sua cozinha. – Bem, você parece de fato melhor - ele comentou com um sorriso. – Ainda com fome?

— Morrendo, mas eu te aviso que não há muita comida... – Sua voz foi sumindo enquanto Saephan colocava um prato na frente dela – ovos, mexidos com queijo cheddar e pimentas vermelhas, bacon crocante e torradas com manteiga. Ela olhou para cima surpresa. – Eu sei que você não pegou essa comida da minha geladeira - ela comentou, se servindo.

— Humm, não. Você está certa sobre isso. Eu mandei um dos guardas até o mercado.

Cyn estava muito ocupada enfiando comida na boca para responder.

Saephan serviu uma xícara de café quente e colocou na frente dela. – Cafeína é bom para o que te aflige também.

— Cafeína sempre é bom, Doc - ela disse com a boca cheia. Ela engoliu e deu um longo e caprichado gole. – Obrigada pela troca de roupa de cama, por falar nisso. E por todo o resto. Eu não me lembro de muita coisa. – Ela tremeu involuntariamente. – Você disse que trabalha para o Raphael?

— Por quase vinte anos. E eu troquei mais do que algumas camas ensangüentadas nesse tempo.

Cyn o olhou duvidosamente. Ele parecia não ter mais do que vinte e cinco, talvez trinta anos de idade. Ela olhou claramente para a janela descoberta. – Você não pode ser um Vampiro.

— Não, não. O meu parceiro é um dos que pertencem ao Raphael. Ele divide o sangue dele comigo, mantendo-me saudável. Parece uma troca justa, não acha?

— Você já pensou alguma vez sobre... sabe, mudar?

Saephan deu-lhe um olhar em branco. – Oh, você quer dizer renascer? Me transformar em um vampiro? Nós pensamos sobre isso, mas então nós dois teríamos que pegar o nosso sangue de outra pessoa e eu não tenho certeza de que eu gostaria disso, sendo que é uma... Experiência bem íntima. A maioria dos vampiros se emparelha com humanos, se eles resolvem se emparelhar. E claro, Lorde Raphael teria que dar permissão para o meu renascimento de qualquer jeito.

— Renascimento?

— É assim que se chama. Parece melhor do que chamar pelo que realmente é.

Ela olhou para cima interessada. – O que é?

— Em uma palavra, complicado. Se comporta como um vírus particularmente agressivo, englobando tudo em seu caminho, mas há muito mais do que isso. Como você explica o poder mental de Raphael, por exemplo? Sua habilidade de se comunicar com seus vampiros telepaticamente, de afetar o mundo físico com um pensamento?

— Mágica?

Ele fez uma expressão de dor. – Eu sou um cientista; minha mente não pode entender essa possibilidade. Vamos dizer ao invés disso que nós ainda não temos o conhecimento para explicar.

— Sim? Bem, isso – Ela tocou seu ombro machucado com uma leve careta. – É bem mágico.

— Né? Claro, o sangue de Lorde Raphael é bem mais forte do que o da maioria. Eu fiz um pouco de pesquisa rudimentar sobre as propriedades curativas do sangue vampírico – eu sou um cirurgião de trauma, então pesquisar não é exatamente minha área de especialidade, mas é bem impressionante, realmente.

— Não deixe a galera do Botox saber disso. Eles vão quebrar as paredes.

— Não é essa a verdade? Sem preocupações. Meus lábios estão selados.

Ela se focou na outra parte de sua revelação. – Então Raphael tem que dar permissão antes que qualquer um de seu grupo possa fazer um novo vampiro?

Ele parecia como se quisesse discutir com ela sua escolha de palavras, então sorriu ao invés disso. – Bem, naturalmente. Os Lordes vampiros controlam a população bem rigorosamente. Não dá para deixar vampiros rebeldes correndo pelo mundo todo; logo eles iriam ultrapassar o número da nossa população comum e aonde isso iria nos deixar? Ou eles, por falar nisso. Você quer mais ovos? – ele perguntou, notando seu prato vazio. – Eu ficaria feliz de...

— Não, obrigada. Isso é mais do que normalmente eu como no café da manhã de uma semana inteira. Falando nisso, por quanto tempo eu estive apagada?

— Trinta e oito horas, mais ou menos. Eu cheguei aqui logo depois do nascer do sol ontem, e você já estava adormecida há um tempo. Alguém fez um trabalho bem sério em você.

Ela pegou seu prato vazio e o carregou até a pia. Saephan estava lá, pegando-o dela, então o molhando e colocando-o na máquina de lavar. – Você precisa descansar - ele a lembrou.

— Eu me sinto bem, um pouco dolorida - ela disse distraidamente, distraída pela visão na sua porta da frente. Franzindo as sobrancelhas, ela andou lentamente pela sala. Havia – aquilo era serragem? – por todo lado. Provavelmente porque uma nova porta havia sido instalada. Ela deu um olhar confuso a Saephan por cima do ombro.

— Nova porta - ele confirmou. Um olhar de entendimento acendeu o seu rosto. – Mas, você não se lembra disso, não é? Eu não estava aqui, claro, mas eu acredito que Lorde Raphael teve que bem literalmente derrubar a porta para chegar até você. Ele salvou sua vida, sabe.

— Eu sei - ela disse sobriamente. – Eu me lembro desse tanto. – Ela estava observando a porta, percorrendo suas mãos ao redor das beiradas.

— Ok, já chega de emoção. Volte para a cama.

Cyn soltou uma respiração. – Eu acho que não. Eu tenho trabalho a fazer. – Ela fez o seu caminho de volta para a cozinha e se serviu de uma xícara de café fresco antes de seguir para o andar de cima para o seu escritório.

— Srta. Leighton, eu devo insistir. Lorde Raphael me confiou...

Sua pesada porta do escritório fechou, cortando as últimas palavras do bom doutor. Sua velha amiga Benita havia traído-a há duas noites, quase até a sua morte. E Cyn pretendia descobrir o porquê.

Capítulo Quarenta

Cynthia soube o momento em que Raphael pisou em seu apartamento, sentiu a enxurrada de poder cantando em seu sangue, como se o seu corpo o reconhecesse em algum nível totalmente diferente. Ela ficou de pé e abriu a porta de seu escritório, escutando a voz dele no andar de baixo enquanto ele falava com Saephan. Sem se importar em escutar o que eles estavam dizendo, ela andou de volta até seu computador e sentou-se, querendo terminar o que ela havia começado mais cedo. Este caso estava prestes a chegar a uma conclusão e ela tinha toda a intenção de estar envolvida no confronto final.

— Dr. Saephan me disse que você deveria estar descansando.

Cyn respondeu sem se virar, seus dedos voando em cima das teclas para salvar e imprimir o seu trabalho. — Eu estou descansando. — Ela demorou um momento antes de se virar, alcançando automaticamente as paredes que sempre a cercavam, escudos que evitavam que ela se importasse tanto, de não depender de ninguém a não ser ela, de não deixar qualquer pessoa se importar com ela. E nada estava lá. Suas paredes haviam se despedaçado, e nos espaços vazios havia somente Raphael. Ela suspirou e girou sua cadeira para encontrá-lo assistindo-a com aqueles olhos negros que pareciam ver através dela. Uma onda de calor a fez perder o fôlego. Ele estava se inclinando casualmente contra o batente da porta de seu escritório, longas pernas desapareciam no jeans desgastado que estava pendurado baixo em seu quadril estreito, uma blusa de gola alta preta alisava o seu peito largo debaixo de uma jaqueta de couro que exibia aqueles ombros maravilhosamente largos.

Era só isso que existia, esta luxúria automática que a queimava toda vez que ela o via? Não era nada mais do que a biologia singular do vampiro que a fazia querê-lo quando eles estavam separados? Ela desejava que fosse verdade. Seria tão mais simples se fosse. Mas não era. Oh certamente, havia luxúria. Ela podia sentir o

seu corpo respondendo ao dele até mesmo agora, do outro lado do cômodo. Mas era muito mais do que isso. Como ela poderia definir isso, até para ela mesma? Era como se ele pesasse mais do que a gravidade enquanto ele estava lá em seu escritório, como se o mundo inteiro segurasse a respiração quando ele passava. Ela ficou de pé e andou até a porta.

— Eu te devo uma desculpa - ela disse, olhando para ele.

Ele estendeu a mão e agarrou o cinto de seu roupão, puxando-a para mais perto. — Por quê isso?

— Eu não deveria ter ido embora no outro dia sem... Eu não sei, deixado um bilhete ou algo. Foi... Um pouco desconcertante. Você é um pouco desconcertante.

Seus olhos reluziram com uma fúria repentina. — E então você corre para alguém que faz isso com você? — ele apontou com a cabeça na direção de seu ombro recém sarado.

— Eu fui atacada, Raphael, eu estou pedindo desculpas aqui, então não seja um idiota.

Raphael sorriu então, mostrando os dentes de uma maneira lenta e predatória. — Idiota? Eu não acho que ninguém tenha ousado dizer esta palavra para mim nas últimas centenas de anos, pelo menos não que eu tivesse escutado.

— Que é provavelmente o porquê de você ser um tão grande algumas vezes. – Cyn sorriu para ele, então ficou séria. — Escuta, eu tenho muitas informações para você...

— Mais tarde - ele disse. – Eu quero você agora.

— Sim - ela disse simplesmente.

Um único puxão de seus dedos fez um trabalho rápido na eliminação de seu roupão, o deixando de lado enquanto sua mão escorregava pela sua cintura, deslizando sobre a sua pele nua. Ele esmagou sua boca com um beijo exigente e quente e seu corpo respondeu instantaneamente, o couro suave da jaqueta dele roçando em seus seios enquanto ela envolvia seus braços ao redor do pescoço dele, enquanto o dente do zíper raspava em seu mamilo.

— Raphael — ela sussurrou vorazmente e encontrou a necessidade dele, pressionando-se contra o seu comprimento longo e esbelto, sentindo sua ereção já dura e esperando por ela. Seu rosnar suave retumbou contra a sua boca, e tremulou em seu peito. Ela fez um suave som de necessidade, e ele a ergueu, sua boca nunca deixando a dela enquanto ele a carregava para a cama.

Raphael afastou o roupão de seda que o insultava com apenas vislumbres de seus seios fartos e suas curvas suaves. Sua boca viajou dos lábios dela até o seu ombro ferido, demorando-se na delicada pele nova, e então se movendo para baixo para mordiscar gentilmente primeiro em um seio, e então o outro, até que ele havia tomado suas pérolas firmes e doces em sua boca, arranhando-os de leve com os dentes. Foi o suficiente para extrair um pequeno gole de sangue, o suficiente para arquear as costas dela com o desejo. Enquanto sua boca mordiscava um seio, seus dedos acariciavam o outro, beliscando o mamilo até uma dolorida sensibilidade, banqueteando-se com a generosidade do sedutor corpo de Cyn.

Várias vezes ela gritou de prazer, pequenos gemidos que mandavam centelhas de fome pelo corpo dele, deixando-o quase louco com a necessidade de enfiar seus dentes no pescoço dela, seu pênis em seu calor pulsante. Ela estava puxando sua roupa, queixando-se suavemente enquanto suas mãos procuravam tocar sua pele, tirando a jaqueta e puxando a camisa sobre a sua cabeça. Ele ficou de pé para arrancar o seu jeans, e Cyn levantou-se com ele, seus dedos esbeltos

abrindo os botões de sua braguilha, deslizando embaixo do pesado tecido para encontrar o seu eixo duro como pedra.

Ela o tomou em sua boca, enfiando seu jeans abaixo de seus quadris, sugando-o tão profundamente logo que a sua total longitude havia sido libertada, a língua dela brincava ao longo de sua sensível cabeça. Ele gemeu, lutando para controlar o desejo de se mergulhar em sua garganta, de foder sua boca quente e molhada da mesma forma que ele faria com o lugar liso e quente entre as suas pernas. Ele agarrou a cabeça dela com suas grandes mãos, dedos torcendo em seu cabelo, enquanto ela deslizava para cima e para baixo, sua língua perversa lambendo-o como se fosse o seu doce favorito.

Quando ele não agüentou mais, ele aumentou o seu aperto sobre ela e a afastou com um xingamento murmurado, empurrando-a de volta na cama, então seguindo e a prendendo lá, saboreando, provocando-a com beijos mordiscados até ela gritar, puxando seu cabelo e forçando-o a descer até o V suave como seda entre as suas pernas. Agarrando o traseiro dela com as duas mãos, ele a ergueu até ele, abrindo suas pernas, abrindo-a totalmente para a sua boca exploratória. A língua dele deslizou nas suas dobras inchadas, sondando dentro dela, endurecendo como um pequeno pênis, então acariciando para cima até o seu duro clitóris. Ela ofegou em choque enquanto a língua dele circulava aquele botão sensível, excitando-o até ficar duro e então mordendo para extrair o sangue mais doce de todos, o sabor se prolongando enquanto Cyn gritava o seu orgasmo, seu corpo se debatendo contra o aperto de suas mãos, de sua boca.

Tremores ondularam por seus músculos embaixo dele enquanto ele se banhava com o néctar delicioso do orgasmo dela, arrancando novos gritos de prazer de sua Cyn.

— Doce, minha Cyn - ele sussurrou, soprando suavemente o seu clitóris sensível. – Tão doce.

— Por favor - ela sussurrou. – Oh, Deus, Raphael, por favor.

Desejo o esmagou. Ele se levantou do meio das pernas dela e dirigiu seu pênis profundamente dentro dela com uma poderosa investida que a ergueu da cama. Ela gemeu de prazer, envolvendo as pernas ao redor de sua cintura, prendendo-o, segurando-o no calor vulcânico de sua escorregadia abertura. Ele abaixou sua cabeça para reivindicar sua boca mais uma vez, misturando os sabores dos corpos deles, provando a si mesmo na língua dela, deixando-a saborear a sua própria doçura na dele.

Ele mergulhou para dentro e para fora, guiado por uma luxúria que ele nunca havia sentido antes, reivindicando-a para si, marcando-a como dele para que nenhum outro vampiro, ou outro homem, pudesse ousar tirá-la dele.

Quando ele sentiu o seu clímax chegando, sentindo o aperto em seus testículos que indicava que ele não seria capaz de resistir à tentação dela por muito mais tempo, ele deixou a sua boca encontrar a doce veia no pescoço dela, deixou suas presas se alongarem para acariciar o suor da sua pele aquecida e afundarem nela. Sangue quente deslizou pela sua garganta enquanto o seu clímax se atirava profundamente dentro dela. Cyn convulsionou embaixo dele, se juntando a ele em um abrasador orgasmo, abafando os seus gritos contra o ombro dele enquanto suas unhas arranhavam suas costas.

Ele desabou em cima dela, a língua dele lambendo preguiçosamente a trilha de sangue do pescoço dela, sentindo o coração dela bater contra o seu peito. As pernas dela se abriram e ele se mexeu de leve, tirando o peso de seu corpo de cima de sua estrutura esbelta. Seu pênis semi-rígido deslizou para fora, e ela murmurou um pequeno protesto, uma longa perna vindo para cima para envolver o quadril dele, segurando-o perto, acomodando-o no vale quente e molhado entre as suas pernas.

Raphael ergueu sua cabeça e riu suavemente. Ela abriu seus olhos com o som e um raio novo de luxúria esfaqueou sua virilha com a possessividade feroz em seu olhar verde. Ele rosnou baixo em sua garganta. Uma centena de noites, milhares, dezenas de milhares não seriam o bastante para saciar sua paixão por esta aqui.

Ele sentiu o seu pênis se agitando, sentindo a necessidade de tomá-la de novo e de novo, endurecendo a sua carne. Ele nunca havia sentido tal fome por uma mulher, mortal ou imortal. O que ele sacrificaria em face de tal desejo? Do que ele desistiria para passar suas noites na cama dela?

— Você é uma tentação, doce Cyn - ele murmurou, se erguendo em cima das mãos, se afastando do calor do seu corpo sedutor. Ele abaixou sua cabeça para beijar a suave boca dela mais uma vez, e então se levantou, pegando o seu jeans e seguindo para o banheiro para um banho gelado.

Cynthia deitou na cama e escutou o clique da porta do banheiro se fechando, escutou o correr da água no chuveiro. Algo havia sido perdido naquele momento quando ele desejou se afastar, algo elusivo e precioso. O contentamento cálido em seu estômago se transformou em gelo e ela se sentiu repentinamente nua e exposta.

Ela pulou da cama rapidamente, correndo para o seu guarda-roupa para pegar algumas roupas antes de descer as escadas e correr para o segundo banheiro. Ela tinha uma sensação que Raphael não ia querer companhia no chuveiro, e ela não queria ver o olhar no rosto dele quando ele a rejeitasse.

Capítulo Quarenta e um

Quando Cyn saiu do quarto de hóspedes, Raphael já estava sentado no balcão da cozinha. Ele estava de costas para ela, com o celular na mão, falando com a voz baixa. Ela não disse nada, mas foi diretamente para o andar de cima até o seu escritório e pegou as anotações que havia feito antes. Armada com a sua pasta cheia de informações e um trabalho a fazer, deu os passos de volta e se juntou a ele na cozinha.

Seus olhos escuros seguiram cada movimento seu enquanto ela pegava uma garrafa de água da geladeira e sentava em uma banqueta, a largura do balcão entre eles.

— Eu fiz algumas checagens hoje sobre a casa para que eu fui levada ontem à noite — ela começou. — Foi comprada há seis meses pela Odessa Exports, que é uma empresa de fachada bastante transparente. Eles tentaram cobrir os seus vestígios, mas eu estou bastante certa que eu identifiquei os verdadeiros donos da bagunça toda. — ela arriscou um rápido olhar e encontro-o encarando-a com atenção. Mas qualquer que fosse o sentimento que ele estava sentindo, estava enterrado muito profundamente para ela conseguir discernir algo naquele rosto lindo e em branco. — Também, você provavelmente sabe que alguém está administrando um banco de sangue ou festas para alimentação, ou sei lá como vocês chamam, a menos de quinze quilômetros daqui, em Decker Canyon. Eu estou presumindo que não é seu.

— Quem tocou você? — Ele disse com uma possessão tão ofensiva que ela queria gritar com ele. Que direito ele tinha de sentir tanto ultraje? Ele claramente não a queria; por que importava a ele se alguém quisesse?

Ela não olhou para ele. Ele era muito bom em saber o que ela estava pensando. — Esse seria o seu camarada Albin. Apesar que ele supostamente só deveria provar. Outra pessoa tinha me reservado para ser o prato principal.

— Quem?

— Eu não sei. Eles nunca disseram o nome dele e eu nunca o vi. Quando ele chegou, eu estava tentando voltar ao meu carro, e eu tinha outras coisas na cabeça — ela disse secamente. — Eu falei com outros dois vampiros antes do Albin monopolizar o meu tempo. Um grande idiota chamado Tommy e... — Sua voz vacilou enquanto ela lembrava de Benita se enroscando com o vampiro espanhol. Ela engoliu com dificuldade e continuou. — Um menino bonito de cabelos escuros com um sotaque forte espanhol. Não era mexicano, mas castelhano. Ele... Ele sabia quem eu era, sabia que eu estava trabalhando para você.

— Che Leandro - Raphael murmurou. — Por que ele estava lá?

— Até onde eu pude notar, o único propósito dele era deitar na cama e parecer atrativo. E lançar dicas desagradáveis para mim sobre a minha morte iminente e distintamente desagradável. Ele parecia pensar que eu deveria estar honrada que o Mestre dele pretendesse fazer o serviço sujo sozinho.

— O Mestre dele — Raphael disse afiadamente. — Ele disse isso especificamente?

Cyn pensou novamente. — Sim. Ele disse que o Mestre dele me queria para ele.

Raphael ficou de pé, o banco se estatelando no chão atrás dele. As mãos dele se apertaram no azulejo do balcão com tanta força que ela pensou que certamente iria quebrar embaixo das mãos dele. — Pushkin — ele rosnou.

Cyn se afastou um pouco, assustada. — A Sra. Judkins mencionou o nome Pushkin. Ela pensou que alguém havia deixado uma mensagem para o seu marido com esse nome. Eu não pensei que fosse grande coisa. Quer dizer... Todo mundo conhece Pushkin, certo?

Seus olhos escuros foram para o seu rosto, seu olhar vacilando para o seu ombro contundido embaixo do grosso suéter que ela havia colocado depois do banho. — O que mais você descobriu? — ele falou bravo.

Babaca, ela pensou. — Eu rastreei a Odessa Exports até uma companhia controladora[41] em Santa Barbara. Eles listaram os seus escritórios corporativos em State Street, mas se você quer encontrar este Pushkin, eu sugiro que você procure em Montecito. É lá que você o encontrará, e... — ela olhou para o vampiro raivoso a encarando do outro lado da lustrosa bancada de azulejo. — É lá que provavelmente eles estão prendendo a Alexandra também.

— Como você escapou do Albin?

Ela piscou surpreendida pela inquisição. — Eu atirei nele — ela disse simplesmente. — Vocês sempre tendem a considerar os humanos como inofensivos. Especialmente os mais velhos como Albin que cresceu lutando guerras sem armas modernas. Ele nem me revistou. — Ela cruzou seus braços, se abraçando contra a memória. — Ele estava vindo atrás de mim — ela disse, sua voz suave. — Tão rápido; vocês todos são tão rápidos. Eu mal consegui pegar a arma antes de ele chegar a mim, seus dentes arrancando um pedaço do meu ombro. Eu pensei que estava morta, mas eu acho que ele queria brincar primeiro, queria me machucar, me escutar gritar. Eu gritei bastante. Mas enquanto eu estava gritando, eu atirei no bastardo quase a carga completa. Eu não sei se o matei, mas eu consegui derrubá-lo por tempo suficiente para dar o fora de lá. E foi somente com isso que eu me importei naquela hora. — ela olhou para cima e ficou pálida com a fúria no rosto de Raphael. — Então — ela disse suavemente. — Quando nós vamos atrás destes caras?

[41] Do original 'holding company'. Basicamente Holding é uma empresa criada para participar de outras empresa como sócia ou acionista, passando a controlar a outra empresa.

— Você não vai — ele disse, com uma voz dura e sem emoção.

— Pense de novo, meu senhor — ela disse sem emoção. — Este é o meu caso e eu pretendo continuar nele até ao fim. Você pode não ter notado, mas eu também tenho alguns desentendimentos com estes caras.

— Será muito perigoso. Nós não estaremos enfrentando humanos desajeitados desta vez. Se este é o ninho de Pushkin, ele estará nos esperando, me esperando.

— Sim, bem, notícias rápidas para você, cara. Esta humana desajeitada aqui está indo para a festa. E eu não preciso da porra da sua aprovação. Você pode me levar junto contigo ou me seguir até lá, mas eu estou indo junto.

Ele a encarou, usando a sua grande altura e tamanho considerável para intimidá-la. Ou pelo menos ele tentou. Cyn se recusava a ser intimidada por ele ou qualquer outra pessoa.

— Ótimo — ele rosnou, girando nos calcanhares e caminhando até a escada que descia para a garagem. — Amanhã à noite. Eu sugiro que você traga junto algumas estacas.

— Não se preocupe sobre mim — ela gritou para ele, se apressando para olhar para baixo nas escadas. — Eu tenho as minhas próprias armas.

Raphael pausou antes que ele alcançasse a porta, seus ombros largos se arqueando brevemente enquanto ele olhava para cima, para ela. — Cyn...

Ela encontrou os olhos dele e por um momento pensou que talvez... mas, não. A expressão dele se endureceu, seus olhos ficando sem emoção e em branco novamente.

— Esteja no portão às oito horas — ele falou bravo. – Eu não vou esperar por você.

E ele se foi, usando aquela velocidade sobrenatural que era pouco mais do que um movimento de borrão para as suas percepções humanas. — Covarde, — ela sussurrou, afundando-se novamente em sua banqueta. — Seu covarde fodido.

Capítulo Quarenta e dois

Cyn acordou antes do meio dia, toda dolorida e se sentindo como se não tivesse dormido nada. Ela disse a si mesma que eram os resquícios do ataque de Albin, de sua estreita fuga. Não poderia ser o resultado de uma noite insone passada sonhando com olhos negros e uma boca sensual, ou a dor da perda em seu peito, ou até a dor do desejo entre as suas pernas. Não parecia justo que o bastardo pudesse sair de sua vida e ainda assombrar os seus sonhos. Ela rolou da cama, determinada a colocar Raphael e seu olhar cheio de calor para fora de sua mente, fora de seu coração. Pelo menos até hoje à noite. O que a lembrou.

Ela ligou para a propriedade do lorde vampiro e pediu para falar com o Dr. Saephan. As chances eram que ele mantinha horas noturnas como ela mas ele teria que ter acordado cedo hoje. Por que ela deveria ser a única sofrendo?

— Saephan — uma voz sonolenta respondeu.

— É Cynthia Leighton.

— Cynthia. — Ela podia quase ouvi-lo tentando pensar. — Você não está tendo problemas, está? — ele perguntou com uma preocupação rápida. — Você pareceu...

— Não, não — ela o assegurou. — Eu liguei para me desculpar pelo outro dia. Por, sabe, te cortar.

— Oh. Bem, obrigado. Isso é legal da sua parte... Eu acho. Você poderia ter apenas pedido para eu sair, sabia?

— Sim. Eu receio que viver sozinha custou alto às minhas habilidades sociais.

— Hummmm.

— Então, o seu parceiro está saindo para uma grande caçada esta noite?

— Oh Deus, sim — ele gemeu. — É só disso que todos estão falando. Eles parecem como um bando de crianças antes do Natal aqui. Crianças letais, sugadoras de sangue, mas... Já dá para ter uma idéia.

— Sim. — Ela forçou uma risada. — Eles vão pegar a estrada logo que estiver escuro o bastante, hein?

— Felizmente, sim, senão, eles deixariam o resto de nós completamente doidos. Eu acho... Cynthia, você está me bombeando por informações?

— Talvez um pouco — ela admitiu. — Raphael disse que eu poderia ir junto, mas ele parece ter confundido o horário de saída por algumas horas. Estranho, não é? Ela escutou um profundo suspiro do outro lado da linha.

— Talvez ele não queira que você se machuque novamente — ele disse suavemente.

— E talvez eu não precise de um vampiro fortão decidindo a minha vida por mim.

— O que você vai fazer? – ele soava preocupado.

— Não se preocupe doutor. Eu gosto muito da minha vida, apesar das evidências apontarem o contrário. Mas eu não vou ser cortada disso. Eu ganhei o direito de ver tudo terminar. — Ela escutou o silêncio do outro lado da linha.

— Talvez — ele disse finalmente. — Mas... Eu vi estes caras agindo. Você não quer ficar no meio daquilo, acredite em mim.

— Eu acredito. Em você, quero dizer. Então, não se preocupe, eu vou ser cuidadosa. Escuta, eu tenho que ir. O dia está indo, como eles dizem. Muito obrigada, doutor, e eu sinto muito pelo outro dia.

— Claro que você sente. Cuide-se.

— Você também. — Quando ela desligou, ela se perguntou se Saephan iria mencionar a conversa deles para o seu parceiro, ou até para o Raphael. Não que importasse. Quando os vampiros saíssem de suas camas esta noite, ela já teria ido.

Capítulo Quarenta e três

O complexo de Pushkin não podia ser comparado à propriedade expansiva de Raphael. Era uma de duas propriedades no final de uma rua estreita e sinuosa nas colinas acima de Santa Bárbara. A primeira era uma extensa residência de estilo rústico, com paredes beges e um telhado de telhas vermelhas. Era cercada por uma parede de alvenaria de três metros e tinha apenas um único portão de entrada largo.

Um guarda solitário com cara de tédio estava em uma pequena cabine, parecendo mais interessado no que a Juíza Judy[42] tinha a dizer na tela da pequena televisão do que em qualquer coisa que Cyn poderia estar fazendo. Não que ele tivesse notado de qualquer forma. Ela estava a uns trezentos metros de distância, na borda da propriedade um pouco acima da propriedade do vampiro, com uma visão perfeita do complexo inteiro.

Fora o guarda, não havia nenhum movimento próximo a casa. Cortinas pesadas cobriam todas as janelas que ela conseguia ver, mas Pushkin parecia não ter recursos ou desejo de manter uma guarda substancial humana presente no horário diurno. Ela considerou isso, pensando que era difícil que o vampiro de Santa Barbara tivesse o tipo de instalações subterrâneas que a propriedade de Malibu possuía. Esta casa era antiga, não algo que havia sido construído para o uso dele, e as casas ao redor daqui não possuíam porões.

O próprio Pushkin provavelmente deveria ter algum tipo de aposento secreto interno, sem janelas, onde ele dormia nas horas diurnas. Mas parecia que alguns de seus seguidores vampiros passavam os seus dias mortos para o mundo com nada mais do que um pedaço de tecido grosso entre eles e a imolação

[42] Judge Judy é um programa norte-americano de tribunal na TV, que tem a ex-juíza de família Judity Sheindlin arbitrando sobre pequenas causas.

instantânea. Cyn imaginou a pele branca de Albin queimando em um negro crocante embaixo do calor do sol e sorriu maliciosamente.

Um movimento abaixo atraiu o seu olhar. Ela ergueu um par de binóculos modernos e assistiu enquanto uma mulher sozinha de meia idade se apressava para a casa principal, vestida com um suéter contra o ar frio. Havia chovido durante a noite; o chão ainda estava molhado e o ar carregava um distinto frio úmido. A mulher trocou palavras com o guarda do portão, palavras amigáveis aparentemente, já que ambos sorriram e Cyn podia ouvir a risada alta do homem enquanto ele abria o portão o suficiente para a mulher passar.

Uma vez lá fora, ela virou para a esquerda, andando com um objetivo, não como alguém saindo para uma caminhada. O lote residencial de Pushkin era grande o bastante para uma caminhada refrescante de dez minutos antes que ela chegasse à outra propriedade, que ficava em torno de uma curva e encravada no fundo de um beco sem saída.

Um suporte grosso de eucalipto, oleandros selvagens e esfregões cobriam o espaço entre as duas casas e levou-a para fora da visão do guarda muito antes de ela alcançar a segunda propriedade. Era uma casa branca apagada do mesmo estilo rústico, mas parecia quase abandonada, com árvores e vinhas crescendo no jardim e se espalhando pela parede de azulejo. Do ponto de vista de Cyn, ela mal podia ver o chão. Da rua, um transeunte não veria nada.

A mulher digitou um código no teclado remoto, entrando por uma porta estreita para pedestre incrustada no portão sólido de metal. Ela desapareceu embaixo das árvores por alguns minutos, e então ressurgiu quase na casa principal, onde ela tirou uma chave de seu bolso, subiu as escadas e entrou.

Cyn franziu as sobrancelhas. Poderia ser assim tão simples? Pushkin era muito inteligente ou os seus inimigos eram facilmente enganados? Ela não queria pensar assim. Mas certamente parecia que o inimigo de Raphael estava se escondendo bem na vista de todos, deixando uma casa bem preservada guardada e, obviamente, ineficiente, como nada mais que uma isca enquanto ele e os seus vampiros descansavam em uma escuridão relativa nesta casa vizinha quebrada.

Mas se fosse verdade, ela esperava pelo menos alguma presença de guardas. Ele podia ser confiante em seu ardil, mas certamente não tão confiante.

Ela observou a nova propriedade com os seus binóculos e sua certeza cresceu. Pesadas persianas metálicas usadas em tempestades cobriam todas as janelas. Ela ergueu o seu olhar para o telhado e quase perdeu a dica, de tão sutil. Nada mais que uma sombra nos tijolos pálidos da chaminé. O seu olhar viajou de volta para a sua fonte e ela viu um deslocamento de um pé escuro na cobertura atrás do parapeito arqueado da falsa missão anterior. Uma busca cuidadosa não encontrou outros sinais, mas isso não significava que eles não estavam lá, somente que os guardas aqui eram profissionais o bastante para não serem vistos... ao contrário do fã da Juíza Judy da outra casa.

Cyn continuou a observar pelos seus binóculos até que os seus olhos lacrimejaram por causa da tensão, mas ela não conseguia encontrar nenhuma outra indicação de vampiros ou seus guardas. Esfregando seus olhos, ela olhou futilmente para o resto do complexo e pegou um lampejo de um branco fraco atrás da casa. Um galpão de algum tipo? Uma garagem?

Ela já estava escondida no matagal da encosta por quase duas horas, permanecendo praticamente imóvel escondida dentro de um conjunto de arbustos grossos de oleandros. Ela estava entediada, inquieta e começando a se perguntar por que ela se importava tanto para passar o seu dia deitada no chão molhado enquanto pequenos roedores tratavam de seus assuntos, muito próximos para o seu conforto. Tomando uma decisão, ela enfiou os binóculos cuidadosamente em sua mochila e deslizou para cima e sobre o morro até que ela estava fora da vista lá debaixo. Então ela ficou de pé e começou a caminhar. Talvez um reconhecimento mais direto fosse o melhor.

O guarda da casa bege prestou pouca atenção enquanto ela passava correndo, com exceção de uma análise maliciosa que a enchia de repulsa na

completa ausência de inteligência e muito menos profissionalismo do homem. Claro, ela tinha se despojado intencionalmente de tudo fora uma camiseta sem mangas, havia até trocado o seu sutiã esportivo por um modelo de laço que havia sobrado de sua troca rápida na Benita. Mas ela também estava usando um boné de beisebol colocado por cima de seu rosto e calças justas pretas com botas pesadas do estilo SWAT, que dificilmente eram calçadas para correr. E o cara ainda não havia notado nada exceto os seus peitos se balançando. Ela continuou correndo até que estava bem no beco sem saída, bem na beirada do segundo imóvel. Ela olhou por cima do ombro para se assegurar que o guarda incompetente não podia vê-la mesmo se ele pensasse em olhar, mas consciente dos vigias no telhado, ela parou na rua e se moveu de pé para pé, balançando suas pernas, como se ela estivesse descansando antes de terminar a sua corrida de volta para a colina.

Ela encarou a casa, querendo desesperadamente seguir por aquela parede só por um pequeno caminho entre as árvores. Talvez houvesse um portão secundário, algo menos guardado, algum lugar grande o bastante para um pequeno humano passar, mas pequeno demais para um guarda de verdade. Ela brincou com a idéia por dez segundos. Muito arriscado. Os guardas no telhado certamente haviam visto ela entrar no beco sem saída, podiam até estar a vê-la agora. Se ela desaparecesse, eles viriam procurar. E se havia uma coisa que Cyn sabia com certeza, era que ela não queria festejar com os vampiros de Pushkin nunca mais.

Ela suspirou resignada e recomeçou, continuando a sua corrida até que ela havia descido a rua e saído de vista. Ela teria que fazer isso do jeito difícil, o que significava circular ao redor pelo arbusto. Mais roedores, e provavelmente cobras, também. É melhor que aquele maldito Raphael valha tudo isso.

Empoleirada na encosta mais uma vez, ela estudou a área por alguns minutos, e depois correu para fora de vista e começou a andar. Era uma caminhada longa e suja, apesar da temperatura amena, ela estava suando abundantemente embaixo do material pesado de seu casaco. Mas isso era melhor do que ter a pele dos seus braços arranhados enquanto ela forçava o seu caminho pelos

emaranhados de arbustos e grama que provavelmente não eram cortados desde o último incêndio que havia passado por essa área há vários anos atrás. Ela xingou enojada. Cyn era uma garota da cidade em todos os sentidos. Se ela precisasse de uma corrida, ela correria nas areias de Malibu na frente de seu apartamento. Se ela quisesse caminhar, ela dirigiria até Beverly Center e caminharia pelo shopping. Ela realmente não gostava muito do grandioso ar livre, e isso não era com certeza a sua idéia de diversão. Mas ela não era também algum tipo de irresponsável insensata que precisava ser deixada no portão enquanto os meninos grandes corriam para salvar o dia. Então ela continuou andando.

Demorou praticamente duas horas, e ela havia drenado o pouco que restava de sua água de sua garrafa há tempos, mas eventualmente ela fez o seu caminho pela colina bem atrás da casa grande antiga. Não havia nada lá a não ser mato, provavelmente algum tipo de parque federal ou área de preservação. Cyn foi até a sua bolsa e tirou os binóculos mais uma vez. Era uma queda pequena até a fazenda deste lado da colina, com bastante cobertura por todo o caminho até lá embaixo, carvalhos silvestres em grande parte com troncos ramificados e copas cheias, cercados por mais arbustos emaranhados pelos quais ela havia lutado para chegar até aqui. A inclinação acentuada da propriedade tornaria difícil para os guardas no telhado verem-na, mas uma boa equipe de segurança teria pessoas no chão para compensar isso. Por outro lado, ela não havia visto um único guarda fora do perímetro da parede ainda, nem pelas suas observações anteriores e nem agora. O que podia apenas significar que eles estavam dentro do terreno da propriedade ao invés disso.

Ela franziu a sobrancelha e pensou bastante e bem sobre o que ela iria fazer. Ainda era dia, então os guardas teriam que ser humanos. Ela podia lidar com os humanos. Eles faziam barulho e podiam ser rastreados como qualquer um, e mais importante, eles não tinham uma velocidade sobre-humana ou presas ou garras. Ela levantou os binóculos novamente. Não havia fissura na pedra, nem mesmo um portão traseiro de algum tipo, mas o prédio que ela havia vislumbrado a partir da encosta chegava até a parede daqui. Iria cobri-la se ela quisesse escalar para o outro lado.

Foi a memória da voz do Raphael dizendo para ela estar no portão às oito horas em ponto que a fez seguir. O vampiro pensou que podia deixá-la para trás, não é? Ela deslizou ladeira abaixo, ficando próxima ao chão e movendo-se

lentamente, prestando atenção em todos os sons. Eles haviam limpado mais ou menos trinta metros ao redor da propriedade em si. Não era o bastante para fugir de um possível fogo, mas significava que ela teria que cruzar um grande espaço aberto para alcançar o muro.

Ela se agachou embaixo de sua última cobertura e aguardou. Depois de diversos minutos, durante os quais ela nem escutou ou viu algum indicativo de movimento do lado de dentro, ela puxou almofadas flexíveis dos bolsos das coxas e prendeu-as em seus joelhos. Em seguida, ela ficou de pé e correu para o muro, flexionando os seus joelhos e pulando no último momento. Suas mãos pegaram a beirada no topo e ela puxou, usando seus pés e joelhos para ganhar uma tração na superfície áspera, se lançando mais alto até que ela pudesse jogar a parte de cima do seu corpo por cima do topo. Era como escalar uma parede de rocha na sua academia. Ou parecido o suficiente. Uma vez lá, ela congelou a sotavento[43] do galpão e escutou.

Deveria haver a presença de algum guarda lá em algum lugar, mas maldito fosse se ela pudesse ouvir alguém, nem mesmo um farfalhar de uma bota ou um grunhido de movimento os entregava. O muro do galpão estava muito próximo, o seu telhado alto e ladrilhado a escondia de qualquer um que olhava para baixo do prédio principal. Abaixo dela estava um espaço apertado cheio de folhas, terra e detritos normais, fedendo a fezes de animais e podridão. Ela olhou para cima. O telhado estava perto, mas aqueles ladrilhos eram bem mais frágeis do que eles pareciam, e eles seriam um inferno para atravessar. Ela iria realmente fazer isso? O seu orgulho estúpido respondeu a pergunta. Inferno, sim!

Manobrando o restante do seu corpo para o topo do grosso muro, ela usou a beirada do telhado para apoio e andou agachada até o fim, onde ela olhou em volta lentamente. Parecia como uma casa de hóspedes ou algo do tipo, ou talvez um antigo depósito reformado. Ela pensou sobre isso por dez segundos, e então lançou suas pernas por cima e caiu rapidamente no chão dentro do complexo. O seu coração estava batendo com a adrenalina do perigo, aquele coquetel químico que fazia tudo parecer um pouco mais vivo, um pouco mais intenso. Era a adrenalina que todo o atleta de esportes radicais, cada bombeiro, cada fuzileiro naval entendia. Era a razão pela qual eles faziam o que faziam. Para Cyn, era esse

[43] Sotavento é o lado oposto ao lado do qual sopra o vento.

pequeno extremo que a empurrava para assumir riscos loucos de vez em quando. Ela não era uma viciada, mas ela com certeza gostava do sabor da ocasião.

Isso já a fez questionar sua própria sanidade mais que uma vez, como nesse momento, quando ela estava agachada no covil de um bandido conhecido que por coincidência era também um vampiro e já havia tentado matá-la uma vez. E se isso não fosse o bastante, um olhar rápido em seu relógio lhe mostrou que o pôr-do-sol iria acontecer em menos de uma hora. Ela havia checado o almanaque para ter certeza. Jesus, Cyn. Se você precisava de um descanso na rotina, você não poderia ter tirado umas belas férias?

Tudo bem, então agora ela estava dentro e com pouco tempo. O que fazer depois?

Ela ficou de pé lentamente, se movendo ao longo da parte de trás da casa de hóspedes para dar uma olhada pelo canto. Havia janelas deste lado, todas com tábuas do lado de dentro. Ela franziu as sobrancelhas e olhou ao redor uma vez mais. Ela desejou que aqueles malditos guardas se mostrassem. Pelo menos ela saberia com o que estava lidando. Era tão morto como um cemitério aqui, tão silencioso como em um túmulo. Ela cobriu sua boca para evitar uma risadinha insana, quase engasgando quando ela ouviu vozes... E uma porta bater. Cuidado com o que você deseja garotinha.

Qualquer fragmento de humor sumiu e ela correu de volta pelo canto, abaixando-se perto do chão nas sombras crescentes. Ela tinha que dar o fora de lá. Era doido o bastante rastejar pelo ninho de um vampiro de dia, mas fazer isso à noite seria suicídio. Além disso, Raphael estaria chegando logo depois do pôr-do-sol e ela queria estar lá para cumprimentar o seu traseiro presunçoso. Claro, seria melhor se ela tivesse algum pedaço bom de informação para passar, e ela já estava aqui...

As vozes estavam se aproximando e Cyn percebeu com uma dor no estômago que eles estavam vindo em sua direção. Ela se encostou mais em volta do perímetro do muro, se agachando próxima ao espaço estreito e fedorento atrás do

chalé. Se fosse absolutamente necessário, ela poderia provavelmente se apertar por lá. Se fosse absolutamente necessário.

— Vamos, ela não pode ser tão má assim. — Era a voz de um homem, provocando levemente.

— Oh infernos, ela reclama constantemente. É pior do que uma criança. A minha neta de dez anos é mais corajosa do que essa daqui. — Uma mulher desta vez.

— Eu não sei, ela é uma coisinha bonitinha.

— Ela é um desperdício de sangue bom. Eu não sei por que o mestre está se incomodando.

— Shhhhh! Já está quase escuro, ele pode já estar acordado.

A mulher soltou uma respiração enojada, e Cyn podia ouvir as chaves tilintando, então o suave som de uma porta se abrindo. Houve silêncio por um tempo, apesar de ela pensar ter ouvido movimento dentro da pequena casa, então a porta se fechou e houve um pequeno ruído seco de uma fechadura.

— Você está vindo? – a mulher perguntou.

— Não, eu tenho que ficar por aqui. Algo grande está acontecendo. Não tenho certeza sobre o que é. Eles não nos dizem nada. Ordens vieram para um guarda ficar neste lugar até que um vampiro para substituí-lo chegue. Mas um cara tem que mijar e quem vai saber, né?

— Eu não vou contar, querido. Eu tenho que descer a colina de qualquer forma. Divirta-se agora.

— Sim. — O guarda soava pouco emocionado com a sua missão. Um sentimento com o qual Cyn podia simpatizar. Se aquele idiota iria ficar de pé aqui, como infernos ela iria voltar para o muro e dar o fora de Dodge?

— Há algum problema?

Cyn pulou com o grito do guarda, mas ele ainda estava falando com a mulher invisível que disse algo em resposta, algo muito baixo para Cyn ouvir. — Aqui, deixe-me olhar — o guarda continuou, sua voz sumindo levemente enquanto ele se movia para longe.

Cyn não hesitou, mas pulou para o muro e se jogou por cima dele, arranhando como o inferno o seu estômago e as mãos na superfície áspera enquanto ela deslizava para o outro lado. Ela caiu com um estrondo alto, fazendo com que aves se dispersassem das árvores, e ficou encolhida contra o muro, lutando para fazer com que a sua respiração ficasse sob controle, segurando-a com toda a força, quando ouviu os passos pesados do guarda que estava contornando o chalé para verificar o ruído. Ela podia ouvi-lo mexendo na terra próxima do muro e se perguntou se ela havia deixado pegadas de algum tipo, algum tipo de desordem nas folhas ou algo assim. Merda, ela não era uma maldita batedora; ela não sabia o que ele estava procurando. Mas o que quer que fosse ela esperou que ele não conseguisse achar. Ela tirou sua 9mm do bolso e escutou.

Ele foi embora finalmente, murmurando baixinho. Cyn esperou mais dez minutos, até que as sombras fossem tão longas ao longo das árvores que mal haveria luz para ver, e então ela correu.

Capítulo Quarenta e quatro

De seu esconderijo nas montanhas, Cyn usou binóculos de visão noturna para ver quando Raphael e os vampiros chegaram. Encontrá-los foi fácil. A casa de Pushkin estava em um beco sem saída com apenas uma estrada de acesso. Os fundamentos da mansão eram amplos e planos, com muitas árvores e uma área de piquenique para os visitantes. E como estávamos no final da temporada, não havia ninguém por perto depois de escurecer. Exceto os vampiros.

Havia umas duas dúzias deles em seis grandes carros com vidros escurecidos. Não exatamente discreto. Embora, para lhes dar crédito, eles chegaram separadamente, sozinhos ou em grupos de dois. E, além disso, nesta parte do país, havia tantos famosos ou pessoas infames, que uma comitiva de segurança mal valia uma segunda olhada. Ela reconheceu alguns dos vampiros. Duncan, é claro, e Juro e seu irmão, e Elke, e um ou dois outros que ela tinha visto, mas não tinha conhecido pessoalmente. Todos os guardas tinham trocado seus ternos cor de carvão por roupa muito semelhante às calças pretas justas de Cyn, com sólidas botas e uma camiseta preta de manga longa. Ela tinha acrescentado um colete Kevlar[44] sob seu casaco, algo que os vamps claramente não precisariam. Mas então, ela era apenas uma humana desajeitada, não era? Ela viu Raphael deslizar graciosamente fora do último veículo e seu estômago apertou. Quase a contragosto, o seu olhar o seguiu enquanto ele vagava entre os seus homens, seu longo casaco preto seguindo em seus calcanhares. Nenhuma roupa utilitária para o lorde vampiro. Claramente, aparências importavam nestas coisas. Ela suspirou. De todos os homens que ela conheceu, por que ela tinha que se importar com este? Claro, ele era bonito, mas ela conheceu outros homens bonitos. Ricos, poderosos... Haviam vários por aí. Então, por quê este? Era uma pergunta que provavelmente nunca iria ter uma resposta e não importava de qualquer maneira dado que ele deixara bem claro que não a queria mais. Babaca.

Ela observou despercebida enquanto dois dos vampiros se afastavam, desaparecendo até o morro para conferir a primeira casa, a casa que eles assumiram ser o esconderijo de Pushkin. Incontestavelmente ela olhou para a segunda casa, ela podia ver atividade agora que a noite tinha caído e tudo isso no escuro, nem mesmo o menor flash de luz indicava a presença organizada e

[44] Colete à prova de bala.

proposital das tropas de Pushkin. Ela esperou até que os olheiros de Raphael voltassem, então, embalou seu equipamento e se dirigiu em silêncio até a encosta.

Ele a sentiu muito antes dos outros saberem que ela estava lá. Ela viu a cabeça virar e seu olhar encontrá-la na escuridão entre as árvores. Era o sangue. Ela tinha lavado a sujeira e cuidado dos arranhões nos braços e no estômago, e nenhum dos cortes era grave, mas uma pequena quantidade de sangue continua a infiltrar-se lentamente a partir de alguns dos mais profundos. Era o suficiente para que sua camiseta estivesse colando em alguns lugares, e, aparentemente, o suficiente para o lorde vampiro cheirar sua aproximação. Legal. Não.

Ele observou-a firmemente à medida que ela se aproximava da luz, suas narinas dilatando, os olhos brilhando prata, como a geada sobre uma pérola negra. Os outros a perceberam tardiamente, se por causa da atenção de Raphael, ou pelo cheiro em si, ela não sabia. Mas todos eles se acalmaram quando ela chegou ao pé deles.

— Cyn. — A voz de Raphael era profunda, vibrando com uma sensualidade que fez com que desejo corresse ao longo de suas terminações nervosas, apertando seus mamilos e enviando um arrepio ao longo de sua pele. Ela amaldiçoou seu corpo traiçoeiro e lutou para impedir o rosto de mostrar o que estava sentindo.

— Raphael. — disse ela suavemente. — Creio que temos aqui uma falha de comunicação. — Ela disse ironicamente, com um sotaque sulista exagerado e ouviu uma tosse de alguém em volta para cobrir uma risada. Se Raphael entendeu a piada, ele não mostrou. Ele estava encarando-a furioso.

— Duncan. — disse ele baixinho.

Seu tenente empurrou os outros vampiros mais para dentro do parque, desaparecendo em toda a extensão do edifício.

Raphael deu-lhe um dos seus lentos e sedutores sorrisos, se aproximou e andou em volta dela em um círculo apertado, curvando-se para cheirar levemente seu cabelo, a pele do seu rosto. — Você está sangrando, Cyn. — murmurou ele.

Cynthia pisou deliberadamente fora do seu círculo, em seguida, virou-se e encarou-o. — Não se atreva, seu desgraçado. — ela assobiou. — Você acha que eu não entendi o que se passou por trás daquele seu olhar quando estivemos juntos?

Você não me quer, tudo bem. Mas não pense que você pode me foder até à submissão. Eu posso ser fácil, mas eu não sou assim tão fácil.

Sua mandíbula se apertou com raiva, mas seus olhos estavam quentes com algo diferente de raiva. Cyn observou a descida de suas presas sobre o lábio inferior e engoliu em seco.

— Eu poderia jogá-la no chão e ter você aqui, doce Cyn, e você não faria nada além de gritar por mais. Você é minha. Meu sangue canta em suas veias, ele te chama para mim neste mesmo instante.

Cyn sentiu lágrimas empurrando atrás dos seus olhos, mas se recusou a lhe dar essa satisfação. — Você está certo. — ela sussurrou asperamente. — Eu quero você. Mas há uma diferença entre querer e ter, Lorde Raphael. Essa é uma lição que eu tive que aprender. E eu não terei ninguém — ela rosnou. — que não me queira.

O calor saiu dos seus olhos enquanto ele olhava para ela, substituído por surpresa e... Dor? Deus, ela esperava que sim. Ela esperava que ele sentisse uma fração do que lhe custava ficar tão perto dele e saber que ele não era dela.

Ela fechou os olhos e respirou fundo para se estabilizar, então, perguntou, — O que seus batedores te disseram?

Ele a estudou sem responder e depois encolheu os ombros minuciosamente. — Você estava certa sobre a sede de Pushkin. Esta casa. — Ele fez um gesto para cima da colina. — Sem dúvida é o seu verdadeiro ninho. Há guardas vampiros no portão, e... — Ele fez uma pausa como se estivesse inseguro quanto à como explicar. — O cheiro é o correto.

— Essa não é a casa principal. — disse ela, cansada. Ela esperava sentir triunfo ao dar-lhe essa informação, satisfação por ter provado o seu valor. Em vez disso, ela só se sentiu cansada. Ela queria que esse caso acabasse. Ela queria estar longe de Raphael e seus jogos infernais, longe de seu brincar constante com suas emoções, seus desejos. Ela só queria distância. — E eu acho que sei onde eles estão mantendo Alexandra.

Capítulo Quarenta e cinco

— Você tem que decifrar a armadilha. — insistiu Cyn, quando Duncan e outros vampiros tinham regressado. — Se você não soubesse que a outra casa é o edifício principal, se eu não tivesse te contado, o que você teria feito esta noite? Como você teria entrado através do portão?

Duncan olhou para Raphael, que estava semi sentado na mesa de piquenique, suas longas pernas esticadas na frente dele e com os tornozelos cruzados. Ele manteve seu olhar sobre Cyn, mas deu a seu tenente um gesto ligeiro de 'vá em frente' com dois dedos.

— Lorde Raphael teria ordenado aos guardas do portão para deixá-lo entrar.

Cynthia fez uma careta. — Só isso? Raphael passa e diz 'deixem-me entrar' e eles fazem isso? Que tipo de segurança é essa?

— Isso é o que é, Sra. Leighton. Meu Mestre é o lorde vampiro deles. Sua vontade é literalmente o seu comando. Eles seriam incapazes de resistir.

— Mas, se isso é verdade, como poderia Pushkin ter a esperança de fazer isto resultar? Ele tem que saber isso, certo?

— Claro.

— Então ele tem que eliminar Raphael. Como ele faria isso?

— Ele não pode. — a voz de Raphael era fria, confiante. — Ele pode se erguer apenas ao derrotar-me em um teste de vontade e Pushkin está longe de ser igual a mim.

— Então, como ele se livraria de você? Você não pode me dizer que ele foi se meter em todos estes problemas sem um plano para ter sucesso. Se ele não pode derrotá-lo, então ele planeja destruir você de alguma maneira e assumir o seu território.

Raphael soltou um sopro de desdém. — Mesmo que ele conseguisse me destruir... O que é improvável... Ele não teria sucesso em governar depois de mim. Este é um território valorizado. Os vampiros viriam de todo o país, de todo o mundo, para arrancar o poder dele. Há vampiros entre os meus próprios filhos, que poderiam derrotá-lo. Ele não duraria um mês. Mas... — Ele empurrou-se a seus pés em um único, gracioso movimento. — Vamos imaginar que ele acredita que pode se manter no poder de alguma forma. Talvez pela combinação de sua força com uma outra pessoa... Albin, por exemplo, que é bastante forte, mas não qualificado.

— Meu senhor, nós nunca...

— Eu sei, Duncan, mas Cyn tem um ponto. Um que eu não tinha pensado. Pushkin espera suceder esta noite. Por quê? — Seu olhar prateado se focou em Cyn.

— Ele não planejava derrotá-lo. — disse ela sem rodeios. — Ele planejou se livrar de você. O que nos leva de volta para a armadilha. Você tem que decifrar a armadilha. E quando ele vier para ver o que apanhou, você pega-o em vez disso.

Os vampiros olharam para ela como se lhe tivesse crescido uma segunda cabeça. Cyn fez um som de nojo. — Todos vocês residiram no brilho de poder de Raphael por muito tempo. Quando você é fraco, você tem que ser astuto para compensar isso. Então, vamos supor que você não sabe sobre a segunda casa. O que você faria? Escalaria as paredes ou algo assim?

Raphael olhou por baixo de seu nariz para ela como se ela tivesse sugerido algo completamente ridículo.

— Oh certo. — disse ela, revirando os olhos. — O que eu estava pensando? Ok, então Raphael aqui vai até o portão, presumidamente, com seu casaco esvoaçante ao seu redor em uma adequada forma dramática, e usa seus truques da mente sobre o guarda do portão. Mas Pushkin não iria, eu não sei, emboscar vocês ou algo assim? Ter suas tropas à espera nos arbustos?

— Provavelmente não. Isto é, afinal, um desafio à minha autoridade. Se ele não puder me impedir de entrar no seu ninho, então ele irá submeter-se ao meu julgamento.

— Você está brincando, certo? Depois de tudo isso, ele inclina a cabeça e diz que está arrependido?

Raphael sorriu levemente. — Não é bem assim, mas eu não iria esperar qualquer resistência real até que eu tentasse entrar na casa.

— Você tem que parar de assumir que Pushkin continua a jogar pelas regras. Eu não acho que ele esteja. — Ela pensou por um momento. — Digamos que o guarda abre a porta, mas ele deve estar enviando um sinal de que você está aqui, então eles não matariam acidentalmente um aliado, em vez de você.

— A partir do momento em que eu me apoderasse da mente do guarda, ele não poderá fazer nada a não ser o que eu lhe diga.

— Pushkin pode, eu não sei, ter alguma ligação com o seu guarda para ver o que ele vê?

Raphael assentiu. — Possivelmente. Se é um de seus próprios filhos, então, certamente.

— Então é isso. Pushkin vê você chegar, espera até que você entre na casa... E depois faz algo absolutamente letal. Você pode impedir que Pushkin use seu guarda dessa forma?

— Sim.

— Então, você faz o guarda ver o que ele espera ver, que é você no portão. Ele abre o portão, Pushkin vai saber que você está aqui e vai até à casa. Deixe o guarda ir para a armadilha, seja ela qual for. Deixe-o entrar em casa.

Raphael olhou para ela. — Isso resultaria, muito provavelmente, na morte do guarda.

Cyn encolheu os ombros. — Antes ele do que você.

Os olhos de Raphael brilharam com divertimento e algo mais. — Tão sanguinária, minha Cyn. Duncan?

— Deve resultar, meu senhor.

— Muito bem, então... — Raphael virou-se bruscamente e fixou-a com seu olhar. —Alexandra está naquela casa?

Cynthia deu-lhe um olhar incrédulo. Ele realmente acreditava que ela ia deixar Alxandra para morrer? Merda. Ele era um idiota total às vezes.

— Não. — ela retrucou em voz alta. Raphael estudou-a cuidadosamente, em seguida, desviou o olhar para Duncan com um empurrão de sua cabeça.

— Espere — Cyn disse rapidamente, antes que o vampiro loiro fizesse a coisa de desaparecer muito rápido. — Há muita atividade acontecendo na casa. Eu verifiquei com os meus binóculos, mas alguns de seus homens deveriam analisar a situação. Vocês vêem melhor que eu, e além disso vocês poderão entender melhor o que eles estão fazendo.

Duncan sinalizou para um par de outros vampiros o acompanharem e os três foram embora antes que Cynthia pudesse piscar duas vezes. Ela suspirou. Isso era um truque útil. Ela ficou sem jeito por um momento, dolorosamente consciente do olhar pesado de Raphael do outro lado da agredida mesa de piquenique. — Olha, meu carro está estacionado do outro lado, eu vou andar até lá e me equipar.

— Eu vou com você. — Raphael murmurou, sua boca se curvando em um sorriso desprotegido.

— Não. — Todos olharam para ela. — Quero dizer, você precisa ficar aqui, no caso de Duncan voltar. Eu vou ficar bem. — Cyn começou a andar, não ousando olhar para trás até que ela ouviu passos se apressando atrás dela. Ela girou, pronta para dizer a Raphael para ir se foder... Mas era Elke que caminhava até ela, com um grande sorriso dividindo o seu rosto.

— O patrão me mandou. — Ela se inclinou conspiratoriamente. — Você acha que talvez ele não confie em você? — Ela deu um risinho.

Cyn encontrou os olhos de Raphael sobre a cabeça da mulher menor. — Me deixe sozinha, Elke! — disse ela claramente, em seguida, girou nos calcanhares e caminhou ao redor do prédio para o estacionamento.

A vampira a seguiu de qualquer maneira, mas Cyn a ignorou, pegando a chave e desligando o alarme antes de abrir a porta traseira. Não haveria fineza nela

esta noite. A noite de hoje exigia força bruta. Ela abriu a grande caixa de armas no compartimento de carga, revelando o que ela considerava seu arsenal de vampiros. Primeiro, uma pistola-metralhadora Uzi e guardou recargas em um compartimento redondo e escondido em cada um dos bolsos de sua coxa. Um sorriso quase involuntário atravessou seu rosto enquanto ela estendeu a mão para o próximo item. Ela o tinha mandado fazer após seu primeiro encontro com um vamp hostil. Era uma espécie de cinto de munição, quatro estacas de madeira leves e polidas, cada ponta com uma borda de aço dobrada. O fabricante de facas que o tinha concebido para ela tomou orgulho em seu produto e colocou desenhos gravados em toda a lateral de cada lâmina onde ela encontrava a madeira. Cada uma delas era uma obra de arte letal.

Atrás dela, Elke. — Porra, garota.

— É preciso ter força para enfiar uma estaca em um homem. — Cyn murmurou, em seguida olhou para a vamp com o canto do olho. — Ou uma mulher. O aço dá-me uma abertura. — Ela quase riu com seu próprio trocadilho involuntário.

— Você realmente acha que pode se manter ao nível dos meninos grandes?

Cynthia virou, mas não olhou para Elke, concentrando-se na dobra sobre o cinto e verificando o deslizamento de cada uma das estacas. — Não. — disse ela. — Eu sei que não posso. — Então encontrou o olhar da outra mulher. — Mas eu posso manter o meu próprio.

Elke deu-lhe um aceno de má vontade. — Talvez você possa.

— Tenha o cuidado de distinguir o amigo do inimigo. — A voz de Duncan saiu do meio das sombras antes que ele surgisse. Cyn lhe deu um sorriso zombeteiro.

— Duncan, preocupado?

— Sempre, Sra. Leighton. — ele disse solenemente. — Estamos prestes a partir.

Ela fechou a escotilha e caminhou até ele. — Quão perto Raphael tem que chegar do guarda?

— Não muito.

— Então nós colocamos o grandalhão trabalhando sua mágica, e vemos o que acontece. Seja o que for, vai ser o sinal para os outros vampiros se moverem, assim...

— Essa parte eu entendo, Sra. Leighton. Provavelmente melhor do que você.

— Ei, nenhuma competição aqui. Vocês vão em frente e façam do seu jeito, eu vou fazer do meu.

— E o que seria isso?

— O que eu fui contratada para fazer. Eu estou indo encontrar Alexandra.

No momento em que eles se juntaram aos restantes do grupo, havia tanta expectativa no ar que os vampiros estavam quase saltitando. Quando Raphael balançou a cabeça para Duncan, o grupo deles decolou como um tiro, sumindo na escuridão e deixando apenas uma leve brisa agitando as folhas em seu rastro. Cyn ficou perto dos carros, procurando com os olhos na noite e não encontrando nada. Ela suspirou pensando em sua própria subida longa até o morro, quando algum instinto a fez endurecer e virar bruscamente. Raphael estava atrás dela, a prata intermitente por baixo das pálpebras semicerradas. Antes que ela pudesse dar dois passos de distância, ele a segurou, uma mão poderosa chegando e agarrando sua jaqueta, erguendo-a contra o frio metal do SUV grande, sua boca desceu sobre a dela em um duro, feroz beijo.

Cyn não podia deixar de responder, mas ela o transformou em um beijo de raiva, assim como de paixão, esmagando sua boca e mordendo, tanto quanto beijando. Quando ele se afastou, o sangue deles se misturava nos lábios dela, e ele se inclinou para frente, lambendo com um golpe preguiçoso da sua língua. Ele se empurrou contra ela, deixando-a sentir a resposta de seu corpo a sua proximidade. — Nunca duvide que eu quero você, minha Cyn. — disse ele asperamente.

Ela ofegou por ar, combatendo a dor que estava esmagando o seu coração, sufocando sua respiração. — Me solte. — ela sussurrou.

Ele a soltou lentamente, mas não se afastou por um centímetro. Ela ainda podia sentir a imprensão de seu corpo, a tensão em seus músculos, o eixo duro de sua ereção.

— Você não me quer. — disse ela sem fôlego. — Você só quer me foder.

Ela colocou as duas mãos sobre o peito dele e o empurrou, sabendo que era inútil, a menos que ele escolhesse deixá-la ir. Ele a libertou e ela foi embora sem olhar para trás.

Capítulo Quarenta e seis

Ela ficou mais uma vez na encosta com vista para o complexo, oculta nas sombras sob as árvores de eucalipto. Duncan ficou ao lado dela, Raphael um pouco à frente. Os outros vampiros haviam desaparecido na noite, presumivelmente se posicionando em torno da outra casa, realizando qualquer plano que Duncan tenha planejado. Em algum sinal invisível, Raphael deslocou a sua concentração para o guarda solitário do portão abaixo. Não era um guarda humano desta vez, não era o fã da Juíza Jude da tarde, mas sim um vampiro bem encorpado. Cyn não podia ver bem o suficiente para ter a certeza, mas ela pensou que poderia até mesmo ser Tommy da outra noite na casa de fazenda. Ela se sentiu um pouco mal por isso. Tommy não tinha sido um cara mau, realmente. Ou talvez sua percepção estivesse desviada pela comparação com Albin.

Ela ouviu um barulho quando o grande portão começou a se mover, puxando sua atenção de volta para o presente. O guarda ficou imóvel até que o portão esteve totalmente aberto, então ele entrou através da garagem para a casa. Cyn esperava que seu movimento fosse robótico, mecânico, como nos filmes quando alguém era forçado a fazer algo contra a sua vontade. Mas o controle de Raphael era tal que o guarda andava normalmente, quase despreocupado, como se ele estivesse apenas dando um passeio. Ela olhou para Raphael, mas só conseguiu ver o perfil de modelo perfeito. Seu olhar estava focado lá em baixo.

O guarda subiu os poucos degraus até a porta dupla da frente e pegou nas maçanetas. Empurrou as duas portas largas, abrindo-as e fazendo uma entrada triunfal, exatamente como Raphael, sem dúvida, teria feito. Cyn estremeceu automaticamente, mas nada aconteceu. A casa continuou completamente às escuras quando o guarda lá desapareceu. Ela teve um momento de dúvida, mas apenas um momento... Antes que a casa explodisse em uma fúria de luz e som, fazendo o chão tremer debaixo dos pés dela e enchendo o céu escuro com cores brilhantes. Alarmes de carros começaram a soar na rua e os entulhos choveram em um grande círculo. Luzes piscaram em todo o bairro, as pessoas saíram de suas casas para saber o que era o ruído.

Cyn engoliu em seco. — Isso o teria matado? — ela perguntou baixinho à Duncan.

— Sim, teria. — respondeu ele sombriamente.

Raphael não disse nada, apenas olhou para o inferno abaixo.

— Isso vai atrair muita atenção, realmente rápido. — disse ela.

—Vai. — Duncan concordou. — Mas nós podemos usar isso.

Ela se virou para sair e ouviu Raphael dizer — Duncan.

O tenente vampiro parou-a com um toque no braço. — Elke irá encontrá-la lá em abaixo. Não vá sem ela.

Ela encarou-o, mas ele antecipou seu protesto.

— Não temos dúvida de sua habilidade, Srta. Leighton. Mas são vampiros que enfrentamos. Mesmo Alexandra, tão delicada quanto ela possa parecer, é vampira e isto tem sido difícil para ela. Se eles tiverem sido gentis, ela pode estar nada mais do que esgotada. Mas se não, poderia ser muito pior. Leve Elke com você e tome cuidado.

Cynthia sorriu no brilho laranja do fogo. Ela não tinha intenção de depender de Elke, mas apreciou a idéia. — Obrigado, Duncan. Vejo você quando tiver terminado.

Ela deu à figura de pedra de Raphael um último olhar, e depois deu de ombros e dirigiu-se para as trevas. Ela tinha um trabalho a fazer.

Capítulo Quarenta e sete

Raphael ouviu Cyn deixar o local, mas seu foco estava sobre o movimento em torno dele enquanto ele ordenava seus vampiros para a batalha. Duncan se juntou a ele e os dois escapuliram-se sob as árvores, movendo-se mais rápido que o pensamento. Sem folhas farfalhando na sua passagem, sem pequenos animais fugindo pelo mato. Os dois vampiros eram sombras na noite, esquecidos antes mesmo de irem.

Eles surgiram ante o portão de metal pesado do verdadeiro Ninho de Pushkin, Raphael caminhou imperiosamente de debaixo das árvores frondosas para ficar olhando para a velha casa. Fechou os olhos, sentindo o bater do coração de todos os vampiros lá dentro, estendendo sua tremenda força para tocar a cada um deles com medo, com o conhecimento da morte iminente. Uivos soaram na noite quando as almas fracas entre eles se encolheram de medo, o terror que tinham de Raphael muito superior ao poder frágil do comando de Pushkin. Os vampiros de Raphael gritaram em resposta, sacudindo as pedras das paredes diante dele com sua raiva. Ele levantou os braços, sentindo o poder se construir dentro de si, alimentando-se da força de vida de seus inimigos, enfraquecendo-os, enquanto ele ficava mais forte e preparado para atacar.

— Pushkin! — Foi mais um pensamento que uma palavra, um desafio enviado para a mente de cada vampiro presente. Ele sentiu Pushkin responder, uma combinação de terror e de negação, o conhecimento de que seu plano havia falhado e de que a vingança estava em suas portas.

Raphael exerceu sua vontade e os portões se dilaceraram. Seus vampiros entraram no ninho e gritos guturais encheram a noite, gritos de batalha pontuados pelos gritos da morte de criaturas que pensavam serem imortais. Não havia partidos neutros aqui hoje à noite; Raphael não podia se dar ao luxo de poupar ninguém que se juntara para desafiá-lo. Ele mergulhou na briga, indiferente a qualquer perigo, o seu poder ao seu redor, descartando ataques sem vontade consciente, a sua mente focada unicamente em quem ousou se opor à ele, que havia quebrado seu juramento de fidelidade e que iria pagar com a danação eterna. Ele riu de alegria quando entrou na casa, a libertação de seu pleno poder melhor do que qualquer droga humana, a alegria de sua liberação irrestrita expandindo

seu coração com cada batida, devorando os seus pulmões a cada respiração. Ele podia sentir Pushkin escondido lá dentro, demasiado amedrontado para juntar suas forças na batalha, enfraquecendo-os por sua própria covardia.

Raphael passou pela porta, seguindo o fedor do medo do outro vampiro enquanto ele subiu as escadas e caminhou infalivelmente nos corredores, deixando de lado as ilusões frágeis que foram toda a defesa oferecida por Pushkin. A porta do final caiu diante dele, revelando o seu inimigo agachado com medo dentro de sua fortaleza, uma jovem mulher morta a seus pés, o sangue dela ainda correndo pelo queixo do covarde, uma última tentativa de comprar a força suficiente para sobreviver. Raphael o olhou com desdém.

— Você pensou que compraria sua liberdade com uma vida tão escassa, Pushkin?

O vampiro russo rosnou como um animal preso, colocando-se mais profundamente no canto, qualquer semelhança com a aparência humana desaparecida, deixando apenas a besta interior.

— Você abandonou sua longa vida, velho amigo, mas você pode comprar uma onça de misericórdia de mim ainda. Onde ela está?

Os olhos de Pushkin se arregalaram e ele começou a rir, sua boca aberta como um tolo. Ele parou de repente, a loucura em seus olhos. — Ela está morta, meu senhor. — disse ele em uma voz astuta. Seus olhos clarearam por um momento e ele olhou para suas roupas com sangue, franzindo a testa sem compreensão. Quando ele ergueu o olhar, olhou para Raphael, como se perguntando por que ele estava lá, antes da loucura aparecer mais uma vez. — Albin já a terá matado a esta altura, ela e sua nova amante. Ela escapou-me a outra noite, mas não mais. Tão triste, Raphael. Nada sobrou para você.

Raphael sabia que não era verdade e mesmo assim ele gritou com raiva, jogando seu poder em Pushkin e esmagando-o no chão enquanto o vampiro traidor gritava de dor e terror. Seus membros foram esticados para fora até que suas juntas estalaram com barulhos audíveis de osso e o sangue jorrou de seu corpo.

Raphael enfiou um punho enorme no peito de Pushkin e esmagou seu coração ainda batendo, segurando o olhar aterrorizado do rebelde enquanto, com um pequeno empurrão de sua vontade, o coração estourou em chamas impossíveis. Pushkin gritou em agonia enquanto seu corpo seguia se incinerando

por dentro, o fogo se espalhando até que nada restava do famoso Pushkin, mas uma pilha de cinzas gordurosas. Raphael se levantou, sacudindo as mãos em desgosto, sua mente já procurando, chamando pela única que fazia seu próprio sangue arder.

Cyn esperou até que os vampiros de Raphael fossem embora, até que eles todos correram para fazer a batalha. Elke demorou um momento mais do que os outros, claramente dividida entre esperar Cyn e ir para a batalha que ela podia ouvir já em curso. Ela passeou para frente e para trás, trocando longos olhares entre as árvores, por onde Cyn já deveria ter aparecido, e os sons da crescente violência no covil de Pushkin à distância.

Ela finalmente soltou uma maldição alta, levantou as mãos em desgosto e foi embora, acelerando em direção aos seus companheiros vampiros e ao prometido derramamento de sangue.

Cyn lhe deu vantagem de dois minutos, o que provavelmente não era necessário, dada a velocidade com que os vampiros se moviam. Mas ela não queria nenhuma interferência no que ela estava prestes a fazer. Vampiro ou não, ela não precisava de uma maldita babá.

Tomando o percurso por entre as árvores que ela identificou em seu reconhecimento anterior, ela seguiu a linha da parede pálida, quase invisível agora sob o céu sem lua. A água da chuva anterior escorria constantemente das folhas e o chão estava macio e molhado, preto debaixo dos galhos grossos. Na rua lá embaixo, ela podia ouvir as sirenes subindo a colina, umas vezes mais altas e outras mais baixas à medida que os caminhões de incêndio tomavam a curvas, indo para a casa em chamas. O fogo era um ressoar profundo e constante que disparava faíscas para o céu negro. Ela circulou em volta da casa, feliz com a noite escura, parando quando viu o telhado vermelho da casa de hóspedes saliente por cima do muro. E então ela esperou, escutando.

A escuridão estava viva, enquanto Raphael e seus vampiros invadiam o complexo. Os sons de batalha encheram o ar, os rugidos dos vampiros irritados,

grunhidos de dor e gritos de terror à medida que o grupo de Pushkin descobriu que não eram os únicos, nem mesmo os mais perigosos, caçando naquela noite.

Cyn correu para o muro e saltou para agarrar a borda, a Uzi balançando nas costas enquanto ela rastejava para o topo. Ela não parou desta vez, imediatamente desceu para a terra atrás da casa com uma aterrissagem brusca que enviou choques pelos ossos das pernas dela. Uma vez no chão, ela se agachou, escutando. Deixando seus óculos de visão térmica colocados e posicionando a Uzi na frente dela, ela se aproximou da parede da cabana e olhou ao seu redor. A parte traseira da casa principal parecia deserta. Aparentemente, nenhum dos vampiros de Pushkin tinha pensado em vir até aqui. Ou talvez eles não tenham tido tempo para pensar nisso antes de Raphael e suas forças caírem em cima deles. Ela se perguntou se ele ia destruir todos os homens de Pushkin. Parecia provável. Não que ela se importasse tanto assim, desde que o sacana do Albin fosse um dos mortos.

Com um tapa mental na cabeça, ela concentrou sua atenção sobre sua própria situação. Se Alexandra ainda estava dentro desta casa de campo, era pouco provável que ela estivesse sozinha. Um rápido exame do quintal não mostrou nada. Até mesmo um vampiro era registrado nos óculos térmicos. Não tão brilhante, talvez, mas era registrado mesmo assim. Ela virou a esquina e começou a descer pelo lado mais longo da casa de hóspedes, passando as janelas fechadas com tábuas. Ela abaixou-se rapidamente quando ouviu movimento lá dentro, uma raspagem suave de metal, nada mais. Mas confirmou sua suspeita de que alguém estava na casa de campo. Ela franziu o cenho. Isto era tudo um pouco fácil demais. Pushkin teria que saber agora que seu plano havia falhado, então porque ele não tentou segurar Alexandra como moeda de barganha de algum tipo? Uma última tentativa para salvar a sua traiçoeira vida?

Ela avançou até a próxima esquina e deu uma olhada para a frente e para trás. A porta tinha uma única janela, mas nenhuma luz vinha do interior na casa de campo também. Merda. A visão noturna dos vampiros dava-lhes uma vantagem distinta. Seus óculos de visão noturna ajudavam, mas deixavam-na extremamente vulnerável. Se o seu inimigo fizesse algo tão simples como acender uma luz, ela ficaria completamente cega. Duraria apenas alguns segundos, mas esses segundos seriam o suficiente se um vampiro estivesse esperando lá dentro. Por outro lado, eles esperariam que um humano entrasse por aquela porta? O próprio Raphael julgava os seres humanos inúteis, embora ele empregasse vários guardas humanos em sua propriedade. Ela arrastou-se até a entrada o mais silenciosamente possível e respirou fundo.

Cynthia bateu na porta com seu corpo, abrindo e rolando no interior em um único movimento. Quando ela rolou, ela esquadrinhou o quarto. Duas pessoas, um grande e um pequeno. Correção. Dois vampiros, seus olhos brilhando quente. Manteve-se em movimento, chegando por trás de uma cadeira de algum tipo.

— Bem, vejamos se isso não é uma surpresa. — A voz soava familiar. Cyn olhou ao redor da cadeira para ver a figura maior esticando o braço. Ela se preparou para o movimento, reconheceu o que ele estava fazendo e arrancou os óculos apenas a tempo. O vampiro acertou o interruptor em um pé e a lâmpada brilhou na pequena sala.

— Eu realmente esperava Raphael. — Albin disse. — Embora eu deva admitir, Cynthia, eu esperava poder encontrá-la novamente antes que isto tivesse acabado. — Ele ficou do outro lado da sala, Alexandra meio sentada em um sofá-cama amarrotado. A fêmea vamp estava amordaçada, com as mãos amarradas com faixas de metal largas ligadas a uma cadeia com uma corrente pesada presa no piso de concreto. A corrente era longa o suficiente para que ela pudesse alcançar o que parecia ser um banheiro pequeno no canto, cerca de um metro na frente da cama, mas pouco mais. Cortinas pesadas cobriam as janelas tapadas à esquerda e Cyn estava agachada por detrás de uma grande cadeira estofada, que era o único outro móvel da sala.

— Aí está, Alexandra, você ve o quão pouco Raphael se preocupa com você? Ele envia essa franzina humana para salvá-la, enquanto ele se ocupa em outro lugar.

Após mais de uma semana de prisão, a vampira estava definitivamente desgastada. Seu elegante vestido de cetim pêssego estava sujo e rasgado, os babados arrancados. A delicada pele branca parecia pastosa e insalubre, rosto e braços com sinais evidentes de maus-tratos. Os olhos dela, quando ela olhou Cyn, mostravam cansaço e um medo quase confuso, como se ela não pudesse imaginar como isso tinha acontecido com ela.

— Você parece ter se recuperado muito bem do nosso encontro na outra noite, Cynthia. — o vamp ruivo disse, chamando a atenção de Cyn. — Confesso que estou feliz em vê-la. Eu gosto que meus brinquedos durem um tempo. — Ele deu um sorriso cruel. — Eu ouvi a explosão. Diga-me, o grande plano de Pushkin funcionou?

Cyn encarou-o. Ele olhou para ela também, estudando sua reação. — Não, eu acho que não. — disse ele finalmente. — Eu disse ao russo que não iria funcionar. Mas ele me dispensou, tal como Raphael fez.— acrescentou com um rosnado.

— Você sabe qual é o seu problema, Albin? — Cyn interrompeu.

Ele deu-lhe um olhar interrogador zombador.

— Você fala demais. — Ela chicoteou a Uzi por trás da cadeira e esvaziou o clipe no vampiro grande, quase separando a sua cabeça quando ele caiu longe da horrorizada Alexandra. Cyn não esperou, correu para ele com uma estaca na mão e apunhalou o vampiro que convulsionava no coração. Ela se levantou e imediatamente se afastou, incerta de Alexandra, querendo recuar além do alcance da cadeia.

O corpo de Albin começou a se decompor com velocidade surpreendente. Ela tinha visto Matias no vídeo, mas ver isso acontecer ante seus próprios olhos era incrível. Não havia outra palavra para descrever. Ela engoliu a bílis que tentava sufocá-la e, em seguida, cegamente expulsou o compartimento vazio da Uzi e colocou um novo, antes de olhar para Alexandra.

A vampira tinha se afastado o mais longe possível de Albin, segurando as saias longe do sangue no chão. Seus olhos escuros levantaram até Cyn.

— Alexandra? — Cyn confirmou desnecessariamente. Falou em voz baixa e suave.

Alexandra olhou fixamente em branco por alguns segundos. Ela assentiu com a cabeça.

— Meu nome é Cynthia Leighton, Alexandra. Raphael me contratou para te encontrar. — Os olhos de Alexandra fecharam lentamente, o queixo caiu no peito no que parecia ser alívio.

Cyn levantou a alça da Uzi sobre sua cabeça e colocou-a na cadeira. Com suas mãos levantadas no gesto universal de paz, ela se afastou da arma, mantendo contato com os olhos de Alexandra estranhamente calmos. Não importa o quanto ela parecia calma, como parecia completamente inofensiva, ela ainda era, como

Duncan havia assinalado, uma vampira. Ela podia dominar Cyn e fazer um monte de danos antes de Cyn conseguir escapar. Supondo que ela conseguisse.

— Eu não quero te machucar, Alexandra. Eu gostaria de tirar a mordaça e as correntes de você, se eu puder. Mas... Eu não quero que você me machuque também, ok?

Alexandra assentiu em silêncio, seus olhos arregalados na luz amarela artificial.

— Você está com fome? — Cyn fez a pergunta mais importante. — Eles alimentaram você?

Desprezo breve encheu os olhos de Alexandra antes que ela concordasse.

— Ok. — Cyn andou devagar, olhando para a vampira. Quando chegou perto o suficiente, ela puxou uma pequena faca de seu cinto, segurando-a para Alexandra ver. — Eu vou cortar o pano. — explicou ela, mostrando a lâmina. Alexandra estudou a borda brilhante, depois assentiu em aceitação.

Cynthia deslizou os dedos por baixo da mordaça, um pouco atrás da orelha da mulher, inseriu a afiada faca e deu um puxão rápido, cortando o pano fino e recuando. Alexandra desabou para frente com uma respiração que foi quase um soluço, esfregando calmamente a boca esfolada e bochechas com as mãos atadas. — Obrigada. — ela conseguiu sussurrar.

— Sem problema. — Cynthia estudou a mulher muito mais baixa, surpresa ao encontrar-se realmente sentindo pena dela. Ela tinha esperado odiá-la, odiar a mulher que parecia segurar o coração de Raphael tão firmemente em suas mãos delicadas. Mas ela não podia odiar esta indefesa criatura. Oh, ela era linda com certeza. Cyn podia ver a beleza mesmo sob as contusões, a sujeira, o terror de quase uma semana à mercê do brutal Albin. Mas ela dava demasiada pena para poder ser odiada. Ela era pequena e delicada e linda, e totalmente desamparada. Tudo o que Cyn não era. Ela suspirou.

— Alexandra? — A vampira olhou para cima, com lágrimas rosa escorrendo por seu rosto sujo. — Albin tinha uma chave ou algo para as algemas? — Alexandra levantou seu olhar para a porta e Cyn se virou. Havia um gancho, apenas fora do alcance da prisioneira, onde estavam penduradas as chaves de sua liberdade. Albin tinha realmente sido um bastardo sádico.

Cyn pegou as chaves, mas hesitou antes de desbloquear as algemas. — Você não vai me machucar, vai?

— Não. — disse Alexandra, em voz baixa, crua com tensão. — Eu não tenho vontade de terminar meus dias neste lugar imundo.

Cyn desbloqueou as algemas. Elas se afastaram com um barulho de metal pesado. Alexandra pareceu inchar, como se as cadeias estivessem drenando sua força física. Ela levantou-se e um arrepio passou por todo o corpo dela. Quando alguém poderia ter esticado os braços amplamente, ou rolado os ombros, a vampira meio que... Vibrou. Então ela olhou para Cyn com expectativa.

Cyn respirou fundo. — Ok, vamos...

— Cyn! — O rugido mental de Raphael cortou-lhe as palavras seguintes. Ela virou-se quase sem pensar, se virando na direção dele, incapaz de resistir a seu chamado. Fugindo pela porta aberta e ao redor da parte de trás da casa, ela o encontrou caminhando por entre as sombras do pátio selvagem como um anjo vingador, seu longo casaco vibrando atrás dele, seus olhos prateados como estrelas gêmeas chegadas à terra. O próprio ar tremia à sua passagem, o seu poder andando à frente dele para afastar os obstáculos de seu caminho com eficiência sem sequer prestar atenção. Ele era terrível em sua beleza, e uma nostalgia dolorosa apertou o coração dela.

— Raphael. — Ela disse baixinho, mas seu olhar foi para ela mesmo assim, suas longas pernas o trazendo para seu lado em dois passos.

— Cyn. — Pegou os braços dela, examinando-a com os olhos, procurando por lesões antes de a puxar em seus braços, apertando-a contra o calor sólido de seu corpo. — Minha Cyn.

— Raphael, eu encontrei...

— Raphael.

Raphael endureceu e olhou para o pátio onde Alexandra estava parada como uma pálida sombra. Cyn saiu desajeitadamente para fora do seu abraço e viu como a mulher menor chegou mais perto, seu olhar escuro nunca deixando o lorde vampiro.

— Alexandra. — disse ele.

Ela caminhou até ele e ficou perfeitamente imóvel. Em seguida, os ombros caíram e Raphael deu um passo adiante para envolver seus braços em torno dela, num gesto que começou com carinho e terminou em um abraço estranhamente formal.

Cynthia olhou por algum tempo em silêncio e depois voltou para a casa de campo. Antes de dobrar a esquina, ela olhou para trás e encontrou o olhar de Raphael sobre a cabeça de Alexandra. Ela viu tristeza e arrependimento. Ela não sabia o que ele viu quando olhou para ela. Ela se virou, retornando para a casa apenas o tempo suficiente para recuperar sua arma, em seguida, pulando o muro desapareceu entre as árvores.

Capítulo Quarenta e oito

Cynthia dormiu durante os dois dias seguintes, acordando apenas tempo suficiente para ir ao banheiro, beber água, tomar outro remédio para dormir e voltar para a cama. Ela sabia que não era saudável, sabia que estava evitando lidar com a vida real e que provavelmente estava profundamente deprimida. Muito ruim. A última pílula fez efeito e ela caiu em outro sono sem sonhos.

Na terceira manhã, ela acordou sentindo-se desgostosa com ela mesma e, talvez mais importante, realmente precisando de um banho. Então ela se levantou.

Depois de um longo, longo e quente banho, durante o qual ela realmente conseguiu tomar banho em meio aos surtos de simplesmente ficar parada sob a água pulsante, ela enxugou a pele avermelhada com cuidado, vestiu um roupão confortável e foi para o andar de baixo com seus pés descalços.

Sua primeira parada foi na máquina de café, depois ela se sentou e encarou a bancada de azulejos até que o cheiro de café fresco a despertou o suficiente para beber um copo do líquido. Com o segundo copo, ela descobriu que também estava com fome e colocou no microondas um dos muffins de sua empregada e depois outro. Após os muffins acabarem, ela encheu outra xícara de café e percebeu a luz vermelha piscando em sua secretária eletrônica. Ela colocou um monte de açúcar em seu café e ligou a reprodução das mensagens.

As três primeiras mensagens eram de sua irmã, Holly, ao longo das linhas de — *Somos irmãs, não podemos dar-nos bem?* — Ela excluiu essas. A mensagem seguinte era de Nick, sua voz alegre informando-lhe que ele estaria na cidade na quarta-feira — ela verificou o calendário e viu que era hoje — e para ela lhe ligar se estivesse por perto. Ela excluiu também, mas só depois de pensar nisso por um tempo. Ela não estava pronta para Nick ainda. Talvez eventualmente. Mas ainda não.

Em seguida era uma chamada de Dean Eckhoff, soando demasiadamente sério e oficial, pedindo para ela ligar para ele. A mensagem tinha chegado na tarde anterior. Ela franziu a testa, pegou o telefone e discou.

— Eckhoff. — respondeu ele.

— É Cynthia.

— Sim, deixe-me chegar a algum lugar mais calmo. — Ouviu-o em movimento, ouviu mais de uma porta se abrir e fechar, e depois o som do tráfego. Então, ele não estava chegando a algum lugar calmo, ele estava chegando a algum lugar que não podia ser ouvido.

— Você está bem? Onde você está? — perguntou ele.

— Estou em casa. O que está acontecendo?

— Merda ruim, Cyn, merda realmente ruim. Encontraram o corpo de Carballo, e eu pensei... — Ela o ouviu tomar uma respiração profunda e sabia que ele estava preocupado com ela.

— Eu estou bem, Dean. O que aconteceu?

— Vampiros. Ela estava completamente drenada, jogada nos montes perto do desfiladeiro de Malibu, ao longo da rodovia. Alguns trabalhadores a encontraram. Ela tinha estado lá há alguns dias, parece.

Cyn ficou surpresa com a dor da perda, surpresa com as lágrimas que lhe encheram os olhos. Benita tinha sido uma amiga, não importa o que tinha acontecido depois. Mas ela também havia traído Cyn pelos vampiros, sabendo exatamente o que Albin e Pushkin planejavam fazer com ela. Uma parte de Cyn não podia deixar de sentir que certa justiça poética tinha sido servida.

— Cyn?

— Sim, eu estou aqui.

— Os bastardos a mataram. — Ele estava com raiva, decepcionado com Cyn.

— Ela era o seu informante, Eckhoff. — Cyn disse categoricamente. — Ela me disse. — Ela começou a descrever a noite na casa da fazenda, como Benita tinha persuadido-a para ir com ela, então se gabava de como ela estava jogando com a polícia.

— Maldição. — Eckhoff jurou. — Porra. Ok, ouça, Cyn, você mantém um perfil baixo por algum tempo e não se surpreenda se você for chamada para interrogatório…

— Eu não fiz nada!

Ele suspirou. — Carballo deixou algumas notas, deliberadamente coisas casuais, mas o suficiente para nos deixar saber onde ela estava indo naquela noite e com quem ela estava indo. Você. Ela malditamente fez parecer que era você que estava dando informações aos vampiros, que era provavelmente o plano o tempo todo até que ele se voltou contra ela. Agora que eu sei para onde olhar, eu vou...

— Isso é besteira e você sabe disso.

— Eu sei, mas um policial foi morto, Cyn, e todo mundo sabe que você joga com os vampiros. Eles preferem acreditar que foi você que acreditar que um deles estava jogando sujo.

— Ótimo. Você sabe, eu estou começando a pensar que acordar não foi uma boa idéia, afinal.

— O quê?

— Não importa. Merda. Isto é uma droga. Então o que devo fazer agora?

— Basta manter um baixo perfil. Eu farei o que posso daqui, e, eventualmente, eles vão ter que admitir a verdade. Mas, Cyn, pode demorar um pouco.

— Sim. — disse ela sombriamente. — Eu sei. — Não importava quantas provas descobrissem que apontavam a culpa para Benita, não importava como Cyn estava completamente limpa, haveria sempre alguém que pensaria o pior sobre ela. — Olha, obrigado por acreditar em mim, Dean. Isso significa muito.

— Ei, eu me preocupo com você, novata. Você sabe disso.

— Você pode ser o único. — Ela suspirou. — Escute, eu tenho que ir. Fique em contato, ok?

— Claro, querida.

Ela desligou e pensou seriamente em voltar para a cama quando percebeu que tinha mais uma mensagem esperando por ela. Ela apertou play, congelando ao som da voz de Duncan.

— Senhorita Leighton, precisamos providenciar o pagamento final do seu contrato. Seria melhor nos encontrarmos pessoalmente. Por favor, ligue pra dizer uma hora e lugar que lhe seriam convenientes. Eu acredito que você tem meu número.

Ela permaneceu congelada, olhando para os azulejos coloridos do seu assoalho da cozinha, até que um bater em sua porta da frente a assustou e a colocou em movimento. Andando automaticamente através da sala ainda repleta de poeira, ela espiou pelo olho mágico da porta nova. Sua empregada estava na entrada, parecendo perplexa enquanto ela tentava as várias chaves em seu chaveiro. Porta nova, Cyn se lembrou e se perguntou onde as chaves estavam. Ela abriu a tranca e escancarou a porta.

— Desculpe Anna. — ela se desculpou cansada quando a mulher olhou para cima com um confuso sorriso. — Nova porta.

Anna se movimentou para dentro, pronta para começar a trabalhar. Ela parou e olhou ao redor da sala com desânimo. — Senhora Cynthia?

— Oh. — Cyn olhou em volta como se estivesse vendo a confusão pela primeira vez. — Os operários. Eles fizeram uma bagunça. Não se preocupe se você precisar de um extra hoje, o que for preciso.

— Sim. — Ela balançou a cabeça lentamente, em seguida, deu uma boa olhada em Cyn e fez uma careta. — Você emagreceu. — disse ela com firmeza. Balançando a cabeça, ela foi para a cozinha, depositando sua bolsa no armário debaixo da pia e indo imediatamente para o armário de utilidades para o seu abastecimento.

Cyn não gostava de estar em casa quando Anna estava trabalhando. Ela a fazia se sentir como uma intrusa na sua própria casa. Ela pegou o telefone e discou o número de Duncan a partir da sua própria memória. Ela não se identificou quando o seu correio de voz respondeu, apenas disse sete palavras e desligou.

— Meu escritório às oito. Hoje à noite. — Ela desligou o telefone e foi se vestir.

Capítulo Quarenta e nove

Na garagem, Cyn deu uma olhada na bagunça dentro da Range Rover e fechou a porta. Ela tinha passado por uma lavadora de carros e colocado uma toalha sobre os assentos antes de dirigir para Santa Bárbara, mas era uma coisa conduzir o maldito carro para um encontro com uma alta probabilidade de mais desordem e outra inteiramente diferente estacioná-lo atrás de seu escritório em Santa Mônica. Devia haver alguém que se especializava em limpeza de assentos de carro ensopados de sangue. Alguém como Harvey Keitel em Pulp Fiction. Pensando sobre isso, ela tinha visto um especial na televisão sobre uma empresa que limpava após todos os tipos de eventos sangrentos em cenas de crime, suicídios, coisas assim. Tinha de haver uma empresa como essa em LA. Ela teria que encontrá-los e ligar para eles. Entretanto, ela combinou com o aluguel de automóveis local para lhe entregarem um sedan Lexus em seu escritório e chamou um táxi.

Quando o táxi a deixou por trás do edifício de escritórios de baixo, ela notou que os advogados de cada lado dela estavam ambos a trabalhar. O terapeuta, aparentemente, tinha as quartas de folga. Será que os terapeutas jogavam golfe? Ou talvez eles fossem para o spa. Deus sabe, se Cyn tivesse que se sentar e ouvir outras pessoas queixarem-se durante horas todos os dias, ela certamente precisaria de uma visita semanal ao spa.

Entrou pela porta traseira, automaticamente desligando o alarme e abrindo as persianas para deixar entrar alguma luz. Havia algumas mensagens esperando por ela, nada monumental. Uma chamada de backup de Nick e um par de potenciais clientes, indicados por outros. Ela iria chamá-los mais tarde, ou talvez não. Ela estava pensando em umas férias longas e agradáveis. Em algum lugar longe de Malibu e de seu lorde vampiro residente. Cyn suspirou profundamente. Ela conseguira evitar pensar em Raphael durante o último par de dias, havia conseguido ignorar a dor surda do vazio debaixo de seu coração. O telefonema de Duncan trouxera tudo isso de volta à vida.

Ela caminhou até sua mesa e folheou a pilha de correio que estava esperando por ela. Era o primeiro dia do mês. Havia contas para pagar, cheques de

aluguel para processar. A vida continua. Ela abriu o software bancário e começou a trabalhar.

No momento em que ela terminou, o quarto estava escuro, apenas com a lâmpada de mesa e seu monitor de computador dando luz ao escritório. Ela olhou para cima, inquieta, dolorosamente ciente de que em algum lugar na cidade Raphael estava começando sua noite. Sem ela. Ela se afastou da mesa com um pontapé furioso. Ela não iria chorar. Não iria.

Olhou para o relógio. Eram quase oito horas já. Onde diabos estava Duncan? Ela limpou a mesa, fechando pastas, desligando seu computador. Não havia razão para permanecer uma vez que este encontro tivesse terminado. Não havia outros clientes atuais, e ela não gostaria de quaisquer novos agora, especialmente aqueles que vinham durante a noite. Quando a campainha soou, ela pulou, embora o estivesse esperando. Ela olhou para a porta fechada e estendeu a mão relutantemente para o botão pequeno na tela de segurança.

Duncan estava do lado de fora, olhando diretamente para a câmera. — Porra. — Ela recostou-se na cadeira e percebeu, pela primeira vez, que ela estava esperando que Raphael aparecesse esta noite, não Duncan. Sua decepção era nítida e brilhante, e tão estúpida.

Uma batida soou à porta e ela ouviu a voz do vampiro. — Deixe-me entrar, Srta. Leighton. Eu sei que você está aí.

— Como você sabe, seu desgraçado? — ela sussurrou.

— Porque eu posso ouvir você — respondeu ele, claramente se divertindo.

— Ótimo. — Ela clicou para abrir a tranca.

Duncan entrou em sua sala sozinho. Definitivamente sozinho.

— Por que você está aqui? — perguntou ela.

— Eu lhe disse ao telefone — disse ele pacientemente. — Eu trouxe o seu pagamento final. — Ele colocou um envelope branco e elegante em sua mesa. Seu nome estava digitado, não escrito em uma letra fluída, mas sim digitado na frente. — Você teve um desempenho bastante admirável, mas eu acredito que você vai encontrar a remuneração bastante adequada.

— Sim, legal.

O vampiro inclinou a cabeça, curioso. — Você desapareceu na noite passada antes que eu pudesse dizer obrigado. Eu tinha minhas dúvidas sobre trazer você para o caso, mas... Você o serviu bem. Isso é importante para mim.

Cynthia olhou para o vampiro loiro, com seus olhos castanhos tão humanos. O tão sincero, tão sóbrio, Duncan. E tão totalmente dedicado a Raphael. — Posso lhe fazer uma pergunta?

Duncan considerou-a firmemente, então inclinou a cabeça em concordância. —Certamente.

— Eu não quero ofender, mas... Como é que você morreu? Quero dizer, o que aconteceu que fez Raphael transformá-lo?

Duncan sorriu para ela. Cyn pensou que era o único momento em que ela realmente o vira sorrir. — Você é muito direta, Srta. Leighton. Eu admiro isso. Quanto à sua pergunta, eu estava morrendo, abatido como tantos outros durante a guerra. — Ele chamou sua atenção. — Isso seria a guerra da agressão do Norte, a Guerra Civil como eu acredito que vocês lhe chamam.

Cyn assentiu.

— Era 1863, a Batalha do Rio das Pedras. Milhares morreram de ambos os lados, muitos mais ficaram feridos. Havia tão pouco que os cirurgiões pudessem fazer por nós, então, e as poucas habilidades que tinham eram dadas aos oficiais ou aos homens que iriam viver para lutar novamente. — Ele olhou para a parede, os olhos distantes. — Eu não era um desses. Como tantos, eu era um agricultor, recrutado para o exército, sem treinamento e muito menos habilidade. Um desperdício. — Sacudiu a cabeça para a memória. — De qualquer forma, eu estava gravemente ferido, cortado em toda a barriga, minhas próprias mãos eram a única coisa evitando que meu intestino fosse derramado na sujeira. Uma péssima maneira de morrer, lenta e dolorosa, com as aves de rapina se acotovelando ao redor, esperando que você estivesse muito fraco para afastá-las. Eu ainda posso ouvir os gritos dos outros homens, mesmo depois de todos estes anos... — Ele ficou em silêncio por um momento, depois prosseguiu vivamente. — O Senhor Raphael me encontrou e me deu uma escolha. Eu devo a ele minha vida, a minha lealdade lhe dou livremente.

Lágrimas rolavam pelo rosto de Cynthia e Duncan olhou para ela. — Cynthia?

Ela enxugou seu rosto com raiva. — Eu acho que é a primeira vez que você já me chamou pelo meu nome, Duncan. Tenha cuidado, você não gostaria que ninguém pensasse que você gosta de mim. — Ela forçou um sorriso. — Então, como está Alexandra? Ela está se recuperando bem?

— Como você viu, foi difícil para ela, mas dadas as circunstâncias, ela está indo muito bem. Raphael vai levá-la para uma de suas outras propriedades, por algum tempo, longe das lembranças. Porém, ele tem pena de deixar Malibu. Esta é a sua cidade favorita. — Ele olhou para ela diretamente. — Por muitas razões. — Quando Cyn não respondeu, ele continuou. — Alexandra nos contou como você matou Albin e a libertou. Raphael ficou furioso com a primeira; Albin deveria ser seu. — Duncan parecia se divertir com isso. — Alexandra não tem nada a não ser elogios para você e pergunta quase que diariamente se você vai visitá-la.

— Bem — Cyn riu nervosamente. — Isso seria estranho, não acha? Quero dizer, ela e Raphael...

Duncan olhou para ela. — Eu acredito que você tenha confundido a natureza de seu relacionamento, Srta. Leighton. Alexandra é irmã de Raphael. Eles estiveram separados por séculos, ele pensou que ela tinha morrido juntamente com seus pais. Ele ainda se sente culpado, eu acho, por tê-la perdido durante todo esse tempo, e Alexandra não está acima de... Bem. Digamos que Alexandra pode ser bastante exigente.

— A irmã dele. — Cyn se sentiu como se alguém tivesse chutado seu estômago. Ela lutou para evitar mostrar a dor e sabia pela expressão de Duncan que não estava sendo bem sucedida. Então ela se virou, ocupando-se em pegar o envelope, que estava cheio de dinheiro, e empurrá-lo em sua bolsa. Ela apagou a luz antes de enfrentá-lo novamente. Sem dúvida, ele podia vê-la tão bem no escuro como na luz, mas isso a fez se sentir menos exposta.

— Obrigado por trazer isso, Duncan. Foi amável.

— Não é mais do que merecido. — Ele abriu a porta, olhou para trás, como se fosse dizer alguma coisa, então suspirou e disse em vez disso — Cuide de si mesma, Cynthia. — Pisou fora e fechou a porta atrás dele.

Cyn afundou em sua cadeira e deixou cair as lágrimas. Tinha sido mais fácil acreditar que não havia esperança, que os sentimentos de Raphael por Alexandra e a permanência mortal do vínculo cortava qualquer possibilidade para eles. Mas agora, ao descobrir...?

Você é uma tola, Leighton. Se a vida lhe tinha ensinado alguma coisa, era que o amor não podia ser confiável. Seu pai, sua mãe, sua avó, até mesmo os estranhos que cuidavam dela, todos a tinham desiludido, finalmente, ela reconheceu que não iria acontecer, que ela estava bem e verdadeiramente sozinha. Mas o maldito vampiro a tinha afetado, a fez se sentir querida, necessária, amada até. E ela respondeu como a tola que era, permitindo-se importar-se com ele, deixando-se acreditar que ele se importava em troca.

Ela se levantou, sacudindo-se um pouco, endireitando os ombros. O que importava, realmente? Então, Raphael foi embora. Ela tinha estado sozinha antes e estaria novamente. Então, ela tinha sido uma diversão momentânea para o poderoso lorde vampiro. Então o quê? O sexo tinha sido ótimo, o dinheiro generoso e sua reputação certamente seria beneficiada, o que significava mais serviços de trabalho no futuro. Então. Ainda melhor.

Ela pegou sua bolsa e se dirigiu para o estacionamento onde o Lexus alugado estava esperando por ela. Então, ela havia sido uma tola. Lição aprendida. Ela precisava superar isso. Um ano a partir de agora, ela provavelmente estaria rindo da coisa toda. Mas esta noite... Esta noite doía demais.

Capítulo Cinqüenta

Duncan dirigiu a BMW até ao lado da longa limusine preta que estava parada no setor privado do hangar. Raphael caminhou para encontrá-lo, esperando seu tenente desligar o motor e sair do carro.

— Ela está bem? — perguntou ele.

Duncan assentiu, pouco mais de uma inclinação de cabeça. — Ela parecia saudável, talvez um pouco magra demais, mas... — Ele encolheu os ombros. — Foi um dia estressante.

— Ela…

— Ela perguntou por Alexandra, perguntou por sua saúde. Disse-lhe que Alexandra perguntou sobre ela, também. — Olhou fixamente para Raphael, que encontrou seu olhar.

— Duncan, o que é? Diga o que quer que seja. Eu não quero passar as próximas horas no ar com você carrancudo à minha volta.

Duncan ruborizou-se, se com raiva ou vergonha, Raphael não poderia dizer. Possivelmente ambos. Ele esperou.

— Quer você a reivindique ou não, meu senhor... — Duncan disse finalmente. — Ela é sua.

Raphael se calou, seus olhos negros se tornando neutros com emoção brutalmente contida. Não dito, o que nunca seria dito em sua presença, era a outra metade do pronunciamento de Duncan, o corolário[45] que era tão imutável quanto a verdade do que Duncan tinha ousado dizer. Porque se Cyn era dele, e ele ficava cheio de raiva com o pensamento dela pertencendo à outro, então ele era também dela.

[45] Lógica Proposição que se deduz imediatamente de outra já conhecida. Consequência necessária e evidente.

Atrás dele, o som dos motores do avião mudou enquanto o piloto se preparava para partir e ele ouviu Alexandra chamando seu nome. Raphael suspirou quando Duncan apareceu ao lado dele, e juntos eles caminharam em direção às escadas.

— Já está nevando no Colorado, Duncan?

— Ainda não, meu senhor, mas em breve.

Ele suspirou. — Eu odeio o frio.

— Eu sei, Senhor. Esperemos que possamos voltar para a Califórnia em breve.

— Esperemos.

O piloto fechou a porta e dirigiu o jato para fora do hangar quase no momento em que eles estavam a bordo. Houve um pequeno atraso enquanto ele fazia check-in com a torre e, em seguida, Raphael se recostou na cadeira de couro macio para decolar, seus olhos se demorando por alguma razão nas luzes brilhantes de um restaurante bem acima do piso e na figura solitária de uma mulher sentada no bar. Ela estava lá e tinha ido em segundos quando o avião desceu correndo a pista, subindo para o céu noturno sobre o oceano, deixando as quentes areias de Malibu para trás.

Cynthia estava sentada no bar de sushi sobre o Aeroporto de Santa Mônica e assistiu um elegante Gulfstream[46] enquanto ele subia para o céu sem nuvens. Ela não sabia por que tinha vindo aqui, para este lugar. Ela não vinha a este restaurante há anos, não desde um breve encontro com um piloto. Seu único pensamento ao sair de seu escritório havia sido de ir para casa e dormir mais uns

[46] Sofisticada aeronave executiva bimotor a jato de médio-porte e alcance intercontinental, com capacidade para transportar 15 ou 20 passageiros.

dias. Mas ela encontrou-se virando na direção oposta, e aqui ela estava, vendo alguém escapar de L.A.

Levantou-se, de repente, ansiosa para ir embora. Estava frio e sua jaqueta estava no carro. Deixando uma gorjeta sobre o balcão, ela dirigiu-se para o elevador, se perguntando se ela jamais estaria quente novamente, se havia calor suficiente no mundo para apagar o toque de suas mãos, o gosto do seu beijo. E sabia que ela trocaria uma vida inteira de calor por mais uma noite sob a lua fria nos braços do lorde vampiro.

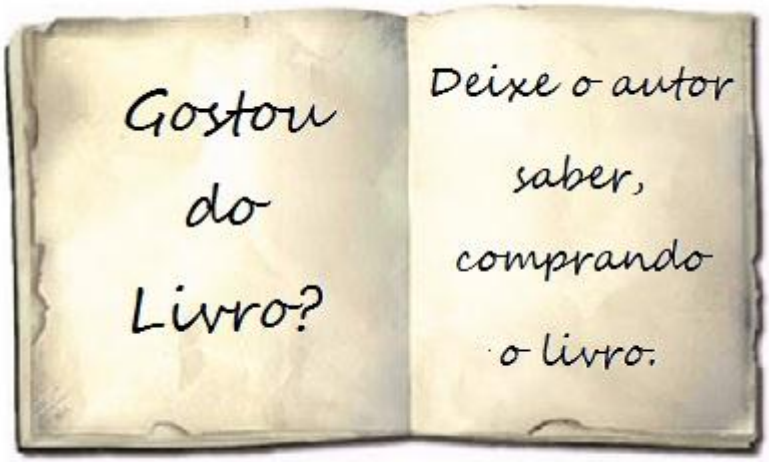
Continua...em **Jabril**

D. B. Reynolds

D. B. Reynolds é a autora da série Vampires in America, bem como de outros livros de ficção paranormal. Ela é também a destinatária de duas nomeações para Emmys por seu trabalho em som televisivo. DB se casou com seu professor da Universidade e agora vive com ele em um desfiladeiro inflamável perto de Los Angeles. Quando não está escrevendo seu próximo livro, ela geralmente pode ser encontrada lendo o de outra pessoa.

Email: dbreynoldswriter@aol.com

http://dbreynolds.wordpress.com/



Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar.** Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503

All Creatures of the night get together ***After dark***